

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE DESPORTO

***REPRESENTAÇÕES DA RELAÇÃO CORPO / SAÚDE EM
IDOSOS PRATICANTES DE ATIVIDADE FÍSICA REGULAR***

PAULO ERNESTO ANTONELLI

*Dissertação apresentada às provas de
doutoramento em Ciências do Desporto na
Faculdade de Desporto da Universidade do
Porto.*

ORIENTADOR: PROF. DOUTOR RUI PROENÇA GARCIA

**CO-ORIENTADORA: PROF. DOUTORA LEONÉA VITORIA
SANTIAGO**

PORTO

ABRIL – 2007

Provas de Doutoramento

Antonelli, P. (2007). Representações da relação corpo / saúde em idosos praticantes de actividade física regular. Porto: P. Antonelli. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Palavras-Chave: DESPORTO PARA IDOSOS, REPRESENTAÇÕES; CORPO/SAÚDE; PALMAS-PARANÁ.

DEDICATÓRIA

Existem situações na vida do ser humano que permanecem para sempre gravadas no âmago da sua existência.

Nos idos de 1982, encontrei uma mulher que pensava não existir. Esta mulher com todos os predicados e qualidades que lhe são peculiares até hoje, passou a fazer parte da minha vida com uma intensidade sem medida. Na verdade, não existe um modo, ainda que fosse rebuscado, para descrever o significado e a dimensão que ela representa no meu viver.

Assim, ainda que modestamente, desejo dedicar esta Dissertação de Doutorado para ela: VANDA MARIA BERTIN MARTINS. Muito obrigado pela sua presença em todos os momentos desta trajetória, como também, pelo companheirismo, apoio, amor e dedicação integral.

AGRADECIMENTOS

Ao buscar fazer ciência, aprofundar os conhecimentos para partilhar com os demais pares sociais, procurando de algum modo deixar o meio melhor, descobri que além das expressivas dificuldades implícitas no processo em si desta busca, o destinar-se a pesquisar profundamente, e portanto, objetivar assim melhorar a qualidade de vida das pessoas é algo que, muito embora pareça paradoxal, perpassa mesmo os limiares das dificuldades.

Entretanto, não cabe aqui pontuar as dificuldades até porque, no final elas serviram de referência desafiadora e todos os obstáculos foram sendo transpostos de forma que, ao olhar para trás tem-se a imensa vontade de rir e expressar alegria ímpar, justamente porque aquilo que se pensava ser quase intransponível, passou a ser a consolidação da vitória e do êxito.

Por outro lado, nesse percurso todo, fica também evidente que só existe uma variável capaz de impossibilitar a caminhada e a sua conclusão, que justamente, desenha-se pelo pensar que, o se bastar por si próprio será mais do que suficiente. Ledo e gigantesco engano, porque nada se constrói solitariamente.

Assim, cumpre-me aqui agradecer perene e profundamente, pessoas e instituições que o tempo todo me deram a certeza que não estava sozinho. Na verdade, agradecer é muito pouco. Quase nada diante de tanta nobreza e consideração. Por isso, a eternidade será pequena para quem sabe ter a oportunidade de poder retribuir o muito que recebi.

Por isso tudo, é imperioso agradecer a:

Larissa, Letícia, Stephan e Patrick meus filhos, verdadeiras dádivas de Deus. Neles repousam todos os motivos da minha existência.

Wanda Clausen Antonelli, querida mãe que sempre rogou em meu favor nas suas orações estando presente em todos os momentos da minha vida.

Anor Antonelli (in memória) meu idolatrado pai, aonde quer que esteja. Com certeza sempre foi o sustentáculo e apoio principalmente dos momentos mais difíceis da minha vida.

II

Dona Maria Bertin Martins (in memória), sogra amada que se pode dizer que foi minha segunda mãe, pelo carinho e atenção dispensados.

Benedito Martins, (in memória) sogro e amigo que, muito antes da construção dos caminhos para a conquista do doutoramento, já dizia sempre rindo: “Doutor Paulo”, minha reverência e meu agradecimento pelo privilégio que tive em estar na sua companhia.

Aos meus irmãos: Rosana e Luiz Armando Antonelli, por todo o incentivo e apoio nos momentos de dúvidas, incertezas, angústias e temor.

Professora Ms. Madalena Margarida Mergen de Lima, minha magnífica professora. Com quem aprendi que o mundo pode ser um pouco melhor, basta você ter a disposição de fazer a sua parte.

Professor e Advogado Claudio Augusto Boschi, amigo, companheiro e estudioso da Educação Física brasileira. Suas intervenções sempre oportunas jamais deixaram que as minhas necessidades fossem tão maiores que impossibilitassem esta trajetória.

Na extraordinária pessoa do professor de Educação Física, também Advogado e Conselheiro Regional, Arnaldo de Oliveira Filho; penhoramos os mais sinceros agradecimentos para todos os demais Conselheiros Regionais de Educação Física da gestão 2003-2004 – CREF/6-MG., como também, para seus funcionários pelo apoio, carinho, consideração e amizade recebida durante todo o tempo em que Belo Horizonte foi minha casa, local de trabalho e de estudos.

Professor Almir Adolfo Gruhn, irmão de fé, para quem dificilmente conseguirei retribuir tudo que recebi. Dotado de profundo espírito de humanitarismo e distinção, atributos próprios daquelas pessoas que só podem ser especiais porque foram forjadas pelo caráter e dignidade.

Professor Dr. Manoel José Gomes Tubino, baluarte da Educação Física brasileira e mundial. Seu exemplo de vida, suas condutas cotidianas, seus ensinamentos e apoio, foram decisivos nesta trajetória. Serei sempre seu aluno e aprendiz. Sua companhia e existência têm constantemente me proporcionado o sentido bem próximo daquele que um filho tem pelo pai.

III

FIEP – Fédération Internationale D'Éducation Physique, pela oportunidade de poder aprender a ser melhor hoje do que ontem, na medida que, modestamente pude contribuir com a Educação Física na dimensão intercontinental.

Professora Dra. Vera Costa de Menezes, suas indicações pelas melhores leituras e sua fidalguia na partilha da sua casa no Rio de Janeiro, tornaram possível o cumprimento das exigências próprias da jornada acadêmica. Meu muitíssimo obrigado

Marinete, querida amiga que se preocupou sempre com o bem-estar enquanto hóspede na residência do Sr. e Sra. Manoel José Gomes Tubino na cidade do Rio de Janeiro. Espero um dia poder ter a chance de retribuir tanta generosidade.

Universidade Gama Filho / RJ, muito especialmente ao Professor Dr. Sebastião Votre e a turma do LIRES do ano de 2003 que, ao me receberem, demonstraram imensa alegria e plena disposição para aplacar as dificuldades de quem está muito longe de sua casa.

Universidade do Porto, minha primeira casa do outro lado do Atlântico. Para ela devoto toda a minha dedicação, apreço, inigualável carinho e consideração, pois não fosse todo o apoio e oferecimento de condições para o cumprimento desta trajetória acadêmica, certamente não teria concluído o curso de doutoramento.

Professor Doutor Rui Proença Garcia, além de extraordinário nos trabalhos de orientação, revelou-se um grande amigo privilegiando-me por inúmeras vezes do seu convívio familiar e também, partilhando indefinidamente todo o seu enorme saber pessoal. Sem ele, por certo a conclusão desta tarefa não seria exitosa.

Senhora Maria José Gonçalves de Pinho Garcia, por tanta disponibilidade ao acolher-me inúmeras vezes em sua residência, permitindo a partilha do seu convívio familiar.

Professora Doutora Leonéa Vitória Santiago, co-orientadora, confidente acadêmica da mais alta relevância conduzindo par e passo, toda a estruturação

IV

metodológica da pesquisa, além das incontáveis horas de discussão e aprofundamento das questões do tema em estudo.

Ao grupo de estudos do gabinete de Sociologia do Desporto – Dra. Margarida, Ms. Ana Maria Lopes Castro Guimarães Palmeiro Ribeiro, e mais tarde, Paula Portugal, por tanta generosidade, consideração e desprendimento ao me permitir ampliar conhecimentos.

Professor Doutor Jorge Olímpio Bento, inigualável profissional. Uma dessas raras pessoas que se tem a oportunidade de aprender todas as vezes que se desfruta do privilégio da sua companhia, além do que, um professor dotado de profunda humanidade e humanitarismo sem o qual eu não teria conseguido concluir meus propósitos na Universidade.

Professora Doutora Ana Luisa Pereira pela consideração e disponibilidade de pronto atendimento na dissipação de inúmeras dúvidas referentes às questões inerentes a vários temas da revisão de literatura.

Professor Doutor Antonio Costa, um sábio. Sempre disposto a contribuir na construção do conhecimento. Nunca se furtou em auxiliar-me em todas as questões da pesquisa, como também, me privilegiou com momentos inesquecíveis da sua convivência pessoal em companhia da senhora sua esposa Anne Marie.

Professor Dr. Leandro Massada, médico ortopedista e professor da Universidade do Porto que ao socorrer-me no momento de maior dificuldade ao sofrer séria lesão muscular. Nessa ocasião recebi os maiores e melhores ensinamentos de vida, entre os quais o da superação.

Professor Doutor Moura e Castro, que juntamente com sua família, me proporcionaram momentos imensamente maravilhosos além de todo o apoio, ensinamento e lições de sentido expressivamente relevantes de humildade, desprendimento e partilha. A convivência com Doutor Moura e Castro é prova inabalável de que, amigo é mesmo “para se guardar do lado esquerdo do peito”.

Para todos os funcionários integrantes das Residências Universitárias de: Paranhos, D. Pedro V e Campo Alegre – Faculdade de Ciências; por tanta generosidade, carinho e cuidados com o bem-estar pessoal e segurança.

Para a maravilhosa cidade do Porto que nunca me deixou à deriva, ao contrário, foi um porto seguro onde apesar da saudade da minha família e dos amigos, sempre me senti em casa. Por isso também, há hoje do lado esquerdo do peito duas bandeiras: a de Portugal e a do Brasil.

Para as demais pessoas que de longe, por gestos e também ações sem saber estimularam e foram apoio para esta importante caminhada.

Todos aqueles que – felizmente não são muitos – mas de algum modo sempre torceram para que tudo desse errado. Isto fez a diferença na medida que, o desejo por aqueles, de não se consubstanciar com êxito a minha caminhada tornou-se um desafio, e, nele pude vislumbrar e descobrir sempre outras formas de transpor obstáculos e dificuldades antes nunca pensadas.

Deus, Senhor Onipotente e criador do Universo, pelo dom da vida e da saúde, pela oportunidade da convivência e da capacidade de raciocinar. Pela proteção da minha existência e pela chance de poder tentar partilhar o saber, procurando melhorar um pouco mais a vida dos meus semelhantes, em especial a existência das pessoas idosas.

Para todas as pessoas que entrevistei quando da coleta de dados na pesquisa de campo. Muito obrigado pela contribuição informando com honestidade e seriedade o que pensavam sobre o processo de envelhecimento do ser humano.

Aos velhos e velhas dos grupos de Terceira Idade do Município de Palmas, Estado do Paraná, Brasil com eles desde 1994 tenho aprendido continuamente, que a vida é uma sucessão de momentos cuja construção depende primordialmente da disposição e vontade própria.

Ao meu particular amigo e médico Adelino Mendes Marques, pela deferência da generosidade e profunda amizade construída pela preocupação com os temas mais relevantes da Educação Física e Medicina, em favor dos seres humanos.

VI

Por fim, necessário se faz ressaltar a relevância das pessoas e instituições aqui referenciadas, considerando a total, constante e plena ausência dos órgãos e instituições gestoras – tanto públicas como particulares – de apoio na produção de conhecimentos do meu País.

Antonelli, Paulo Ernesto. *Representações da Relação Corpo / Saúde em Idosos Praticantes de Atividade Física Regular.* (Tese de Doutorado). Porto: Universidade do Porto – FADE.

RESUMO

Este estudo direciona-se para a linha qualitativa e encontra-se inserido na dimensão do processo de envelhecimento do ser humano, e, muito especialmente abarcando a representação deste processo na relação: corpo / saúde da pessoa idosa e que, a partir da mesma, ao expressar esses conceitos reveste a condução dos trabalhos da pesquisa na busca pelo entendimento e compreensão do fenômeno de envelhecimento das pessoas à luz de uma visão que procurar estabelecer, uma ponte entre as afirmações e pensamentos de idosos e a literatura, na medida que, confronta os discursos existentes com a fala das pessoas idosas. O arquitetar dos instrumentos da pesquisa, consolida-se pela reflexão antropológica ajustado pela fenomenologia que se ampara pelas técnicas das entrevistas semi-estruturadas e pela observação participante no âmbito das representações sociais, revelando nas discussões dos dados não números, mas sim, informações registradas pelas palavras tanto oral quanto escritas, e, atreladas à observação direta do comportamento humano. Assim, a pesquisa foi desenvolvida no Município de Palmas, região do sudoeste do Estado do Paraná, Brasil em três fases mediante a realização de entrevistas gravadas, transcritas e interpretadas que contemplou uma única questão: o que é ser velho? Na primeira fase, buscou-se saber a visão institucional consultando os representantes das instituições públicas. Na segunda fase, foram ouvidas aleatoriamente pessoas com periodicidade decenal – dez em dez anos – todas elas residentes no município de Palmas. Procurando obter a maior cobertura possível daquela circunscrição geográfica que revelou a resposta da questão: o que é ser velho? em 422 (quatrocentos e vinte e duas) folhas de questionários que nessa fase também foi respondida por escrito, passou-se para a terceira e última fase do trabalho de campo que se desenvolveu com os integrantes dos grupos de Terceira Idade, existentes em Palmas desde o ano de 1994, onde, o pesquisador ao longo de todo o tempo que perdurou o trabalho, esteve presente realizando as entrevistas, desenvolvendo o programa de atividade física previsto para aquela altura e construindo o diário de observação. Todos os esforços envidados para a manutenção da fidelidade metodológica e epistemológica, parecem mesmo justificar-se na medida que, busca-se compreender o sentido do envelhecimento humano sedimentado justamente pelo universo que sente, vive e experiência a própria pessoa idosa, portanto, o legítimo ator neste processo. Para além disso, ainda se contempla pela lente dos idosos, o entendimento sobre saúde, corpo e preferências, que a rigor são conceitos e também comportamentos que muito raramente se dá oportunidade para que possam ser conhecidos na sociedade contemporânea.

Antonelli, Paulo Ernesto. *Representations of body / health relationship in the elderly who practice regular physical activities.* (Tese de Doutorado). Porto: Universidade do Porto – FADE.

ABSTRACT

This study is directed to a qualitative line and is inserted in the dimension of the human being aging process, and, very specially involving the representation of this process in the body / health relationship of the elderly and that, from the same person, at the moment he/she expresses these concepts, recovers the conduction of the research works, seeking for the understanding and comprehension of the aging phenomenon of people by the light of a vision which intends to establish a bridge between the statements and thoughts of the elderly and the literature, as long as if confronts the existing speeches with the old people talking. The building of the research instruments is conducted by the anthroposociological reflection adjusted by the phenomenology, which is based on the techniques of the semi-structured interviews and the participant observation in the space of social representations, revealing in the data discussions, not numbers, but registered information by oral words as well as written, and, linked to the direct observation of the human behavior. So, the research was developed in Palmas City, in the Southwest region of Paraná State, Brazil, in three phases by the realization of recorded, written and interpreted interviews, which contemplated a single question: What does being old mean? In the first phase, we tried to know the institutional vision, consulting the people who represent public institutions. In the second phase, we randomly heard 10-year age-strata people – every ten years old – all of them residents in Palmas City. Trying to reach the widest covering as possible of the geographic circumscription that revealed the answer of the question: What does being old mean? In 422 (four hundred and twenty two) pages of questionnaires that in this phase was also written, we started the third phase of the camp work which developed with the integrants of the groups of the Elderly, existing in Palmas since 1994, where, the researcher, during the whole period that lasted the work, have been present, developing the interviews, developing the physical activity program previewed for that height and building the observation diary. All of the efforts sent to the methodological and epistemological fidelity maintenance do seem to justify themselves, as we search to understand the sense of the human aging firmed exactly by the universe that feels, lives and experiences the elderly, therefore, the real actor in this process. This way, the results presented reveal that almost always the speeches, which are known and broadcasted in the current social context about the human being aging process are not recognized by the elderly, who, by the way, reveal opposite dimensions about this life phase, which is characterized as useless, partially unable and problematic for the modern society. In another way, also the values ignored by great part of the social collectivity e by this, not enough spread, are widely exposed and quoted by the elderly population who took part in the study.

Antonelli, Paulo Ernesto.

Représentations de la Relation Corps / Santé Chez les Personnes Âgées Pratiquant Régulièrement Une Activité Physique. (Thèse de Doctorat).

Porto / Portugal: Université de Porto – FADE.

RESUME

Cette étude qualitative englobe aussi la dimension du processus de vieillissement chez l'être humain tout en cernant spécialement la représentation de ce processus dans la relation : corps / santé de la personne âgée. C'est à partir de cette représentation et de l'élaboration de concepts que la conduite du travail a pu être menée, dans le but d'expliquer et de comprendre le phénomène du vieillissement des individus à la lumière d'une vision qui cherche à établir un pont entre les affirmations et pensées des gens âgés et la littérature, dans la mesure où elle confronte les discours existants avec la parole des personnes âgées. L'élaboration des instruments de recherche est consolidée par la réflexion anthropo_sociologique, soutenue par la phénoménologie qui s'appuie sur les techniques d'entretiens semi_structurés et sur l'observation active dans le champs des représentation sociales, révélant dans les discussions des données non numériques mais surtout des informations enregistrées à travers, les mots aussi bien à l'oral qu'à l'écrit, et liées à l'observation directe du comportement humain. Ainsi, la recherche s'est déroulée dans la municipalité de Palmas, région du sud-ouest de l'Etat du Paraná, Brésil, en trois phases, par la réalisation d'entretiens enregistrés, transcrits et interprétés dont l'unique question à laquelle il fallait répondre était: Qu'est-ce qu'être vieux? Dans la première phase, nous nous sommes attachés à connaître la vision institutionnelle en consultant les représentants des institutions publiques. Dans la seconde phase, il a été écouté aléatoirement des individus sur une périodicité décennale_de 10 en 10 ans_, tous résidants à Palmas. Cherchant à obtenir la plus grande couverture possible de cette circonscription géographique qui à travers 422 questionnaires ont répondu par écrit, dans cette phase, à la question:qu'est-ce qu'être vieux ?, nous sommes passés à la troisième et dernière phase du travail de terrain qui s'est étendue à des intégrants de groupes du troisième âge existant à Palmas depuis 1994. Pendant la durée du travail, le chercheur a été présent réalisant des entretiens, développant le programme d'activité physique prévu et élaborant le cahier d'observationsTous les efforts employés pour maintenir fidèlement le programme méthodologique et épistémologique paraissent se justifier dans la mesure où nous avons cherché à comprendre le sens du vieillissement humain à partir de l'univers que ressent, vit, et expérimente la personne âgée, c'est à dire le légitime acteur du processus. Ainsi, les résultats présentés révèlent que presque toujours, les discours connus et défendus dans le contexte social existant sur le processus de vieillissement de l'être humain ne sont pas reconnus par les propres personnes âgées, ce qui révèle par ailleurs des oppositions dans cette phase de la vie humaine caractérisée comme improductive, considérée en partie frappée d'incapacité et problématique pour la société contemporaine. D'un autre côté, les valeurs ignorées aussi par une bonne partie de la collectivité et peu reconnues dans son sein sont largement explicitées et attestées par la population âgée, participant à la présente étude.

ÍNDICE

DEDICATÓRIA	
AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	VII
ABSTRACT	IX
RÉSUMÉ	XI
ÍNDICE GERAL	XIII
ÍNDICE DE QUADROS E DE ESQUEMAS	XV
1 – INTRODUÇÃO	1
2 – CONTEMPLANDO O PROBLEMA DO ESTUDO	13
2.1 – OBJETIVOS.....	21
3 – METODOLOGIA	23
3.1 – ACESSÓRIOS DA FERRAMENTA METODOLÓGICA: MECANISMOS PARA CONSTRUÇÃO.....	27
3.2 – CARACTERÍSTICAS DO GRUPO ESTUDADO E PROCEDIMENTOS PARA A RECOLHA DOS DADOS.....	32
4 – REVISÃO DE LITERATURA	39
4.1 – ENVELHECIMENTO.....	43
4.1.1 – ENVELHECIMENTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA – LEGADO DE UMA EXISTÊNCIA.....	45
4.1.1.1 – OLHARES CRUZADOS SOBRE A VELHICE: SINOPSE DE UM PROCESSO.....	50
4.1.2 – VELHO – SOCIEDADE E RENOVAÇÃO	53
4.1.2.1 – A NOVA PROPOSTA: O REDIMENSIONAR DA VELHICE PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	57
4.1.2.2 – OS SIGNOS DA MODERNIDADE.	58
4.1.3 – O HOMEM: DA CONCEPÇÃO ATÉ A INTRODUÇÃO AO PONTO DA MORTE.....	66
4.1.3.1 – A INEXORABILIDADE DO TEMPO	68
4.1.3.2 – A TEMPORALIDADE DA VIDA HUMANA: A SUA FINITUDE.....	74
4.1.3.3 – A PROCURA DO ENTENDIMENTO SOBRE O FENÔMENO DA MORTE.....	81
4.2 – A EXORTAÇÃO DA CORPOREIDADE	87
4.2.1 – CORPO E IDENTIDADE GRUPAL.....	88

XIV

4.2.1.1 – INSCRIÇÕES DO CORPO: DISTINÇÕES DE UM TEMPO....	99
4.2.1.2 – CORPO: EVOCAÇÃO MULTIFACETADA ATRAVÉS DOS TEMPOS.....	104
4.2.2 – A PARTICIPAÇÃO DO NOVO HOMEM VELHO NA SOCIEDADE MODERNA.	111
4.2.3 – JUVENTUDE E IDADE CONTEMPORÂNEA X VELHICE E REDIMENSÃO DOS VALORES HUMANOS.....	118
4.2.3.1 – A VIDA COMO UM EXEMPLO PELA BUSCA DOS VALORES IGNORADOS.....	120
4.2.4 – CORPO, DIGNIDADE E CIDADANIA.....	125
4.3 – O OLHAR DA SAÚDE NA ÓTICA DA PESSOA IDOSA.....	134
4.3.1 – BUSCANDO ENTENDER OS CONCEITOS SOCIAIS SOBRE VELHICE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.	136
4.3.2 – PROCURANDO O ENTENDIMENTO SOBRE SAÚDE.	144
4.3.2.1 – VELHICE, SAÚDE E CONCEITOS.....	147
4.3.3 – VALORES HUMANOS: TOLERÂNCIA E CIDADANIA.	165
4.3.3.1 – TOLERÂNCIA / CIDADANIA.....	172
4.4 – VIDA COM QUALIDADE E DIGNIDADE OU DIGNIDADE DA VIDA .	178
4.4.1 – A DIGNIFICAÇÃO DA VIDA PELO TRABALHO E PELO LAZER	180
4.4.2 – SAÚDE DA PESSOA IDOSA – HÁBITO PELA ATIVIDADE FÍSICA.	194
4.4.3 – QUALIDADE DE VIDA OU VIDA COM QUALIDADE?.....	207
4.4.3.1 – AUTO-ESTIMA COMO COMPONENTE DA QUALIDADE DE VIDA.....	216
5 – APRESENTAÇÃO – DISCUSSÃO E ANÁLISE DA COLETA DE DADOS.	220
5.1 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA	222
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	304
BIBLIOGRAFIA.....	322
A N E X O S.....	337

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO I – REGISTROS SOBRE A VELHICE	14
QUADRO II – RESUMO DAS TEORIAS SOBRE O ENVELHECIMENTO	52
QUADRO III – DESTAQUES NA VELHICE	56
QUADRO IV – DIMENSÕES SOCIAIS	63
QUADRO V – RELAÇÃO COM O TEMPO	72
QUADRO VI – REDUÇÃO DOS RISCOS DA SAÚDE NO SER HUMANO. PERÍODO DE 1907-1977	145
QUADRO VII – EVOLUÇÃO CONCEITUAL DOS VALORES	169
QUADRO VIII – ROTINAS DIÁRIAS	191
QUADRO IX – INFLUÊNCIAS CULTURAIS E MATERIAIS	195
QUADRO X – VIDA COM QUALIDADE	211

ÍNDICE DE ESQUEMAS

ESQUEMA I	89
ESQUEMA II – PRESSUPOSTOS DA SAÚDE	150
ESQUEMA III – PERCEPÇÕES NA VELHICE	155
ESQUEMA IV – ORDENAÇÃO DE VALORES	170
ESQUEMA V – CONDIÇÕES/REFERENCIAIS	216

1 – INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do processo de envelhecimento é uma preocupação que o ser humano carrega consigo desde o momento que descobriu a sua finitude.

Na sociedade contemporânea de modo ainda mais intenso, o homem além de não se conformar com a sua inevitável velhice, busca de todos os modos e formas retardá-la como se fosse mesmo só uma questão de tempo para se chegar na fórmula, incansavelmente procurada da juventude eterna. Aliás, essa linha de pensamento agrupa-se nos moldes de Arendt (2001) quando discorre sobre imortalidade e eternidade afirmando que a imortalidade identifica a continuidade no tempo, a vida sem morte enquanto que a eternidade é a vida perpétua que além de isenta da morte é também isenta de velhice.

Por outro lado, observando mais atenciosamente se percebe que a velhice quase sempre é tratada como sinônimo de piedade, de desprezo, e, sobretudo, a identificação de que a pessoa a partir de um determinado momento da sua existência, deve assumir as características similares aos produtos descartáveis, afinal, assim como aqueles, também os velhos já serviram um dia e hoje, o prazo venceu. Portanto, o homem procura vencer o tempo buscando a conquista da imortalidade e ainda, deixar de envelhecer na medida que sofregamente camufla as marcas dos anos sendo-lhe difícil admitir outro estágio na vida que não seja o da juventude.

Porém esse comportamento do ser humano, já é conhecido através da mitologia grega repleta de seres imortais, geralmente belos e jovens, sendo que, do mesmo modo, podem ser observadas posturas mais ou menos idênticas nos escritos bíblicos, como por exemplo no livro do Gênesis que relata o fato após o dilúvio onde, as pessoas passaram a viver por muito mais tempo. Assim também, ao longo da história muitos foram os registros sobre as questões de viver mais, sem entretanto, envelhecer.

O fato é que nenhuma tentativa para vencer o tempo com o propósito de viver eternamente jovem logrou êxito. “Cronos”¹ sempre vem ganhando esse embate, segundo a segundo de cada minuto, cada hora, cada dia estendendo-se por toda a existência da humanidade.

A título ilustrativo, e, com as devidas reservas, apresenta-se alguns dados que podem servir como ponto de apoio nas reflexões a cerca do envelhecimento do ser humano.

O resultado máximo que foi possível de ser verificado, encontra-se inscrito nos estudos da atualidade que podem mesmo retardar o processo do envelhecimento humano. Nessa linha de raciocínio, as afirmações de Araújo (2003) parecem ser interessantes, objetivando levantar algumas situações com respeito ao reconhecimento e demarcação de fatores da idade em relação ao tempo. Cerca de 8 mil a.C. no período neolítico, a expectativa de vida do homem das cavernas, em razão das constantes lutas pela sua sobrevivência, além de outros fatores impostos pelo próprio meio ambiente, foi abreviada, de modo que este homem podia chegar no máximo aos 20 anos de idade. A aquisição de só mais dois anos, ou seja, 22 anos o homem conseguiu no ano 200 d. C. já na época do império romano. Entretanto, a grande primeira conquista para a longevidade – 11 anos a mais em relação à época do Império Romano – só aconteceu entre o período de 1200 / 1400, ou seja, já nos primórdios da medicina moderna, mesmo com a incidência das pragas e guerras daquela época, o homem vivia até os 33 anos. Já no século XIX, portanto na Revolução Industrial, o homem vive até a casa dos 47 anos de idade em média, e, deve-se considerar que as máquinas já começavam a ocupar o espaço dos trabalhos manuais, como também; a melhora sensível da nutrição, o aparecimento das primeiras vacinas e o início – ainda que tímido – de um trabalho em favor do saneamento básico, pode-se dizer então que o homem já almeja a velhice. Porém, a partir de 1940 com o acontecimento da vulgarização da penicilina – que pode ser considerada como a grande responsável pela detenção das incidências de mortes que tinham como causa

¹ Cronos – Deus Grego / Senhor do Tempo.

a tuberculose e outras infecções – evidencia um marco na expectativa de vida do ser humano que já pode contar com a possibilidade de viver pelo menos 60 anos de idade, como também na época já se registravam algumas comemorações de centenário de vida. Por fim, o ano 2000 traz consigo a notícia que, nos países desenvolvidos e também em desenvolvimento já se vive para além dos 76 anos, considerando em definitivo o estabelecimento da terceira idade, e/ou, outras designações.

Entende-se que, a partir da vigência do tempo atual, o relógio biológico do ser humano foi re-configurado ganhando anos de vida e na continuidade das pesquisas, ancoraram-se também as medidas profiláticas, adesivas principalmente, aos hábitos e atitudes de vida que passam a ser mais pontualmente observados, resultando também, no aumento considerável da longevidade humana. Isso entretanto, não assegurou a permanência do estado de juventude perseguido ao longo de toda essa trajetória, quer dizer, para o ser humano chegar à velhice tudo ainda continua sendo *‘uma questão de tempo’*.²

Para além disso, a previsão é de que, até o ano de 2050 a expectativa de vida do ser humano possa chegar à casa centenária e então, será possível mesmo afirmar que a ciência pode fazer o homem adiar a sua morte. Entende-se que, o homem procura encontrar meios e formas da vida ser mais longa e por conseguinte, determinando um distanciamento maior para o momento da morte.

Nesse universo e na concepção daquilo – se é que se pode chamar – que já se ouve, denotando a ‘nova velhice’ parte da premissa de que, a decrepitude em função do passar dos tempos de fato não é inevitável, bem como, as doenças que podem de alguma maneira, abreviar ou piorar a vida nos anos finais da existência do ser humano não são consideradas como consequência da velhice, mas antes, o resultado dos estilos de vida adotados, e/ou escolhidos, o que de algum modo pode – em maior ou menor escala – ser evitado.

² Expressão do autor para provocar a reflexão sobre o tempo cronológico.

De sorte que, entende-se parecer mesmo indispensável procurar ampliar o leque dos debates que se propõe a discutir e contribuir com esta fase da vida do ser humano, até mesmo porque, de acordo com as informações sobre índices demográficos, estabelecidos pela ONU – Organizações das Nações Unidas há a previsão do aumento significativo da população idosa, formada por pessoas que ultrapassam a casa dos 80 / 85 anos de idade, como também, a OMS – Organização Mundial da Saúde aponta para o aumento da população idosa no mundo numa relação desproporcional de cinco vezes mais no período de tempo entre 1950 até 2025.

Nessa dimensão, o Brasil que nos idos dos anos 60 era considerado um país que contava com uma população mais jovem³, encontra-se hoje em acelerado ritmo de envelhecimento populacional. As estimativas para o país, informam que até o ano de 2025, existirão entre 29 e 32 milhões de pessoas idosas, o que representa três vezes mais a população de pessoas nessa fase da vida na atualidade.

Entretanto, esta parece ser uma tendência geral. Santiago (1999) afirma que o envelhecimento populacional é global, sustentado pelos mais recentes levantamentos demográficos realizados na Europa, América do Norte e também nos países do terceiro mundo.

Por outro lado, vislumbra-se que numa sociedade contando com uma população onde há grande número de idosos não pode ser uma sociedade de desocupados, na qual pouca gente trabalha. Este pensamento é corroborado por Cabrillo e Cachofeiro (1990) chamando a atenção para o fato de que é um equívoco contrapor nestas sociedades pessoas idosas, onde o predomínio é dos jovens, e, configurações revestidas do sentido de jovialidade. Acredita-se que idéia de que cabe à pessoa idosa ficar em sua casa sem nada a fazer, a não ser aguardar a morte, deve mesmo no futuro bem próximo desaparecer.

O que é possível observar na atualidade é que uma boa parte da população idosa já se insere no mundo do consumo e, portanto é bem provável

³ Brasília, comemorava em 21 de abril de 1960, festivamente a sua instalação oficial como capital da República Federativa do Brasil e o país contava com uma força de trabalho populacional significativa de habitantes numa faixa etária entre 18 e 40 anos de idade.

que a etapa seguinte seja também a sua re-integração no mundo da produtividade. Mas, isto ainda fica no campo da perspectiva ou das propostas de futuro, daí ser importante procurar entender um pouco mais a respeito dos propósitos e dos valores das pessoas idosas inseridas neste contexto.

É, pois, imperioso evidenciar situações capazes de serem consubstanciadas no sentido de destacar a configuração social frente ao processo de envelhecimento do ser humano. Pode-se perceber que a grande censura da sociedade contemporânea reside na velhice. Entende-se que não seja por mero acaso que já se pode ouvir o termo 'gerontofobia' que designa o medo e o pavor da velhice, bem como, todas as circunstâncias que cercam este processo.

Pode-se dizer que o século XXI, muito provavelmente seja marcado pelo signo das pessoas idosas. Pesquisas mais recentes⁴ apontam para o futuro informando que, a população de idosos será maior do que a de jovens.

Diante de um quadro social na atualidade, capaz de ser verificado o fato do aumento considerável em números de anos vividos pelas pessoas, entende-se ser importante procurar vislumbrar com outros olhos o processo de desenvolvimento da velhice na vida do ser humano. A marca do tempo denotado na estrutura anatômica e fisiológica das pessoas, parece querer dar um novo sentido e significado redimensionando o mundo, bem como o sentimento de vida em relação a este processo. A sociedade concebida pelos seus próprios pares, priva as pessoas nesta fase da vida, como por exemplo, ao induzir a baixa da autoconfiança, a retirada do mercado de trabalho, a gradativa exclusão na interação social, a falta de segurança, entre tantos outros fatores.

Mesmo advertidas por muitos anos, as pessoas se recusam a acreditar na lógica inabalável do calendário e de igual forma, tal fato parece também estar acontecendo com a sociedade em si. Segundo Schirrmacher (2005) o

⁴ Ver em Cabrillo e Cachofeiro (1990) o registro de que, no Centro de Investigação Gerontológica de Baltimore, realizam-se estudos nesse sentido sob a coordenação do Dr. Richard Cutler atestando que a vida do ser humano poderá chegar até os 200 anos, e ainda que isto possa parecer mesmo ficção, os pesquisadores lembram que com algumas pequenas alterações, a longevidade média do ser humano já ampliou espetacularmente.

fato é de que, de um lado da moeda encontra-se a ansiedade e até mesmo a angústia de viver o maior tempo possível. Já do outro lado, verifica-se a necessidade de dissuadir as pessoas dessa ansiedade e angústia. Por isso, em algumas sociedades no mundo, arrebatam-se do idoso a sua casa, seu quintal e até mesmo a sua alimentação. Em outras – e nessas ao que tudo indica fazemos parte – rouba-se sua autoconfiança e sua vontade de viver. Por isso parece fazer sentido o que o autor em tela afirma oportunizando interessante reflexão:

“Não haverá poltronas aconchegantes, fogo na lareira nem armários abastecidos de comida. Não podemos ficar em casa. Temos que nos mobilizar enquanto ainda tivermos forças e autoconfiança. Raramente uma sociedade pôde dizer com tanta clareza como a nossa: temos de aprender a envelhecer nos próximos 30 anos de uma maneira nova ou, então, cada, e, todo o indivíduo da sociedade será punido financeira, social e emocionalmente. Em jogo está a liberdade daquele ser triste e oprimido que reprimimos e que hoje ainda existe. É o nosso futuro que está em jogo.” Schirrmacher (2005, p. 4)

É provável o entendimento que, alguns signos contemporâneos em relação às pessoas idosas estão atrelados com a aparência física, com as relações no mercado de trabalho, com as doenças e com as perdas do desempenho. Depreende-se desse modo que a sociedade, de algum modo, de fato toma da pessoa idosa, aquilo que é essencial para a sua existência: a autoconfiança ou ainda, o sentimento de utilidade, que no fim das contas, reconhece-se como o sentimento de ser.

Diante desse estrato, se pode atribuir para a Educação Física e aos profissionais na área inseridos, o encontro de uma nova tarefa e até mesmo, de um novo desafio que não é outro senão lançar o olhar mais atencioso e particularizado para a população idosa. Sendo por isso nessa linha de atuação, recomendada a preocupação dos conhecimentos nas instâncias: biológicas, psicológicas, culturais e sociais.

Entretanto, é também provável que em certa medida, seja necessário a partir da implantação de estratégias voltadas especialmente para esse universo, a elaboração atividades que possam minimizar as desorganizações corporais próprias da passagem do tempo, principalmente, encaminhando-as para objetivos que contemplem a manutenção da saúde no seu mais amplo sentido e também, a garantia da autonomia de deslocamento criando condições de celebrar '*a vida com qualidade e dignidade*'⁵.

Na construção do quadro conceitual, vislumbrou-se quatro temas maiores e que, foram assim contemplados: ENVELHECER: UMA QUESTÃO DE TEMPO. Entendeu-se o que homem busca incansavelmente vencer, ganhar a luta contra o tempo e deixa de observar os limites que o mesmo impõe. Giddens (1994) ao tratar das questões existenciais, relata que as mesmas estão ligadas aos parâmetros básicos da vida humana, sendo respondidas nos contextos da atividade social.

Buscando ir um pouco mais além com o propósito da maior compreensão desse raciocínio, percebe-se que essa dimensão na vida das pessoas está ancorada com outros elementos ontológicos, isto é, do próprio ser. Assim, é importante não esquecer que a existência vincula-se ao ser, e portanto, a natureza. Porém, a contradição dessa existência é justamente a finitude que se expressa pelo fato dos seres humanos fazerem parte da natureza viva, analogamente estando associados num contexto cronológico regressivo que, em determinado momento o relógio biológico cessa a contagem configurando o fim da existência do ser humano mediante a presença da morte.

No entanto, parece haver pelo menos mais dois elementos que estão presentes no contexto existencial do ser humano. O primeiro passa pelo modo como os sujeitos interpretam as características e as ações dos outros, ou seja, a experiência. O segundo elemento identifica-se pela auto-identidade, pelo seu sentimento da noção de pessoa num universo de corpo contínuo. Naturalmente

⁵ Cabe salientar com o objetivo de chamar a atenção para o sentido inverso entre: qualidade de vida e vida com qualidade que, parece mesmo tratar-se de um diferencial significativo na medida que no primeiro caso nem sempre se pode concordar com o pressuposto de qualidade no contexto social vigente, e no segundo momento, encontra-se implícito entre outras várias, o modo de ser do ser humano no universo que o circunda.

que surge então o segundo grande tema desta construção conceitual trata da relação do corporal através da EXORTAÇÃO DA CORPOREIDADE. Óbvio que para a pessoa idosa, em relação às exigências sociais com referência ao corpo, pode-se dizer que se trata não de uma diferença, mas antes, de uma desigualdade na medida que, o apelo pela beleza corporal e jovialidade não deixam dúvidas de que, a decrepitude verificável nos corpos das pessoas idosas, tem a força representativa do descarte, ou ainda comparativamente, do fato de uso com prazo de validade vencido.

Braunstein e Pépin (1999) ao argumentarem sobre o corpo, oportunizam uma reflexão no sentido de que o corpo não é apenas um conjunto orgânico que funciona harmônica e equilibradamente através de órgãos e sistemas. O corpo representa essencialmente sentidos evidenciados nas dimensões: social – psicológica – cultural e religiosa. Então é preciso que se discuta os corpos do ser humano, ou seja, o corpo pensando e portanto, visto sob o olhar da filosofia. Também há o corpo representado, quer nas instâncias sociais como artísticas. O corpo escrito em verso e prosa nas correntes literárias. Mas há ainda o corpo na e da ciência inserido nas descobertas, progresso e técnicas a seu próprio respeito com vistas a ampliar sua permanência ativa e viva. Por fim, parece importante falar sobre o corpo místico, esotérico, o corpo das doutrinas e religiões.

Mas no discurso do corpo, parece ainda ser indispensável pontuar o entendimento que se tem da leitura de Ribeiro (2003) quando atesta que os processos emocionais e cognitivos que são responsáveis pela funcionalidade biológica, dependem em grande medida das representações sociais como estratégia de revestir a identidade corporal. O corpo na verdade se pode considerar como o extrato da vivência humana. Portanto, capaz de armazenar memórias, experiências passadas, expectativas de vivências futuras, quer dizer, a corporeidade é um fenômeno histórico cultural e por extensão, sócio-antropológico que, mediante suas vivências é capaz de construir a sua identidade pessoal.

O terceiro e quarto temas focados dizem respeito às instâncias atinentes ao que se designa como SAÚDE NA ÓTICA DA PESSOA IDOSA, e, VIDA COM QUALIDADE E DIGNIDADE.

As discussões sobre os conceitos de saúde, levando em consideração sobretudo, que neles – ao que se pode verificar – se atrelam ao desenvolvimento do próprio processo de envelhecimento evidenciados principalmente, pelo surgimento das desordens fisiológicas que quase sempre são imputadas no fato do ser humano envelhecer.

Além disso, a verificação da longevidade ter adicionado expressivo tempo de duração na vida média para o ser humano, possibilitando o entendimento de que, viver mais e com saúde pode ser considerado o ideal, principalmente numa sociedade cuja previsão, é do aumento da população idosa. Certamente que as afirmações de Vicens (1995) com relação ao valor da saúde consolidam ainda mais o sentido e significado do tema.

O âmbito da saúde pode ser entendido como uma maneira de estar no mundo e de ser na vida, portanto a idéia que se tem sobre saúde pode mesmo até ser entendida como reducionista. No contexto social contemporâneo os recursos de saúde reclamados pelo ser humano, encontram-se implicitamente sintonizados por atitudes adequadas e responsabilidade pessoal em quatro linhas:

A primeira que busca o re-significado do conceito de saúde como sendo uma relação interna e emergente e não como uma mera consequência da investigação científica. A segunda, cristaliza-se numa atitude que esteja em sintonia com os ritmos genuínos do homem, da natureza e das culturas.

A terceira atitude consolida-se pela flexibilidade dialógica que permite a adaptação ao meio e não através da lei do mais forte, muito antes pelo contrário, ao estilo taoísta que comparativamente, cede a força do vento tal qual a cana de bambu para endireitar-se novamente após a tempestade. E por fim, a quarta atitude pode ser considerada a mais difícil e também imperativa porque conduz um retorno decisivo na vida ordinária, ou seja, a ordem que se tem estabelecido e a que se habitua. O sedentarismo é o primeiro inimigo da saúde.

Com referência aos entendimentos sobre qualidade de vida, torna-se pertinente à provocação e até mesmo, desafio para novos raciocínios a respeito desse tema, redimensionando esta instância para “vida com qualidade.”

Assim, deseja-se evidenciar algumas afirmações mais importantes que, de certo modo contém maior amplitude no entendimento sobre qualidade de vida.

Bento (1999) entende que qualidade de vida não deixa de ser um fator estratégico e integrador de esforços globais e abrangentes e de igual modo, da busca pelo aprimoramento da identidade pessoal, da construção do seu sentido, bem como, do prazer e da razão de viver. É possível perceber nesse registro que a associação de fatores relevantes consubstanciam na existência do ser humano o que pode ser então chamado de qualidade de vida.

Por outro lado, se se observar mais atenciosamente, na sociedade contemporânea o conceito de qualidade de vida parece mesmo que ainda não desponta com um entendimento mais ou menos consensual. Acredita-se que por isso, Faria Júnior (1999) considera que diversos os estilos de vida e satisfação das necessidades diferenciadas cruciais, estão implicitamente envolvidos para a busca da construção da qualidade de vida do ser humano. Procurando continuar um pouco mais essa linha de pensamento, pode-se dizer que a cada dia surge um novo gradiente capaz de alavancar a qualidade de vida do ser humano. Bowling (1995) afirma que qualidade de vida, principalmente quando os componentes de bem-estar são envolvidos, extrapola o estado de saúde pessoal e passa a ser entendido como a percepção que a pessoa tem da posição de vida, quando implicitamente configurado o contexto cultural e os valores, nos e pelos quais se vive em relação aos objetivos, perspectivas, padrões e precauções por parte de cada indivíduo.

De igual modo, Tubino (2002) chama a atenção especialmente para dois fatos sobre qualidade de vida. Em primeiro lugar, destaca a utilização da expressão qualidade de vida ainda que não se tenha o mais claro e pleno

entendimento sobre o mesmo, e, em segundo lugar, a qualidade de vida, em que pese estar inserida em um universo de complexidades, é antes mensurada num contexto de vida coletiva. Portanto, entende-se que seja até mesmo apressada a disseminação da idéia de que qualidade de vida seja em decorrência de resultados individuais, o que quer dizer que, precedem a qualidade de vida indicadores coletivos de saúde e estilos de vida.

Entretanto, também ao buscarmos o sentido antropológico e social da questão, percebe-se que o âmago daquilo que é considerado como qualidade de vida, reside nas instâncias que na maioria das vezes, envolve o fator saúde.

O entendimento da leitura que se teve em Garcia (2002, p. 167), pode confirmar essa dimensão:

“Hoje em dia, talvez como resultado da hegemonia de determinada racionalidade para o esclarecimento das nossas vidas, associa-se ao conceito qualidade de vida a idéia de saúde, mas numa perspectiva próxima da área médica. É nítida a sobrevalorização dessa perspectiva teórica da saúde, em detrimento de outras possíveis, talvez menos espetaculares, mas nem por isso menos interessantes, como é o caso do sentido antropológico atribuído à própria qualidade de vida versus a saúde.”

O autor continua desenvolvendo sua linha de pensamento de modo a enfatizar a incorporação de outras áreas da ciência no entendimento desse conceito, destacando:

“Se as ciências mais ativas para a explicação do desporto – aqui reduzidas por conveniência àquelas mais de foro biofísico – pretendem a convergência dos conceitos de qualidade de vida, saúde e mesmo estilo de vida, é legítimo pensar que a própria filosofia, tão legitimadora da pedagogia, da antropologia e da sociologia do desporto, procure entender por outra via o sentido humano desses conceitos.”

Assim sendo, entende-se ser mesmo possível referenciar a qualidade de vida relativa a sua multidimensionalidade, porém, o mesmo sentido já não é possível de se considerar com referência aos componentes que concorrem para o seu estabelecimento. Depreende-se então, que seja mais preciso e até

mesmo, possa apresentar a conotação com um sentido mais abrangente, oportunizando para sua compreensão a utilização da expressão vida com qualidade.

Por último, apresenta-se a interpretação do material empírico sedimentada através das entrevistas semi-estruturadas e anotações do diário de campo, resultado das observações reveladas através da convivência cotidiana ao longo do tempo que perdurou o trabalho de campo.

Esse conjunto de elementos sustentar-se-á pelo arcabouço epistemológico, buscando o entendimento da dimensão humana inserida no processo de envelhecimento pelos vieses dos conceitos de: 1 – velhice, 2 – saúde, e, 3 – atividade física, considerando sobretudo o universo de compreensão e entendimento que as pessoas idosas, atores e participantes ativos do estudo vislumbram segundo suas experiências, valores, desejos e sentido distinto sobre a vida em si.

2 – CONTEMPLANDO O PROBLEMA DO ESTUDO

O homem como tal sempre se preocupou com os problemas decorrentes do processo de envelhecimento, e parece mesmo, de acordo com o pensamento de Santiago (1999) que a busca pelo controle do envelhecimento humano não deixa de ser um anseio legítimo. Entretanto, também na sociedade contemporânea pode-se observar que são cada vez mais crescentes as atenções com este fenômeno.

Em geral, a literatura classifica, didaticamente os indivíduos acima de 60 anos como idosos e participantes da cognominada Terceira Idade. Recentemente este marco referencial passou para 65 anos, em função principalmente da expectativa de vida e das tentativas legais do estabelecimento da idade para o início da aposentadoria, dentre outros motivos. No entanto, esta idade varia de indivíduo para indivíduo bem como na cultura onde se insere.

Caracterizar a pessoa idosa é um desafio, uma vez que a sua complexidade reside na utopia de traçar um perfil da pessoa em face de suas peculiaridades. As várias capacidades do indivíduo também envelhecem em diferentes proporções, razão porque a idade pode ser biológica, psicológica ou sociológica.

A ONU – Organização Mundial da Saúde classifica o envelhecimento em quatro estágios:

- Meia idade – 45 a 59 anos
- Idoso – 60 a 74 anos
- Ancião – 75 a 90 anos
- Velhice extrema – 90 anos em diante.

A trajetória vital do ser humano, se inicia com a vida extra-uterina, seguindo-se, com a infância, adolescência, casamento, procriação, criação dos filhos, aposentadoria, velhice e morte, propiciando à vida conotações diversificadas e dinâmicas. Convém, porém, a adoção de uma postura transparente em relação ao ser idoso, pois parece que a tendência é

estereotipa-lo segundo a faixa etária,desprezando o conceito de que cada pessoa é um ser individual e único, indivisível e que dentro de sua totalidade tem características especiais. Assim, tudo leva a crer que o âmago da questão ancorada no processo de envelhecimento do ser humano, encontra-se mesmo na busca incansável pela longevidade subtraída todas as instâncias conhecidas e próprias do acúmulo dos anos e que configura o declínio das pessoas. Esse comportamento do ser humano, já é conhecido através da mitologia grega e latina repleta de seres imortais, geralmente belos e jovens, sendo que, do mesmo modo, podem ser observadas posturas mais ou menos idênticas nos escritos bíblicos, como por exemplo no livro do Gênesis que relata o fato após o dilúvio onde, as pessoas passaram a viver por muito mais tempo. De igual modo, ao longo da história muitos escreveram sobre as questões de viver mais, sem envelhecer. Por isso, a título de elucidação e maior clareza, pretende-se evidenciar no quadro demonstrativo abaixo, construído a partir de Santiago (1999) somente algumas situações que abordam o tema sinteticamente.

QUADRO I – REGISTROS SOBRE A VELHICE

FATO	ÉPOCA	AUTOR (A)
Raça Dourada	Sec. VIII a.C.	Hesíodo (Grécia)
Catão-o-velho ou da Velhice	43 a. C.	Cícero
1os. Trabalhos Científ. sobre a 3ª. idade	Séc. XVI	Descartes / Bacon / R. Franklin
Estudo Clínico Sobre Senilidade e Doenças Crônicas	Séc. XIX (1867)	Jean Marie Charcot
Crença que a Velhice resulta da presença de Toxinas no Intestino Grosso	1845 / 1916	Elie Metchinikoff
Teoria da Dissipação do calor Interno	384-322 a. C.	Aristóteles / Galeno
Utilização de Vitaminas e Hormônios para o retardamento da velhice	Sec. XX	Farmácia e Medicina
Transplante de Testículos de Macaco e Carneiro no homem	Séc. XX	Medicina / Biologia
Mét. Quelação / Méd. Orotomolecular	Séc. XX	Química / Farmacologia / Medicina
Congelamento do corpo	Séc. XX	Medicina / Química / Biologia

Adaptação ANTONELLI (2006)

Na idade moderna, durante os séculos XVIII e XIX, verifica-se a melhora das condições de vida e os primeiros destaques visando consolidar os estudos objetivando aumentar a longevidade do ser humano. Porém, chega a revolução industrial e o êxodo rural o que seguramente repercute de forma muito negativa entre os anciãos, porque a família de origem rural protege seus anciãos mas, o mesmo não acontece com as famílias do mundo industrial e urbano. Por conta desses eventos, são produzidos abismos diferenciais nas classes sociais como:

- ❑ A relevância social do idoso torna-se muito reduzida;
- ❑ As classes mais abastadas financeiramente, cuidam melhor dos seus idosos;
- ❑ Reflete-se o descaso com os idosos;
- ❑ Surgem as lutas contra as enfermidades próprias da velhice;
- ❑ Começam a aparecer formas para camuflar a idade mediante a adoção de remédios, simpatias, fitoterapia e até mesmo magia.

Com o advento da gerontologia, o processo de envelhecimento adquiriu uma nova visão conceitual, considerando-se o processo de envelhecer como aquele que começa ao nascer, ou seja, do berço ao túmulo, e como um processo que varia de acordo com cada órgão, parte e sistema do corpo, de um indivíduo para o outro.

Uma vez que o envelhecimento é um processo biológico geralmente manifestado em todos os níveis de integração do organismo, desde células, órgãos e seu funcionamento, influenciando no nível da personalidade e dos grupos humanos, é possível de se entender a dificuldade de indicar um dado cronológico exclusivo para determinar a faixa etária a que pertence o idoso.

Na relação idade cronológica e o estabelecimento do início da velhice, certamente devem ser considerados fatores individuais que se agrupam, merecendo ser destacados. Entre eles; os morfológicos, os psicológicos, os hereditários, os culturais, os intelectuais e os raciais que são capazes de tentar abranger a velhice não como um período assustador, mas sim, como uma fase

irreversível e cheia de transformações, que podem ocorrer mais cedo ou mais tarde nas pessoas alcançadas por esses aspectos.

Os indivíduos afetados por esses fatores sofrem com o correr dos anos de um efeito de decréscimo funcional em seu organismo e tal situação requer adaptações nos níveis, social, psicológico e físico em relação às circunstâncias mudadas ou em processo de mudança.

A idade cronológica, pode ser considerada como perspectiva, ou seja, varia no julgamento de indivíduo para indivíduo. Entretanto, se a ótica de análise for fisiológica, a idade é ainda muito mais variável e quase impossível de ser aferida. Para os fisiologistas, esta pode ter variação de até 30 anos em relação à cronológica. A conceituação cronológica do idoso é, portanto, apenas uma função linear de expectativa de vida.

A velhice não é um processo único, mas a soma de vários outros, distintos entre si. No entanto, talvez a aparição mais marcante seja a diminuição progressiva das reservas orgânicas do indivíduo acompanhada de uma regressão anatômica e funcional de todo o organismo.

A característica principal da velhice é o declínio, geralmente físico, que leva a alterações, principalmente, sociais e psicológicas. Teoricamente se classificam de duas maneiras: a senescência e a senilidade. A senescência, que é um fenômeno fisiológico, arbitrariamente identificada pela idade cronológica, pode ser considerada um envelhecimento sadio, onde o declínio físico e mental é lento, sendo compensado, de certa forma, pelo organismo, como também, pela adoção de hábitos e atitudes saudáveis de vida.

Já a senilidade caracteriza-se pelo declínio físico associado à desorganização mental. Curiosamente, a senilidade não é exclusiva da idade avançada, mas pode ocorrer prematuramente, pois e identifica uma perda considerável do funcionamento físico e cognitivo, observável pelas alterações na coordenação motora, a alta irritabilidade, além de uma considerável perda de memória.

Por outro lado, envelhecimento não deve ser encarado como um prenúncio de morte, pois a morte não é privilégio da velhice. Ela pertence a cada um de nós que está vivo e atuante. Deve ser, sim, encarada como uma

nova fase da vida, mais rica, menos atribulada, um momento em que as respostas não vêm do vigor físico, mas do aprimoramento da sensibilidade.

Os indivíduos que conseguem superar o medo na associação de velhice com a morte, passam a encarar a velhice como uma nova fase da vida, cheia de desafios a enfrentar, como em qualquer outro período da existência; de certa forma, atualmente, talvez os idosos estejam mais preocupados com as condições de vida do que com relação à morte.

Entende-se que o envelhecimento não significa uma decadência e sim uma seqüência da vida. Raciocinar que o envelhecer significa decadência, por certo terá o mesmo sentido da anulação dos estratos de enriquecimento da sensibilidade na existência das pessoas idosas.

É primordial preparar-se para a chegada da velhice de maneira geral, entretanto e sobretudo, dentro dos aspectos físico, psicológico e social. A passividade das transformações da idade, o esquivar-se às novas situações ou o deixar-se levar pelo declínio físico e mental é, na verdade, o início de um processo de deterioração. Talvez, por isso os que convivem bem com sua idade contestem palavras como “envelhecer”, “velhice”, “velho”, pelo sentido pejorativo e carregado de *pré* - conceitos que encerram passando a idéia de coisa inútil, pronta para ser descartada. É bem provável que ficar velho talvez não seja assim tão expressivo, porém, ser tratado como velho tenha uma dimensão carregada pela pecha da inutilidade, e esta condição não pode ser tolerada.

De acordo com Simões (1998) a velhice pode ser entendida como um fator individual, onde determinantes do dia-a-dia e hábitos de vida são fatores extremamente significativos no processo de envelhecimento. Neste momento é possível enxergar porque alguns, aos 30 anos, já se sentem “velhos”, sedentários, ou apresentam características de introversão, enquanto outros, aos 80 anos, sentem-se extremamente lúcidos, ativos, felizes, capazes de muita produção. Certamente que estes indivíduos, embora já idosos, carregam consigo toda a experiência de vida da qual, encontram-se desejosos para partilhá-la.

No entanto, alicerçados em instâncias de ordem prática e vivência com grupos de pessoas idosas, não deixa de ser interessante observar que algumas pessoas não aceitam o envelhecimento como um processo natural, e, buscam formas de se manterem sempre jovens, quer através de vestimentas, hábitos dentro do convívio familiar ou social, ou mesmo através de algumas posturas críticas.

Estudos realizados e já projetados pela ONU – Organização das Nações Unidas e OMS – Organização Mundial da Saúde, evidenciam que muito provavelmente, entre 1950 e 2025 o crescimento da população dos idosos será de dezesseis vezes em relação ao restante da população que não aumentará além do que cinco vezes. Segundo Santiago (1999) em 2025 a China estará ocupando o primeiro lugar no ranking mundial da população idosa, cerca de 284 milhões de pessoa com mais de 60 anos, logo a seguir estarão: Índia, Rússia, Estados Unidos, Japão e Brasil.

Na verdade, a se confirmarem as projeções mencionadas, há mesmo a tendência mundial apontando para o envelhecimento da população. O Brasil, que no passado mais recente era considerado um país jovem, dentro das perspectivas demográficas futuras, poderá conviver com a inversão da pirâmide etária, passando de 11 milhões para 32 milhões de pessoas idosas até o ano de 2025, isto representará um crescimento que triplicará a população idosa do país, requerendo por certo, o redimensionamento de ações nas esferas públicas e privadas para com este novo perfil demográfico, porque se na atualidade o país conta com cerca de 8,0% de idosos, no futuro breve abrigará 15% de idosos em relação ao total da população.

A constatação do fenômeno do envelhecimento populacional aumentar significativamente, deixa de ser um tema a ser discutido quase que exclusivamente entre a geriatria e gerontologia, e provoca novas posturas na sociedade contemporânea como tal. Se por um lado as conquistas nas áreas das ciências médicas e tecnológicas puderam contribuir com o aumento da longevidade do ser humano, por outro, deve-se raciocinar que não basta viver mais tempo se não forem assegurados patamares desejáveis de saúde, vida

com qualidade e quem sabe, não fosse mais autêntico afirmar, com gradientes que possam garantir a *vida vivida dignamente*.

Assim, há pelo menos duas instâncias que são referências no presente estudo, a primeira se configura no que diz respeito pelas perdas que o ser humano experimenta ao longo do processo de envelhecimento, e, a segunda que permeia os conceitos de saúde, qualidade de vida e atividades físicas que a sociedade emite, sem no entanto, ouvir mais atenciosamente qual o pensamento que os idosos possuem a respeito desses mesmos conceitos.

Ao contemplar o estrato social, percebe-se que a velhice pode trazer o sentido da desorganização, e com ela perdas dos relacionamentos e funções sociais, perdas nos planos familiares, perdas nas relações profissionais e por extensão do status que segundo Weber (1994), a pessoa ao afastar-se do mundo produtivo estabelece novas condutas, novos sistemas de valores e reordena a sua existência com o cumprimento de novas rotinas. Há de igual modo, perdas por morte e/ou dificuldades de locomoção dos amigos, podendo este conjunto de constatações ser resumido do seguinte modo; parece haver ao envelhecer uma redução da participação social em todos os sentidos, e, em contra partida, a possibilidade de um aumento considerável que acalenta apontando para a solidão.

Nesse universo concorda-se com Santiago, (1999 p. 11:12) quando afirma:

“Associamos a velhice a processos naturais de desorganização, aumento de entropia em todos os níveis: biológico, psicológico, e social. Assim resistir à velhice significa, em princípio, um exercício de vontade e de inteligência para criarmos estratégias, para encontrarmos atividades que nos permitam a redução do ritmo da desorganização corporal.”

Diante disso, também é importante discutir com maior profundidade a representação do corpo do idoso uma vez que, os limites das suas capacidades dinâmicas que podem ser verificadas e até mensuradas, não devem e nem podem determinar que o ser humano seja um produto descartável.

Esse pensamento é enriquecido na medida que, as atividades físicas e os desportos podem ser gradientes capazes de determinar a elucidação de tais pontos, desmistificando por assim dizer, a condição de que ao idoso, poucas opções podem ser ofertadas porque ele é, praticamente, mais um peso social do que um ser humano. Além disso, acredita-se que as contribuições do desporto, atreladas ao tempo livre do idoso, também podem oferecer possibilidades determinantes para a concepção de uma nova visão da sociedade em relação ao idoso.

Do estudo realizado em 1996⁶, e, percebendo-se a necessidade da sua continuidade e aprofundamento, o que indubitavelmente contribuiu para o propósito, dedicação e elaboração desta pesquisa, na medida que, foi possível sentir ao longo do tempo, a ausência de entendimento sob a óptica da pessoa idosa sobre três aspectos: 1 – as percepções das alterações bio-psíquicas-sociais e culturais provocadas pelo tempo; 2 – os modos e formas que o idoso entende o significado de saúde e, 3 – os mecanismos que podem mantê-la nas relações estabelecidas pelos idosos sobre saúde e corpo. Assim, o tripé de tal arcabouço foi concebido como sendo o norte da pesquisa contemplando uma única questão norteadora: *O que é ser velho?*

Na atenciosa escuta da fala dos idosos e dos segmentos sociais inseridos no universo do trabalho de campo, buscou-se realizar o estudo sedimentado no resgate da dignidade, da valorização e do respeito às pessoas que investiram boa parte das suas existências na certeza de que, estavam contribuindo com a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e feliz.

Parece então não ser possível duvidar que como retorno, cabe-lhes agora o direito da continuidade da vida de modo mais confortável, agradável e recompensador – até onde for possível – em todos os sentidos, inclusive no reconhecimento de todos os valores expressos pelas marcas do tempo.

⁶ A Importância da Dinâmica Corporal na manutenção da Saúde e melhoria da Qualidade de Vida, Voltada Para a faixa Etária entre 45 e 72 Anos de Idade. Dissertação de Mestrado. Antonelli, Paulo Ernesto. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1996.

2.1 – Objetivos

Há dois grandes objetivos ancorados no presente estudo:

- Identificar os sentidos de saúde e corpo para o idoso, bem como, das condições atrelas à sua manutenção.
- Identificar a representação de velhice para a sociedade de Palmas, Estado do Paraná, Brasil.

Provavelmente o velho é diferente porque não apresenta atrativo. Por outro lado na sociedade contemporânea são perfeitamente identificáveis os valores como êxito, eficiência, produtividade, lucro e acúmulo de riquezas sedimentadas pela predominância da concorrência onde – ao que tudo indica – parece mesmo não existir o menor sinal da existência do sentimento de solidariedade.

Por outro lado, entende-se que esta linha de pensamento parece poder ser mais bem entendida através de uma leitura onde as considerações implícitas nos significados e no entendimento dos signos da velhice, independe dos limites estabelecidos, entre os quais; as imagens, os gestos, os sons, entre outros; apenas constitui-se em linguagens e figuram como sistemas de significação.

Desse modo, parece ser bastante relevante destacar que mais importante do que as alterações morfofuncionais, ou ainda, das razões pelas quais o corpo envelhece é, justamente, procurar entender a percepção que o idoso tem delas e de si mesmo enquanto sujeito onde essas alterações se manifestam.

3 – METODOLOGIA

Quando a evocação destina-se aos parâmetros epistemológicos, sabe-se que o objetivo não será outro senão, o de dar uma roupagem de ordenação e organização científica, aos propósitos que devem consolidar e impulsionar a pesquisa como tal.

No arcabouço dos pressupostos da epistemologia é que se constrói o/ou, os objetos da pesquisa. De sorte que, converge-se para sedimentar a teoria do conhecimento focada para a natureza da produção em si, bem como, para a relevância das condições em que se efetiva o trabalho da pesquisa científica. Aliás, entende-se que pesquisa científica seja a busca pela compreensão de fatos, sempre realizada de forma sistemática, organizada, racional e obediente a determinadas regras.

Por isso, a articulação que pretende ser harmoniosa, atrelada a sua referência conceitual deve ser elemento de controle e orientação do conhecimento buscado. De forma que a concepção da ciência só pode ser entendida como forma de resolução de dificuldades, inerentes ao problema que é motivo da pesquisa seguido da crítica do próprio conhecimento.

Santiago (1999) enfatiza o entendimento sobre metodologia, afirmando ser um conjunto de procedimentos que não podem estar alheios ou distantes do método e, desse modo, tornar-se analogamente uma bússola que indica e orienta cada um dos passos no contexto da prática científica.

Diante disso, preferiu-se adotar a proposta fenomenológica como linha mestra das práticas científicas entendendo que se sustenta nesse viés a possível leitura que cerceia o ser humano, localizando-o como *ser no mundo* dentro do desenvolvimento do processo da velhice e, portanto, de uma das fases da vida da pessoa, bem como, sua relação social, convivência e partilha no mundo que, de acordo com Husserl, (2000, p. 44) configuraria a interpretação do real como fenômeno. Ainda seguindo este pensamento o mesmo autor reforça: “O conhecimento; e, pois, apenas conhecimento humano,

ligado às formas intelectuais humanas, incapaz de atingir a natureza das próprias coisas, as coisas de si.”

Assim, ao considerar a possibilidade do conhecimento na dimensão do enigma o fazemos, pelo fato da chance de cair em enganos, incompatibilidades e até mesmo contradições, o que se pode deslizar para o contra-senso, cuja explicação certamente poderá ser encontrada na teoria do conhecimento e na metafísica ⁷.

De outro modo, a tarefa verdadeira deve concentrar-se na resolução dos problemas decorrentes da relação, que novamente de acordo com o autor em tela (2000, p. 45) sustenta-se: “(...) conhecimento – sentido do conhecimento e objeto do conhecimento.” Assim, ao abstrair da metafísica as críticas do conhecimento, focando unicamente o fato de elucidar a essência do conhecimento, bem como, a objetividade cognitiva; muito possivelmente se esteja a construir o primeiro fragmento básico da fenomenologia.

Nesse universo a análise revela e explora o estado genérico das coisas podendo se construir na intuição imediata. Não é por mero acaso que ainda Husserl (2000, p. 87) afirma: “A fenomenologia procede elucidando visualmente, determinando e distinguido o sentido.” Isto quer dizer que: compara – distingue – enlaça – relaciona – separa/segrega momentos; mas, não explica no sentido dedutivo, o que mais adiante complementa (2000, p. 92) chamando a atenção quando evidencia:

“Todavia, não há, para o conhecimento intuitivo das origens, dos dados mais absolutos, tendência mais perigosa do que a de se fazer demasiados pensamentos e extrair destas reflexões especulativas supostas coisas evidentes. Coisas óbvias que, na sua maioria, não costumam de modo algum formular-se expressamente e que, já por isso, não se submetem a nenhuma crítica intuitiva, determinando antes tacitamente a direcção da investigação e restringindo-a de modo inadmissível.”

⁷ Ver HUSSERL (2000) onde se pode depreender: ciência do ENTE em sentido absoluto. Sua raiz sedimenta-se da crítica do conhecimento natural das ciências singulares com base na intelecção.

Este estudo é portanto, caracterizado dentro do campo qualitativo, sustentado em dois pilares: representação social e observação participante; tendo como fio condutor justamente a fenomenologia. Portanto, como estudo qualitativo, associa-se à coleta de dados e análise de texto que pode ser, falado ou escrito, conjugado com a observação direta e bem por isso mesmo salvaguardada pelos métodos da observação participante e da representação social.

Como tal, busca clarificar os caminhos da ciência através da pergunta. Entende-se pois, não haver sentido falar de coisas que simplesmente existem e só precisam ser vistas, é portanto, ancorado no existir que se configuram também das suas estruturas mutáveis como: percepção, fantasia, recordação, entre outros fatores, e sobretudo, tais coisas não estão como um invólucro ou recipiente, mas, se constituem nelas sendo de algum modo possível encontrar-se como ingredientes naquelas vivências, ou seja, ser representadas e a partir da realidade procurar sua compreensão.

Especificamente, ao ter como foco da pesquisa a busca da compreensão do processo de envelhecimento mediante o olhar das pessoas idosas, deve-se ressaltar que a fenomenologia é de fato o método mais adequado, porque de acordo com Moreira (2002) o pesquisador precisará que os sujeitos da pesquisa relatem suas experiências, suas compreensões, sentimentos e também suas impressões que, nesse caso, atendem na justa medida os propósitos do estudo.

Por outro lado, a sociologia como ciência factual requerendo conforme o mesmo autor (2002, p. 4) quando revela: "(...) as ciências factuais necessitam algo além da lógica formal: para confirmar suas conjecturas, precisam da pesquisa empírica sobre os fatos, feita através de levantamentos de dados e análise dos dados obtidos." entende-se que também consubstancie o desenho metodológico adotado para o estudo.

Para além disso, reportando-se a Critelli (1996, p. 7), é importante lembrar que a fenomenologia não adveio de um método tal qual as ciências e técnicas modernas, e sim como um questionamento:

“(...) como um questionamento da dissolução da filosofia no modo científico de pensar; da lógica inerente às ciências modernas; como crítica à metodologia de conhecimento científico que rejeita do âmbito do real e do próprio conhecimento tudo aquilo que não possa estar subordinado à sua estrita noção de verdade, de sujeito cognoscente e de objeto cognoscível.”

Isto quer dizer que ao referir-se como crítica, evidencia-se sobremaneira a formulação do entendimento daquilo que existe acompanhado pelo significado da metafísica estando aí presente as noções do homem, do mundo, do corpo, das percepções enfim, da própria história. Por isso, antes de se preocupar em detalhar um método, a fenomenologia produziu uma nova forma de perceber o mundo, alcançando a possibilidade de deixar transparente o contato com novos significados sobre mundo, pensamento, tempo, entre outras variáveis; sintetizando, o modo de compreender o mundo no olhar fenomenológico, ou seja, o pensar destaca o ser. De igual modo, Santiago (1999) informa que a idéia e fundamento da fenomenologia, encontra-se na intencionalidade da consciência que sempre se dirige a um objeto e sobretudo, reconhece-se o princípio que não existe objeto sem sujeito. Portanto, a investigação desse mundo vivido pelos sujeitos, de acordo com os padrões metodológicos referentes à descrição, compreensão e interpretação.

Entretanto, é preciso reiterar que a condução do estudo revestiu-se também da representação social, pela qual busca-se o entendimento interpretativo do mundo. Até porque, as várias épocas da história, as culturas e as gerações de uma sociedade mudam o significado e o sentido. Por isso, é interessante evidenciar novamente Critelli (1996, p. 21) quando afirma: “Pela criação da representação, habitamos o mundo calculando-o e controlando-o”. Mais adiante a mesma autora continua: “(...) talvez por isso mesmo a ciência moderna se lance sobre o conhecimento e o controle do mundo, transformando-os em coisa objetiva, e tenha se afastado, cada vez mais, de qualquer tentativa de compreensão do sentido da vida.”

3.1 – Acessórios da Ferramenta Metodológica: mecanismos para construção.

A) – Representação Social

Como a condução do estudo também foi amparada pelas vias das representações sociais, obviamente que se deve entender o universo da pesquisa a partir do fenômeno de representação social. Isto quer dizer que, é certamente um fenômeno que despontou, ou, chamou a atenção pelo fato de que ele apresentou relevância social.

Concorda-se com Sá (1998) quando afirma que os fenômenos de representação social encontram-se na cultura, nas instituições, nas práticas de ordem social, nas comunicações de massa e também, nos pensamentos individuais. São portanto, difusos, multifacetados, sempre em movimento e sobretudo, presentes em diversas situações da interação social. Desse modo, procura-se atender tal pressuposto, a partir da afirmação de Doise (1990, p. 74:75) quando registra: “Representações sociais são princípios geradores de tomadas de posição ligados a inserções específicas em um conjunto de relações sociais e que organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações.”

Por isso, ao deixar transparente o que se desejava saber, ou seja, o significado da questão ser velho, foram também focados os sujeitos que emitiram tal parecer, buscando entender o que as instituições, a população e os próprios idosos pensam sobre este fato, encaminhando-se para a consideração epistemológica das representações, ao evocar Sá (1998, p. 33) enfatizando:

“(…) na consideração do estatuto epistemológico das representações focalizam-se as relações que a representação guarda com a ciência e com o real, remetendo para a pesquisa das relações entre o pensamento natural e o pensamento científico, da difusão dos conhecimentos e da transformação de um tipo de saber em outro, bem como das decolagens entre a representação e o objeto representado, em termos de distorções, supressões e suplementações.”

Nesse sentido para a definição sujeito/objeto do estudo levou-se em consideração que a representação a elas atreladas advém de circunstância existencial, e portanto, não apenas suposição, muito ao contrário, são possíveis de verificação na medida que, se observa o comportamento social e as comunicações/informações de modo mais ou menos sistemático. Ou seja, a escolha do assunto designando para os propósitos da pesquisa, não esteve apoiada em especulações, por perceber de fato, sobre a existência real do fenômeno e sobretudo, da efetiva possibilidade da sua representação pelos sujeitos inclusos no estudo. De igual modo, nas ações de campo, sempre a mesma questão foi formulada para todos os sujeitos da pesquisa, desejando assegurar assim, a possibilidade de contaminação decorrente dos trabalhos de interpretação e categorização, como também, os maiores níveis de confiabilidade possível. Aliás, esse pensamento encontra-se na mesma linha de Sá (1998) que entende, ser inseparável a representação e o seu objeto porque o objeto, é construído como uma representação social.

Por outro lado, é importante considerar que as representações sociais designadas por Moscovici (1976), apontavam especificamente o tipo de fenômeno ao qual sua interpretação teórica se aplicava. Entretanto, na atualidade, o termo utilizado abarca uma amplitude maior e é empregado na condição de representação coletiva, sendo o principal argumento salvaguardado na alegação de que, esta também é social. Na verdade, na leitura dos estudos de Sá (1998), esse argumento parece ser endossado pelo próprio Moscovici (1976) quando implementa na sua tipologia, representações sociais hegemônicas, que não são outra coisa senão, coletivas.

Assim, pretendendo assegurar a concordância com a afirmação anterior de Doise (1990) evidenciou-se a construção coletiva das representações, uma vez que, a autora referenda a inserção social de indivíduos e grupos, convergindo com a idéia de classe ou estrato social em que a representação é construída.

B) – Observação Participante

Em se tratando de um estudo qualitativo, a adoção como técnica da pesquisa, pela observação participante e pela entrevista, da qual mais adiante, também será descrita, certamente não foram ao acaso, mas antes, por compreender que as mesmas atenderiam aos propósitos do trabalho eficaz e eficientemente, e ainda, porque a interpretação do mundo real só pode acontecer a partir das perspectivas subjetivas dos próprios sujeitos, que nesse caso, se constituem no foco do estudo, deixando transparecer no exercício interpretativo também o viés da hermenêutica na medida que, interpreta-se entidades que por sua vez, também são os atores do mundo em que vivem.

Com respeito então especificamente à observação participante, pode-se dizer que esta técnica, encaminha-se mesmo para estar mais situada no entendimento sobre o comportamento humano e por extensão, aos processos sociais aí encontrados. Nesse contexto, coube ao pesquisador aguçar e apreender os sentidos simbólicos que as pessoas elegem como importantes e reais. Segundo Moreira (2002, p. 52): “A observação participante pode ser conceituada como uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo com a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental.”

Nesse sentido pode-se afirmar que a investigação de campo, amparada pela observação participante exigiu do investigador a atenção para o desempenho do papel particular da cultura a estudar e também, vigilância constante evitando assumir e/ou criar papéis que poderiam influenciar no grau de participação do pesquisador, uma vez que, vive-se intensa e profundamente o espírito de grupo. Assim, todas as anotações registradas no diário de campo gravadas, escritas, gesticuladas e fotografadas foram consideradas para a análise e discussão dos dados. E na verdade, esta postura encontra-se alinhada com o pensamento de Becker (1958, p. 652) ao afirmar que:

“O Observador participante reúne dados porque participa na vida cotidiana do grupo ou da organização que estuda. Ele observa as pessoas as pessoas que estuda por forma, a ver em que situações se encontram e como se comportam nelas. Ele estabelece conversas com alguns ou todos os participantes nestas

situações e descobre a interpretação que eles dão aos acontecimentos que observa.”

O desenvolvimento do trabalho, o pesquisador torna-se o principal instrumento da investigação social na medida que:

- A recolha dos dados, que segundo Spradley (1980) há três tipos: 1-Observação Descritiva, 2-Observação focalizada, e, 3-Observação seletiva é realizada na situação que ocorrem, nunca artificialmente, sendo rica e pormenorizada;
- São obtidos relatos de situações na própria linguagem dos participantes, podendo significar, inclusive, conceitos utilizados na vida cotidiana;
- O resultado final, corre por conta de que o investigador pode utilizar as suas próprias observações com as suas ferramentas teóricas; e,
- Finalmente, as observações podem servir como defesa ou refutamento acerca de idéias sobre o comportamento humano.

Ao comungar com o pensamento de Shutz (1954, p. 266:267) quando afirma:

“(…) Contudo, para as ciências sociais, o campo de observação, designadamente a realidade social, tem um significado e uma estrutura relevante para o ser humano que vive, actua e pensa nele. Por uma série de construções do senso comum os cientistas pré-seleccionaram e pré-interpretaram esse mundo do que eles tem a experiência por ser a realidade da sua vida quotidiana. São estes objectos de pensamento deles que determinam o seu comportamento, motivando-o. Os objectos de pensamento construídos pelas ciências sociais, por forma a dominar esta realidade social, têm de ser fundado sobre objectos de pensamento construídos pelo senso comum dos homens que vivem a sua vida quotidiana no seu mundo social.”

De certo modo justificam-se as razões pelas quais optou-se pela observação participante como uma das ferramentas metodológicas utilizadas no trabalho desenvolvido junto ao grupo de terceira idade de Palmas, até porque, o estudo como tal, e por extensão, a convivência com o grupo iniciou em 1994. Portanto, de fato viveu-se, atuou-se e pensou-se intensamente ao longo do tempo na mais próxima realidade possível das pessoas idosas.

C) – *Entrevista*

A entrevista pode ser definida como sendo, uma conversa entre duas ou mais pessoas, naturalmente tendo um propósito e/ou objetivo, quer dizer, a obtenção de informações acerca de alguma coisa, algum assunto ou fato.

No caso específico deste estudo, a preferência pela entrevista semi-estruturada foi contemplada de vez que, entendeu-se que a mesma configurava como importante aporte para a obtenção mais confiável possível, com relação ao tema argüido que no caso específico, é a velhice, ou, o pensamento a respeito do desenvolvimento do processo de envelhecimento no ser humano, por parte de todo o universo de pessoas que foram atenciosamente ouvidas. Além disso, a entrevista semi-estruturada oportuniza maior liberdade ao entrevistado, o que se supõe, a possibilidade da ampliação e enriquecimento do leque de discussões..

O pensamento aqui destacado, é de certo modo também corroborado por Moreira (2002, p. 55) ao afirmar que:

“Entrevista semi-estruturada: fica entre os dois extremos discutidos. O entrevistador pergunta algumas questões em uma ordem predominante, mas dentro de cada questão é relativamente grande a liberdade do entrevistado. Além disso, outras questões podem ser levantadas, dependendo das respostas dos entrevistados, ou seja, podem existir questões suplementares sempre que algo de interessante e não previsto na lista original de questões aparecer.”

Porém, ainda que esteja de fato ancorada como uma das bases metodológicas da pesquisa qualitativa, deve-se reconhecer que em razão do guião de entrevistas conter questões mais ou menos abertas, o que não deixa de ser uma característica desta modalidade de entrevista, supõe-se daí que poderá haver possível restrição a momentos, seqüências, ou ainda, modo de lidar com os tópicos que possam, quem sabe mesmo, obscurecer ao invés de esclarecer o ponto de vista do entrevistado.

Por outro lado, Flick (2004, p. 106) chama a atenção para informar: “O entrevistador também enfrenta a dúvida quanto investigar com mais detalhes e auxiliar o entrevistado em divagações e quando fazê-lo, ou, ao contrário, de quando retornar ao guia da entrevista nos momentos de digressão do entrevistado.”

Assim, procurando minimizar esses possíveis gradientes de oscilação na presente pesquisa, decidiu-se mesclar entre a fala e a escrita, até porque, provavelmente esta opção não comprometeu o objetivo do estudo e também porque não foi criada uma nova forma de entrevista, ao contrário, esta já é concebida e aceita como modalidade de trabalho de campo.

A construção do quadro categorial que serviu para concretização do processo analítico do material compulsado no trabalho de campo foi definido à priori através da revisão da literatura.

Assim assumimos a função confirmatória como o principal eixo do trabalho analítico tal como nos propõe Bardin (1977), Alves (1999) e Santiago (1999).

3.2 – Características do Grupo Estudado e Procedimentos Para a Recolha dos Dados.

Neste estudo, procurou-se a compreensão da questão sobre o sentido e a representação do processo de envelhecimento, sob o olhar do próprio idoso, não obstante confrontado em três fases.

Na primeira fase procurou-se o entendimento no universo institucional onde, foram ouvidos, mediante entrevista semi-estruturada, utilizando um gravador portátil Panasonic VAS – Voice Activated System, com recurso de pausa automática e fonte de energia alimentada por 02 (duas) pilhas. As falas foram gravadas em fitas magnéticas da marca SONY EF-X com duração de 60 (sessenta) minutos de duração, e todos os representantes das instituições públicas do Município, quais sejam: Prefeito Municipal – Juiz de Direito – Promotor Público - Diretor da Rádio – Diretor Presidente do Jornal local – Comando Militar do Exército – Delegado da Polícia Civil – Reitoria da Universidade – Bispo da Diocese de Palmas e Francisco Beltrão⁸ - Secretária Municipal de Educação – Presidente da Câmara de Vereadores – Comando do Corpo de Bombeiros – Representantes das Igrejas no Município – Presidente

⁸ Francisco Beltrão, município que integra a região do sudoeste do Estado do Paraná, encontrando-se a 130 km distante de Palmas, sendo uma extensão da Diocese e como tal, também sede do bispado.

da Entidade Mantenedora das Faculdades e Secretária Municipal de Ação Social, tiveram a oportunidade para expressarem o que pensam sobre velhice, investidos na altura, como os legítimos gestores públicos de Palmas, sudoeste do Estado do Paraná, Brasil,⁹ e, doravante mencionada como Palmas.

Para cada uma das pessoas responsáveis pelos setores dos órgãos públicos, e/ou, entidades foram agendadas de forma antecipada, as entrevistas mediante a remessa de um ofício, estando anexado ao mesmo, uma declaração assinada pelo Professor Orientador do trabalho de pesquisa, que solicitava a colaboração e o apoio, bem como, garantia o integral sigilo e procedimento ético. Esta postura, revelou-se eficiente e pontual, de vez que quase sempre o tempo disponível das pessoas que seriam entrevistadas basicamente não existia dado ao expressivo volume de atividades e cumprimento da jornada de trabalho semanal. Assim, ao agendar a entrevista, confirmava-se dia e hora que a mesma seria realizada, portanto, havendo racionalização e aproveitamento maior do tempo tanto por parte do pesquisador quanto do(a) entrevistado(a).

Ainda que já se estivesse informado por escrito do que se tratava, o trabalho foi desenvolvido seguindo o mesmo protocolo. Todas as vezes que o pesquisador era recebido, apresentava-se, e, em linhas gerais, expressa as razões daquela entrevista. Pode-se afirmar que em todas as visitas, sempre foi possível trabalhar em um clima de colaboração, seriedade, atenção e sobretudo, muito interesse. Em algumas oportunidades, observou-se que os (as) entrevistados(as) manifestavam surpresa pela realização do elevado nível na condução da pesquisa, cuja averiguação sedimentava-se na questão do processo de envelhecimento do ser humano.

Para os trabalhos das transcrições, foi utilizado conjunto de fone auricular da marca AIWA HP-806, com impedância 320hmios a 1 HHZ e sensibilidade de até 100dB/Mw.

⁹ Inserido nos anexos, o mapa do Município reconhecido pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, onde também, pode-se perceber a cobertura nos bairros quando da realização das entrevistas.

Na segunda fase pertinente aos trabalhos de campo, foram questionadas aleatoriamente 422 (quatrocentos e vinte e duas) pessoas com periodicidade de vida decenal, ou seja, de 10 em 10 anos, moradores dos diversos bairros, representando cerca de 95% da circunscrição geográfica do município de Palmas. Entendo-se que por exigir maior grau de sensibilidade para o progresso da entrevista e também do entrevistador, principalmente no que diz respeito às possíveis indagações para além da pergunta e sobretudo, porque o entrevistador ganhava a oportunidade de refletir um pouco mais sobre o cerne da questão em si, esta abordagem concretizou-se através da preparação da folha de entrevista onde constava: nome / idade / sexo e endereço residencial e a questão: *o que é ser velho?*¹⁰.

A forma adotada correspondeu e atendeu plenamente os objetivos do trabalho de campo. Foi possível inclusive perceber que escrevendo, havia maior conforto dos entrevistados porque boa parte deles, quando abordados demonstravam certa rejeição ao equipamento de gravação, deixando evidente e bastante claro níveis de timidez e acanhamento para expressarem o que de fato desejariam.

Como nesta fase o trabalho realizado contemplou pessoas a partir de 10 (dez) anos de idade, foi enviado para as APP – Associações de Pais e Professores das Escolas visitadas, um ofício informando as razões do estudo, e, um documento que solicitava a autorização para o desenvolvimento dos trabalhos, redigida pelo Professor Dr. Rui Proença Garcia – orientador da pesquisa – sublinhado a garantia do sigilo, tanto das respostas quanto da identidade pessoal dos entrevistados. Cumprido o protocolo adotado, havia a entrega das folhas da entrevista alertando para que todos não deixassem de informar: nome – idade – endereço residencial e sexo.

As folhas de entrevistas também foram coletadas em algumas oportunidades, com a colaboração dos carteiros do correio local quando estes, durante as semanas que perdurou o trabalho, se deslocavam aos bairros mais distantes.

¹⁰ Documento que integra os anexos do estudo, ordenadamente gravado em CD que é parte integrante da dissertação.

A terceira e última fase do trabalho de campo iniciou com a entrega do ofício de solicitação para a realização dos trabalhos pertinentes ao desenvolvimento do estudo junto aos integrantes dos grupos de terceira idade de Palmas, redigido pelo Orientador da pesquisa, e, endereçado à Secretaria Municipal de Ação Social.

Após conhecer as razões do pedido, no primeiro encontro com os idosos, o senhor Secretário de Ação Social, apresentou o pesquisador aos participantes, fazendo a leitura do documento anteriormente referenciado, e assim, autorizou a presença do pesquisador durante todo o tempo que o trabalho estivesse em andamento, bem como, penhorou apoio e auxílio se necessário fosse para a concretização das atividades previstas na fase que se iniciava.

O cronograma das ações nesta fase, estruturou-se semanalmente em todas as segundas e quartas-feiras, durante os meses de junho até a primeira quinzena do mês de setembro de 2006. Durante esse período, implementou-se no programa de atividades físicas as seguintes instâncias:

- Manutenção e Melhoria da Flexibilidade Articular – Caminhadas e meio ambiente;
- Exercícios profiláticos para a coluna lombar;
- Palestras sobre cuidados básicos para o ato do despertar matutino, deslocar-se e importância da alimentação/hidratação.

Ao longo do período de trabalho em todas as intervenções coletamos as entrevistas com os idosos e construímos o diário das observações. Para os integrantes dos grupos de terceira idade, a entrevista que foi coletada através da gravação da fala tendo mesmo a intencionalidade de explorar o tema velhice dando liberdade ao entrevistado(a) de focar situações similares, na medida que, o entrevistador julgasse interessante o enriquecimento das falas, sem entretanto, permitir que os depoimentos tomassem outra direção fora do contexto focado que era a velhice, primando sempre pela imparcialidade, atenção e respeito pela fala dos entrevistados.

De sorte que, de modo geral a entrevista semi-estruturada mostrou-se um mecanismo bastante importante no trabalho de campo, podendo ser corroborado por Flick (2004, p.107) que ressalta: “A vantagem desse método é

que o uso consistente de uma guia da entrevista aumenta a comparabilidade dos dados, e sua estruturação é intensificada como resultado das questões do guia.”

Por isso, para buscar o entendimento capaz de poder redimensionar a questão do idoso no contexto social, ancorou-se no conjunto da articulação metodológica a técnica da observação participante, por entender-se que o pesquisador deve mergulhar no mundo dos sujeitos, foco do estudo, que nesse caso se caracterizam pelas pessoas idosas.

Para além disso, os argumentos conceituais parecem estar de acordo no sentido de satisfazer os propósitos da pesquisa, encontrando-se em consonância com os registros de Moreira (2002) que explicita a respeito da observação participante afirmando que pode ser também compreendida como uma estratégia combinatória de campo porque, a participação e a observação ativa do pesquisador entre os sujeitos da pesquisa é de fato o que define esta ação. Isto quer dizer que, pode ser atribuído ao pesquisador também um segundo papel. De certo modo, sendo o pesquisador também um participante, fica implícito o desempenho desse segundo papel que se sedimenta no fato de ser observador e assim, com o consentimento prévio dos integrantes dos grupos da terceira idade empreendeu-se o estudo e as observações em seus ambientes.

Ainda segundo Flick (2004, p. 181) ao se referir às notas de campo ressalta: “As notas obtidas em entrevistas devem conter os elementos essenciais das respostas dos entrevistados e informações sobre o andamento da entrevista. O observador participante interrompe várias vezes sua participação para registrar observações importantes.”

Muito provavelmente o autor quando se refere às observações importantes, esteja destacando as anotações em forma de pequenos lembretes escritos em momentos mais calmos, porém de modo integral na medida do possível, as notas de campo e/ou diário de observação podem conter a distinção de problemas vistos e ouvidos, ou ainda, impressão e/ou interpretação do entrevistador, o que a rigor, foi mesmo adotado ao longo do desenvolvimento do trabalho.

Mas há ainda que se discorrer naquilo que concerne às possíveis contribuições para a discussão metodológica geral em relação a observação participante. Por isso, comunga-se com o pensamento de Flick (2004, p. 157) que ressalva:

“No geral, a observação participante elucida o dilema entre a participação crescente no campo – da qual resulta apenas a compreensão – e a manutenção de uma distância – da qual a compreensão torna-se meramente científica e verificável. Além disso, esse método ainda aproxima-se de uma concepção da pesquisa qualitativa como um processo, já que presume um período mais longo no campo e em contato com pessoas e contextos a serem estudados (...)”.

Certamente o contato com as pessoas dos grupos da terceira idade possibilitou maior proximidade e convivência interessante na medida que os anseios, necessidades, interesses, crenças, valores e opiniões eram diariamente reveladas. Acredita-se que essas dimensões sob a óptica das pessoas idosas, estejam mesmo revestidas de importância ímpar como contributo ao estudo realizado.

Cumriu-se todas as instâncias previstas no início da fase, ou seja, os três programas propostos: manutenção e melhoria da flexibilidade articular – caminhadas e meio ambiente – exercícios profiláticos para a coluna lombar; e palestras sobre cuidados básicos para o ato do despertar matutino, deslocar-se e importância da alimentação/hidratação de forma agradável e com alegria, ainda que, se deva mencionar o fato das muitas dificuldades que foram sendo superadas, todas de ordem operacional e funcional, pode-se afirmar a condução de todas as ações foram exitosas.

O encerramento desta fase aconteceu de modo progressivo nas últimas três semanas quando, os participantes foram conduzidos através de transporte coletivo da municipalidade durante o período integral, até as dependências físicas da 15^a. Cia. Eng^a. e Combate¹¹ onde, cumpriu-se a parte do programa que contemplava a interação do ser humano com o meio ambiente.

Utilizou-se a reserva florestal daquela unidade militar, conduzindo os idosos pelas trilhas que foram antecipadamente demarcadas pelo pesquisador

¹¹ 15^a. Companhia de Engenharia e Combate é uma Unidade Militar do Exército Brasileiro com sede em Palmas.

nas caminhadas que tinham o objetivo de conhecer e partilhar a exuberância da natureza local, como também, oportunizar o conhecimento in loco da organização, funcionamento e operacionalização das rotinas militares. Durante as três últimas semanas os idosos foram recebidos dignamente pelo comando e demais militares da unidade, sendo possível de se observar o estreitamento dos laços de amizade entre os idosos e os militares.

No último dia das atividades, além de ter sido explorada a trilha prevista, os idosos plantaram ao redor do lago existente na Companhia, cerca de 56 (cinquenta e seis) tipos de mudas de árvores nativas que foram doadas pelo viveiro municipal, sendo que, os idosos após cumprirem o ritual da colocação das mudas nas suas respectivas covas, cognominaram aquele espaço de: Horto Florestal da Terceira Idade e entregaram ao comando da Unidade o espaço que haviam utilizado com aquela contribuição “dos mais velhos” para todas as pessoas que utilizarem aquele espaço no futuro.

Finalmente, na interpretação dos dados foi possível obter a categorização de todo o universo pesquisado confrontando o entendimento que a sociedade palmense expressa sobre a velhice em relação à visão do próprio idoso a respeito desta etapa da vida do ser humano.

A descoberta dos discursos a respeito do processo de envelhecimento, aponta para situações distintas, preocupantes e que podem corroborar a urgente necessidade da instalação de programas sistêmicos, contínuos e permanentes, que estejam revestidos do caráter da educação permanente com vista ao atendimento da população idosa, como também, para a instauração de ações que possam visualizar o objetivo da preparação para todas as pessoas, que muito proximamente, poderão estar inscritas também nos levantamentos populacionais como integrantes da terceira idade.

4 – REVISÃO DE LITERATURA

A partir do entendimento que o processo de envelhecimento do ser humano não é um privilégio de alguns, mas, um fato que abarca toda a sociedade e por isso, inscreve-se numa linha antropológica, caracterizando-o em suas peculiaridades e distinções. Nesse sentido, acredita-se que seja mesmo importante que as pessoas idosas tenham a oportunidade de expressarem conceitos e pensamentos a respeito desta etapa das suas existências. Assim, a questão o que é ser velho? constantemente debatida no contexto social contemporâneo, também seja na justa medida, focada pela lente daquelas pessoas que vivem este processo, e, ancorando nessas respostas se possa rever as dimensões dos valores da saúde, qualidade de vida e dignidade das pessoas idosas.

Nesse universo acredita-se ser necessário construir um quadro conceitual que esteja revestido da instância interdisciplinar, capaz de destacar a pessoa idosa nos vieses: biológico – social – cultural – político – antropológico – psicológico, e, econômico. Por isso se contemplam as seguintes temáticas:

O TEMPO, evidenciando o processo de envelhecimento, o velho, a sociedade e a renovação, como também, a relação com a morte.

A EXORTAÇÃO DA CORPEREIDADE, buscando revelar o corpo e a identidade grupal, a participação da pessoa idosa, o redimensionamento dos valores humanos no embate: juventude x velhice e ainda, corpo, dignidade e cidadania.

O OLHAR DE SAÚDE NA ÓTICA DA PESSOA IDOSA, atrelando os conceitos e entendimentos sobre a velhice, e de igual modo, definindo a saúde segundo a visão da pessoa idosa, evidenciando os valores humanos consubstanciados pela tolerância e dignidade.

Por último, VIDA COM QUALIDADE E DIGNIDADE, OU, DIGNIDADE DA VIDA buscando discutir a dignificação da vida do ser humano, através do trabalho e do lazer, os hábitos da saúde na pessoa idosa mediado pelas atividades físicas, inserindo também, a dança como gradiente do resgate da

auto-imagem e auto-estima, e, destacando as instâncias da prevenção para com as possíveis desordens do organismo humano.

Os esforços envidados para a construção do arcabouço conceitual referendado pela revisão da literatura, passa pelo entendimento de que a sociedade contemporânea revela-se cada vez mais consumista evidenciando a marca do pragmatismo em quase todas as situações. Nesse universo a pessoa idosa 'sobra' como se fosse um artigo superado ou uma roupa fora de moda. Muito embora não seja um sentimento predominante, ainda assim é possível perceber que boa parte da sociedade contemporânea considera o velho como sujeito improdutivo, sendo muitas vezes, até mesmo identificado como sucata de máquinas desgastadas, e como tal, descartável.

Por outro lado, os componentes que integram esta mesma sociedade, identificam que o ser humano é mais produtivo justamente pela evidência dos traços de juventude. Podendo-se desse modo, depreender que corpo velho, assim como a pessoa velha, pouco o quase nada conseguem oferecer por não estarem enquadrados nesse perfil da jovialidade.

Nessa linha de pensamento Garcia (1999) destaca o paradoxo revelado na sociedade contemporânea evidenciando situações bastante interessantes como:

- A insatisfação com a dimensão corporal, resultando o aparecimento de práticas de atividades físicas que podem significar uma utópica procura pelo rejuvenescer;
- As fases da vida situadas entre o envelhecer e o parecer jovem;
- A percepção de ordem cultural que levam a pessoa idosa a se assumir na atualidade, estando ele atrelado às exigências deste novo tempo;
- O desporto como sendo a instância capaz de resgatar o regresso para a juventude perdida, que de certo modo, pode ser entendido como uma forma capaz de negar que o tempo é inexorável, sem entretanto descartá-lo como tal.

Ao reconhecer tais situações, é possível entender que a pessoa idosa além da soma dos '(des)valores', acaba paulatinamente também perdendo algo

ainda mais importante que é a sua cidadania. Assim, ao procurar entender melhor o processo de envelhecimento do ser humano, parece ser pelo menos razoável, sublinhar não a exclusão do velho no contexto social tal como se percebe na atualidade, mas antes, a re-valorização da sua participação revestida pelas experiências de sua vida.

No raciocínio de Garcia e Pereira (s.d.) observa-se que: “(...) aumento de tempo de vida e o abandono mais precoce do trabalho.” ; evidenciando que o trabalho e a produtividade fundamentam a sociedade atual, elevando cada vez mais os níveis de exigências nesse sentido. Entretanto, de acordo com essa realidade, é preciso que sejam destacados os significados do que realmente é ‘ser velho’ e quando ‘se é velho’.

Na verdade entende-se que permeiam nessas dimensões as questões significativas que podem encaminhar-se para a construção de um raciocínio sustentado pelas representações sociais do corpo, da saúde, e da possível melhoria da qualidade de vida do idoso, ancorando o desporto como indicativo capaz de revelar suas capacidades e limites frente às exigências da sociedade contemporânea.

4.1 – ENVELHECIMENTO

ENVELHECER: UMA QUESTÃO DE TEMPO.

“Enquanto a sua juventude é passageira, a minha velhice é permanente.”

(Bibi Ferreira)¹²

¹² Bibi Ferreira é uma extraordinária atriz e cantora brasileira, considerada a primeira dama do teatro brasileiro e também a mais notável intérprete de Edith Piaf no Brasil; que em entrevista concedida para a Rede Globo de Televisão em 21 de outubro de 2005 expressou aquele pensamento.

4.1.1 – Envelhecimento na Sociedade Contemporânea – Legado de uma Existência.

Mas afinal, o que é ser velho hoje?

A pergunta além de ser bastante intrigante, deixa margem para inúmeras configurações e deduções a respeito da idade. Assim, numa tentativa de contemplar o entendimento de modo abrangente e multifacetado, buscou-se junto aos alunos do curso de mestrado da Faculdade do Desporto, na disciplina de Sociologia do Desporto – sendo na altura permitido analisar os trabalhos – que contemplavam justamente, discussões a respeito da inquietante questão sobre o envelhecimento do ser humano.

Assim, mesmo que o ser humano tenha procurado ao longo da sua história, de algum modo mascarar o seu ‘tempo’, certamente não conseguiu tal intento, e, tudo indica que não conseguira, por uma única razão: é impossível ganhar do *cronos*¹³.

O tempo é definitivamente inexorável, sendo linearmente insuperável e ciclicamente renovável. O segundo de tempo que passou, não voltará mais e portanto, já é passado, não há como recuperá-lo, tanto para refazer as ações como para revivê-las.

O homem é então finito, e esse princípio é corroborado pela morte que por ser tão desconhecida, assume as mais diversas facetas como da instância mítica, da religiosidade e do misticismo.

Provoca em razão desse desconhecimento, enorme pavor, inúmeros medos e sobretudo, o desespero do ser humano que reconhece ser esta a única situação real em sua existência, mesmo não sabendo a data do evento, o fato é que ele definitivamente acontecerá. Além disso, a sociedade moderna evoca valores que, subentendem a marginalização do ser humano em razão da sua idade. Parece que é evocada a precocidade da velhice com a exaltação ao ‘novo’, relegando o ‘velho’ às condições depauperadas, dando por vezes, a nítida impressão de que; *tudo o que tinha para dar, já deu*.

¹³ Cronos – Deus Grego / senhor do tempo.

Realmente o velho é veladamente reconhecido como “resto improdutivo” e que doravante será mais um ‘peso social’.

Na leitura dos trabalhos do curso de Mestrado de Ciências do Desporto na área de Atividade Física para a Terceira Idade da Universidade do Porto, Gabinete de Sociologia do Desporto¹⁴, que se por um lado reconheça-se o valor limitado daqueles registros, por outro há de ser considerar que os alunos de mestrado daquela oportunidade, eram provenientes de várias áreas do conhecimento, como por exemplo, desporto, fisioterapia e terapia ocupacional; o que de fato pode corroborar o propósito da busca pelo caráter multifacetado. Desse modo, foi então possível perceber situações importantes e distintas sobre a questão: O que é ser velho hoje? De sorte que, os destaques foram assim pontuados:

Segundo a descrição da maioria dos textos, a velhice ainda é uma situação não esclarecida. Percebeu-se que, de acordo com o entendimento da sociedade ocidental, velhice encontra-se ligada à idade e esta por sua vez, com a perda das funções e capacidades, e, aparentemente, de se ser humano. Parece importante não abordar a idade tão somente pela perspectiva cronológica. Há discussões apontando para a existência da idade biológica – social e psicológica, sendo que, em cada uma delas são evidenciadas as suas peculiaridades. Entretanto, mesmo sendo impreciso afirmar o que é ser velho hoje, um fator parece merecer relevância, o qual seja, a forma com que cada ser humano se adapta ao seu período etário e a sabedoria com que encara essa fase de sua existência. Também foi possível estabelecer ao longo da leitura que, para o idoso, o sentido da vida e o sentir-se idoso passam a ter influência em função geralmente de: acontecimentos recentes, as comparações com o passado e os planos para o futuro. As atitudes das outras pessoas em relação ao idoso, são fatores que não passam despercebidos pelos idosos. Com referência a aposentadoria, ou, reforma¹⁵ do modo pelo qual a sociedade

¹⁴ Trabalhos do curso de Mestrado de Ciências do Desporto. Professor Doutor Rui P. Garcia – Professor Catedrático da Faculdade do Desporto da Universidade do Porto / Portugal.

¹⁵ No Brasil utiliza-se mais o termo aposentadoria tendo o mesmo sentido que reforma em Portugal.

estabelece, relega o ser humano; primeiro para as instâncias da improdutividade e depois, para a inutilidade em razão das limitações e de algumas incapacidades físicas. São encontrados nesse inventário de perdas: rendimentos econômicos / perdas profissionais / perdas de independência aquisitiva e as perdas da saúde, induzindo aos pensamentos sobre a morte.

Uma segunda linha de raciocínio com relação ao questionamento ser velho também foi levantada. Assim, foi possível destacar que, ser velho é uma questão natural do ser humano. Aceita-se, e os autores asseguraram-se nos estabelecimentos para velhice da Organização Mundial da Saúde, a convenção de que, aos 65 anos de idade a pessoa é velha. Entretanto, a sociedade convencionou várias outras idades: a idade mental, a idade para conduzir automóveis, a idade para filmes (censura), idade para a aposentadoria, a idade que sentimos e a idade que os outros pensam que temos. Para algumas pessoas velhice é antes de tudo, o deixar de se influenciar pelos desgastes dos tempos. Já para a sociedade, ser velho significa: desorganização, perda da importância no contexto social, incapacidade, inutilidade e fator de exclusão. Nesse sentido, Grande (1994) informa a respeito da exclusão do idoso na sociedade, afirmando que isto representa a rejeição do passado onde, estão presentes as raízes do presente e tudo em nome de uma modernidade sem memória. De igual modo, não menos importante é enfatizar o que Garcia¹⁶, pensa sobre a velhice quando afirma que ser velho, não raras às vezes significa viver na solidão, afastado de tudo e por todos, sendo de fato uma antecipação do sentido trágico da morte que é o esquecimento.

Numa terceira reflexão percebeu-se que, muito embora ainda não se tenha bem definido o período onde começa a velhice, a convenção estabelecida pela ONU (Organização das Nações Unidas), dividiu o ciclo da vida sob o ponto de vista econômico ao considerar o homem enquanto força de trabalho em três idades: 1 – *Primeira Idade*: as pessoas só consomem (idade improdutiva) / 2 – *Segunda Idade*: as pessoas produzem e consomem (idade ativa) jovens e adultos / 3 – *Terceira Idade*: as pessoas já produziram e consu -

¹⁶ Rui Proença Garcia (s/d) – No Labirinto do Desporto: uma abordagem pelo olhar da antropologia. (em elaboração)

miram com a aposentadoria, não produzem nem consomem (idade inativa), notadamente ao se verificar os excessos implícitos da sociedade de consumo.

Portanto, o fenômeno da velhice apresenta-se multifacetado em razão dos fatores: individuais / interindividuais / grupais e sócio-culturais onde se encontram: família, saúde, classe social, etnia, gênero, condições econômicas, entre outros. Por outro lado, acredita-se que a idade não deva traduzir inferências sobre o biológico, psicológico e sócio-cultural do ser humano. Ser velho expressa o resultado de um processo de vida. Isto significa afirmar que, numa cultura onde o respeito e o reconhecimento dos valores do idoso passam a ser naturais. Entretanto, numa sociedade que exalta os valores da juventude, o velho sente-se totalmente dispensável. É possível que a diferença de envelhecer na atualidade, resida no fato de que não se pretende ficar velho porque as instâncias do tempo serão superadas e, portanto, o estigma da juventude será definitivamente instalado, ou seja, envelhecer não será mais natural. Nesse sentido, é interessante referenciar o entendimento que se tem sobre a visão de Garcia (1999) a respeito do surgimento dos problemas relacionados com a 'inatividade pensionada' (aposentadoria) onde, por um lado, as pessoas são pagas para nada fazerem, por outro, o custo reflete na população ativa, além do que, surgem os problemas sociais: rejeição, afastamento, entre outros. Na verdade a sociedade moderna, marginaliza os velhos, priorizando os valores como produtividade, rentabilidade, consumismo, etc. Mas, há também ainda que timidamente, um movimento dos idosos que deseja subverter a ordem da inatividade e da improdutividade. O velho deseja provar que pode ser produtivo, basta uma oportunidade de trabalho. Raciocinando nesse sentido parece ser importante não esquecer que a velhice pode ser dimensionada de outros modos.

Ser velho pode não têm nada a ver com a idade, e dizer tudo com referência a um estado de espírito. Ser velho pode também revelar a lamentação pela derrota, sem no entanto, ter feito o esforço necessário para conquistar a vitória.

E ainda talvez, seja velha a pessoa que não perceba o quanto vale a pena abraçar uma idéia, ou ainda, iniciar, continuar, modificar qualquer tipo de projeto de vida, de trabalho; com medo de não conseguir levar a bom porto por falta de perseverança, desencanto, preguiça.

Finalmente, numa quarta linha de análise dos textos sobre Terceira Idade, foi possível detectar situações comparativas com as idades do ser humano especificamente quando se configura a ser idoso e velho.

Você é idoso quando pergunta se vale a pena, mas é velho quando sem pensar, responde que não. Você é idoso quando sonha, entretanto, é velho quando apenas dorme. É também idoso quando ainda buscar aprender, mas é velho na medida que já não ensina. Você é idoso quando o dia de hoje, passa a ser o primeiro da sua vida e você é velho, quando todos os dias parecem ser o último da longa jornada. É um idoso quando no seu calendário existem amanhã e velho quando só se percebe o ontem. De acordo com Garcia (1999), envelhecer não se restringe a uma idade, mas a todo o homem, devendo-se entender o envelhecimento como uma questão antropológica que repousa no ser. Porém, vivemos o tempo que é marcado pela cultura da imagem. Desse modo, o homem faz tudo para esquecer ou negar a evidência biológica e cultural que é a velhice. Assim, o envelhecimento útil e feliz não pode ser apenas um mito. É bem provável que seja uma tarefa da própria sociedade redefinir o significado da velhice, como também, é bem possível que caberá a cada idoso, o compromisso de buscar sentido e formas de melhoria da vida em si.

4.1.1.1 – Olhares cruzados sobre a velhice: sinopse de um processo.

Parece ser importante sublinhar que a sociedade entende que o ser humano vem conseguindo maior longevidade, não só porque a medicina através das pesquisas que vem realizando, avançou expressivamente alavancando qualidade e proporcionando maior tempo de vida para o ser humano, mas sobretudo, porque proporcionalmente o número de filhos por mulher, tem se revelado significativamente menor.

Visto desse modo, entende-se que esta mesma sociedade encara a velhice dentro da perspectiva social e pessoal. No que diz respeito ao campo pessoal, fatores de relevância, como também, de expressivo valor econômico como pensões, assistência médico-sanitária, condições de habitação e centros de convivência são de fato, situações preocupantes. Já na esfera social, tem-se debatido muito a questão da classe produtiva, residindo justamente nesse ponto, cada vez mais acentuadamente o assegurar da subsistência dos aposentados.

Por outro lado, entende-se que existem sob outros ângulos, situações favoráveis em relação à velhice como por exemplo a pessoa idosa evolui para uma sociedade menos violenta e agressiva, menos competitiva e mais agradável. Durante todo o processo, as manifestações da velhice são notadas nos planos biológico, psicológico, social e cultural. Naturalmente que as alterações de ordem morfofisiológicas são expostas e portanto, possíveis de serem percebidas não havendo modos definitivamente eficientes – pelo menos por enquanto – que escondam as marcas do tempo. Este pensamento, pode ser corroborado no entendimento dos estudos de Cabrillo e Cachofeiro (1990), chamando a atenção ao que concerne as modificações / transformações no ser humano em razão da degeneração natural relacionada com a idade da pessoa.

Nesse sentido é possível de se observar que por volta dos 30 anos de idade, a pele começa a perder sua juventude surgem as primeiras rugas e verifica-se o aumento da gordura. De igual modo, normalmente chega-se aos 30 anos de idade com algum dente a menos e talvez, alguns quilos a mais.

Aos 40 anos de idade percebe-se algum declínio da força, o metabolismo é mais lento, o coração bombeia menos sangue e a respiração é mais superficial.

Aos 50 anos de idade, o colesterol e a pressão alta podem causar sérios problemas, falta de memória e reflexo, tem-se menos imaginação e capacidade de adaptação a novas situações. Óculos para perto é importante e necessário. A vida sexual decai e os homens perdem muito cabelo.

Aos 60 anos de idade os músculos se atrofiam e os discos intervertebrais acentuam a curva da coluna vertebral. Os ossos perdem cálcio e tornam-se frágeis. A pele é enrugada e flácida; os lóbulos das orelhas e a ponta do nariz alargam.

Entre 45 e 85 anos de idade pode ocorrer a diminuição do perímetro torácico, aproximadamente 10 cm. no homem e 15 cm. na mulher. A voz muda pela falta de elasticidade das cordas vocais.

A partir dos 70 anos de idade, perde-se peso em consequência da perda de tecidos. Os rins já não são mais eficientes comparativamente à juventude. A capacidade da bexiga está reduzida e podem surgir artrose, Parkinson, cataratas e problemas de ordem circulatória.

Há também queixas de transtorno do sono, a pele apresenta machas típicas e quando necessário, adota-se dentaduras postiças. Pode constatar-se transtornos psicológicos (senilidade) que tratados são perfeitamente corrigidos.

Ver e ouvir melhor são soluções com a adoção de óculos e aparelhos auditivos. Pode ser percebido quadro de hipocondria para chamar a atenção;

O cérebro também envelhece, entretanto, as perdas dos neurônios podem estar compensadas até certo ponto, já que ao nascer, 10 milhões deles, muito mais do que necessitamos ou do que somos capazes de usar antes de morrer, estão a disposição do ser humano.

Entretanto, é interessante destacar que boa parte dos males ancorados à idade tanto física como mental, deve-se à inatividade. A partir dos 30 anos de idade o organismo perde 1% do seu rendimento por ano. O ser humano envelhece a princípio, em razão de situações específicas dentre as quais destacam-se: as disfunções do sistema imunológico, os mecanismos de

envelhecimento celular, as alterações do sistema endócrino e as heranças genéticas. Entretanto, muitas teorias já foram formuladas buscando explicar o processo do envelhecimento. Assim, objetivando incluir no bojo das discussões deste, apresenta-se um resumo das principais teorias a respeito do envelhecimento humano com o propósito de enriquecer um pouco mais o tema como também, buscar entender um pouco mais a respeito deste fenômeno que não deixa de ser intrigante.

QUADRO II – RESUMO DAS TEORIAS SOBRE O ENVELHECIMENTO

TEORIA	PRESSUPOSTO
Teoria Evolucionista	O envelhecimento é um processo natural que se encerra com a morte, sendo considerado um produto da evolução da espécie.
Teoria do gene Egoísta (Medawar) – Sociobiologia	A única missão dos corpos dos seres humanos é a reprodução dos genes. Após cumprida a missão, haveria o desinteresse dos genes e por extensão, o surgimento de doenças e do envelhecimento em si.
Teoria de Leo Szilard	Acredita-se nos efeitos acumulados dos raios cósmicos que atacam as células desencadeando desse modo o envelhecimento do ser humano.
Teoria do Desgaste Pelo Uso	O corpo humano se deteriora semelhante a uma máquina. A existência em si, acaba por aniquilá-lo. Quanto mais intensamente vivemos, mais utilizamos nossos mecanismos e assim, mais expostos às avarias.
Teoria do Envelhecimento Programado	Acreditava-se que até os 60 anos de idade, a maior parte das células do corpo humano, seriam potencialmente imortais.
Teoria dos Radicais Livres	Trata-se da ingesta sistemática de complexos vitamínicos, muito especialmente a vitamina E, tendo como resultado a manutenção celular viva e ativa.
	Parte-se do princípio de que, a

Teoria das Alterações do Sistema Endócrino	regulação do sistema hormonal através do estudo profundo do timo pode configurar resultados bem expressivos para a manutenção jovial.
--	---

Fonte: Adaptação Antonelli (2004)

Percebe-se nas inferências de ordem biológica e fisiológica que o processo de envelhecimento é pautado numa visão que pode ser entendida como sendo sinônimo de degradação do ser humano.

Entretanto, é importante destacar outras situações que talvez, possam apresentar um novo olhar a respeito do envelhecimento humano. Assim, o envelhecimento útil e feliz não pode ser apenas um sonho quimérico. É bem provável que seja uma tarefa da própria sociedade redefinir o significado da velhice, como também, é bem possível que caberá a cada idoso, o compromisso de buscar sentido e formas de melhoria da vida em si.

4.1.2 – Velho – Sociedade e Renovação

Lançando um olhar um pouco mais atencioso que objetiva procurar a localização da pessoa idosa na atualidade, a impressão que fica é que o velho ficou destituído de valores. Entretanto, verifica-se também uma certa ambigüidade nesta relação com o idoso. A pessoa idosa é desvalorizada pela sua decadência física e ao mesmo tempo, re-valorizada pela sua sabedoria. Nesse sentido, fica sempre um certo desconforto na medida que, de modo geral, somente a sabedoria do idoso que é sempre mais destacada na expressiva maioria dos registros acerca da velhice. Entretanto, acredita-se que é provável a existência de outros valores que, de igual modo, podem ser evidenciados na pessoa idosa.

Nesse sentido, entende-se ser de fundamental importância re-definir e re-configurar o papel do idoso na sociedade atual. Na verdade ele percebeu o progresso e por circunstâncias diversas não acompanhou as exigências do mundo novo e ainda, porque foram raras as vezes que as oportunidades lhe foram oferecidas. Talvez continue a faltar-lhe o essencial; justamente as

oportunidades. A experiência de vida diante das mudanças dos valores morais, sociais, culturais e econômicos acaba configurando o que se conhece como choque entre as gerações.

No entanto, a inversão dos valores que são concebidos pelos idosos, de fato é bastante expressiva porque a rigor, nenhum dos valores tradicionais ficou intacto nos últimos vinte anos, sendo que a mesma situação também acontece com usos e costumes. Somando nesse quadro, surge ainda a moda que diminui ainda mais a importância do ser humano frente ao processo de envelhecimento principalmente porque se vive o tempo do culto ao corpo.

Assim, cada vez mais, psicologicamente a velhice é negada, rejeitada e mascarada. Com um pouco mais de atenção pode-se perceber que até a palavra 'velhice' foi convertida numa espécie de tabu ao ser substituída por vários termos. Paralelamente a tal contexto, há estudos indicando que a longevidade mesmo sendo considerada uma vitória das áreas da saúde, é um contraponto quando analisada na esfera econômica em virtude dos significativos aumentos monetários, cujo fim, é incerto. Esse raciocínio, parece mesmo ser próprio de uma sociedade onde, a pessoa é valorizada na proporção da sua capacidade de produzir bens. Quando os resultados são menores que o esperado e/ou previsto, percebe-se algo muito parecido com o que acontece com os produtos descartáveis, isto é, são interessantes até o momento que servem aos propósitos a que foram concebidos e são assim jogados no lixo. Ainda, aproveitando tal analogia, pode-se dizer que alguns produtos descartáveis continuam sendo válidos porque são reciclados voltam a servir aos propósitos a que foram concebidos. Já com a pessoa idosa, nem a sua riquíssima experiência de vida pode se dizer que é valorizada. Simplesmente existirá um dia que ela será aposentada e não terá mais as obrigações laborais que sempre teve ao longo de toda a sua existência.

De sorte que o modelo de aposentadoria tal como é concebido, indubitavelmente pode ser considerado como impróprio e injusto. Na atualidade o trabalhador que se vê às proximidades da sua aposentadoria, apresenta uma atitude ambivalente. Por um lado é atraído pelo fato de não ter mais as rotinas referentes aos compromissos do trabalho, e por outro, continua a acordar no

mesmo horário, não sabe mais ocupar seu tempo e energia e seus ganhos apresentam-se bastante reduzidos. Sente-se inseguro nesta etapa da vida. Raciocina com a certeza de que o melhor da vida já passou e que caiu em decadência, e, até onde se sabe, não há nenhuma proposta otimista que o faça encarar a situação de outro modo.

Não é então por acaso que as informações percebidas em jornais e na imprensa falada e televisada, alertando que em boa parte do mundo geralmente as pessoas idosas encontram-se inseridas no contexto sócio-econômico dos grupos mais pobres da população, sendo que, as mulheres sofrem mais intensamente tal processo.

Incluso nesse processo da aposentadoria e da idade, entende-se no contexto social contemporâneo que há a precocidade nas reformas, o que de certo modo, contribui com o aparecimento da exploração à população idosa, mediante a oferta – amplamente difundida em forma de propaganda –, de serviços como: hotéis, bingos, produtos farmacológicos que garantem o rejuvenescimento pessoal.

Então, pode-se mesmo, ainda que tal raciocínio não seja totalmente seguro, afirmar que exista uma abordagem incorreta sobre a velhice. Parece estar claro que uma pessoa idosa não é inútil e tampouco suas qualidades e defeitos devem ser camuflados. Assim, a principal questão de fato pode estar condicionada no redimensionamento da integração social do idoso a começar pelo resgate dos seus valores, suas potencialidades, suas habilidades, entre outras situações também não menos importante.

Parece ser lógico afirmar que o envelhecimento do organismo não é e nem poderá ser um sinônimo de incapacidade, sendo este pensamento consubstanciado pelas afirmações de Cabrillo e Cachofeiro (1990, p. 109:115), de cuja leitura e entendimento, foi possível apresentar um resumo em forma de quadro, onde, encontram-se evidenciadas algumas pessoas que são conhecidas mundialmente pelos seus feitos com idade bem avançada.

No quadro elaborado, é possível verificar que as pessoas são destacadas em várias áreas do conhecimento, não havendo maior ou menor relação com esta ou aquela aptidão, o que de certo modo, pode servir como

referência indicando que o ser humano vivendo a fase do processo de envelhecimento, e por isso mesmo experimentando os limites impostos pelos desgastes naturais próprios da passagem do tempo, conseguiram ser partícipes efetivos e ativos de suas sociedades contribuindo significativamente para a construção de um tempo novo.

QUADRO III – DESTAQUES NA VELHICE

NOME	DISTINÇÃO	IDADE
Freidrich Von Hayek	Nobel da Economia	75 anos
Luigi Einaudi	Pres. Rep. Italiana	74 anos
Winston Chuchill	Chefe Britânico	77 anos
Golda Meier	Criação Est. De Israel	71 anos
Ronald Reagan	Pres. E.U.A	70 anos
Bertrand Russel	Nobel da Literatura	72 anos
Miguel de Cervantes	2ª Parte da Obra	68 anos
Tolstoi	Escreveu Ressureição	77 anos
Thomas Mann	A Confissão de F.Krull	80 anos
Agatha Christie	Trab. Literário	85 anos
Giuseppi Verdi	M. Clássica Falstaff	74 anos
Miguel Ângelo	Pint. B. São Pedro	71 anos
Pablo Picasso	Produziu Pintura	92 anos
Dr. Galo Leoz	Oftalmologia	110 anos

Fonte: Cabrillo e Cachoeiro / Adaptação – Antonelli (2004)

4.1.2.1 – A Nova Proposta: o redimensionar da velhice para a sociedade contemporânea.

Os esforços envidados mormente pelas ciências da área da medicina, configuraram uma ampliação espetacular da longevidade do ser humano. Há ainda para ser considerado que as pesquisas continuam e mesmo parecendo ficção, já se ventilou que a vida humana pode ainda alcançar aumento de tempo verdadeiramente fantástico. Entretanto, não deixa de ser um erro e/ou equívoco, pensar que o tempo de vida aumentado consiste apenas no prolongamento do período final que é a velhice.

Não parece que o objetivo da ciência seja outro senão o de aumentar o número de anos de vida ativa e encurtar período da velhice. Com isso trabalha-se também no sentido de que as pessoas conservem autonomia, bem como suas faculdades mentais durante o maior número de anos possível.

Diante disso, o significado que se pode perceber é que um aumento da longevidade supõe uma dilatação de todas as etapas da vida anteriores à velhice.

Na leitura um pouco mais crítica, tem-se a impressão que a distribuição do tempo em vida do ser humano está equivocada. Toda a atividade laboral, familiar, social, sentimental e cultural concentra-se nos primeiros 40 / 45 anos de vida. É justamente nesse tempo que se trabalha muito mais do que o necessário. Depois, outros mais trabalharam em excesso no lugar daqueles que já passaram por este período etário. Entende-se que o mais lógico seria repartir as atividades de trabalho. Com isso, se tornaria menos angustiante e provavelmente, com maiores e melhores níveis de produção, já que este é um fator preponderante numa sociedade ocidental, ou, submetida aos cânones do ocidente. Assim, parece importante refletir no sentido de admitir a importância da tentativa, de que as pessoas idosas pudessem a continuar no mercado de trabalho, principalmente, se fosse esse o desejo das mesmas.

Depreende-se que, uma sociedade com grande número de idosos não pode ser uma sociedade de desocupados na qual, pouca gente trabalha.

Concordando ainda com Cabrillo e Cachofeiro (1990), não se pode deixar de raciocinar que, de fato, é um equívoco contrapor nesta sociedade as pessoas idosas, onde o predomínio é dos jovens e da jovialidade. A idéia de que cabe ao idoso ficar em casa sem fazer nada a não ser, esperando a morte, deve mesmo no futuro bem próximo desaparecer.

Atualmente, boa parte da população idosa já se insere no mundo do consumo e é bem provável que, a etapa seguinte seja a da sua re-integração no mundo da produtividade. Entretanto, como tal perspectiva ainda não se consumou estando no campo das propostas de futuro, é importante buscar entender um pouco mais os propósitos da modernidade. Por isso, à luz das idéias de Giddens (1994/1995) deseja-se enfocar os novos espaços contemplados na sociedade moderna e, nesse universo procurar situar a pessoa idosa.

4.1.2.2 – Os signos da modernidade.

As mudanças que podem ser observadas nos últimos três ou quatro séculos, produzem impactos e por vezes, configuram-se de forma dramática, como é o caso das situações da exclusão social.

De acordo com Giddens (1995), o final do século XX, principalmente nos seus últimos anos, pode ser considerado um fenômeno que apresenta dois momentos:

- O desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua expansão, acabaram criando oportunidade muito maior para que o ser humano possa usufruir, de uma existência segura e compensadora do que qualquer tipo de sistema pré-moderno;
- O lado instável, no conjunto das oportunidades da modernidade foi fortemente salientado pelos fundadores clássicos da sociologia: MARX, DURKHEIM e WEBER sendo a partir daí, ser possível distinguir três importantes situações: 1. MARX / DURKHEIM, viam a era moderna agitada, entretanto cada um deles acreditava que as

possibilidades benéficas suplantariam as negativas; 2. WEBER mostrava mais pessimista dentre os três. Considerava o mundo moderno um paradoxo, onde o progresso seria uma exigência à custa do esmagamento da criatividade e da autonomia; 3. Percebeu-se que o trabalho industrial moderno, tinha enfim, conseqüências degradantes ao submeter o ser humano à disciplina de um ritmo de trabalho monótono e sobretudo, repetitivo.

Seguindo, essa linha de raciocínio, concebe-se a ordem social emergente da modernidade sob a tutela do capitalismo onde; o conceito de sociedade deixa transparecer alguma ambigüidade na medida que se refere simultaneamente, ao relacionamento social no sentido genérico, e, a um sistema particular de relações sociais.

Não se trata de refletir sobre possíveis conceitos de sociologia, mas também é perfeitamente aceito o fato de que, a sociologia como geradora do pensamento sobre a vida social moderna, tem entendido de modos divergentes a esse respeito, como se verifica nos pontos a seguir em consonância com Giddens (1994):

1. Perspectiva de que a sociologia fornece informações sobre a vida social, oportunizando uma espécie de controle sobre as instituições sociais, semelhante ao que as ciências físicas fornecem ao reino da natureza;
2. Entretanto, é bem provável que pontos de vista diferentes possam ser considerados para fazer história. Porém, as descobertas sociais, não podem ser pura e simplesmente aplicadas a um objeto inerte, deve sim, ser filtrada pelos agentes sociais e desse modo, possibilitando a auto-interpretação dos fatos;
3. A relação social: sociologia – objeto – ações das pessoas; condicionada à modernidade, deve ser entendido em termos de uma duplicidade no que tange à hermenêutica.

De sorte pode-se entender o dinamismo da modernidade como o resultado da separação do tempo e do espaço, por extensão, da descontextualização dos sistemas sociais.

Como também, é antes, uma atitude de segurança e credibilidade. Nesse sentido, pode-se depreender que esta dimensão justifica-se em situações bem particularizadas com o objetivo de proporcionar maior compreensão de tais fatos, e, de certa forma também ancorar estas condições ao processo de envelhecimento do ser humano por entender que a pessoa idosa, como componente e integrante da sociedade encontra-se de fato inserida nesse universo.

Por isso a pessoa idosa ao se defrontar com o mecanismo de liberdade tão importante para ela, não raras às vezes, debate-se em razão da mais expressiva falta de informações que deveria de ter para então, buscar o que verdadeiramente aspira, como por exemplo, garantia, credibilidade, minimização de riscos e confiança.

De outro modo, é inegável que tudo sofre alterações e/ou transformações, aliás, o próprio processo de envelhecimento do ser humano, parece poder servir de prova incontestável das alterações / transformações sofridas ao longo do tempo.

Diante dessa situação, parece ser inegável que o signo da modernidade é marcado pelas mudanças profundas na sociedade e evidentemente, frente às exigências para encaminhamento das reformulações previstas sente-se impactos que acabam determinando as desigualdades entre as classes sociais.

Acredita-se que para uma reformulação social, deva ser considerada a ligação entre tempo e espaço buscando, segundo Giddens (1995, p. 30) a reflexividade na sociedade baseando-se principalmente:

“Nas culturas tradicionais, o passado é respeitado e os símbolos são valorizados porque contém e perpetuam a experiência das gerações. A tradição é um modo de integrar o controle reflexivo da ação na organização espaço temporal da comunidade. É um meio de lidar com o tempo e o espaço que insere cada atividade ou experiência particulares na continuidade de passado, presente e futuro, sendo estes, por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes. A tradição não é totalmente estática, porque tem de ser inventada por cada nova geração à medida que esta é a herança cultural daqueles que a precederam.”

Mas, não se pode dissociar o homem como pessoa-sujeito. De acordo com o pensamento de Schmitz (1984, p. 64:65) ressalta-se:

“(...) o homem não pode ser tomado sob os seus diversos aspectos isoladamente, mas é necessário considerá-lo como uma unidade, uma totalidade. Não apenas um indivíduo, um ser pertencente a determinada espécie, mas é, e deve tornar-se cada vez mais, uma pessoa, alguém consciente de si mesmo, da sua realidade, das suas potencialidades e carências, e também da possibilidade de se tornar mais e melhor.”

É precisamente a característica pessoal que torna o ser humano distinto, inconfundível e único no universo, e ao mesmo tempo, essa característica individual denotando-o como ‘indivíduo’ identificando-o com os demais seres humanos e habilitando-o a viver e conviver em sociedade, na medida que, comunga com objetivos comuns e finalidades básicas no contexto social em si.

Por outro lado, além de fazer parte da mesma espécie, e, ao mesmo tempo, lhe assegurar a individualidade através das características orgânicas, materiais e espirituais o homem se torna pessoa pelo fato de ter o domínio e reflexão sobre a sua própria existência, ou seja, possui não só a capacidade de viver a sua vida, mas também de conhecer a si mesmo reflexivamente.

Assim, na medida que se conhece atuando sobre si mesmo, pode tornar-se diferente, assumir a sua individualidade e por extensão, definir-se como uma pessoa. Porém, não só o fato de ser diferente dos demais que referenda a constituição de pessoa, e sim, a sua racionalidade, liberdade, vontade e decisão sobre si mesmo e sobre sua vida.

Assim sendo, entende-se que a reflexividade da vida social atual pode ser revista a partir do fato das práticas sociais estarem sendo constantemente examinadas e por extensão, reformadas e/ou reformuladas à luz da informação adquirida sobre essas mesmas práticas, até porque, supõe-se que as vivências anteriores devam servir com aprendizado, alterando desse modo constitutivamente o seu caráter.

Esse raciocínio é também destacado por Giongo (1993, p.176) quando informa de modo preciso:

“Se a finalidade primeira do ser reflexivo não é a preocupação pelo seu suprimento, mas conseguir operar e dar resultados máximos da sua capacidade reflexiva – quando acordaremos para isso? –, podemos entender quão importante, para que se atinja o objetivo, é o correto planejamento demográfico e uma justa distribuição dos recursos disponíveis! E Isso é, antes

de tudo, uma questão de sobrevivência, e possibilidade do ser atender a sua finalidade, mais do que simples vontade humana.”

Entende-se desse modo que a organização social não poderá prescindir de um redimensionamento de tudo o que está sob a influência do homem, e, nesse universo contempla-se a população idosa, até mesmo porque, de acordo com Severo (1999) um dos fenômenos sociais que paulatinamente vem demarcando seu espaço é efetivamente o aumento acelerado da população idosa, fato que ocorre praticamente em todo o mundo.

A autora em tela (1999, p. 107) reforça:

“Na Idade Contemporânea, a velhice parece viver um eterno conflito ora sendo exaltada como na visão platônica (na qual a velhice é alma, espírito, saber, ordem) ora sendo degradada como na visão aristotélica (na qual a velhice é corpo, fraqueza, ressentimento, decadência).”

O fato é que o número crescente de pessoas que atingem idades mais avançadas, traz como consequência maior número de anos que devem ser cobertos pela aposentadoria, caracterizando-se em novos ‘problemas’ para a sociedade em si. Além disso o bem estar geral das pessoas idosas, depende das oportunidades, das atividades, do tempo de lazer e de labor produtivo, o que a rigor, pode-se afirmar que está ainda longe de ser oferecido pela sociedade contemporânea.

É ainda possível depreender que as práticas da sociedade atual – até onde é possível de ser percebido – parece mesmo que não atendem para questões importantes como a valorização das experiências anteriores.

Tem-se a impressão de que o passado simplesmente é jogado fora, desconsiderado integralmente.

Dessa forma, no caso das comunidades e grupos sociais dos idosos, realmente reveste-se de singular importância a análise do idoso de acordo com a visão do próprio idoso. Além disso, o pensamento das instituições sociais com relação ao processo do envelhecimento, deverá fornecer subsídios expressivamente interessantes quando comparados para a análise dessa condição podendo ser possível antever a abertura de um novo foco de discussão e reflexão desta que é considerada, a última fase da vida do ser

humano. Assim sendo, é bem provável que na sociedade contemporânea predomine o capitalismo / industrialização.

No capitalismo a produção de mercadorias, mediante o estabelecimento do capital x trabalho assalariado (destituídos de propriedades), configura-se basicamente pela dependência da concorrência dos mercados e da constituição dos preços para investidores, produtores e consumidores.

No processo da industrialização, verifica-se a utilização de fontes inanimadas de energia para a produção. Assim, a organização social regularizada da produção coordenada as atividades humanas, as máquinas.

Porém, mesmo não sendo restrito aplica-se a cenários de alta tecnologia, afetando o local de trabalho, transporte, comunicação e a vida doméstica.

Nesse sentido, é bastante incôfortável observar que o processo de globalização parece ser um paradoxo porque, globaliza só a riqueza e os lucros dela oriundos e ainda, encontra-se na contra-mão do termo uma vez que, global tem o significado da maioria portanto. Depreende-se de que a globalização deveria estender os seus benefícios para a maioria da sociedade, talvez isso pudesse significar a minimização das desigualdades.

Entretanto o que se constata é a riqueza sendo a seu modo partilha cada vez mais com um número menor de pares sociais e dessa maneira, o estabelecimento das desigualdades e da pobreza é obviamente maior. Ao reconhecer a intensificação da globalização na sociedade contemporânea em relação às relações sociais na escala mundial, julgou-se interessante elaborar um quadro que contemplasse as dimensões e postulados, possivelmente, concebidas nesses níveis.

QUADRO IV – DIMENSÕES SOCIAIS

DIMENSÃO	POSTULADO
1 – Produção Industrial.	Geração de riqueza sobre a qual se baseiam os rendimentos fiscais.
2 – Sistema do Estado.	A Nação participa nessa reflexividade característica da modernidade. A própria

	soberania deveria ser entendida como algo controlado reflexivamente.
3 – Ordem Militar Mundial.	Relações entre a industrialização da guerra / fluxo de armamentos e técnicas de organização militar. Não se limita a difusão de armamentos; diz respeito à própria guerra.
4 – Desenvolvimento Industrial.	Expansão da divisão do trabalho global; diferenciações entre as regiões mais ou menos industrializadas no mundo. A divisão do trabalho não só a nível profissional, mas da especialização regional: tipo de indústria / qualificações e produção da matéria prima.

Fonte: Giddens 1995 / Adaptação ANTONELLI (2004)

Percebe-se que os compromissos presenciais tendem a ser fortemente dependentes daquilo que se pode chamar ‘a conduta dos representantes ou operadores do sistema’. De outro modo também fica subentendido que é necessário renovar o sentimento de confiança, de credibilidade dos indivíduos e do conhecimento das competências evidenciando, a compreensão do estudo de Giddens (1995) a partir da concepção circunstâncias julgadas relevantes:

- ❑ Confiança para o distanciamento espaço-temporal;
- ❑ Confiança nos sistemas – compromissos não presenciais – fé no funcionamento dos saberes;
- ❑ Confiança nas pessoas – compromissos presenciais – indicadores da integridade dos outros;
- ❑ Re/contextualização;
- ❑ A não atenção pública, fundamental das relações de confiança nos cenários amplos e anônimos da modernidade; e
- ❑ Os pontos de acesso, ligação entre agentes comuns ou coletivos.

Além disso, é possível agregar ao tal raciocínio focando as situações que dizem respeito à natureza instável da vida social em relação ao mundo físico acrescentando: fonte adicional de segurança e prevalência da violência humana.

Com referência às influências religiosas, entendidas também como uma fuga das atribulações da vida quotidiana, caracterizando desse modo, uma

fonte de ansiedade e apreensão espiritual, julga-se importante registrar uma vez mais o pensamento o autor em tela (1995, p. 102) que reforça:

“À medida que o mundo vai tomando uma aparência cada vez mais ameaçadora, a vida torna-se numa busca incessante de saúde e bem-estar através de exercícios físicos, dietas, medicamentos e regimes espirituais de vários tipos, auto-ajuda psíquica e psiquiatria. Para aqueles que perderam o interesse no mundo exterior, exceto na medida em que este continua a ser uma fonte de gratificação e frustração, o estado da sua própria saúde torna-se uma preocupação exclusiva.”

Por último, entende-se que o ser humano nesse contexto apresenta, reações encaminhadas no sentido da adaptação, concentradas basicamente em quatro contornos – subentendidos na leitura ainda de Giddens –, sendo ao que é possível de se perceber, que tais ações tomam corpo na medida em que o tempo passa, e portanto, no reconhecimento do maior ou menor grau de amadurecimento pessoal, a partir das seguintes condições:

- Aceitação pragmática – concentração pela sobrevivência;
- Otimismo persistente – manutenção das atitudes de iluminismo; fé continuada na razão providencial, independente dos perigos que ameacem a atualidade. Há nessa linha certos tipos de ideais religiosos;
- Pessimismo cínico – envelhecimento com as ansiedades provocadas pelos perigos de elevada conseqüência.
- Ativismo radical – contestação prática às fontes de perigo identificadas. Ainda que cercado de problemas podemos e devemos mobilizar-nos quer para reduzir o seu impacto, para supera-los. O Veículo principal dessa ação são os movimentos sociais: Movimentos operários / Movimentos pacifistas / Movimentos democráticos e Movimentos ecológicos (contra-cultural).

4.1.3 – O Homem: Da Concepção até a Introdução ao Ponto da Morte.

Segundo Moura (1993) a vida pré-natal corresponde à fase que vai do momento da fecundação até o parto, durando cerca de nove meses na espécie humana. Tal período pode ser dividido em três momentos: germinativo, embrionário e fetal. Nessa dimensão, pretende-se resumidamente relatar a mais incrível arquitetura da suprema criação: o ser humano.

A fase germinativa dura aproximadamente uma semana tendo início na tuba uterina com o processo da fecundação que se caracteriza pela união das células reprodutivas – espermatozóide e óvulo – formando uma nova célula denominada de zigoto. Na constituição desta nova formação, provavelmente já se encontram definidas as heranças genéticas de um novo ser humano.

Passadas vinte e quatro, sendo possível se estender até trinta e seis horas após a configuração do zigoto, constata-se a primeira divisão celular sendo deste momento em diante observado uma seqüência de divisões, dando origem a novos agrupamentos celulares até a formação de uma minúscula bola contendo líquido no seu interior, que chega ao útero para implantar-se pelo período dos próximos dez dias.

A fase embrionária acontece da segunda à oitava semana de gestação e se caracteriza pela formação dos principais órgãos do corpo humano. O embrião encontra-se protegido e flutua numa bolsa cheia de líquido que aumenta gradativamente na medida em que o tempo passa. Começa então a formação do cordão umbilical e da placenta que são estruturas que garantem a passagem de nutrientes da mãe para o embrião, como também, permite a eliminação de resíduos oriundos do metabolismo embrionário. Ao final da oitava semana, a maioria dos órgãos já está formada, entretanto, o sistema nervoso ainda é rudimentar e continuará lentamente o seu processo de formação.

Finalmente o período fetal tem início na nona semana de gestação. Agora o embrião já tem as primeiras células ósseas e passa a ser chamado de feto. Aos poucos surge uma variedade de movimentos como: abrir a boca – engolir – fazer sucção – contrair as pálpebras – mover a cabeça, braços e

pernas; e, à medida que os meses passam sua atividade é cada vez maior. Esta fase culmina com o nascimento.

A partir do nascimento o ser humano continua a crescer e desenvolver-se, e então é possível observar o aumento das dimensões corporais, bem como perceber o amadurecimento dos órgãos resultando no aprimoramento das funções reveladas pelas aquisições das mais diversas capacidades como falar, escrever, reproduzir-se, entre outras. O fato é que se verifica a evolução da vida humana que é permeada através de ciclos iniciados justamente na concepção e continuando em uma linha de desenvolvimento bio-psico-anátomo-fisiológico, passando por fases distintas até chegar ao processo de envelhecimento, fechando o ciclo vital irremediavelmente sustado com a morte.

Para que seja possível situar-se melhor em relação às fases da vida humana, deseja-se explicitar o que Pikunas (1981, p. 92:96) registra com referência a esta questão estabelecendo:

- ❑ Concepção;
- ❑ Fase pré-natal;
- ❑ Primeira infância;
- ❑ Segunda infância;
- ❑ Adolescência;
- ❑ Vida adulta → inicial / intermediária e final;
- ❑ Idade Avançada; e,
- ❑ Morte.

Partindo desta revisão passa-se a considerar, buscando situar a cronologia que enfoca o tema deste estudo – ainda que se reconheçam as dificuldades em precisar com certa precisão as idades correspondentes a cada faixa etária – o que Mosquera (1987, p. 82) caracteriza como fases da vida humana, ou seja, adulto jovem entre 25 a 40 anos de idade – adulto médio entre 40 e 65 anos de idade, e, adulto velho dos 65 anos de idade até a morte.

Assim, de acordo com Rochefort (1993), o decorrer do processo de desenvolvimento no adulto jovem atinge sua meta final à medida em que, a pessoa adquire identidade própria, capacidade de sustentar-se e escolher um(a) companheiro(a) com o propósito de formar a sua família.

Entretanto, a plenitude da maturidade e status adulto são adquiridos com a consolidação da estrutura e desenvolvimento da identidade, bem como, da auto-realização muito especialmente no que tange ao desempenho dos papéis de ordem ocupacional e conjugal, sendo esta etapa é bastante particularizada, distinta e paulatina.

Parece importante destacar que a pré-estabelecida idade adulta jovem não apresenta nenhuma mudança física mais significativa, porém, determina os valores sociais que são variáveis entre as sociedades e grupos. E ainda, interessante evidenciar que provavelmente reside nas escolhas vocacional e conjugal, as decisões de maior relevância, até porque através da vocação e do relacionamento afetivo as pessoas podem, encontrar tarefas que lhes possibilitam envolvimento e responsabilidade maior, como também permitem a aquisição de papéis que se ajustam e são ajustados, auxiliando no encaminhamento para a definição aproximada das suas identidades.

Nesse universo é possível compreender que a faixa etária entre 40 e 60 anos de idade cognominada de adulto médio, encaminhe-se para a continuidade de desenvolvimento e conquistas pessoal nos vários campos de atividade até encontrar um ponto de estabilização e equilíbrio, alcançando o período previsto da aposentadoria, que se encontra situado justamente a partir dos 65 anos de idade.

Porém, há um ponto comum em todas as fases e/ou período da vida do ser humano que na verdade, começa na concepção da vida humana que é o tempo, e muito embora esteja revestido pela túnica do enigma, certamente configura-se como fator predominante e indissociável na existência de todos e de tudo.

4.1.3.1 – A inexorabilidade do tempo

O significado de existir na dimensão da realidade humana, deve ser entendido como temporalizar-se, ou seja, no presente focamos o futuro através de situações que ultrapassam o passado. Tal comparação pode de certo modo, estar ancorada na afirmação de Beauvoir (1990, p. 445) quando explicita:

“A idade modifica nossa relação com o tempo; ao longo dos anos, nosso futuro encolhe, enquanto nosso passado vai-se tornando pesado. Pode-se definir o velho com um indivíduo que tem uma longa vida por trás de si, e diante de si uma expectativa de sobrevida muito limitada.”

De acordo com o pensamento de Hall (1996) o tempo pode ser tratado como uma linguagem expressa em várias instâncias, como por exemplo, como forma de ligação entre os seres humanos; como forma de isolamento mediante a edificação de uma parede oculta; também como princípio que rege e reorganiza qualquer atividade; como fator de integração no estabelecimento de ordenação das prioridades; como um mecanismo de controle sobre o curso dos acontecimentos permitindo avaliar a competência, êxito e por fim, como instaurador de um sistema de mensagem capaz de revelar a maneira pela qual, as pessoas se percebem.

O tempo não é descritivo linearmente. Agrega conceitos, fenômenos e ritmos. Ao considerar o tempo uma entidade única, é provável que se cometa o primeiro equívoco porque, pode-se dizer que o tempo difere tão intensamente que, em uma analogia também referenciada por Hall (1996, p.23) observa-se: “Ao nível de uma micro análise, pode-se afirmar que existem tantos tipos de tempo diferentes como de seres humanos nesse planeta.”

Parece mesmo que se for observado o que as pessoas fazem em relação ao que pensam sobre o tempo, há de se concluir participação em diferentes categorias de tempo – se é que se possa categorizá-lo – como por exemplo: ter fome – dormir – realizar atividades físicas – viajar – escrever, entre tantas outras.

Santo Agostinho, considerado um dos maiores pensadores sobre o tempo, como também, um dos precursores dos estudos acerca da sua consciência interna afirmava que a palavra ‘tempo’ é um termo vazio quando se busca apreender a sua essência. Quando indagado em relação à questão sobre o significado de tempo dizia: “se não me perguntarem julgo saber o que é tempo...mas se perguntarem, deixo de saber.”

Entretanto, ainda que se saiba das expressivas dificuldades que cerceiam a procura de uma definição de tempo, julga-se bastante interessante

o raciocínio que mais uma vez Santiago (1999, p. 32) desenvolve sobre a dimensão de tempo, afirmando que:

“O tempo, desde sempre é um foco de atenções para os homens. Com a antropologia, tentou compreendê-lo; com a astronomia, tentou desvendá-lo; com o lazer e com o trabalho, tentou aproveitá-lo; com os calendários tentou demarcá-lo; com os relógios, tentou transportá-lo; com as crenças, tentou transpô-lo; com a medicina e com as atividades físicas, tenta adiá-lo; mascarando a sua própria identidade e travestindo-se, tenta negá-lo. Vive-se implacavelmente no tempo e não se pode deixar de fazer parte dele. O tempo para o homem, não tem exterior. E ao tentar postergá-lo, tenta escapar à sua própria inexorabilidade, na ilusão de escapar à morte.”

O fato é que o tempo determina a finitude do ser humano através da morte que a rigor, revela-se como a única certeza. Nessa linha de pensamento, concorda-se com Garcia (s/d) ao afirmar que a morte, é a única certeza após a certeza de estarmos vivos. Mas do nascimento tem-se a consciência e certeza a posteriori, enquanto que da morte se tem a certeza a priori.

De tal sorte que, podendo afirmar-se que a previsão da morte é definitivamente infalível.

Por extensão, a condição terminal de tudo e de todos, acaba por produzir distinções sobre o tempo no sentido físico, subjetivo, quantitativo através dos relógios e também sobre o tempo qualitativo associado às consciências.

Ao compactuar com o pensamento de Hall (1996), procurou-se elaborar uma caracterização dos tempos, entendendo que o mesmo pode ser dividido em nove partes assim identificadas:

- Tempo biológico → nesta perspectiva nenhuma forma de vida evoluiu ou pode evoluir de modo atemporal e sem ritmo. Há necessariamente sucessões de períodos e ritmos.
- Tempo individual → é mais subjetivo, peculiar a si mesmo e provavelmente, esteja em diferentes contextos, quadros, estados emocionais ou psicológicos.
- Tempo físico → estudado em função das necessidades físicas. Admite-se que é irreversível.

- Tempo metafísico → nenhuma teoria física do tempo o explica. Os dois tempos (metafísico e físico) constituem um par interessante, entretanto, nessa dimensão há relatos de distorção temporal.
- Microtempo → é recente e ainda pouco conhecido. Específico de uma cultura, inclui-se aí: monocromia e policromia, varia a função de acordo com culturas e regiões.
- Sincronia → é ainda mais recente, surgiu com as imagens sonoras. Evidencia o próprio ritmo.
- Tempo sagrado → é imaginário, envolvente e acredita-se que está no interior do próprio tempo. Não evolui porque é reversível e se repete. No tempo mítico não se envelhece.
- Tempo profano → se tornou o tempo físico. No ocidente indica os minutos, as horas, dias, meses, décadas e séculos. Entretanto, depende do sagrado, produz a impressão durável;
- Tempo cósmico → pertencente ao universo, ao cosmo afirmando-se a respeito da matéria espalhada pelo cosmo e de que se formam os astros.
- Metatempo → entidade abstrata constituída a partir dos diferentes fenômenos temporais. Compreende tudo que se disse ou se escreveu a partir do propósito do tempo.

Porém, diante das diferentes correntes do tempo – se é que seja possível de assim ser referido – o principal ponto pode-se afirmar que esteja intimamente ligado à cultura e o meio em que se vive.

Ainda que se aceitem as dificuldades para a assimilação da consciência do tempo, pelo uma condição parece estar clara, a qual seja, que a partir da inclusão das referências de percepção do tempo configuram-se distinções na vida do ser humano. Nesse sentido, as primeiras referências sobre o tempo, são percebidas através dos ritos mortuários dos homens de Neandertal, isto por volta 70000 e 35000 anos¹⁷, sendo que mais tarde o homem de maneira mais sistemática passa a observar e registrar fatos relacionados ao tempo,

¹⁷ Registro incorporado na leitura de Edward T. Haal, *A Dança da Vida – outra dimensão do tempo*, Lisboa. 1996, por julgar-se de significativa relevância, uma vez que são mesmo consistentes as indicações de que se trata das primeiras manifestações que abordam o tempo.

como por exemplo, as fases da lua, período de migração da caça, época da desova dos salmões.

Na continuidade dessas observações, possivelmente o homem também tenha verificado as posições do sol em diferentes períodos somando-se o fato da aquisição de capacidades no registro do amadurecimento dos frutos e ervas fato ainda que involuntário, certamente contribuiu para aumentar a sobrevivência do ser humano primitivo, oportunizando-lhe estabelecer novas relações de estratégias com vistas à subsistência.

Por isso, de qualquer modo, entende-se que todos os aspectos dos seres vivos – especialmente do ser humano – atrela-se a um determinado espaço de tempo.

Nesse sentido, não com o intuito de categorizar o tempo, mas sobretudo, evidenciar essa relação: idade x tempo, apresenta-se um quadro resumo pontuando a designação do tempo, o fato e os possíveis sinais, que de certo modo pode ser entendido como uma resposta em relação ao acontecimento.

QUADRO V – RELAÇÃO COM O TEMPO

DESIGNAÇÃO	FATO	SINAL / ACONTECIMENTO
TEMPO QUE NÃO PASSA	Ritmo corporal e relógio externo não revelam sincronia.	Aborrecimento – atenção ao estado psíquico.
COMPRESSÃO E EXTENSÃO DO TEMPO	O tempo parece comprimir-se e passa rapidamente.	Situações de urgência – perigo de morte.
CONCENTRAÇÃO DO EU E PERCEPÇÃO DO TEMPO	Execução de um trabalho e 'sentimento' do tempo passar.	Perda da noção de tempo – Concentração → apaga a consciência do tempo
IMAGENS E TEMPO	Criatividade / Arte / Projeção para o futuro	Tempo real e mental em sincronia.
IDADE E TEMPO	Influência da percepção da passagem do tempo – manifestação dinâmica do tempo	Passado – Presente e Futuro.

Fonte: Adaptação Antonelli (2005)

A verdade é que na relação idade x tempo, até onde se sabe baseando-se nas informações das pessoas a esse respeito, quanto mais de

envelhece tem-se a sensação de que mais depressa os anos passam, e quanto mais tenra é a idade, mais lenta parece ser a passagem do tempo.

Desse modo, a partir do entendimento de que o ritmo pode ser a própria essência da vida, parece ser interessante considerar os vários ritmos que estão ancorados ao comportamento do ser humano que analogamente pode ser relacionado com o tema da partitura de uma sinfonia, na medida que em tais ritmos atrelam-se às relações interpessoais entre a família, colegas e organizações diversas, estando aí implícitos os limites culturais.

São, por certo, muitas as concepções sobre tempo, bem como muitos também serão os questionamentos sobre ele. De acordo com Borges (2003, p. 343:344):

“O tempo é linear e entrecruzado numa rede de relações múltiplas e complexas. Há certamente presente, passado e futuro. Mas cada modo do tempo tem ele próprio tríplice modo. Isto é: o passado não pode entender-se pura e simplesmente como o ultrapassado e superado; ele próprio teve um passado, um presente e um futuro. Trata-se de um presente passado, com o seu próprio passado e também como o seu futuro. De modo semelhante, nosso presente enquanto presente actual tem em si o passado presente e o futuro presente.”

Estas formas de tempo são reconhecidas pela memória, pela atenção e pela expectativa que Santo Agostinho afirmava estarem impregnadas no nosso espírito. Através da memória, se reconhece no presente o passado; o presente actual é concebido pela atenção, e o futuro tem-se também no presente pela esperança.

Assim, é possível raciocinar que há mesmo vários tempos: tempo para amar, falar, calar, rir, chorar, nascer, morrer, entre outros. Porém, a preocupação revelada pelas pessoas no que concerne ao tempo em si – admitindo-o como um enigma – provavelmente encaminhe-se pelo fato dela mesma estar irremediavelmente ligada ao seu tempo, como se este fosse um cronômetro que cada vez mais se aproxima da sua hora derradeira, deixando pelo percurso as suas marcas designadas pela velhice e pela morte.

4.1.3.2 – A temporalidade da vida humana: a sua finitude.

No estudo sobre representações de vida¹⁸ que discute e compara o entendimento também de outros autores referenciando as idades das pessoas, é possível contemplar quatro formas de construção etária:

- Idade Cronológica → Tempo de vida a partir do nascimento, e/ou, número de anos vividos;
- Idade Biológica → Condição ou estado que o corpo se apresenta não estando relacionado com a idade cronológica;
- Idade Psicológica → Resultado das experiências pessoais e de relacionamento, de riqueza vivenciada e acumulada ao longo dos anos considerados os aspectos cognitivos, e;
- Idade Social → Determinada por regras e expectativas sociais.

Na verdade ao sofrer os efeitos da passagem do tempo, o ser humano envelhece, podendo-se então, diferenciar o envelhecimento da velhice, até porque velhice é o estado daquilo que é velho, por isso, é de fato um grande equívoco associar a morte com esta fase da vida humana. Para além disso, é possível verificar que, o envelhecimento é um evento biológico, enquanto que velhice, é um conceito elaborado pela sociedade.

Entende-se que cada fase da existência do homem reveste-se da distinção e da peculiaridade em si mesma, portanto, não pode ser considerada uma preparação para próxima, o que parece ser mesmo importante ancora-se na possibilidade de agregar conhecimentos e experiências de fase para fase.

Por isso, ao reconhecer a caracterização das fases em períodos, e/ou, etapas, também parece ser importante que os mesmos possam ser plenamente vividos em todas as suas dimensões.

Esta linha de pensamento pode autorizar então que ao se falar de pessoas idosas, estas não devam ser remetidas à designação de 'resto' porque a vida do ser humano é uma singularidade, uma unicidade.

¹⁸ Importantes discussões referenciadas em representações da vida enfocando um estudo realizado com adultos idosos, que aborda a percepção e envolvimento dos idosos, realizado em outubro de 2002 por Maria João Carvalho Cardoso.

O tempo em relação da existência do ser humano, pode então ser considerado um lapso / espaço entre o nascer e o morrer determinando a finitude humana como tal.

A morte ainda que se tenha conhecimento real e certeza plena da sua presença – paradoxalmente – na celebração da vida, é um enorme enigma porque não a conhecemos definitivamente. Assim, buscar materializar a morte resulta no fato de admitir que o corpo deixa de existir na sua concepção dinâmica e criativa próprio do ser e da vida.

De outro lado, ao remeter o pensamento sobre a morte, é possível vislumbrar pelo menos duas mortes: a minha e a do outro. No primeiro caso, deixa-se de existir e no segundo, vive-se a morte. Nesse particular, se pode de algum modo afirmar que, essa morte em parte conhece-se, porque, sentimos a perda em si – principalmente de quem amamos – e portanto, a ausência, sendo em parte reveladora ao ponto raciocinar que, em algum ponto do tempo presente ou futuro, eu também serei ausente.

Pode-se dizer que herança da morte constitui-se no vazio, da ruptura sensível e tangível, na inexistência na medida que se deixa de ser e estar e na total e plena imobilidade. Diante disso, torna-se possível buscar o entendimento que o ser humano expressa – ainda que saiba da sua terminalidade – procurando de algum modo, aumentar seu período de vida, bem como negar a morte.

Aliás, Cardoso (2004) afirma que a negação pela morte, pode ser verificada ao observar-se as fotografias que são colocadas sobre as sepulturas; quase sempre prevalecendo o retrato jovem. Há ainda que se considerar na continuidade deste raciocínio o distanciamento que o ser humano deixa transparecer pela morte, ou seja, cemitérios localizados longe dos centros e mortes em hospitais, longe da moradia do moribundo deixam mais claro que a morte é o momento da maior solidão, até porque, o próprio cadáver é uma presença de manifestação solitária.

Porém, entende-se que ao buscar a compreensão da morte, muito provavelmente também será possível compreender melhor a vida. Por mais

que possa parecer mórbido, mas, a morte é um dos poucos eventos que pode dignificar a magnitude da vida.

É certo que existem muitas formas que a sociedade pode encarar a morte e que, variam dentro e entre grupos. Nesse sentido, Cardoso (2004, p. 67) informa seis categorias possíveis para encarar a morte no contexto social:

1. ANGÚSTIA – Destitui-se da empatia. O tema morte é recorrente na angústia; também oriunda das imagens assustadoras com a aproximação da morte. Por outro lado, o total desconhecimento do seu processo é encarregado de transparecer o sentimento da angústia. Ainda, é bem provável que o sentimento de angústia esteja atrelado ao extrato da miséria, do vulnerável e da impotência humana frente às situações de desintegração.
2. TABU – A interrupção de um trajeto normal. Morrer é deixar de ter e de acumular. A procura da imortalidade, torna a morte um acontecimento estranho à própria vida. O fazer do evento morte, uma festa, revigora o tabu sobre ela.
3. MORTE COMO FIM – Tida como aniquilamento, término e conclusão de tudo o que se viveu. Ausência para além da morte. Crer no nada após a morte, tranqüiliza.
4. COMO CONSEQÜÊNCIA DA VIDA – uma passagem mesmo desconhecida que se deseja seja melhor. Uma transição. Não há extinção. A continuidade dos valores universais que nem a morte pode esgotar.
5. CONCEPÇÃO DA VELHICE – Paralelismo cultural entre velhice e morte. No ocidente significa uma longa e humilhante agonia.
6. CONCEPÇÃO DO SER / CONCEPÇÃO DE MORTE – Vida e morte são dicotômicas o que de fato importa não é a morte, tampouco o que se passa encontrar depois dela. O que importa é a forma como se vive a vida. Possibilidade de re-aprender o valor do tempo, das ações, das experiências e de todo o conjunto da vida.

Porém, uma outra leitura sobre este tema pode ser também discutida. Se por um lado o ser humano é verdadeiramente terminal e que, a morte concluiu o ciclo da sua vida, há de se referenciar que, de acordo com Sêneca ¹⁹ há um outro lado para ser refletido quando afirma:

“Não é que tenhamos um curto tempo de vida, mas que desperdiçamos muito dela. A vida é suficientemente longa e foi-nos concedida uma porção suficientemente generosa para os mais sublimes feitos se toda ela fosse investida convenientemente.”

¹⁹ Da Brevidade da Vida – Tradução de Jorge Pinheiro 2005, p. 9.

Na verdade, quando se verifica o evento da morte inserindo-o como parte integrante e indissociável da existência humana, de fato é preciso reconsiderar os desperdícios que as próprias pessoas fazem consumindo suas vidas e tornando-a escassa. Assim, é muito importante referenciar ainda o mesmo autor (p.12) objetivando até certo ponto, corroborar a idéia do desperdício do tempo ao informar:

“Não irás encontrar ninguém disposto a partilhar o seu dinheiro, mas quantos de nós dividem a sua vida! As pessoas são frugais na guarda da sua propriedade pessoal; mas no que diz respeito a esbanjar o tempo, são muito perdulárias da única coisa de que se justifica ser-se avarento. Assim, gostaria de me agarrar a alguém da geração mais velha e dizer-lhe: ‘Vejo que chegaste ao último estágio da vida humana; estás quase centenário e podes ir mesmo mais longe: vá lá, faz uma avaliação da tua vida. Indica quanto de teu tempo foi gasto por um prestamista, quanto por uma amante, por um patrão, por um cliente, em disputas com a tua mulher, castigando os teus escravos, percorrendo a cidade nas tuas obrigações sociais. Considera também as doenças que nos infligimos e nós próprios e igualmente o tempo que não foi usado’. Descobrirás que tens menos anos do que os que dizes ter vivido.”

Interessante como também curioso, é a constatação de que o ser humano adota uma postura própria dos mortais em tudo o que receia, mas, quando se trata daquilo que deseja, reveste-se com a túnica da imortalidade. Talvez a grande ausência nas condutas das pessoas esteja mesmo ancorada na falta de maior percepção e consciência sobre a dimensão da morte, e quem sabe por isso, os investimentos do tempo de vida não sejam para as coisas consideradas mais nobres e importantes. Justamente nessa linha de pensamento, a letra da música *Epitáfio*, Titãs / Brito (2001)²⁰ parece poder expressar o significado da representação social do ser humano em relação ao tempo conforme se pode observar.

EPITÁFIO

Sérgio Brito

Devia ter amado mais, ter chorado mais

Ter visto o sol nascer

Devia ter arriscado mais e até errado mais

²⁰ Titãs, é o nome de um conjunto musical do Brasil que tem como um dos seus integrantes o músico Sérgio Brito, autor da letra e música Epitáfio.

Ter feito o que eu queria fazer
Queria ter aceitado as pessoas como elas são
Cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar
Devia ter complicado menos, trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr
Devia ter me importado menos com problemas pequenos
Ter morrido de amor
Queria ter aceitado a vida como ela é
A cada um cabe alegrias e a tristeza que vier
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar

Na leitura um pouco mais atenciosa sobre esta composição, percebe-se que a importância daquilo que o ser humano se propõe realizar centraliza-se sobretudo pela simplicidade.

Nota-se também que os valores pelos quais as pessoas buscam edificar suas realizações na vida, nem sempre podem ser considerados como referência, e portanto, distanciam-se por razões diversas dos seus reais e verdadeiros propósitos. Então não deverá ser por mero acaso que em inúmeros relatos de pessoas que conseguiram sobreviver em condições extremamente difíceis e muito próximas da sua morte, pode-se verificar quase sempre o mesmo depoimento: 'tive a oportunidade de ver o filme da minha vida, e por isso mesmo, doravante vou redimensionar meu modo de viver'.

Ainda que a morte em si mesma permeie as paredes do impensável, o fato é que se trata de uma instância transcendental e ninguém sabe o que é ou verdadeiramente possa significar.

Se este evento for vislumbrado pela lente de biologia, será tratado como natural, e mais como condição indispensável para a sobrevivência da espécie. Nessa configuração a morte significa a renovação e como tal, não nega a vida

mas antes, é uma condição, por assim dizer, imposta pela natureza para a sua manutenção.

Entretanto, sabe-se que somente este conceito não é muito bem aceito entre as pessoas. Assim, o homem ao longo do tempo vem buscando entender a sua finitude mediante a leitura de outros discursos, quer seja pela vertente da religiosidade, da filosofia ou da teologia.

Ainda que não se tenha o propósito específico de pontuar cronológica e sistematicamente as linhas das correntes filosóficas de forma detalhada, acredita-se ser fundamental destacar as principais referências, para só desta forma objetivar a busca de registro dos pensadores mais contemporâneos que abordam o tema ancorado com o processo de envelhecimento do ser humano.

Porém, é imperioso elucidar que o trabalho de Santiago (1999, p. 101:133)²¹ pode ser designadamente elucidativo com referência às lacunas, certamente existentes nesta particularidade no presente estudo, sobretudo por entender-se que o mesmo é bastante abrangente, conciso e muito bem estruturado, o que de certa maneira, tornaria prolixo os discursos que possivelmente possam ser aqui referenciados.

Diante disso, contata-se que nas vertentes filosóficas a morte esteve também bastante presente nas reflexões dos pensadores como: Platão no período de 428 – 347 a.C. → Kant entre 1724 – 1804 / Descartes 1596 – 1650 → Hegel 1770 – 1831, e, sua presença não se restringia na linha do pensamento existencialista, mas de igual modo nas acepções que enveredavam pela procura da imortalidade do ser humano, que, após sua morte conquistava a existência em uma nova dimensão através da libertação espiritual. Embute-se nesse pensamento no período entre 1813 – 1855, através de Kierkegaard, a idéia do pecado ancorado no evento da morte. Suas reflexões são sedimentadas justamente na existência humana, comungando com Kant no que se refere à sensibilidade do ser. Entretanto, também se verificam divergências com Hegel que concebe poucas responsabilidades ao homem no que se refere com a sua existência.

²¹ SANTIAGO, Leonéa Vitória. Os Valores Orientadores das Práticas Desportivas em Grupos Emergentes da Terceira Idade: um estudo sobre as suas construções simbólicas. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Porto - Portugal. Novembro de 1999.

Mas, ainda é necessário se referir particularmente a um filósofo existencialista, que por sua vez, revelou verdadeiramente a sua vocação se preocupando mais intensamente com a morte; trata-se de Heidegger, mesmo que este tenha sofrido a forte oposição de Sartre, outro estudioso e pensador da linha existencialista.

O filósofo acreditava que a vida plena encontra-se indissociável com a sentença da morte, e deve-se aceita-la amparando-se pelo valor da dignidade. Aliás, o que chama a atenção nos estudos de Heidegger é justamente o fato do entendimento que o evento da morte para o ser humano, não seja divorciado da dignidade, até porque, cada pessoa ao se defrontar com a sua finitude o faz de modo distinto e peculiar em si mesmo, não devendo ser estabelecido por certo, uma forma padronizada que configure a terminalidade das pessoas, ou seja, cada um deve viver a sua morte. Na sua concepção, no morrer encontra-se o próprio sentido do viver, o que de certa maneira, alinha-se com o pressuposto de que a morte pode significar a oportunidade da renovação.

E, buscando fechar a linha de raciocínio existencialista, acredita-se que seja bastante importante referenciar Karl Jaspers (1883 – 1969) que defendia uma posição diferente de Heidegger e Sartre enveredando para as instâncias da transcendência, encaminhando seu posicionamento a partir do postulado que o ser humano é um ser passivo e passível de adaptações contínuas e com a possibilidade de superação permanente através da interação com as demais pessoas. O 'eu' só se percebe quando em relação e comunicação com o outro, que de igual modo, necessita de 'mim' para 'ser'.

Assim, mediante a comunicação e a historicidade encontra-se uma mescla entre meu passado com o meu futuro o que de certo modo, permitirá a verificação da consciência do tempo no sentido de passagem, e, concomitantemente unir a idéia de tempo com eternidade, de vez que, o entendimento sobre eternidade não se sustenta na tese do tempo indefinido, mas antes, como uma possibilidade de memória, presença e espera. Portanto, pelo viés da historicidade, é possível viver o que ocorre hoje – o presente – podendo estar ligado ao passado e também, ao que ainda há para vir – o futuro.

4.1.3.3 – A procura do entendimento sobre o fenômeno da morte.

Por outro lado, a relação entre eternidade e imortalidade é discutida por Arendt (2001) sendo possível depreender que imortalidade significa a continuidade no tempo, uma forma de vida destituída do momento da morte. Já a eternidade é a forma de vida perpétua, podendo ser isenta da morte e por conseguinte, também da velhice. Nessa dimensão encontram-se então os homens mortais, únicos no universo imortal, mas por outro lado, não eterno.

Aos gregos deve-se a preocupação da imortalidade. Neste patamar encontram-se os deuses imortais, que circundavam a vida de homens mortais. Por isso, a mortalidade tornou-se a marca, a distinção e a diferença entre os seres humanos reafirmada por Arendt (2001, p.31): “A mortalidade dos homens reside no fato de a vida individual, como história vital identificável desde o nascimento até à morte, provir da vida biológica.”

Os mortais buscam a eternidade mediante a capacidade produtiva de obras, feitos e também das palavras. Portanto, entendido por este prisma, de fato parece mesmo consolidar-se a eternidade como tal, como também, entende-se que os vestígios das pegadas deixadas atrás de si, os homens de algum modo e de certa forma, procuraram atingir a imortalidade.

Assim, o homem procura de algum modo conceituar a morte quem sabe até mesmo para abrandar um pouco mais todo o receio e angústia que nutre em relação a este incontestável fato. Borges (2003, p. 52) afirma: “Se a morte consiste em não ser e não estar de modo nenhum em parte nenhuma, todos já derrotamos a morte uma vez, a decisiva. Como? Nascendo.”

De outro modo, a morte representa o fato mais grave da existência humana. Ao buscar redimensioná-la, o autor em tela (2003, p. 53) continua expressando: “Sem sentido último – o sentido de todos os sentidos –, os amores, as esperanças, as lutas, os sentidos oferecidos e os que elaboramos ao longo da existência... tudo é como se não tivesse sido (...)” Pode-se desse modo, ser possível compreender que a morte – ainda que possa parecer irreal – como um fato estimulador que dá à vida o sentido de serenidade, profundidade, e até mesmo a dimensão de milagre e mistério. Então,

resguardadas as devidas proporções, sem o 'além'; toda a existência humana acaba por desembocar no nada e/ou no vazio, quer dizer, literalmente do 'sem sentido'.

Assim, como certeza irrefutável e universal a morte quando configurada pelas instâncias naturais implícitas na própria finitude humana, mesmo deixando explícito o sentimento da perda a todos aqueles que ficam, pode paulatinamente ser assimilada. Porém, quando de forma precoce e antecipada vislumbra-se o confronto com a morte, acaba mesmo significando o fim na sua mais profunda designação da palavra, porque abrange a existência que nesse caso, é corroída pelo nada e pelo vazio.

Percebe-se que ao longo do tempo, filosoficamente debate-se em torno de pelo menos duas questões enfocando o sentido da terminalidade da vida do ser humano: quem sou eu? E ainda, o que será de mim após a morte? Diante dessas indagações, se por ventura a resposta para a segunda questão fosse: nada e por extensão ninguém, então não haveria mais qualquer sentido insistir na procura da primeira pergunta. Mas, parece que o ser humano é reconhecido como 'alguém', diante disso, entende-se ser interessante questionar: como alguém pode passar a ser ninguém?

Na tentativa de minimizar tal inquietação, verificou-se em Borges (2003, p. 67):

“Cinco momentos devem ser distinguidos nesse esforço: o que sou como resultado de um acto criador (eu e a cosmogénese); o que sou como resultado de uma evolução biológica (eu e a filogénese); o que sou como resultado de um desenvolvimento embriológico (eu e a ontogénese) o que sou como resultado de um devir histórico (eu e a história); o que sou como resultado de um processo biográfico (eu e minha personalidade). Mesmo assim, ainda não sou o que serei porque a minha história e a história do mundo ainda não estão encerradas. Por isso deve-se situar como: 'eu vou sendo o que eu era e o que sou movendo-me para o que serei'.”

Certamente que a pessoa humana, a partir do nascimento passa pelo processo de crescimento e desenvolvimento – o que se entende como evolução – portanto, em cada uma das fases da sua vida percebe-se em maior ou menor escala, este processo evolutivo até o momento que na dimensão da sua evolução biológica chega-se ao ponto máximo e final. Portanto, daí em

diante ao caracterizar-se o evento da morte, tudo o que é possível afirmar é que se trata de uma enorme interrogação.

Lançando um outro olhar sobre o tema, Garcia (2006) afirma que já por algum tempo procura compreender melhor o fenômeno da morte, e, na medida que esta consciência toma corpo sente que vive melhor afirmando: “Vida sem morte, passe o lugar comum, não é vida. Pode ser qualquer outra coisa. Vida é que não é.” O autor em tela, de forma brilhante, consegue estabelecer uma comparação bastante interessante a partir da ordem das letras do alfabeto que, por certo evidencia de forma simples, revestida do caráter da precisão a naturalidade que o ser humano deve buscar a consciência do fenômeno universal que é a morte. Assim, destacam-se duas afirmações que se entende constituir-se na essência de todo o texto; a primeira (2006, p.2):

“Em ‘a’ encontramos a palavra amor. Em ‘b’ beleza. Em ‘c’ consciência. Há mais, mas o que é o ser humano sem amor, sem beleza ou sem consciência que o é? Sei que também há aborto por ‘a’, bomba por ‘b’ e cadáver por ‘c’. Mas a consciência de tudo, até da morte diluem o mal que alguns ‘aa’, ‘bb’ ou ‘cc’ poderão trazer ao homem.”

No segundo registro (2006, p.4):

“A letra ‘m’ proporciona leituras diversas sobre a vida. A vida pode ser uma máscara. A máscara grega é a personalidade. Podemos compô-la. Podemos, qual mentira, tentar sair dela para evitar o desenlace. Podemos tentar manobrar a existência, evitando chegar à meta. Desistir da vida, apressando a morte – a minha ou a do outro –, é não deixar que um projeto seja levado até ao fim. Há até quem se preocupe com uma estetização da morte, da sua morte, conferindo-lhe uma dimensão teatral. Se Foucault alude à vida como uma obra de arte, outros vêem a morte provocada como zênite de uma existência. Nestes casos a idéia de homem não chega a concretizar-se, uma vez que fica sempre um capítulo por escrever.”

Na verdade pode-se entender que mesmo sendo a morte inevitável, bem por isso é preciso compreendê-la. O ser humano ao falar sobre este fato quase sempre referencia a morte do outro, jamais a sua morte, sendo possível entender que ao procurar camuflá-la poderá iludir-se que o seu momento não chegará.

Por outro lado, sendo ela inevitável é preciso que se viva intensamente cada segundo porque não haverá outra oportunidade. Talvez resida aí a real oportunidade de se verificar que a vocação da vida evoca-se pela realidade incontestável da morte.

Por isso, associar que a passagem do tempo para o ser humano, e portanto, a etapa da velhice como pressuposto para a morte, parece mesmo identificar-se como grande equívoco por duas grandes razões na lógica metafísica do autor:

1^a.–velho começa com ‘v’ de vida e não com ‘m’ de morte;

2^a.–somente ao velho se concede o direito mais pleno possível para saber o que é a vida, sendo respaldado em cada um dos anos vividos, que em última análise não deixa de representar a vitória sobre o tempo.

Encaminhando-se para o alinhar das idéias sobre a morte, é preciso enfatizar que para o adulto jovem, este é um fenômeno estranho, indecifrável e a seu modo, inaceitável. Os pensamentos sobre este assunto geralmente são quase que acidentais e de curta duração. Por vezes ao estar em um funeral, o fazemos como sendo mais uma necessidade externa e não uma experiência que emociona, ou, que remete a pessoa para uma reflexão mais atenciosa sobre a vida em si, e sobretudo, na condição terminal que todos os seres humanos estão condicionados.

Na medida que os anos passam, parece mesmo que esta situação se altera e é de acordo com Pikunas (1979, p. 448) que: “Durante os anos da senectude, as idéias da morte começam a entrar na consciência mais freqüentemente.” De qualquer modo, a morte é um mistério que se reconhece como sendo parte da condição humana total, e por extensão, ensina que a vida é um valor que a própria morte deixa incompleto.

Assim, parece ser importante nesse contexto a título de sugestão, referendar um decálogo que pode servir como ferramenta para se viver melhor:

- Aceite seus limites e imperfeições. Perfeição nas dimensões de vida é algo praticamente inatingível. O segredo reside em fazer tudo da melhor forma estimulado muito mais pelas qualidades positivas do que pelo negativismo.

- ❑ Conflitos ao longo de uma existência são inevitáveis. Por isso, é preciso saber escolher as batalhas que merecem verdadeiramente o espírito de luta.
- ❑ Agradecer sempre dons, talentos e virtudes que fazem parte da sua individualidade é atestar a crença que você numa dimensão transcendental.
- ❑ Ser é infinitamente melhor que ter, ainda que possa não parecer aos olhos da sociedade contemporânea.
- ❑ Procure fazer de seu trabalho um compromisso para firmar amizade e crescimento pessoal.
- ❑ Furtar-se em transmitir conhecimentos e experiências pode ser causa de expressivo desconforto, assim, sempre que for possível disponibilize o que aprendeu ao longo do tempo.
- ❑ A vida é composta de empreitadas exitosas ou não. Quando enfrentar situações de revés, não deixe de tirar lições positivas nesse evento.
- ❑ Busque constantemente ampliar o seu acervo cultural alimentando seu intelecto e ampliando sua sabedoria.
- ❑ Nunca antecipe a resolução de possíveis problemas que possam acontecer. Resolva-os à medida que eles acontecem.
- ❑ Ficar sozinho às vezes oportuniza aprender mais consigo próprio.

4.2 – A EXORTAÇÃO DA CORPOREIDADE

“Na ânsia de ultrapassar o desconhecimento aparece inevitavelmente o saber. Este, nesta sociedade, pode ser definido por três pares de asserções: Procurar para saber; Saber para prever; e Prever para intervir.”

(Rui Proença Garcia e Kátia Lemos)

4.2.1 – Corpo e Identidade Grupal

As evidências na sociedade modernas são pontuadas por mecanismos de auto-identidade, moldadas pelas instituições contemporâneas. Parece que as escolhas pelos mais variados estilos de vida, conseguem cada vez mais se destacar em graus de importância sempre maiores, remetidos para a constituição da auto-identidade do ser humano no seu dia-a-dia. Entretanto, tal conotação deve ser observada com mais atenção principalmente, com relação nas afirmações de Giddens (1994, p. 04:05) quando o autor em tela reforça: “A escolha do estilo de vida é cada vez mais aparente do que real.” E mais adiante registra: “Estilo de vida se refere às aspirações dos grupos de classes mais afluentes. Os pobres são mais ou menos completamente excluídos da possibilidade de escolherem o estilo de vida.”

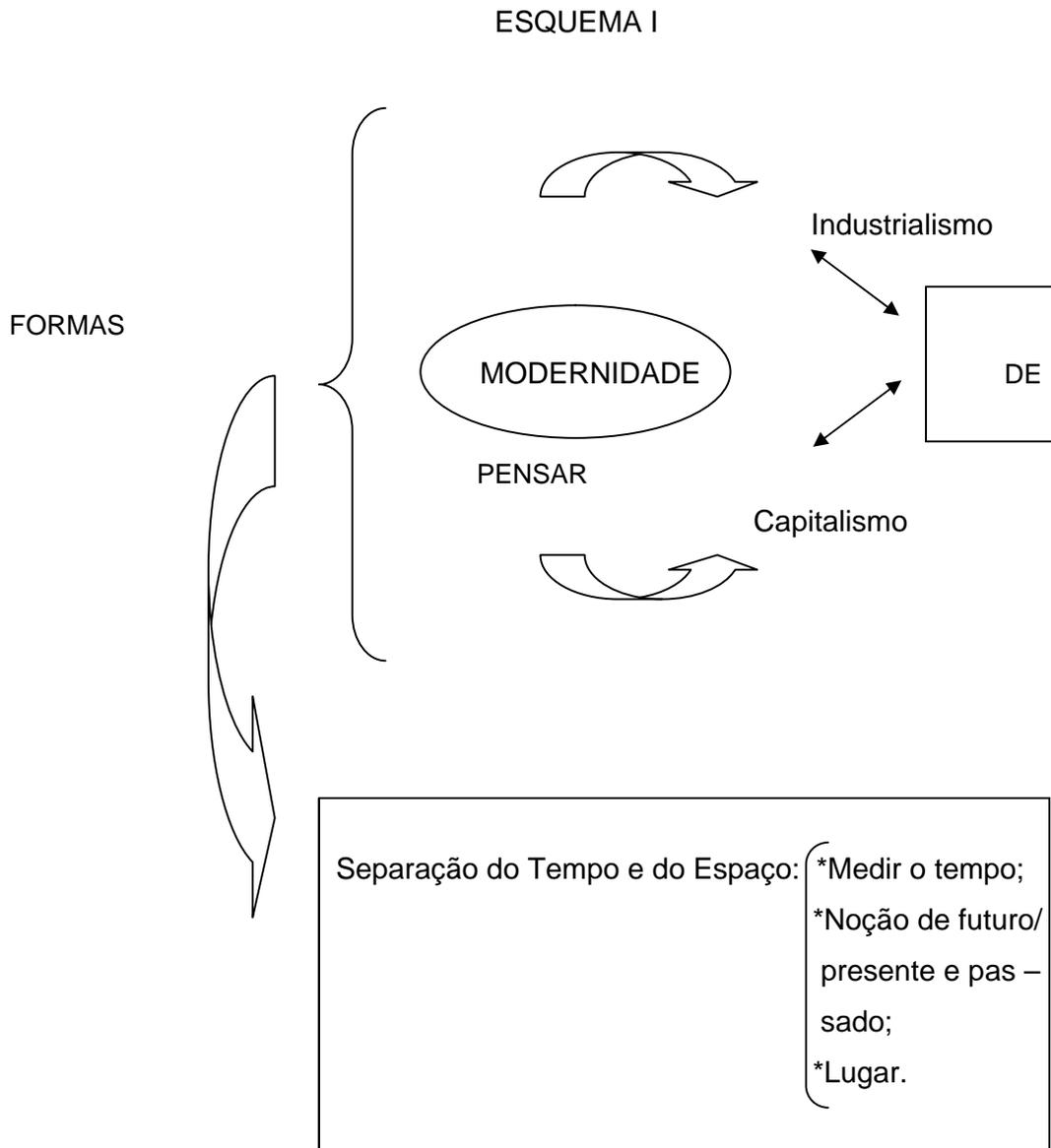
Fica portanto, mais uma vez transparente o estabelecimento das divisões de classes na sociedade contemporânea e por conseguinte, das desigualdades evidenciadas pelo gênero e etnicidade.

Não é então por acaso que o corpo e/ou as leituras sobre a corporeidade, ficam cada vez mais exigentes e suas finalidades nem sempre podem ser qualificadas como benéficas na existência do ser humano. A corroboração deste raciocínio encontra-se ainda no autor em tela (1994, p. 06) quando afirma categoricamente:

“O corpo é cada vez menos um ‘dado’ extrínseco, funcionando fora dos sistemas referenciais da modernidade, pelo contrário, ele mesmo passa a ser reflexivamente mobilizado. O que pode parecer tratar-se de um movimento indiscriminado no sentido da cultivação narcisista da aparência corporal, é de facto a expressão de uma preocupação bem mais profunda e activa com a ‘construção’ e controle do corpo. Surge aqui uma conexão integral entre o desenvolvimento do corpo e o estilo de vida – manifesta, por um exemplo, no cumprimento de certos regimes corporais.”

Percebe-se desse modo que o corpo, torna-se paulatinamente um fenômeno de escolhas e opções. É justamente nesse universo que o corpo da pessoa idosa concorre procurando viver uma biografia pessoal organizada reflexivamente.

Buscando uma forma de ancorar as linhas de pensamento de (Giddens 1994:1995), tenta-se de modo simples, conceber figurativamente a explicitação desses dados no esquema abaixo, adaptado por Antonelli (2004).



Parece ficar definitivamente transparente que na sociedade moderna vive-se sob a tutela das instâncias da proporção entre trabalho e produção onde as formas de pensar, são concretamente configuradas pela indústria e pelo capital. Nesse contexto a reflexividade social não pode ser concebida senão pela separação do tempo e do espaço nas dimensões da mensuração

do próprio tempo em horas de trabalho / descanso; divididos com base na noção de futuro, presente e passado, sendo todo o processo consolidado no meio em que se vive.

Porém, a conotação de todas essas condições deve, ou pelo menos deveria estar mensurada pela experiência humana que, em última análise, pode ser concebida pela socialização dos saberes que por sua vez, se estratifica na oralidade e tradição das culturas, um investimento do passado. Daí, como sendo uma das principais influências para a ascensão do estado moderno, surge a imprensa contribuindo a partir do telégrafo, posteriormente o telefone e o rádio que, mais recentemente expandiram tecnologia através da televisão, dos filmes e vídeos.

Assim, as preocupações existências das pessoas idosas de fato tem toda a razão de ser, porque a falta do reconhecimento de valores implícitos nesta fase vida humana são patentes, além disso, a concorrência do e pelo mundo da 'jovialidade', praticamente anula as oportunidades dos velhos na sociedade vigente.

Por isso mesmo, comunga-se com o pensamento de (Giddens 1994, p. 49) quando enfoca a questão da ansiedade existencial do ser humano:

"As questões existenciais dizem respeito a parâmetros básicos da vida humana, sendo 'respondidas' por todos no contexto da actividade social. Pressupõem os seguintes elementos ontológicos e epistemológicos - Existência e ser: a natureza da existência, a identidade dos objetos e eventos; - Finitude e vida humana: a contradição existencial expressa no facto de os seres humanos fazerem parte da natureza, estando porém, dela apartados enquanto criaturas sensíveis e reflexivas; - A experiência dos outros: o modo como os indivíduos interpretam as características e acções de outros indivíduos; - A continuidade da auto-identidade, a persistência de sentimentos da noção de pessoa num self e num corpo contínuos."

Portanto, o corpo não significa apenas uma entidade, mas é antes, experimentado como um modo prático de lidar com situações e acontecimentos externos. Bem por isso, o vestuário é muito mais do que proteção corporal, é demonstração simbólica de dar forma exterior a narrativas da auto-identidade.

Na verdade, nós não somos o que somos mas o que fazemos de nós. Por isso, os estilos e planos de vida segundo a compreensão que se tem em Giddens (1994) podem ser assim concebidos:

- Estilo de vida, adota-se não é transmitido. É uma decisão não só de como agir mas “quem ser”;
- Há pluralidade de escolha, opção por alternativas;
- Considera-se o impacto existencial da natureza contextual das crenças legítimas;
- Efeitos de colagem na televisão e jornais. Influência dos meios de comunicação de massas, não estimula o sentido da diversificação;
- Ligar-se diretamente às relações com os outros, à transformação da intimidade.

Entretanto, parece também ser bem a tempo ancorar ao pensamento sobre o corpo e identidade moderna, os aspectos atrelados à compreensão deste mesmo corpo e por conseguinte, da fragmentação do ser humano a partir da visão de Giddens (1994, p.88) que determina de modo bastante interessante sua visão sobre o corpo do ser humano na sociedade contemporânea ao afirmar que:

“O corpo é um objeto no qual todos temos o privilégio, ou a condenação, de habitar, é a fonte de sensações de bem-estar e prazer, mas também o local de doenças pressões. Todavia, como tem sido sublinhado, o corpo não é apenas uma entidade física que nós ‘possuímos’, ele é um sistema-ação, um modo de práxis, e sua imersão prática nas interações da vida do dia-a-dia é uma parte essencial da manutenção de um sentido coerente de auto-identidade.”

De igual modo, há que destacar quatro situações de modo genérico com referência localizações do corpo na sociedade contemporânea:

1 – Aparência Corporal: Características pessoais, morfológicas, modos de vestir, adornos.

2 – Postura: Determina como a aparência é usada pela pessoa; modo como o corpo é mobilizado.

3 – Sensualidade: Manuseio personalizado do prazer e da dor;

4 – Regimes: Que os corpos estão sujeitos.

Nesse sentido, o senso corporal pode ser entendido como sendo o cuidado com o corpo, e se possível, a condição de ouvir o corpo tanto no que tange aos aspectos referentes ao planejamento de vida, como na adoção de estilos de vida, em princípio, parece que se integram com os regimes corporais.

Portanto, quando Garcia²² afirma que a pessoa deve: “(...) procurar para saber, saber para prever e prever para intervir”, é antes de tudo, uma proposta, um alerta ou uma sugestão ao ser humano bastante interessante objetivando a busca de alternativas inteligentes e coerentes, voltada para todas as situações de vida, porém, muito especialmente para uma relação harmoniosa no contexto da sociedade contemporânea.

Entretanto, deseja-se enriquecer ainda mais as situações pelas quais o corpo na atualidade é evidenciado. Diante disso, Rochetta (1990) verifica algumas ambigüidades na re-apropriação do corpo na sociedade atual, situando o corpo nas seguintes instâncias:

- Corpo na sociedade de consumo – visualizado como uma mercadoria de intercâmbio comercial;
- Corpo como veículo de mensagens publicitárias – explorado como forma de instrumentalização erótica com propósitos de ganância;
- Corpo como mecanização do esporte – transmite-se de modo intenso o emprego de estimulantes químicos que deixa a idéia reducionista do corpo como sendo uma máquina muscular, capaz de superar marcas;
- Corpo como objeto de serviço e produção – explora-se os avanços tecnológicos na organização do trabalho com a tendência da expropriação do homem e seu corpo, de certo modo, violentando o ‘eu’ pessoal.

Contudo, o autor em tela também explicita as relações do corpo configuradas nas instâncias éticas e que se entendeu encontrarem-se inseridos nas seguintes dimensões:

²² Registro das anotações escritas quando em trabalho de orientação pertinente às discussões sobre corpo e identidade.

- Corpo e Aborto – na verdade, o embrião já pode ser considerado um ser vivo, assim, paira o sentimento de crime na consciência do ser humano;
- Corpo e Eutanásia – Muito embora muitas discussões já são e ainda serão gestadas com respeito a adoção da eutanásia, porém, o fato é que configura-se a morte voluntária sob a tutela de que deixar morrer não é matar;
- Corpo e Transplante de Órgãos – É patente a banalização no comércio de órgãos, deixando margem para a insegurança no sentido de que, tais órgãos são retirados do cadáver, ou, de um ser humano ainda com vida;
- Corpo e experimentação Clínica – As investigações científicas, em nome do progresso da ciência médica não pode chegar a instrumentalizar o corpo humano reduzindo-o a um objeto de laboratório – mesmo que os propósitos sejam os melhores e mais importantes para a manutenção da vida humana – principalmente, sem o devido consentimento e autorização da pessoa investigada.
- Corpo Toxicodependente e alcoolismo – A expansão do fenômeno da droga é aterradora. Embora o alcoolismo seja um pouco menos devastador, é também muito grave para o ser humano e infelizmente, encontra-se em expansão;
- Corpo Desporto e Doping – Entende-se que o desporto competitivo configura-se em instâncias saudáveis. Entretanto, deteriorar a própria saúde em nome da superação de uma marca de fato, torna-se necessário repensar tais práticas;
- Corpo e Pornografia – A exploração do corpo com a finalidade lucrativa, significa reduzir a corporeidade ao efêmero sem a menor perspectiva de valores pessoais, tornando-se um objeto de degradação moral e de pressão social;
- Corpo e Ecologia – Os ecossistemas podem ser distintos em dois modos: 1. com a eliminação das condições biológicas (bosques, faunas, flora, contaminação do céu, água e terra) e 2. com a criação

de substâncias bioquímicas e tóxicas capazes de colocar em perigo as possibilidades de viver na terra, ambas as formas já se encontram em estágios avançados de desenvolvimento;

Porém, ainda podem ser enumerados o corpo das pessoas com deficiências, corpo e terceira idade, corpo e as violências sexuais, infantis e de trabalho forçado, corpo e a guerra, entre outros.

Pela tradução pessoal do autor deste estudo, pretende-se incorporar o pensamento de Rocchetta (1990, p. 90) quando afirma:

“Se é verdade que o modo com que o corpo é respeitado em uma determinada cultura expressa o nível de civilização dessa cultura, se deve pensar que nosso tempo se encontra entre uma encruzilhada: ou opta por servir a um projeto integral de homem, ou se inclina por uma concepção redutora da pessoa humana, na qual o corpo só é recuperado aparentemente.”

Assim, pode-se entender que a sociedade contemporânea deverá optar pelas suas formas de sobrevivência ou não. Porém, mesmo com todo o aparato tecnológico, o homem de hoje parece correr sério risco de ser reduzido a um objeto não representando entretanto ainda o risco maior que é justamente o da (des)humanização ou o embrutecimento da própria condição humana.

Depreende-se ser necessário enfatizar que o corpo integra-se como um valor absoluto da pessoa humana, concebido pela supremacia criadora, torna-se antes de tudo um dom.

Parece ser importante permitir um escutar do próprio do corpo, acolhendo a corporeidade como um projeto de vida harmônico, reencontrando-se e empenhando-se em uma luta que está longe de ser entre o espírito e o corpo, mas sobretudo, entre o homem velho e o homem novo, subentendido na sua mais intensa e profunda forma de conceber a existência humana respeitosa e singularmente.

De alguma forma na sociedade contemporânea o ser humano parece fragmentar-se. Corroborando este pensamento, evidencia-se em três situações, absolutamente indispensáveis de serem destacadas, que aqui estarão designadas com enfoques sobre Giddens (1994, p.171:177).

Primeiro Enfoque

“O indivíduo deixa de ser ele mesmo; adota inteiramente o tipo de personalidade que lhe é oferecido pelos padrões culturais, tornando-se, portanto, exatamente no que os outros são e como esperam que ele seja...o mecanismo pode ser comparado com a colaboração protetora que alguns animais possuem. Parecem-se tanto com o que os rodeia que dificilmente se distinguem.”

Segundo Enfoque

“À medida que as forças produtivas se desenvolvem, em especial sob a égide da produção capitalista, o indivíduo cede o controle das circunstâncias da sua vida às influências dominantes das máquinas e dos mercados.”

Terceiro Enfoque

“As necessidades individuais de autonomia pessoal, auto-definição, vida autêntica ou perfeição pessoal são traduzidas na necessidade de possuir e consumir, bens oferecidos pelo mercado. Esta tradução, todavia, diz respeito à aparência do valor de uso desses bens e não ao valor do uso em si; nesse sentido, é intrinsecamente inadequada e em última instância enganadora, levando a uma alternância momentânea dos desejos e a uma duradoura frustração das necessidades... O hiato entre necessidades humanas e desejos individuais é produzido pela dominação do mercado; este hiato é ao mesmo tempo, uma condição da sua reprodução. O mercado alimenta-se da infelicidade que gera: os medos, ansiedades e sofrimentos de inadequação pessoal que induz libertando o comportamento do consumidor indispensável à sua continuação.”

Percebe-se dessa forma que na sociedade contemporânea os valores são quase sempre dimensionados pela mídia, pelo consumo e pela capacidade de ter e sobretudo, pelo domínio do mercado decorrendo daí, algo semelhante a um efeito cascata, gerador de infelicidades e incapacidades do ser humano.

Nesse sentido, parece mesmo que Maffesoli (2000)²³ possa estar com a razão ao fazer uma apologia do trágico em relação ao que se verifica na atualidade. Por extensão, também é possível entender melhor o que Giddens

²³ Considerações do autor deste estudo sobre o Retorno Trágico nas Sociedades Pós-Modernas

(1994) destaca com referência aos regressos reprimidos do ser humano pontuando o nascimento e a morte como instâncias de transição mediadora entre a vida orgânica e inorgânica; a promoção da eliminação das prisões, sendo as mesmas vislumbradas de modo aberto para reabilitação comunitária por motivos econômicos; pela preocupação crescente das tradições como forma de lidar com as exigências em mutação das condições sociais e modernas; pelo ressurgimento da crença e das convicções religiosas e também, pelo surgimento das novas formas de movimentos sociais que, assinalam uma provável tentativa da re-apropriação coletiva da vida institucionalmente reprimida.

Por outro lado, o lugar que é ocupado pelo ser humano decorrente das soluções encontradas pelas coletividades que ele se insere, na tentativa de responder aos imperativos das suas existências, cognominados de lugares sociais, revestem-se de valores e juízos morais onde, o processo de classificação não é estático nem imutável. Assim, parece ser imperioso compreender a velhice nessa dimensão, porque tanta na velhice quanto em qualquer outra etapa da vida humana, subentende-se que se deve ter a articulação entre mecanismos universais e escolhas pessoais.

O que se pode perceber é que na atualidade, o conceito de degeneração que é encontrado na medicina e na biologia, parece ter invadido outros campos do conhecimento humano e por extensão, também passou a ocupar um lugar cada vez mais em evidência no universo das representações sociais.

Justamente nas sociedades ocidentais é que o conceito de degeneração é significativo. Então é possível depreender que nestas sociedades o valor da pessoa humana é mensurado pela sua produtividade, logo o processo do envelhecimento da “máquina humana” é degenerativo.

Pode-se de igual modo, depreender que sob tais condições, a velhice representa sem dúvida alguma a diferença ou ainda, o “outro” da atualidade, ou seja, a sociedade contemporânea reserva ao velho um lugar nada confortável. A confirmação deste pensamento pode ser evidenciada em duas circunstâncias, onde na primeira é possível observar que ao velho de hoje a

recusa e o banimento já estão bem caracterizados, aliás, a recusa se estabelece através da segregação, do isolamento social e também, pela ruptura dos laços afetivos, familiares e das amizades. Além disso, ao velho de hoje nega-se o direito de pensar, propor, decidir e até mesmo pela abordagem aqui entendida como cínica dos “nossos velhinhos”. Já no segundo momento, verifica-se que ao velho de hoje, inserido numa categoria social destina-se um tempo e um espaço, seu tempo: o passado (*no meu tempo...!*) já o seu lugar ou os espaços da intimidade e privacidade limita-se no refúgio dos seus aposentos. Fica patenteado na sociedade moderna e existência da incompatibilidade entre a velhice, presente e futuro e também, entre a velhice e espaço público, menos as praças e jardins porque estes representam a ociosidade, é o lugar onde o “tempo passa”. Por isso, ao remeter o velho de hoje ao passado restringindo os seus limites de vida no presente qualquer proposta para a elaboração de projetos de vida voltados à velhice parece de fato, soar de modo estranho aos ouvidos da sociedade moderna.

Freire (1993) reforça de certo modo este raciocínio ao afirmar que é inviável para o ser humano continuar se ele parar para pensar no amanhã. Acredita o autor que não importa que o pensamento sobre o amanhã seja o mais ingênuo ou o mais imediato, o que de verdade importa é que os seres humanos são construídos de presente, passado e futuro.

Porém, a despeito de tudo quanto se verifica na sociedade contemporânea em relação ao idoso, existem outras particularidades que essa mesma sociedade – ou não quer ver – ou verdadeiramente ignora com relação ao velho. Nesse sentido, Pascoaes (1998, p. 261), de modo interessante, corrobora este raciocínio quando afirma: “Ao enfraquecimento da vista, corresponde um aumento da visão intelectual. Que é um velho senão um homem acabado? E acabado quer dizer perfeito.” Analogamente o mesmo autor defende a idéia de que mesmo a velhice represente a solidão, esta fase da vida dos seres humanos é de purificação suprema, sendo a consciência um dos grandes atributos da velhice.

Por outro lado, mesmo que a sociedade ocidental não tenha ainda aprendido, na antiga China a descrição biológica do homem e da mulher,

correspondentes aos fatos sociais eram assim configuradas: maioridade, noivado, casamento e cessação das atividades apresentando-se de forma bastante interessante segundo os registros de Belmont in (Enciclopédia EINAUDI, 1997, p. 152:153):

“(...) o ciclo de vida feminina dependia do número chave sete, o da vida masculina, o número chave oito. Aos sete anos a dentadura da mulher muda, os cabelos ficam mais compridos, a duas vezes sete anos têm início as menstruações; a três vezes sete anos crescem-lhe os dentes do siso, e a estatura atinge o ponto máximo de desenvolvimento; a quatro vezes sete anos os ossos estão sólidos, os cabelos atingiram o comprimento máximo; a cinco vezes sete anos o rosto começa a ficar seco, o cabelo começa a cair; a seis vezes sete anos o cabelo escanece(...)”

Um pouco mais adiante o referido autor continua explicitar de modo a concluir sue raciocínio:

“(...) a sete vezes sete anos o corpo está decrépito. A descrição das etapas da vida do homem é simétrica: a cinco vezes oito anos tem início o declínio, humores dos rins enfraquecem, cai o cabelo, os dentes secam; a seis vezes oito anos o rosto fica seco, o cabelo grisalho; sete vezes oito anos os humores do fígado enfraquecem, os tendões já não tem força para mover o corpo, o esperma diminui; a oito vezes oito anos caem os dentes e o cabelo, o esperma deixa de fluir.”

A sociedade ocidental, certamente deve aprender com a civilização oriental. É possível perceber na descrição nas fases da vida do ser humano que a antiga China preconizou que, em nenhum momento são apontados os “processos degenerativos”. São estabelecidos períodos e/ou tempo para as alterações próprias no ser humano. Entretanto, entende-se que o mais importante e que parece ser a grande lição oriental, reside justamente no fato de que, a chave da questão não está em prolongar a existência humana, mas, em rejuvenescer os velhos a partir do reconhecimento dos valores implícitos nesta fase da vida.

Com tal conotação, é importante destacar dois momentos também de Belmont in (Enciclopédia EINAUDI, 1997, p. 160:165):

1º. momento

“A velhice decerto não permitem mais as ocupações que exigem vigor, agilidade e rapidez do corpo; mas permite – melhor até que a juventude – as

grandes ações para as quais são necessárias sabedoria, autoridade e valor das opiniões.”

2º. momento

“Todas estas imagens coletivas da velhice mostram como o envelhecimento biologicamente entendido, as ações do tempo sobre o organismo dos indivíduos singulares não bastam per se para explicar a velhice, cujo significado depende do valor que os homens atribuem à sua própria existência, dos mecanismos de produção, da auto-consciência histórica, em suma, dos princípios e dos fins de cada sociedade.”

Compreende-se ainda o mesmo autor naturalmente que enfoca seu pensamento sobre a velhice do ser humano, pautado em valores existências. Ao que parece, o ser é muito mais significativo que o ter.

Nessa linha de raciocínio, Maffesoli (2000, p. 122), afirma designadamente:

“Não tenhamos medo de dizer que a sabedoria humana, esse saber-fazer e saber-viver incorporado, ‘sabe’, de ciência segura, que a vida é uma sucessão de ciclos feita de nascimentos, de progressões e de declínios. E que é da essência dos poderes, sejam os de uma língua, de uma religião, de uma cultura, de uma política, de uma economia, serem efêmeros.”

De qualquer modo, procurar responder a pergunta o que é ser velho hoje? parece ser uma missão bastante difícil. Acredita-se mesmo que talvez, jamais essa questão possa ser respondida. Entretanto, se por um lado a resposta não logrou êxito completo, com certeza foi altamente importante para gerar discussões mais aprofundadas sobre o tema, e ao mesmo tempo, pode configurar-se como instância de contínua reflexão porque envelhecer não é mérito somente de algumas pessoas, é uma questão verdadeiramente da sociedade.

4.2.1.1 – Inscrições do corpo: distinções de um tempo.

Escrever a história do corpo é, antes de tudo, uma tarefa exigente e de reconhecida complexidade, tal é a vastidão e amplitude do tema em si, até porque são muitas as situações que buscam reconhecê-lo, e por isso não

podem ser esquecidas, a começar pela medicina para em seguida vislumbrar a arte, antropologia, moda, costumes, biologia, simbologia, entre outras.

Certamente que este universo estimulou Sant'Anna (2004, p.4:5) a afirmar:

“(...) o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida(...). Sendo uma evidência que acompanha todo o ser humano, do seu nascimento à sua morte, o corpo é, contudo, finito, sujeito a transformações nem sempre desejáveis ou previsíveis. Ao longo dos anos, mudam suas formas, seu peso, seu funcionamento e seus ritmos.”

Tal informação certamente que pode ser remetida ao corpo da pessoa idosa que, em última análise, configura-se como o mérito desta discussão. Entretanto, as dimensões de mudanças e alterações do corpo, quase sempre se consolidam de acordo com o pensamento da sociedade, que lança olhares ao idoso apontando o seu perfil corporal que não se encontra de acordo com os padrões por ela estabelecidos e, notadamente difundidos no cotidiano pela mídia.

Se mais atenciosamente for observado, há de se verificar o valor que a sociedade contemporânea tem reservado pelos padrões da estética corporal, que a seu modo, deixa transparecer sutilmente que em tais biótipos estão inclusos os atributos de saúde e bem-estar, valendo-se de pelo menos três situações que assustam o ser humano: a doença, a dor e a desvalorização centrada pelas ‘aparências’.

Assim, ao longo do tempo, segundo o que é possível de ser entendido – a partir do pressuposto que o corpo é mortal e a alma imortal – pode-se destacar pelo menos quatro momentos interessantes sobre a visão da corporeidade abstraídos do entendimento sobre Sant'Anna (2004):

1. Hipócrates, considerado o ‘pai da ciência médica’, separa a medicina da magia a partir do entendimento e explicação sobre algumas funções e reações do corpo humano.
2. Platão admitia a natureza a partir do ser vivo e sua interação com seres diferentes. Assim, acreditava que o corpo advinha dos elementos: terra – água – fogo e ar; adicionando a estes a existência

de uma alma imortal que a seu modo, seriam três e só uma delas – a inteligência – usufruiria da imortalidade. A concepção da doença era o desequilíbrio dos quatro elementos somado ao desequilíbrio entre a alma e o corpo.

3. Pouco mais tarde são explícitos: o modo aristotélico sobre a visão do corpo, bem como, o conceito de Galeno que era médico do Imperador Marco Aurélio.
4. São também evidenciadas as relações de corpo e sexualidade, a reconstrução corporal e as oscilações da moda.

Especificamente com relação ao evento da reconstrução corporal, pode-se afirmar que os avanços tecnológicos, surgimento de produtos novos (cosméticos), como também, as cirurgias e implantes, associadas aos programas de atividades físicas e ingestas alimentares específicas; são recursos da sociedade contemporânea utilizados cada vez mais com o propósito de rejuvenescer o corpo e manter a estética.

É como se as transformações do corpo estivessem numa relação de sério compromisso para atender esta ou aquela tendência, correndo-se o risco de ficar fora das referências corporais 'pré-estabelecidas desejáveis'.

De outra forma, possivelmente o corpo como inscrição motriz do gesto, formas e modos, esteja também na atualidade atrelado às profundas alterações não só nos parâmetros da estética, mas também, nos olhares, gestos e palavras. Assim, segundo Soares (2004, p. 120) muito provavelmente tais exigências são referendadas quando atesta:

“A subjetividade humana que implica mergulho e reflexão, compreensão de desejos e sonhos reduz-se à intimidade narcísica de centímetro de bíceps, cinturas, coxas, nádegas, de pedaços de corpos que são transformados com astúcia e perseverança com o auxílio não apenas dos exercícios físicos mas, também, de todo um mercado que existe em função da norma a ser alcançada. São aminoácidos, vitaminas e alimentos dietéticos, cirurgias que acrescentam e/ou retiram coisas, para que o corpo atinja a forma ou, conforme Certeau, para que ele possa se adequar à norma.”

Porém, quase sempre o corpo deixa de ser valorizado como é e/ou deveria, uma vez que ele é o signatário da dignidade do ser humano. Há sempre um descontentamento aqui, ali e acolá que não satisfaz tanto na

estrutura quanto pela forma. Esta linha de reflexão é muito bem alinhavada por Bento (1995, p. 209) quando afirma:

Nem nós estamos habituados a reflectir sobre ele, por ser um dom gratuito, oculto no anonimato das coisas naturais e evidentes, que apenas na injustiça da doença faz protestar os desejos dos seus direitos. E são tantos os direitos do corpo! (...) Não tanto por ele, mas antes por uma questão moral. Porque as ofensas corporais são ofensas à dignidade do homem. Porque pessoas e cultura concretizam a sua moralidade no comportamento corporal.”

Na verdade, pode-se afirmar que devem ser raras as vezes que se questiona sobre os direitos do corpo, dos limites do corpo e das necessidades do corpo. O corriqueiro e habitual parece estar sempre mais presente na satisfação pessoal não importando as exigências, as extrapolações e até mesmo as mutilações através das intervenções que os bisturis conseguem desenhar através das mãos habilidosas dos profissionais da medicina. O que de fato interessa é de algum modo atender o chamamento para acompanhar o ‘biótipo que mais se destaca’.

Corroborar-se essa linha de pensamento quando ainda Bento (1995, p. 210) sublinha:

“Falo-vos do corpo ferido na sua dignidade, andrajoso, mendigo, penitente, inestético, giboso, envergonhado, humilhado e explorado, alugado, hipotecado e vendido a tudo quanto é droga, doença, renúncia e submissão. Do corpo atraído e pervertido na sua função histórica: utilitário e pragmático, violento arrogante, agressivo e rude. Do corpo ameaçado de regressão ao animal original, agrilhado e escondido da luz nas brumas do tempo e nas sombras da caverna platónica.”

Parece mesmo que ao autor consegue abarcar basicamente quase todos os tipos, funções e características dos corpos em si. De outro lado, abre a discussão sobre a nobreza corporal revestida pela dignidade humana, donde certamente pode-se apontar os corpos das pessoas idosas, na medida que é reconhecível que o ser humano é o que seu corpo pode revelar, não esquecendo de condiciona-lo também como um fato social.

Buscando inserir o corpo nessa dimensão, não deixa de ser importante ancorar o entendimento sobre as idéias de Le Breton (2003) a partir de algumas considerações julgadas relevantes. Assim, pode-se verificar que na

sociedade contemporânea o corpo humano é tratado cada vez mais como um corpo-máquina, praticamente destituído das características – que deveriam ser singulares – sujeito e afetividade.

Mas se ainda é possível encontrar novas designações, então parece ser plausível admitir o corpo como resultado de excessos e derivas cognominado pelo autor em tela de ‘extremo contemporânea’, que oscila entre a vontade de controle absoluto e narcisista furioso muito próximo da vontade niilista.

Mas, talvez o que mais possa ser registrado é que há ainda aqueles que reconhecem o corpo como objeto imperfeito como se fosse um rascunho, e portanto, com necessidade de correções em um ponto futuro qualquer. Este raciocínio pode ser confirmado na medida que, observa-se na atualidade que – por assim dizer – o corpo-descartável tem sido expressivamente exaltado.

Para além disso julga-se relevante a contribuição das representações sociais em relação ao corpo, e nesse contexto destaca-se especificamente o corpo envelhecido, cujo atestado é fornecido pelo tempo cronológico inscrevendo a idade do ser humano. Assim Alves (1999, p. 53) ao se referir na cronologia humana registra: “A nossa percepção interior, não raras às vezes, se manifesta distinta e em eventual confronto com a realidade criamos uma imagem de nós próprios invariavelmente jovens.” Certamente que este registro serve como fundamento para entender um pouco mais quando, ao encontrar uma pessoa idosa, com aparência já enrugada, se for questionada como se sente em relação ao tempo, ela afirmará que apesar da idade sente-se bastante jovem.

Diante disso, depreende-se que esta postura geralmente resulta no encontro dos conflitos interiores nas pessoas idosas, sendo que, muitas vezes podem dar origem também pela adoção de ações que objetivam emplacar as camuflagens e máscaras exteriores, que analogamente, podem ser consideradas como pílulas com poderes extraordinários, ou seja, o poder de aparentemente retroceder no tempo.

Sofons (1999) também afirma que de fato a caracterização da velhice, não é instaurada pela quantidade de anos vividos, nem pelo estado das artérias, mas sim pela perda dos ideais da juventude que, acaba

desembocando na falta de sintonia com a mentalidade do tempo, com o desinteresse pelo dia-a-dia, pelo humor irritadiço, pela desconfiança no futuro e por último, pelo desamor ao trabalho.

Se fosse possível estabelecer uma comparação entre um espelho e o sentimento narcisista, se atestaria que a pessoa idosa teria uma visão não narcísica, ou seja, ao mirar-se no espelho da sociedade que é partido, contemplaria a sua imagem marcada e deformada.

O corpo para o idoso representa a fonte de energia e a reunião da capacidade para a realização do trabalho. Por isso, enquanto a juventude interpreta a velhice como perda de imagem exterior idealizada, os idosos representam a própria velhice como um conjunto de alterações corporais que, de certo modo, impedem – pelo menos parcialmente – o exercício das atividades que lhe podem oferecer prazer e satisfação.

A jovialidade provavelmente não seja a maior ambição das pessoas idosas, entretanto, o que de fato pode ser importante para elas é o reconhecimento de seus valores pessoais conquistados ao longo dos anos vividos. Também podendo estar aí inclusos, o valor da produtividade tão essencial na sociedade contemporânea. E, nesse universo contempla-se a relevante contribuição das atividades físicas que também afasta da pessoa idosa, o pensamento da incapacidade e/ou inutilidade. Por isso, concorda-se com Garcia ²⁴ ao enfatizar: “A um dia, a um mês e um ano, a uma década, sucedem-se outros anos e outras décadas, chegando nós àquele momento em que já não há nenhuma prática ou produto que iluda o tempo. Aí nada mais há que fazer, exceto mostrar à sociedade aquilo que ainda somos capazes de realizar.”

4.2.1.2 – Corpo: evocação multifacetada através dos tempos.

Quando se tem a impressão de que o corpo humano, constitui-se na história das pessoas como uma realidade fechada e até mesmo alienada, provavelmente é porque no extrato cultural pouco se utilizou desse corpo. A

²⁴ Anotações pertinentes aos trabalhos de orientação que abordavam o velho na sociedade atual.

significativa diferença oriental, ocorre por conta de que lá, o corpo é concebido como natureza e a sociedade como artifício.

Por outro lado, o corpo em nenhum momento da história deixou de ser ponto de reflexão e interrogação. Primeiramente na filosofia, depois com o desenvolvimento das ciências humanas, especialmente a sociologia, antropologia e a psicologia. Assim, nesse corpo de forma multifacetada o olhar da medicina revela conhecimentos a partir da dissecação de cadáveres, chegando no outro extremo, onde a visão da religiosidade fez dele o lugar original de todos os pecados.

Artistas, escritores e pensadores de modo alternado louvaram e amaldiçoaram o corpo através de símbolos, e muito raramente expressando a representação fiel desse corpo subentendido nas dimensões de corpo orgânico x corpo simbólico.

Entende-se então que o corpo não é apenas um conjunto anátomo-fisiológico onde, suas partes constituem os órgãos, e, na combinação destes resulta os sistemas que resultam na funcionalidade do todo. Ele também representa essencialmente os sentidos: social, psicológico, cultural, religioso e econômico, na medida que, insere-se no dia-a-dia mediante as relações de troca e comunicação. O corpo é pois, a representação de um conjunto de si, mas que, ao serem decodificados revelam uma personalidade individual.

Se fosse possível conceituar o corpo na dimensão do ser e ter, então o estudo de Braunstein e Pépin (1999) provavelmente se aproxime bastante desta tarefa ao afirmarem que o homem sempre foi concomitantemente, o corpo que pensa e o corpo que ele pensa, assim como, o corpo que é e o corpo que tem.

Nesse universo complexo marcado pela ordem desordem, pela continuidade e descontinuidade corporal concebe-se com sendo importante demarcar cinco particularidades pertinentes ao corpo a partir do entendimento da leitura dos estudos de Braunstein e Pépin (1999).

1. O corpo pensado → Reflexões sobre pontos de vistas sustentados à luz da filosofia.

2. O corpo representado → Através das concepções de linhas artísticas.
3. O corpo escrito → Inserido nas correntes literárias.
4. O corpo e a ciência → Resultado dos progressos técnicos e das descobertas científicas a seu respeito, e;
5. O corpo e a religião → Concebido pelas doutrinas religiosas, místicas ou esotéricas.

Na verdade o corpo de cada ser humano referenda-se como parte da memória universal. A sua historicidade no contexto de uma cultura é praticamente inseparável da totalidade dessa cultura.

De acordo com os estudos sobre a cultura grega, percebe-se que o culto pela beleza corporal saudável dependia antes, da mais profunda e perfeita serenidade possível e da correspondência harmônica com o universo. O conceito sobre o corpo humano, perpassava a afirmação e crença de que 'o homem é a medida para todas as coisas.' Naturalmente que se excluía daí, a idéia da desmesura, porque além de ser considerado um defeito, opunha-se aos ideais do equilíbrio matemático e das proporções. Além disso, ao que se pode entender, resulta daí a principal razão que o culto ao corpo estivesse ligado às atividades religiosas, pelas quais os homens se assemelhavam aos deuses, e, por conseguinte recebiam a proteção divina. Nessa dimensão o belo só poderia ser o resultado do equilíbrio entre o interior da paixão e a razão, respeitando-se a medida e recusando o excesso.

Já nos estudos que pontuam as principais características do pensamento romano sobre o corpo, percebe-se a noção de si, até porque, a genialidade romana não foi exatamente a de criar, mas, a de assimilar. Assim como também não foi a de inventar mas a de adaptar e por extensão transformar. Nesse estabelecimento de uma nova filosofia de vida, deram origem a novas formas sobre a concepção do homem. Por isso, a preocupação consigo mesmo, como também, as experiências pessoais são de fato valorizadas. Evidencia-se o corpo estoíco onde a moral prevalece e a procura da virtude pela própria virtude toma corpo na noção da individualidade.

Entendendo que das culturas advindas do mundo grego e romano é possível referendar a concepção da corporeidade até o advento do mundo moderno, pretende-se então a partir de Copérnico (1473 – 1543), evidenciar uma nova concepção, desta feita, radical em relação ao homem como também do universo.

O corpo da idade média ofereceria aos artistas e escritores, meios para mostrar as dificuldades da vida da época, ou seja, a doença, a feiúra e toda a espécie de taras, que eram interpretadas como um justo castigo divino, e, Descartes²⁵ coloca no centro do conhecimento duas realidades complementares:

- a) Realidade corporal divisível até o infinito ao que denominou de *res extensa* (substância extensa), e;
- b) Realidade espiritual – *res cogitans* (substância pensante) tendo prioridade sobre a primeira.

Nesse universo o entendimento de Descartes associava a idéia sobre corpos, ou seja, corpos máquinas – corpos cadáveres – corpos representados e corpos objetos. Também acreditava que o corpo permanece uno porque está ligado à alma.

Leibniz²⁶ opõe-se a Descartes defendendo a idéia de que o corpo não é mais que um agregado de substâncias. De igual modo Espinosa concebia o corpo diferentemente de Descartes afirmando existir união entre o corpo e o espírito. Porém sua preocupação maior centrava-se na potência do corpo e desse espírito.

Estas multiplicidades das concepções a respeito da corporeidade, inseridos nas sociedades por muitas vezes, é percebida através do simbolismo. Para alguns o corpo o corpo é um pesado fardo, já para outros, é uma máquina cujo mecanismo é necessário compreender e há ainda aqueles que concebem o corpo com a capacidade de transformação, retirando e adicionando acessórios e desse modo, deixando mais largo, menos denso, menor ou maior. Desse modo pode-se resumidamente dizer que o corpo, por volta do século XII era rebaixado ao nível de carne, porque ele era lugar do pecado original. No

²⁵ René Descartes, filósofo francês (1596 – 1650).

²⁶ Gottfried Leibniz, filósofo, cientista e matemático alemão. (1646 – 1716)

renascimento, re-descobre-se o corpo sob todas as formas, e assim, o corpo que está ligado ao tempo, que fala do amor também revela a morte.

O corpo do século XVIII representa-se no sentido em que é posto em cena: óperas, comédias, tragédias e dramas. Kant²⁷, demonstra que o belo aparenta como ciência, surgindo daí uma nova forma de filosofia, a estética. Já Nietzsche²⁸ questiona a representação do corpo desejando saber por que o corpo aparece como objeto, e, defende a necessidade da busca dos meios e formas que possam encaminhar o pensamento para a compreensão diferente sobre o homem.

Os precursores de Merleau-Ponty e Sartre foram: Descartes – Biran e Bergson. Suas afirmações sobre o corpo parece estarem revestidas de importância na discussão sobre a corporeidade, até porque, .

Pela ordem Descartes dizia “Penso, logo sou!” – Biran afirmava “Quero, logo sou!” e Bergson defendia “Duro, logo sou!”. Sartre por sua vez propugnava a existência do corpo seguido por Freud que destacando o corpo em primeiro plano refletindo sobre a noção de desejo. O corpo passa ser acesso ao mundo e a fenomenologia se encarrega de vesti-lo com a roupa da cientificidade todo este arcabouço sustentado por Husserl, Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty.

Os estudos sobre o corpo ganham novas dimensões. Concebe-se que há três distinções inscritas no corpo: 1^a. → O corpo que é meu que não consigo explicar dado que não posso ver as diferentes relações que animam cada uma das suas partes; 2^a → Há o corpo aparência, forma que os outros captam pelo olhar. Dele só antevejo os contornos; e 3^a → O corpo matéria de estudo para o biólogo, desconhecido para nós enquanto objeto de análise. Entende-se nesse raciocínio que o corpo é o elo capaz de estabelecer uma ligação entre o sentir e o representar; entre o mundo e eu.

Após 1945, como conseqüência da guerra, o evento de Hiroxima e os campos de concentração os traços físicos são esboçados, sem entretanto existir um corpo para valorizá-los. Parece mesmo que o que existe, é a vontade de pôr para trás o corpo que é incessantemente presente pelos mutilados e

²⁷ Immanuel Kant, filósofo alemão considerado o pensador de destaque dos tempos modernos (1724 – 1804)

²⁸ Friedrich Nietzsche, influente pensador e filósofo alemão do século XIX (1844 – 1900)

mortos, lembrando os horrores da guerra. Corrobora-se este pensamento na afirmação de Braunstein e Pépin (1999, p.156): “O homem do pós-guerra é um homem que se busca desesperadamente. Fala com e através do seu corpo.” Entretanto, a nova metade do século após a guerra, evidencia-se pela riqueza aos antagonismos surrealistas.

A partir dos anos 70, a ideologia da repressão corporal é abandonada. O corpo passa a ser tratado como um bem de consumo, praticamente convertendo-se em mercadoria.

Assim, procurando contextualizar o corpo do ser humano na sociedade contemporânea e buscando atrelar este propósito às pessoas idosas, comunga-se com o pensamento de Ribeiro (2004, p. 34) quando informa:

“Na sociedade contemporânea, caracteriza por valores de juventude, saúde e beleza, o idoso poderá ser encarado como um ser ultrapassado, desgastado, desvalorizado, sem vitalidade, isto é, a antítese do ideal de um corpo jovem, belo e saudável. Numa sociedade profundamente hedonista, a deterioração e as marcas que vão ficando impressas no corpo dos idosos ao longo da vida aparecem como defeitos e factores de exclusão.”

Deseja-se observar que se entende ser as diferenças saudáveis entre as pessoas, porque elas a seu modo, individualizam evidenciam a distinção ao ser humano. Entretanto, quando se discute a corporeidade e se contempla a população idosa, certamente que deixam de existir diferenças para surgir a determinação e o estabelecimento da desigualdade.

Certamente que muitas pessoas idosas buscam de forma até mesmo desenfreada, igualar-se ao mundo da juventude no que tange a estética, moda, forma, alimentação, entre outras instâncias; na tentativa demonstrarem um corpo saudável e esteticamente aceitável – segundo os padrões convencionados – na atualidade. Por isso, é possível perceber que as pessoas idosas integrantes da sociedade contemporânea, freqüentemente procuram tratamentos específicos para com o cabelo, aquisição de novas vestimentas renovando o guarda-roupa, de igual modo visitam o esteticista – e muitas vezes – o cirurgião para renovar o perfil facial, ou, ajustar algumas linhas corporais, e ainda, participam de programas de atividades físicas e desportivas,

demonstrando que a vitalidade e a capacidade e aptidões físicas estão presentes.

Na verdade o desejo maior parece estar sedimentado na demonstração – para si e/ou para a própria sociedade – do valor e o potencial pessoal que ainda consegue manter e que por extensão, pode ser útil, interessante e importante para a própria sociedade, que por alguma razão dificilmente reconhece valores, capacidades e realizações nas pessoas idosas.

Por outro lado, não deixa de ser importante referenciar que nem todos os integrantes desta população idosa, podem dispor de recursos para atender as exigências referendadas pela sociedade sendo mesmo possível afirmar que, a maioria das pessoas idosas não encontra conforto e tranquilidade no que se refere às instâncias econômicas, bem como, geralmente não conta com reservas monetárias.

Assim, não é de se admirar que na sociedade contemporânea o corpo se tenha tornado mostra de representação social, espetáculo no desporto, ou, lugar de experimentação científica. O corpo na verdade, foi desmembrado e suas diferentes partes funcionam independentemente, rígidas por um sistema hierárquico fundado numa matemática da mensuração, e quem sabe, esse desmembramento que chega a dar a idéia da desestruturação não simbolize a atualidade, até porque, o corpo quando fica silencioso não quer dizer que foi silenciado. Antes, foi sempre uma forma, um meio de comunicação além de desempenhar um papel como vetor social, psicológico, cultural e também religioso.

4.2.2 – A Participação do Novo Homem Velho na Sociedade Moderna.

Atualmente é possível observar que uma parcela da população idosa já se insere no mundo do consumo, sendo bem provável que a etapa seguinte possa ser a sua re-integração no mundo da produtividade. Porém, como tal perspectiva ainda não se consumou no campo das propostas de futuro, é importante procurar entender um pouco mais a respeito dos propósitos e dos valores que podem ser verificados e inseridos nesse contexto.

Assim, deseja-se evidenciar situações que certamente podem ser consubstanciadas no sentido de poder destacar a configuração social frente ao processo de envelhecimento do ser humano. Atrelado nessa linha de pensamento, inserem-se algumas idéias que são adesivas ao redimensionamento desta fase da vida humana que se julga importante ser assimilada tanto pelos idosos em si, quanto pela própria sociedade.

Na verdade, a grande censura na sociedade contemporânea parece mesmo residir na velhice. Diante disso pode-se estabelecer se esta etapa da vida, será difícil ou mais leve. Assim, o termo que já se costuma ouvir 'gerontofobia', é indicado para designar o medo e o pavor da velhice e de todas as circunstâncias que cerceiam este processo.

Pode-se dizer que o século XXI, encaminha-se para uma particularidade, qual seja, marcado pelo signo das pessoas idosas tendo como referência, dados já expressos pela OMS – Organização Mundial da Saúde, apontando que no futuro a população de idosos será maior que a de jovens.

Por outro lado, a marca do tempo expressa nos corpos humanos, denota o redimensionamento do mundo, bem como, o sentimento de vida em relação ao envelhecimento das pessoas. A sociedade concebida pelos seus próprios pares, até aonde se pode perceber priva as pessoas que conseguem vivenciar o processo de envelhecimento, como por exemplo, ao induzir a baixa autoconfiança, a retirada do mercado do trabalho, a gradativa exclusão das instâncias de interação social, a falta de segurança, entre outros.

Todo o conjunto das exigências que a sociedade contemporânea contempla em relação aos extratos de produtividade e trabalho, tem de certo modo servido de referência para que mesmo advertidas por muitos anos, as pessoas se recusam a acreditar na lógica inabalável do calendário. Em alguns países do mundo já é possível verificar um fato que provavelmente, não estava previsto pela evolução, ou seja, o número de pessoas idosas pode mesmo ser maior que a população jovem.

Por isso que a discriminação não raras vezes observada na sociedade em relação aos idosos e também à velhice, pode reverter-se em prejuízos de ordem econômica, e, numa linha transcendental também em prejuízo de ordem espiritual. Parece ser importante amadurecer o pensamento no sentido de que as pessoas que envelhecem em uma sociedade, que por sua vez também se encontra em processo de envelhecimento, podem ao mesmo tempo constituir-se líderes e vítimas nesse final de vida.

De acordo com Schirrmacher (2005), o fato é que de um lado da moeda, se encontra a ansiedade e até mesmo a angústia de viver o maior tempo possível. Já do outro lado dessa moeda, percebe-se a necessidade em dissuadir as pessoas dessa ansiedade e angústia. Por isso mesmo, em algumas sociedades do mundo, arrebatam-se do idoso a sua casa, seu quintal e até mesmo a sua alimentação; enquanto que em outras sociedades – dessas parece que fazemos parte – rouba-se sua autoconfiança e vontade de viver. Quer dizer, o que se acredita ser certo e bom, aquilo que se denomina como experiência, ou ainda, o que pode tornar a pessoa grande e forte, passa a ser triturado, digamos assim, pelo rolo compressor do envelhecimento na visão da sociedade contemporânea. Na verdade, a leitura que se pode fazer é que não importa a conquista de sucessos passados, não importa a beleza que se desenhava, como também, a experiência de vida se em tudo isso se encontra a marca do tempo reconhecida pela velhice. É analogamente, a corrosão dos conceitos sociais embutidos na própria sociedade.

Acredita-se ser importante redimensionar os conceitos sobre o processo de envelhecimento sobretudo, refletindo a linha de raciocínio expressa por Schirrmacher (2005, p. 4) quando textualiza:

“Não haverá poltronas aconchegantes, fogo na lareira nem armários abastecidos de comida. Não podemos ficar em casa. Temos que nos mobilizar enquanto ainda tivermos força e autoconfiança. Raramente uma sociedade pôde dizer com tanta clareza como a nossa: temos de aprender a envelhecer nos próximos 30 anos de uma maneira nova ou, então, cada, e, todo o indivíduo da sociedade será punido financeiramente, social e emocionalmente. Em jogo está a liberdade daquele ser triste e oprimido que reprimimos e que hoje ainda existe. É o nosso futuro que está em jogo.”

Na atualidade, o envelhecimento pode ser comparado com aquele carro antigo que um dia foi motivo de atração e cobiça, no entanto, hoje, o carro continua sendo útil para o seu dono. Porém, cada vez mais este carro passa a ser um fardo, representando muitas vezes motivo de constrangimento no trânsito. Há de considerar de igual modo, que a irritação e impaciência com os ruídos que produzem sem contar que, são considerados poluidores do meio ambiente e que por isso, e por medida de segurança, sua licença é cassada e o carro acaba sendo impedido de circular.

Nessa analogia, pode ser percebido que mais do que constrangedora, é perigosa a existência desse carro, porque a sociedade persegue de forma mais incisiva e constante os carros fora de linha nas estradas. De sorte que, alguns signos da modernidade em relação às pessoas idosas estão associados com a aparência física, com as relações no mercado de trabalho, com as doenças e com as perdas no desempenho.

Nesse sentido, é possível depreender que de fato a sociedade arrebatou mesmo da pessoa idosa aquilo que é essencial para a sua existência: a autoconfiança.

Para além disso, a exortação pela juventude pode desencadear forças significativas ao código biológico do ser humano e até mesmo, à aversão da natureza contra a velhice. Diante disso, pensa-se que o tempo para envidar esforços com vistas ao resgate da dignidade da pessoa idosa no contexto social vigente, é este mesmo e deve ter o caráter da condição inadiável.

Para tal, não deixa de ser interessante considerar, ou, re-considerar alguns pontos que podem resultar na transformação e/ou, redimensionamento da visão presente, como por exemplo:

- Rever as lições quase obcecadas pela juventude;

- Aposentar as pessoas sob outros critérios, vislumbrando preferencialmente um tempo maior de atuação no mercado de trabalho;
- Implantar nos currículos escolares a disciplina que contemple educação para a velhice;
- Alterar as jornadas de trabalho, e ainda;
- Salvar as experiências, sabedoria e lições dos idosos possibilitando a extensão desses universos de conhecimentos, sob a forma de permuta partilhada entre as gerações.

Para além disso, parece mesmo interessante também averiguar o pensamento de Chopra (1994) ao enfatizar em seus estudos que as deduções verificadas na atualidade com relação à velhice, não necessariamente representam a verdade, como por exemplo, raciocinar de que o processo de envelhecimento encontra-se ligado com a instalação de doenças. Na verdade, independentemente da faixa etária que a pessoa se encontra, é possível de se observar desorganizações fisiológicas, portanto, uma coisa é tratar de pessoas doentes e outra, é atender as necessidades de pessoas idosas absolutamente saudáveis.

Ainda nessa mesma linha de pensamento, pode-se entender que o autor destaca uma comparação bastante curiosa ao enfatizar que diferentemente de uma máquina, que se desgasta com o uso, o corpo humano é capaz de ficar ainda melhor quanto mais for utilizado, atestando que o sistema músculo esquelético fica cada vez mais forte à medida que é requisitado. Porém, o contrário pode ser verdadeiro, quer dizer, quanto mais prolongado for o período de repouso, maior é a possibilidade da permanência das disfunções fisiológicas.

Assim, entre os inúmeros fatores que podem contribuir com o retardamento do processo de envelhecimento, pelo menos cinco são fundamentais: 1 – Casamento feliz, ou, relacionamento satisfatório; 2 – Satisfação no trabalho; 3 – Sensação de felicidade pessoal; 4 – Rotina diária regular compromissada com a realização das tarefas; e, 5 – Rotina de trabalho

regular com jornadas definidas, ainda que com tempo um pouco maior para revelação dos resultados.

Mas, infelizmente há de se convir que a sociedade contemporânea levará ainda algum tempo para rever pressupostos importantes como por exemplo:

- ❑ Se o jovem é bom, o velho deve ser ruim;
- ❑ Se o jovem tem tudo, então o velho deve estar perdendo;
- ❑ Se o jovem é criativo e dinâmico, o velho ser tedioso e estático;
- ❑ Se o jovem é belo, o velho não deve ser nada atraente;
- ❑ Se o jovem é excitante, ser velho deve ser chato;
- ❑ Se os jovens são cheios de paixão, os velhos devem ligar mais para nada; e,
- ❑ Se as crianças representam o amanhã, os velhos devem ser o ontem.

De outro modo, os estudos de Perls (2004) apontam que a longevidade pode estar acompanhada de boa disposição e agilidade e que, é indispensável que o ser humano seja generoso no cumprimento das suas ações cotidianas.

Naturalmente que há um vasto receituário indicando de como viver mais, entretanto, quase sempre tais indicações deixam a desejar em relação ao objetivo em si. É preciso que o ser humano tenha a consciência que envelhecer é só uma questão de tempo e por isso, antes de qualquer coisa viver é o que mais conta. Nesse universo certamente estão realçados os projetos de vida, as atividades físicas, o trabalho cotidiano, a diversão, a contínua busca pelo conhecimento e a educação permanente pela adoção de hábitos e atitudes de vida que possam ser considerados saudáveis e indissociáveis do viver das pessoas.

Não menos importantes são as observações de Mendes (2005, p. 300) quando se refere ao envelhecimento ativo já vislumbrado nos países da Comunidade Européia, informando:

Os governos da OCDE assumiram na década passada a necessidade de uma estratégia de envelhecimento activo tanto no domínio das políticas de emprego como nos domínios da acção social, dos cuidados de saúde e das políticas de família. (...) as pessoas à medida que envelhecem, gozarem de vidas

produtivas na sociedade e na economia, o que significa que as pessoas devem fazer escolhas flexíveis na forma como usam seu tempo no seu ciclo vital – para estudarem, trabalharem e ocuparem o tempo em actividades de lazer e de ajuda aos próximos.”

Na verdade, em que pese a importante revelação no que tange a oportunizar as pessoas idosas re-ingressarem no mercado de trabalho, a preocupação expressa pelo autor parece apresentar duas mensagens relevantes.

A primeira, reconhecendo que o sistema previdenciário poderá chegar em um momento de incapacidade para o atendimento da população pensionada. Naturalmente que esta possibilidade, além de grave, poderá produzir conseqüências expressivamente negativas no contexto social. Porém, na segunda mensagem acredita-se residir importantes referências atreladas às pessoas idosas, destacando-se:

- ❑ A aceitação de que a pessoa idosa pode ser capaz e produtiva no contexto social vigente, oportunizando com dignidade uma nova fase na vida pessoal da população idosa.
- ❑ A aceitação de que as pessoas idosas devem gozar a vida na sua plenitude mediante a ocupação do tempo com trabalho, lazer, estudo e participação social efetiva. A isto se pode dar um nome *cidadania*.
- ❑ A aceitação de que o processo de envelhecimento humano não é privilégio de alguns, mas que, a sociedade em si também envelhece e portanto, é preciso redimensioná-la.

De modo geral, é de igual modo importante também saber reconhecer tanto os êxitos quanto os fracassos na atualidade, na medida que, é possível registrar a informação que o aumento de pessoas idosas nascidas na metade do século XX, estão respaldadas com uma história repleta de vitórias.

Afinal, sobreviveram vencendo inúmeras barreiras e dificuldades e para tal, não foi necessário tramar uma guerra. Isso incontestavelmente como narração das gerações vivas, pode constituir-se numa espécie de instrumento para novamente ganhar a autoconfiança que a velhice através das ações e posturas da própria sociedade, é capaz de tomar das pessoas idosas.

Portanto, ao aceitar que o ser humano em processo de envelhecimento não representa a improdutividade, o cansaço e ainda, por conseguir chegar nesta etapa da vida não pode e nem deve ser considerado frágil, possivelmente possa haver também configuração consistente de mais uma regra de sobrevivência.

Parece mesmo importante focar o encaminhamento de adaptações no que concerne às concepções de envelhecimento na sociedade contemporânea, sob pena de se estabelecer uma rota de colisão capaz de produzir sérios prejuízos ao ser humano. Tal raciocínio pode ser corroborado por Schirrmacher (2005) quando compara a idade com as bonecas russas que cada uma quando aberta encontrará outra menor, isto quer dizer que, também o envelhecimento do mundo partirá de contextos globais pelos continentes e países chegando por fim, a cada família, a cada pessoa e a cada célula do ser humano.

Diante dessa realidade irrefutável, a idéia da existência de novos calendários de longevidade, assim como auto-imagens fortes das pessoas idosas, e principalmente, o crédito depositado no sentido de entender que o processo de envelhecimento é uma mudança e jamais uma fatalidade, parece mesmo ser além de interessante, a forma mais ideal de consolidar a trajetória do redimensionamento sobre a velhice e suas nuances.

A sociedade precisa aprender a ser velha e tirar desse fato, todas as lições positivas em favor da sua própria continuidade da maneira mais harmoniosa possível. Esse pensamento referenciado ao envelhecimento social é também reforçado por Schirrmacher (2005, p. 73) quando informa:

“Há um envelhecimento biológico e há também um envelhecimento social. A partir do momento em que a natureza começa a atacar – depois dos 40 anos –, a sociedade também ataca. E ela tem muita pressa, intervém à força em nossa vida e faz com que percamos o rumo. Traduzindo para a linguagem animal: ela rouba do homem seu status dentro do grupo para poder afugenta-lo mais facilmente.”

Considera-se o raciocínio do autor em tela pertinente e comunga-se de tal pensamento, na medida que, é de fato possível verificar no contexto atual que a partir dos 40 anos de idade muitas pessoas percebendo, por exemplo,

que a sua reputação no trabalho começa a declinar mesmo apresentando resultados e cumprindo com rigor sua jornada de trabalho, um pouco mais adiante o desestímulo é praticamente irreversível e, ela inicia o processo da solicitação para a sua aposentadoria, justamente na melhor fase de produtividade.

Por outro lado, buscando complementar este pensamento cabe ainda enfatizar duas outras colocações que se acredita estarem revestidas pela roupagem do preconceito. A primeira, quando se afirma que, as pessoas jovens têm muito mais para aprender, deixando a impressão do preconceito pedagógico; e, a segunda quando se diz que pessoas com idades mais avançadas desaprendem muita coisa e muito menos são capazes de re-aprender; certamente paira outro preconceito ainda mais grave que o primeiro, porque se trata de um ataque frontal à dignidade humana.

Com isso, os idosos na sociedade contemporânea são vistos muito mais como mensageiros da morte do que como pessoas integrantes da própria sociedade, na verdade fica a sensação de que, eles são literalmente expulsos da vida profissional e social.

4.2.3 – Juventude e Idade Contemporânea x Velhice e Redimensão dos Valores Humanos.

Vive-se na sociedade moderna uma crise de valores e justamente aqueles que deveriam ser agregados como 'bens de vida'. Parece de fato ser exatamente isso que se pode observar, principalmente quando se evoca, por exemplo, a honestidade, a cordialidade, a bondade, os compromissos com a verdade, a partilha em favor da minimização das desigualdades, enfim, situações que tornam cada vez mais forte o apelo para a morte e para a decadência do ser humano. A vida deixa o SER menos importante passando a figurar como um acessório onde, o que conta como relevante é o TER.

A impressão que se tem é de que, na sociedade moderna a indignação frente às situações de tratamentos desiguais, ou, desumanos só pode ser

percebida justamente pelo reconhecimento da humanidade ou humanização, valores que também paulatinamente estão sendo esquecidos.

Nesse sentido Sung (2002, p. 48) afirma:

“Esta dificuldade em reconhecer a humanidade das vítimas dessas situações tem a ver com a dificuldade em diferenciar o lugar e o papel sociais destas pessoas da sua dignidade como ser humano e cada vez mais, as pessoas confundem a dignidade humana com lugar social.”

Há indicações de que numa cultura onde se destaca o consumo, ele próprio é considerado como fator que pode determinar a definição da identidade e por conseguinte, o reconhecimento da dignidade das pessoas.

A busca desenfreada pelo sucesso – característica cada vez mais marcante na sociedade moderna – que serve como justificativa da existência humana; reconhecer seu semelhante estando desprovido da visão reducionista pela avaliação do ter, torna-se definitivamente cada vez mais difícil de se verificar.

É pois, nesse extrato que se encontram as pessoas idosas, como se pode observar na afirmação ainda de Sung (2002, p. 49):

“(…) se na nossa sociedade encontramos um indivíduo pobre, negra, mulher, lésbica, prostituta, aidética, deficiente física, feia e velha, e ainda conseguimos ver um ser humano com a sua dignidade fundamental, temos realmente uma experiência espiritual de graça (reconhecimento na pura gratuidade, para além de toda a convenção social) e de fé (ver o que é invisível aos ‘olhos do mundo’.”

Portanto respeitar as pessoas, independente da sua condição social, não resta a menor dúvida de que, é o requisito insubstituível para o reconhecimento da dignidade do ser humano.

A pessoa idosa, destituída cada vez mais da sua dignidade é na verdade, um ser humano reduzido a uma peça do sistema social vigente. A transformação ou talvez, redimensionamento das condições da sociedade moderna onde, a pessoa idosa encontra-se inserida pode ser possível a partir dela própria, ou seja, da sua atuação no sentido de buscar a salvaguarda dos seus direitos e deveres – premissa que confirma a dignidade – deixando de ser somente mais um ator social, passando a exercer também o papel de sujeito

da sociedade. Depreende-se então que a pessoa idosa deve descobrir-se ou re-descobrir-se, identificando-se nessa condição de sujeito social.

Entre os direitos da pessoa idosa, talvez o principal deles esteja atrelado com o direito de continuar vivendo com dignidade, independência, sendo útil e capaz e sobretudo, desprezando o sentido de representar um 'fardo social'.

Desse modo, entende-se que a ruptura profissional – consequência da aposentadoria – da forma como acontece mais uma vez, surge como também um indicador negativo na manutenção da dignidade da pessoa idosa. Isto quer dizer que a ausência da dignidade tem como principal aliada a perda dos papéis sociais, que logo a seguir encontra-se com a discriminação social.

Por isso, reveste-se de importância fundamental o estudo aprofundado do Estatuto do Idoso que, a princípio, deve representar um instrumento de garantia dos deveres e direitos da pessoa idosa, sendo justamente isso que poderá determinar o status social do cidadão idoso, como também, entende-se que deva trazer os mecanismos éticos que possam redimensionar a existência das pessoas idosas no contexto social vigente.

4.2.3.1 – A vida como um exemplo pela busca dos valores ignorados.

Por certo muitas pessoas idosas poderiam sem qualquer sombra de dúvidas, oferecerem a sua própria existência para servir como exemplo de determinação e dignidade às gerações mais novas, justamente porque souberam durante todo o tempo, acalentar os valores humanos com tal intensidade que, marcam sua passagem para sempre, ou seja, ao seu modo, eternizam-se.

Porém, independentemente do credo, raça, sexo ou condição social, mas antes, pela inigualável e reconhecida nobreza, bem como, pela dedicação e espírito de humanidade certamente o cidadão do mundo Karol Wojtyła, pode ser aqui designado como o representante de todas as pessoas idosas no que se refere, sobretudo, à dignidade do ser humano conceituação que o autor do presente estudo expressa, baseando-se nos registros de um rápido resumo da vida de Wojtyła.

Nasceu em 18 de maio de 1920, época conturbada em razão da guerra entre Polônia e a República Soviética. Antes dos 21 anos já havia perdido toda a família.

Muito antes de se tornar Papa já era um exemplo de cidadão. Como gostava muito de futebol, jogava como goleiro na equipe dos judeus de sua cidade. Foi ator e roteirista em peças de teatro. Trabalhou como britador e até chegou a figurar na lista negra dos nazistas entre os anos de 1939 – 1945.

Aos 26 anos era padre. Arcebispo aos 43 e Cardeal aos 46 anos de idade. No exercício do pontificado, encontra-se entre os 13 Papas na história da humanidade – a despeito de algumas pessoas que desejavam a sua renúncia – que reinaram por mais tempo. Seu legado é verdadeiramente uma apologia de humanidade e humanitarismo.

Mesmo sendo acometido de sérios problemas de saúde, com exemplar dignidade realizou ininterruptamente o seu trabalho contando, ao momento desta escrita, oitenta e quatro anos de vida.

Imensa era a obstinação de Wojtyła, corroborando este raciocínio Garcia²⁹ (2005) ao finalizar sua coluna escrita para um jornal local expressa a seguinte nota:

“Senhor Director do Povo de Fafe: não encontrei melhor forma de comemorar os 65 anos de existência do seu Jornal do que esta, a de celebrar o sofrimento e a morte de João Paulo II, no fim das contas uma enorme oportunidade para celebrar e para cantar um hino à VIDA.”

Percebe-se que nem o fato da morte de sua santidade, o Papa João Paulo II – ainda que tenha sido uma perda irreparável, pois se trata de uma vida; e a vida de todos quando se finda é mesmo irreparável – não deixa o sentimento do vazio e/ou da inexistência, mas antes, uma forte evocação, ou melhor, um enorme chamamento pela vida justamente por entender-se que seu legado será inesquecível e por extensão, seu espírito eternizado no coração e no pensamento da maioria das pessoas do mundo todo.

O velho Wojtyła também se destacou pela capacidade de adaptar-se, principalmente à novidade. E paradoxalmente, no tempo em que a sociedade,

²⁹ Rui Proença Garcia escreve periodicamente uma coluna no Jornal Regional “Povo de Fafe” em Portugal.

a seu modo, 'descarta' as pessoas idosas que não atendem a tal exigência. Por isso, parece interessante tentar rever os valores perdidos inserindo nessa discussão a população idosa.

Quando se compreende que o processo do envelhecimento encontra-se afeto na sociedade como tal, percebe-se também que o tratamento oferecido às pessoas idosas é diferenciado em relação a outras pessoas adultas e mais jovens ainda.

Com os velhos as formas de tratamento lembram muitas vezes, abordagens que lembram crianças como por exemplo, tom de voz diferente e protetor e modos de chamar a atenção e elogiar.

Ora, desse modo o idoso – salvo algumas exceções – só poderá raciocinar no sentido de que as pessoas tratam-no de forma infantilmente ridícula e portanto, não é sem razão quando se queixam. Daí depreende-se que as abordagens para pessoas idosas, não podem ser diferenciadas devendo no entanto, conter alto grau de respeito, reconhecimento e dignidade; valores que parecem ser cada vez mais raros para os idosos.

Associando-se nessa linha de pensamento observa-se que existe uma crença social, cujo conceito é impregnado do sentido de que, envelhecer é igual à desgraça, e assim além das inúmeras situações desfavoráveis aos velhos, também lhes é negado o direito do trabalho, afinal, produtivo mesmo é o 'jovem'. Garcia (1999) reforça esse pensamento afirmando que a tendência é de associar a velhice com a decadência.

O resultado deste pressuposto, pode ser verificado através das inúmeras tentativas que as pessoas fazem, buscando atrasar e/ou camuflar o relógio biológico, com a utilização de recursos como cosméticos, cirurgias plásticas, entre outros. O fato é que, a sociedade interessa-se cada vez menos pelas pessoas idosas, encontrando-se neste rol os poderes públicos que, durante muito tempo, atribuem a função dos cuidados e atenção às pessoas idosas, via de regra geral, ao voluntariado e organizações de caridade. Verifica-se assim um certo 'descompromisso' ou até mesmo certa omissão da sociedade e também da própria família.

Assim, é preciso nesse universo falar reiteradas vezes sobre dignidade e cidadania do idoso porque, é possível na atualidade detectar a existência de uma enorme lacuna entre os valores dignidade e cidadania do e para a pessoa idosa. Entende-se dessa forma que algumas das ações que passam por essas instâncias de valores são salários das aposentadorias que contemplem o atendimento integral das necessidades básicas da pessoa idosa, direito ao trabalho como referência produtiva, direito a manutenção da saúde, lazer, direito ao atendimento, tratamento e cuidados quando da instalação de doenças, direito da participação em programas de profilaxia, direito a moradia digna, entre outros.

Por outro lado, é inegável que ao longo do desenvolvimento do processo de envelhecimento, o ser humano diminui gradativamente suas funções, o que acaba por determinar o estabelecimento de alguns limites no trabalho e também por vezes, nas relações pessoais e interpessoais. De acordo com esta realidade, parece ser interessante postular os significados do que é realmente 'ser velho' e quando 'se é velho'. Naturalmente que a idade, seus possíveis limites e défices, podem ser encarados como diferenciais, entretanto, são também esteriótipos sociais que passam a desempenhar importante papel na auto-estima das pessoas idosas.

Tais esteriótipos, se constituem em opiniões e atitudes que se naturalizam e passam a ser banalizados e consensuais, construindo representações acerca da velhice.

Sabe-se que a partir da Revolução Industrial, a pessoa idosa perdeu prestígio, respeito e consideração. Entretanto, parece ser de bom alvitre enfatizar que a pessoa através da passagem pelo processo natural que caracteriza a velhice, aumenta seus limites mas nem por isso torna-se justo, obstruir a sua existência no contexto social como é possível verificar, a partir da aposentadoria até as mais diversas situações discriminatórias. Assim, na revisão que a sociedade moderna realizará diante do fenômeno da velhice, certamente as dimensões da pessoa idosa, bem como, o lugar que a mesma deverá ocupar na sociedade, será contemplado de outra forma, ou seja, procurando resgatar os valores implícitos no idoso. Porém, quando se fala em

valores dos idosos, não quer dizer só o ancoramento da velhice com a sabedoria.

São vislumbradas as instâncias:

- ❑ Culturais e de tradição;
- ❑ Do estabelecimento do equilíbrio entre os jovens através da consolidação dos valores sociais passados com os atuais;
- ❑ A inegável experiência de vida acumulada ao longo do tempo em todos os sentidos;
- ❑ E sobretudo, os princípios que consolidam e concretizam os valores implícitos de família.

Na verdade entende-se que é preciso lembrar que os idosos podem contribuir expressivamente no contexto social.

Também é importante destacar que por conta de todo o processo – veladamente existente – discriminatório contra o idoso, ele próprio também passa a explicitar situações de auto-discriminação, sendo portanto, significativo o auto-resgate da sua imagem e estima a partir da re-conscientização do próprio idoso.

Por isso, acredita-se que o exercício pleno da condição humana deva passar antes, pela revisão e correção de todas estas instâncias, ou seja, dos conceitos sobre respeito, consideração, garantia da manutenção da saúde, reconhecimentos dos valores pessoais da pessoa idosa; todos imprescindíveis na construção da sociedade moderna e no reconhecimento das suas capacidades de trabalho.

Por conta deste pensamento, entende-se que a pessoa idosa não é, tampouco deve ser uma acomodada, ou ainda, um ser inativo porque dele nada ou quase nada se pode esperar.

Pois se contesta justamente o contrário, é preciso apenas que seja oferecido ao idoso um crédito da sociedade que mais dia, menos dia também envelhecerá e quando isso ocorrer, esta mesma sociedade acabará por descobrir que deixou de aprender as lições que podia e devia com os seus velhos, e que somente isso lhe garantiria a sua subsistência.

4.2.4 – Corpo, Dignidade e Cidadania

Pensa-se ser muito importante discutir, bem como refletir um pouco mais sobre cidadania e dignidade especificamente das pessoas idosas.

Não deveria de ser mas infelizmente, até onde é possível verificar, é reducionista a conotação de cidadão porque se atrela nas idéias de certidão de nascimento, carteira de identidade e título de eleitor onde através deste último documento, o cidadão é chamado a ‘exercer seus direitos de cidadania’ através do voto.

O entendimento de cidadania passa pela idéia de movimento e exercício cotidiano dessas instâncias mediante a educação e o aprendizado social pelas novas formas de relação como sujeitos ativos na sociedade. Assim, como é possível falar em cidadania do idoso quando é quase que rotineiramente se encontram pessoas que viveram toda a sua vida, sem saber sequer o significado de cidadão?

Certamente, que também por isso, Bruno (2003, p. 77) enfatiza:

“Vivemos numa cultura que insistiu ser ‘vergonha’ declarar a idade cronológica, ser indelicado, indiscreto e falta de educação perguntar ao outro quantos anos ele tem. No dia-a-dia, quando ligamos a televisão, assistimos ao apelo da mídia para o consumo de produtos, para se exorcizar o ‘fantasma da velhice’, investir no ‘combate’ às marcas do tempo no corpo, receitas milagrosas que prometem a eterna juventude. Simultaneamente, essa mesma mídia apresenta, de forma constante, mensagem de apelo ao que é jovem, fazendo ligação direta ao que é vida, beleza, saúde, prazer, possibilidade.”

Com um pouco mais de atenção percebe-se que nas propagandas com idosos – quando elas são veiculadas na mídia – na maioria das vezes, são distorcidas e esteriotipadas como por exemplo gente surda, homens ranzinzas, mulheres fofqueiras, entre outros. Assim, o que parece desse modo, é o evidenciar-se de um viés discriminatório. Aliás, em se tratando de discriminação, é impressionante ouvir – ainda que involuntariamente – o aumento do número de designações quando se pretende focar pessoas da terceira idade, principalmente nos centros de saúde e nos departamentos de ações sociais são expressos termos como: terceira idade, boa idade, melhor idade, idade madura, idade de ouro, quarta idade, entre outros tantos mais.

Nessa linha de pensamento o que se percebe é que na sociedade alguns valores podem ser mais evidenciados, e, a beleza do corpo humano encontra-se nesse contexto.

Este raciocínio encontra-se apoiado na afirmação de Garcia e Queirós (2004, p. 48):

“Todas as sociedades através dos tempos “elegem” determinados princípios ou valores como eixos fundamentais que regem a sua existência, visando assegurar a sua própria estabilidade. Há valores, verdadeiros princípios éticos, que embora se expressem de forma diversa consoante a sociedade e o tempo onde se concretizam, não deixam de ser universais. A justiça e a beleza são dois desses valores que perpassam todas as culturas, todas as sociedades e tempos históricos, assumindo o estatuto de características inerentes ao ser humano, constituindo-se em verdadeiras categorias antropológicas.”

Na atualidade convive-se com diferentes valores e também com escalas que às vezes, nem sempre atendem para uma concepção real desses valores, pelo menos é essa mesmo a impressão que se tem, ou seja, de uma inversão dos valores, em cuja escala situam-se na linha da nobreza.

Assim, na sociedade contemporânea observa-se valores ancorados ao individualismo, aos prazeres, ao risco e ao desafio. Também se verificam valores – por mais que pareça paradoxal – ligados ao efêmero e ao relativo; surgindo de igual modo, o valor pela estética e nessa dimensão o corpo humano.

Bem verdade que o valor atribuído ao corpo não pode ser considerado algo recente inserido nos tempos modernos, ou ainda, pós-moderno. Ao contrário, o corpo humano esta adesivamente impresso no imaginário do ser humano desde muito tempo atrás. Provavelmente seja também por isso que ainda Garcia e Queirós (2004, p. 49) informem:

“O corpo não é por isso um valor recente nem fruto de uma moeda ou expressão de um qualquer paganismo. O corpo tem sido ao longo dos séculos um valor latente podendo em determinados períodos ocultar-se um pouco mais, mas emergindo com força noutros momentos da humanidade, como neste que agora estamos atravessando.”

Ao concordar com o este raciocínio, também parece ser importante não esquecer que, embora na atualidade esteja-se mesmo atravessando por um período onde o corpo é exortado – e não raras às vezes em demasia – deve-se refletir que, em relação aos corpos dos idosos, a princípio, a aceitação desta escala do valor que referencia o corpo, é praticamente o estabelecimento de uma desigualdade onde, a pessoa idosa quase sempre fica em grande desvantagem perante o corpo mais jovem e/ou perante os signatários de corpos que detém confortável condição econômica canalizando tais recursos para intervenções cirúrgicas estéticas de toda a ordem.

Essa relação entre corpo do ser humano e dignidade, encontra-se bem estabelecida na fala de (Rocchetta 1990, p. 9) informando que:

“El cuerpo ocupa, por otra parte, el centro de las problemáticas que se discuten estos años en el campo de la ingeniería genética, de la investigación biomédica, de la donación y de los transplantes de órganos y de las intervenciones sobre enfermos terminales. Solo si el cuerpo es reconocido en su real y integral valor podremos responder, de modo adecuado a la dignidad del hombre, a cuestiones tan relevantes y decisivas para el hoy y el futuro de la humanidad.”

Na leitura de Rocchetta (1990) depreende-se que o corpo é portador de uma riqueza de significados, apontando muito especialmente quatro categorias:

1 – O corpo como metáfora do Universo, cuja plenitude, unidade e harmonia que se manifesta. Nessa categoria é contemplado segundo a concepção bíblica do gênesis e que portanto, não se configura somente como o espírito, mas, sobretudo, incorporando ao ‘ser’ do homem a inclusão de sua corporeidade.

2 – O corpo como um símbolo – representativo e realizado – do ‘eu espiritual’ a criatura humana é um todo espírito e um todo corpo estabelecendo uma interação recíproca entre estas categorias. Porém, não se pode manifestar e realizar a convivência entre os seres humanos, senão pela corporeidade, e até porque, a própria colocação das pessoas no mundo se encontra intimamente ligada pela corporeidade.

Portanto, o corpo só pode ser o campo expressivo do ‘eu’ e a linguagem que permite a comunicação de uns com os outros, o conhecimento e o

reconhecimento entre o 'eu' com os demais. De forma que, aquele que não respeita seu próprio 'ser' inscrito em um corpo, como também, não respeita a sua própria unidade espiritual-corpórea, dificilmente poderá respeitar a condição corporal dos seus semelhantes, que em última análise pode ser comparada como 'a morada do ser'.

3 – Corpo como valor da autoconsciência que uma cultura tem de si próprio e do modo como se constitui, pode-se entender que a representação corporal, de certo modo, reflete a autoconsciência que um grupo social tem de si próprio. O modo que a sociedade valoriza o corpo, infere na percepção que tem de si e o valor que se atribui ao ser humano. Há de fato uma profunda interação entre 'corpo pessoal' e 'corpo social'. Nesse aspecto, o corpo é em si mesmo uma realidade simbólica sendo um signo visível do grupo e das representações que o configuram, como também, de um itinerário positivo de crescimento, ou, uma forma negativa de regressão.

4 – O corpo é lugar da experiência de supremo criador, bem como, das opções éticas, sustenta-se também, pela representação que se tem da corporeidade, incidindo muito mais naquilo que se crê sobre a representação que fazemos de Deus e vice-versa. Além disso, os excessos corporais conduzem para o raciocínio primitivo e para a condução de atitudes morais e éticas positivas.

Para além disso, na sociedade contemporânea é possível de se verificar algumas ambigüidades na re-apropriação do corpo, com maior ou menor escala, em pelo menos quatro momentos distintos são observados. Há o corpo na sociedade de consumo, encarado como mercadoria de intercâmbio comercial; mas há também o corpo como veículo de mensagens publicitárias, que não por acaso, pode-se afirmar que é a instrumentalização erótica do corpo da mulher com propósitos diversos, porém, quase sempre referenda a ganância do ser humano.

Evidencia-se de igual modo, o corpo como mecanização do esporte, trazendo muitas vezes no bojo desta mensagem o emprego de estimulantes químicos que objetivam comparar o corpo como uma máquina muscular, capaz de superar marcas; e, há ainda o corpo como objeto de serviço e produção

evocando uma outra mensagem a partir dos avanços tecnológicos na organização do trabalho, que é sedimenta justamente na expropriação do corpo do homem, e, conseqüentemente do 'eu' pessoal.

Mas, acredita-se que a relevância do tema possa autorizar a chamada de atenção – de modo expressivamente preocupante – sobre os descasos e os desrespeitos para com o corpo na atualidade ao ser percebido, por exemplo: a consumação do aborto, a eutanásia, a toxicodependência e a indiscriminada experimentação genética, que nem sempre atende aos postulados da ética. Entende-se que nessa dimensão deva existir uma reflexão mais aprofundada porque as investigações científicas realizadas em nome do progresso, especialmente da ciência médica, acredita-se não pode chegar a instrumentalizar o corpo humano, reduzindo-o a objeto de laboratório – ainda que se seus propósitos sejam os melhores e mais importantes – principalmente, sem o devido consentimento e autorização daquele ser humano.

O fato é que, ao aceitar-se o ser humano como unidade indissolúvel, entende-se também, que não será possível realizar uma autêntica re-apropriação do corpo sem antes provocar uma outra re-apropriação; a de si mesmo como pessoa convocada para viver em harmonia consigo e com seus semelhantes, a partir da observação do próprio mapa cognitivo dos valores.

Por outro lado, todas as situações que de algum modo abordem o processo de envelhecimento do ser humano, geralmente apontam para a direção de que desafortunadamente o tema da velhice no território brasileiro ainda é destituído de maior grau de politização, mesmo que, mais recentemente em alguns momentos nas esferas políticas tenha sido iniciado um debate sobre a velhice que também, ao que sabe, já foi encerrado e muito pouco se conheceu sobre os resultados daquelas discussões.

A partir dessa realidade, torna-se de fato muito difícil discutir qualquer instância com referência aos direitos dos idosos, se o próprio idoso não é de fato portador definitivo, pelo menos, da noção de cidadania que por extensão, deve necessariamente revesti-lo também do valor da dignidade.

Por isso, configura-se de acordo com o pensamento do autor deste estudo, ser urgente e inadiável que o próprio idoso ocupe o papel de protagonista e não de mero coadjuvante na sociedade contemporânea.

Nesse sentido, Boff (1999, p. 141) reforça este pensamento quando afirma: “A libertação dos oprimidos deverá provir deles mesmos, na medida em que se conscientizam da injustiça e da sua situação, se organizam entre si e começam com práticas que visam transformar estruturalmente as relações sociais iníquas.”

De igual modo, concordando com o pensamento de Freire (1999), acredita-se que ninguém liberta ninguém e tampouco se liberta sozinho. Para ele, os homens se libertam sempre em comunhão; é indispensável mesmo pensar no encaminhamento da organização e funcionalidade da população idosa objetivando o resgate de seus direitos, e mais, na justa medida também o cumprimento dos seus deveres.

É importante que na promoção da educação para a cidadania do idoso, se deva incentivar a conciliação de seus projetos individuais para projetos coletivos, objetivando a construção de significados maiores. No coletivo sempre é possível vislumbrar o fortalecimento entre os iguais, assim parece que pode ficar mais fácil ancorar projetos como a promoção de condições dignas para os idosos em todas as situações de vida.

Porém, a construção de novos caminhos para a velhice depende basicamente de duas atitudes importantíssimas: 1 – o cultivo da tolerância, onde, a respeitabilidade pelas diferenças seja destacada, e, 2 – a consideração para o ser humano, seja a prioridade absoluta independentemente da sua faixa etária.

Por outro lado, a impressão que se tem é de que na atualidade a indignação frente às situações de tratamentos desiguais e/ou, desumanos só pode ser percebida pelo reconhecimento da humanidade ou humanização, aliás, valores que paulatinamente parecem estarem sendo esquecidos. Esta visão é também registrada em Sung (2002, p.48) ao informar:

“Esta dificuldade em reconhecer a humanidade das vítimas dessas situações tem a ver com a dificuldade em diferenciar o lugar e o papel sociais destas

“pessoas da sua dignidade como ser humano. E cada vez mais, as pessoas confundem a dignidade humana com o lugar social.”

Na verdade pensa-se que numa sociedade onde se estimula o consumo, ele próprio pode ser considerado como um fator capaz de determinar a definição da identidade, como também, o reconhecimento da dignidade das pessoas. Portanto, provavelmente restará aos não-consumidores – independentemente da razão ou causa – o desconhecimento gradual como pessoa, isto é, quanto mais inferior for o lugar ocupado na hierarquia social, menor a possibilidade dos aspectos referentes à consideração humana, em outras palavras: vale-se pelo que se tem e não por aquilo que de fato é. Nesse embate, o ‘ter’ supera o ‘ser’.

A busca já considerada desenfreada pelo sucesso – característica cada vez mais marcante na sociedade contemporânea – que serve também como justificativa da existência humana, e, ao se reconhecer no seu semelhante a oportunidade para a conquista deste sucesso, deve nortear-se pela exclusão da visão reducionista pela avaliação do ter, e, naturalmente esta exigência torna-se cada vez mais difícil de se verificar. Assim sendo, é de bom alvitre recordar que é justamente nesse contexto que se encontram as pessoas idosas, ou seja, oportunidade é quase uma falácia em desuso. Não é mesmo por acaso que Sung (2002, p. 49) explicita:

“(…) Se na nossa sociedade encontramos um indivíduo pobre, negra, mulher, lésbica, prostituta, aidética, deficiente físico, feia, e velha, ainda conseguimos ver um ser humano com a sua dignidade fundamental, temos realmente uma experiência espiritual de graça (reconhecimento na pura gratuidade, para além de toda a convenção social) e de fé (ver o que é invisível aos olhos do mundo).”

Naturalmente que o autor em tela ao encaminhar seu raciocínio para aquelas categorias pessoais, e nelas implicitamente encontra-se a pessoa idosa, já o faz com base naquilo que dificilmente acontece porque, o que pode ser considerado convencional perante aqueles seres humanos é exatamente a negação para qualquer oportunidade.

O respeito às pessoas independentemente da sua condição social, é entendido como requisito insubstituível para o reconhecimento da dignidade do ser humano. Se este pensamento pode ter alguma consistência e veracidade,

admite-se que a pessoa idosa é cada vez mais destituída da sua dignidade, até porque, considera-se um ser humano basicamente reduzido a mais uma peça do sistema social vigente.

Reitera-se na crença que a transformação e/ou o redimensionamento das condições da sociedade contemporânea onde a pessoa idosa se encontra inserida, só parece ser possível a partir dela própria, ou seja, desencadeando ações que sejam encaminhadas para a salvaguarda dos seus direitos, como também, deixar de ser apenas mais um ator social, passando a exercer o papel de sujeito social. Então por certo, a pessoa idosa deve re-descobrir-se, re-identificar-se nessa condição de 'sujeito social'.

Entre os direitos da pessoa idosa, talvez o principal deles esteja ancorado ao fato de continuar a viver com dignidade, independência, continuando a ser útil e capaz, mas, sobretudo, desprezando o entendimento que na sociedade contemporânea se tem, o qual seja, 'fardo social'.

Provavelmente resida mesmo neste raciocínio a condição indispensável e mais importante capaz de amarrar as pilastras que suportem a construção da cidadania das pessoas idosas, até mesmo porque, cidadania inicia com informação, na medida que, quem se informa passa a conhecer seus direitos e é capaz de fazer as melhores escolhas visando uma sociedade na qual e pela qual, seja possível viver.

Quando se tem a exata noção de que para ser cidadão, se faz incondicionalmente necessário viver, ser livre, ter uma casa, participar dos movimentos políticos e sociais da comunidade e do país em que se vive, ter assistência médica, educação, lazer, segurança, transporte, entre outras variáveis, e, ao comparar a realidade da população idosa, entende-se que há ainda um longo caminho a ser percorrido até que, pelo menos, boa parte dessas exigências tenham sido definitivamente cumpridas e satisfeitas.

Por isso, a cidadania deve ser conquistada constantemente ao ritmo da construção e re-construção social, podendo-se afirmar que a concepção contemporânea de cidadania passa mesmo pelo viés da universalidade e indivisibilidade dos direitos humanos, não esquecendo que, a Declaração dos Direitos Humanos do Homem é reconhecida como tal desde 1948, tendo em

seu ideário adotado por unanimidade pelos Estados, o consenso internacional – revitalizado em 1993 – acerca dos preceitos mínimos e necessários para assegurar uma vida com dignidade.

Reportando-se ao valor da dignidade humana Piovesan (2001, p. 12) afirma:

“O valor da dignidade humana impõe-se como princípio fundamental da Carta de 1988, fundamento do Estado Democrático de Direito, sendo núcleo básico e informador do ordenamento jurídico brasileiro. Consolida-se, assim, a universalidade dos direitos humanos, na medida em que a dignidade é inerente a toda e qualquer pessoa, proibida qualquer discriminação.”

Não deixa de ser intrigante, paradoxal e ao mesmo tempo curioso, o fato de que sob o escudo da lei, é concebido, reconhecido e consagrado ao ser humano independente de raça, cor, credo, condição social, física e econômica e também, independente de sua idade e a roupagem da cidadania. Entretanto, no que concerne muito especialmente às pessoas idosas, a realidade dos fatos parece mesmo apresentar distorções e/ou discrepâncias se comparada com o que se tem estabelecido pela própria lei.

Assim, procurando refletir exatamente sobre a questão do não cumprimento daquilo que a lei prevê, compreende-se que no atual momento da sociedade brasileira, a cidadania na sua real concepção ainda não é possível de ser percebida, é preciso pois resgatá-la. E, nesse sentido Kanitz (2001, p. 74) reforça este raciocínio ao destacar: “Resgatar nossa cidadania perdida será o grande desafio brasileiro para os próximos dez anos. Por que não começar agora?”

4.3 – O OLHAR DA SAÚDE NA ÓTICA DA PESSOA IDOSA

“(...) É assim que me ergo e sinto, combatendo a decepção e desilusão com voz pequena e pouca, mas ainda bastante para cantar e lançar no ar um raio de luz e confiança: a minha esperança é imortal. Repito, IMORTAL! Sei que não dá para mudar o começo, mas, se quisermos de verdade, vai dar para mudar o final.”

(Jorge Olímpio Bento)

4.3.1 – Buscando Entender os Conceitos Sociais Sobre Velhice na Sociedade Contemporânea.

Percebe-se que o homem moderno encontra-se cada vez mais inquieto. Labuta no afã de conquistar – quase sempre não importando as formas e os meios – cada vez mais bens de ordem material, sem ao menos entender que muitas vezes, os esforços que envidou permeiam as raias da futilidade.

Embora tenha concebido modos e maneiras de dominar as vertentes que se atrelam aos seus interesses, por vezes, dá a impressão que se enleou nas teias desses meios e assim, perdeu de vista o fim que lhe dá significado, ou seja, o próprio homem.

Corroborando este pensamento, Fromm (1947, p. 16) atesta, ainda que em uma época mais distante e conturbada:

“A idéia de dignidade e poder do homem, que deu a este a força e a coragem para as formidáveis realizações destes últimos séculos, é contestada ao alvitrar-se que temos de voltar a conformar-nos com sua absoluta importância e insignificância. Essa idéia ameaça destruir as próprias raízes de que germinou nossa cultura.”

Na verdade fica bastante difícil admitir que o homem poderá conviver sem valores e normas, ou ainda, aceitar a inversão dos valores que estruturam, e por assim dizer, concretizam a vida do ser humano como tal. Deixa-se evidenciada esta preocupação porque de fato, se tem a sensação que o ter supera dia-a-dia o ser, e é nesse contexto que se encontra a pessoa idosa na atualidade.

Pois, é nesta sociedade contemporânea – em que pese todo o discurso atribuído à felicidade, à individualidade e também ao interesse de cada um – mesmo parecendo paradoxal, se ensina ao homem que não é a sua felicidade a meta da sua vida, e sim, a satisfação do dever cumprido no trabalho preferencialmente, acompanhado de reconhecido sucesso, ou seja, configurado na justa medida da fórmula: dinheiro + prestígio = incentivo e fins.

Na medida em que se observa com um pouco mais de atenção o dia-a-dia das pessoas, quer seja pela partilha na convivência social, ou, pelas notícias veiculadas pela imprensa falada, escrita e televisada, tem-se a impressão de que para o homem da atualidade tudo é importante, salvo sua própria vida e a arte de viver. Assim, percebe-se também que sem se dar conta, o próprio homem acaba sendo favorável a tudo, menos si próprio.

Por outro lado, parece ser importante não esquecer que ao homem é indispensável confiar em valores e adotar posturas que os contemplem, na medida que conheça a si mesmo, bem como, a sua dimensão humanista e humanitária, através do que, há de se reconhecer que nada poderá revestir-se de superioridade ou de dignidade, que não seja a própria existência humana.

Portanto, acredita-se que o homem é uma entidade distinta, capaz de ter a sua própria carga de energia e não uma folha de papel em branco, disponível para a escrita do texto que a cultura deseje.

Nesse universo da existência do ser humano repleto de competições e contrapontos, insere o homem idoso. Assim, não deixa de ser interessante descrevê-lo melhor, iniciando-se tal propósito pela marca do passar do tempo, que, aliás, instaura-se também como o limite até onde se considera que uma pessoa é velha ou não. Como se fosse mesmo possível determinar este ou aquele momento, ao longo do tempo, para estabelecer a última etapa da vida do ser humano.

Uma vez que o envelhecimento é um processo biológico geralmente manifestado em todos os níveis de integração do organismo, desde células, órgãos e seu funcionamento, influenciando no nível da personalidade individual e dos grupos humanos, se pode entender a dificuldade de indicar um dado cronológico exclusivo para determinar a faixa etária a que pertence o idoso.

Entretanto, insistindo no aprofundamento na relação idade cronológica e o estabelecimento do início da velhice, é preciso certificar-se também da existência de fatores individuais que se agrupam, merecendo ser destacados. Entre eles, menciona-se os morfológicos, os psicológicos, os hereditários, os culturais e os intelectuais que são capazes de tentar abranger a velhice não co-

mo um período assustador, mas sim, como uma fase irreversível e cheia de transformações, e que podem ocorrer mais cedo ou mais tarde nas pessoas alcançadas por esses aspectos.

Os indivíduos afetados por esses fatores, podem sofrer com o correr dos anos de um efeito de decréscimo funcional em seu organismo e tal situação requer adaptações nos níveis, social, psicológico e físico em relação às circunstâncias mudadas ou em mudança.

A idade cronológica, de acordo as leituras realizadas, é perspectival, ou seja, varia no julgamento de indivíduo para indivíduo. Entretanto, se a ótica de análise for fisiológica, a idade é muito variável e quase impossível de ser aferida. Para os fisiologistas, esta pode ter variação de até 30 anos em relação à cronológica. A conceituação cronológica do idoso, parece ser, portanto, apenas uma função linear de expectativa de vida.

A velhice não pode ser concebida como um processo único, mas antes, a soma de vários outros, distintos entre si. No entanto, a aparição que se evidencia como sendo a mais marcante, é a diminuição das reservas orgânicas do indivíduo, com uma regressão anatômica e funcional de todo o organismo. O que não quer dizer que a pessoa idosa passa a viver um momento de incapacidade, ou ainda, de dependência cotidiana.

A característica principal da velhice é vislumbrada pelo declínio, geralmente físico, que leva a alterações sociais e psicológicas. A geriatria e a gerontologia que são ramos da medicina, classificam esse declínio de duas maneiras: a senescência e a senilidade.

A senescência, que é um fenômeno fisiológico, arbitrariamente identificada pela idade cronológica, pode ser considerada um envelhecimento sadio, onde o declínio físico e mental é lento, sendo compensado, de certa forma, pelo organismo.

Já a senilidade caracteriza-se pelo declínio físico associado à desorganização mental. Curiosamente, a senilidade não é exclusiva da idade avançada, mas pode ocorrer prematuramente, pois e identifica uma perda considerável do funcionamento físico e cognitivo, observável pelas alterações

na coordenação motora, a alta irritabilidade, além de uma considerável perda de memória.

É um grande equívoco pensar que o envelhecimento deve ser encarado como um prenúncio de morte, pois a morte não é privilégio da velhice. Ela pertence a cada um de nós que está vivo e atuante.

Deve ser, sim, encarado como uma nova fase da vida, mais rica, menos atribulada, um momento em que as respostas não vêm especificamente do vigor físico, mas também do aprimoramento da sensibilidade.

A pessoa idosa, ao conseguir superar as dúvidas e medos na associação de velhice com a morte, passa a encarar a velhice como uma nova fase da vida, cheia de desafios a enfrentar, como em qualquer outro período da existência. Porém, na atualidade a seu modo, é bem provável que os idosos estejam mais preocupados com as suas condições de vida do que no estabelecimento da sua relação terminal. Afinal, a morte é mesmo a única certeza inequívoca, e portanto, muito pouco adiantará o carrear energias nesse sentido.

Entende-se que o envelhecimento não significa uma decadência e sim uma seqüência da vida. Até porque, se o ser humano aceitar o processo de envelhecimento como decadência, significa o mesmo que anular este sentido de enriquecimento sensível da vida do idoso.

Para além disso, é mesmo primordial preparar-se para a chegada da velhice dentro dos aspectos físico, psicológico e social. A passividade das transformações da idade, o esquivar-se às novas situações ou o deixar-se levar pelo declínio físico e mental é, na verdade, o início de um processo de deterioração. Talvez, por isso, os que convivem bem com sua idade contestem palavras como: 'envelhecer', 'velhice', 'velho', especialmente quando utilizadas com a conotação do sentido pejorativo e carregado de 'pré-conceitos' que passam a idéia de coisa inútil, pronta para ser descartada. 'Ficar velho é continuar a viver, mas ser tratado como trapo velho é pior do que morrer'³⁰.

³⁰ Pensamento de um dos integrantes deste estudo, anotado no diário de campo.

A velhice é entendida como um fator individual, onde determinantes do dia-a-dia e hábitos de vida adotados ao longo do tempo, podem se constituir expressivamente significativos durante o desenvolvimento do processo de envelhecimento em si.

Acredita-se então, que neste momento é possível entender porque alguns, aos 30 anos, já se sentem 'velhos', sedentários, ou apresentam características de introversão, enquanto outros, aos 80 anos, sentem-se extremamente lúcidos, ativos, felizes, capazes de muita produção. É preciso salientar que estes indivíduos, embora já idosos, carregam consigo toda a experiência de vida o que indubitavelmente pode ser considerado como um grande diferencial.

No entanto, alicerçados por algum tempo de prática e vivência entre grupos de idosos, foi possível observar que algumas pessoas não aceitam o envelhecimento como um processo natural. E provavelmente por isso, buscam formas para destacar jovialidade, quer através de vestimentas, hábitos dentro do convívio familiar ou social, ou até mesmo, através de algumas posturas críticas.

Entretanto, sabe-se que a 'fonte da juventude' é utopia e, com certeza, as pessoas que buscam esta juventude eterna devem sofrer de muitas angústias.

Entende-se que ao se recusarem a encarar a realidade, elas estão não só se mascarando, ou, camuflando a verdade aos outros, mas também a si próprias, pois ninguém é tão velho que não acredite poder viver ao menos mais algum tempo.

O ser humano deve ser reconhecido integralmente. Especialmente para a pessoa idosa, fortes e marcantes emoções têm a probabilidade de marcar a senilidade por vezes de modo substancial, implicando uma perda significativa orgânica funcional. Daí a valorização do idoso representar muito mais do que o reconhecimento do mesmo no contexto social, isto é, vislumbrar o idoso como fonte de sabedoria e experiência de vida, onde seus conhecimentos são indispensáveis na consolidação, importantes e significativos na consolidação

de vida para os mais jovens. A idéia – quase sempre difundida na atualidade – informa que ao envelhecer, o sujeito perde sua autonomia e ainda, este processo corresponde à condução de perdas progressivas e acentuadas de cuidar de si necessitando quase sempre requisitar o auxílio de terceiros.

De acordo com Stuart-Hamilton (2002, p. 194) ao se reportar pela presença da população idosa, relacionando com as capacidades próprias do ser humano no contexto social atual destaca:

“Talvez, de muitas maneiras, esta seja a visão mais otimista que podemos ter das futuras gerações de aposentados – adultos mais velhos lutando por aquilo que *eles* querem, em vez de serem obrigados a ter o que os adultos mais jovens lhes impingem ‘para o seu próprio bem’.”

Curioso é verificar que em boa parte das queixas expressas pelas pessoas idosas, se encontram de fato presentes as resistências quanto ao que pode ser ‘melhor’, ou, ‘pior’ para esta ou aquela pessoa, segundo o conceito de outrem e não do(a) idosa(a).

Porém, importante enfatizar que tal pressuposto não deve e nem pode ser estipulado como ‘padrão’ a todos quantos conseguem conquistar períodos mais longevos de vida. O que de fato pode ocorrer durante o desenvolvimento do processo de envelhecimento, é a verificação de limitações das capacidades físicas e comportamentais. O que de modo algum tornará a pessoa idosa incapacitada para realizar suas tarefas pessoais no dia-a-dia da sua vida, ou ainda, de impedir que as realize desta ou daquela forma, privando a pessoa idosa de optar por aquilo que julga ser mais interessante, confortável e melhor para si.

Entretanto, é curioso que tal descrição possa corresponder com o significado de envelhecimento humano emitido no contexto social contemporâneo, sem que se tenha ouvido do próprio idoso – que vive esta fase da vida – o que ele pensa a respeito.

Indicações mais recentes oriundas da gerontologia apontam que o envelhecimento é um fenômeno ainda pouco estudado pela medicina e outras ciências correspondentes. Isso pode significar que há a necessidade de maior produção de conhecimentos nesta dimensão da vida humana.

Contudo, há uma outra situação não menos importante que deve ser levantada, e que, objetiva provocar reflexão mais aprofundada e não apenas buscar a explicitação de possíveis justificativas. Trata-se do fato da não dedicação com os mesmos níveis de atenção para os idosos, relacionada aos diferentes processos que ocorrem durante a infância, puberdade e maturidade no ser humano.

O importante é que em cada um dos ciclos e/ou etapas da vida, o ser humano encontra-se em um determinado contexto social desenvolvendo tarefas que lhe são peculiares com maior ou menor intensidade. O idoso sofre na sociedade ocidental as pressões ambientais, decorrentes equívocos e preconceitos com relação à faixa etária.

O fato de ser possível verificar que na sociedade contemporânea a pessoa idosa é considerada inferior ao jovem também sob o ponto de vista econômico, pode-se dizer que já se constitui em um dos equívocos sociais. Na verdade estudos intergrupais realizados na Inglaterra na década de 70 – portanto há um considerável tempo –, com uma série de pessoas com profissões manuais e intelectuais, demonstraram que as variações intragrúps entre jovens e velhos eram maiores que as variações intergrupais, isto quer dizer que, em determinados aspectos do trabalho (rapidez principalmente) ambos se equivalem e os jovens, são muitas vezes superados pelos idosos. A conclusão que se chegou foi justamente de que, havia maiores diferenças entre os próprios jovens do que, entre jovens e idosos.

Um outro modo de discriminar a pessoa idosa verificado no contexto social, consiste em afirmar as mesmas já não podem aprender coisas novas, e, por isso, vão se distanciando cada vez mais dos outros segmentos sociais.

É possível que a resposta seja muito complexa. Entretanto, vivemos em uma época de muita pressa, de ansiedades e de impaciência. Por outro lado, o medo da morte é algo presente no idoso, por isso, toda a pessoa idosa prefere agarrar-se àquilo que já tem e que ninguém poderá tirar-lhe (recordações, rotinas costumeiras, entre outras). Portanto, o idoso tem sim a faculdade de aprender coisas novas e de manter sua memória ativa.

Nessa linha de pensamento a afirmação que Leite, (1990, p. 231) destaca, realmente faz muito sentido: “Além da juventude, há um novo grupo que também está sendo marginalizado nas sociedades modernas, os velhos.”

Assim, ao que se pode observar, parece que a sociedade, antecipa conceitos ou ainda, estabelece parâmetros para as pessoas, partindo justamente da fase de vida em que se encontram.

Por outro lado, é interessante destacar que tais registros são bastante semelhantes com a realidade local e regional que deram origem aos trabalhos desta pesquisa, ficando desse modo, a impressão de que o jovial será ainda o modelo, ficando o velho como descarte por ser improdutivo e peso social.

Quando se verifica que em épocas passadas, bem distantes, e em outras civilizações o idoso recebia tratamento digno, era respeitado não só pelo seu tempo de existência, mas sobretudo, pelos valores distintos e nobres que a ele aquelas sociedades outorgavam, é possível depreender que de certo modo, no atual contexto social fica a sensação de que houve uma ‘regressão social’.

Mas não é só a preferência pelo jovialidade que notabiliza a desigualdade alimentada na sociedade moderna em relação ao idoso. É sobretudo, a falta de respeito e dignidade que não se reconhece mais, justamente às pessoas que, de algum modo, contribuíram para a construção de seu município, seu estado e seu país dedicando a maior parte da sua existência.

Por outro lado, parece que o processo de envelhecimento é só para ‘alguns’ e definitivamente é problema comum para todos. As políticas públicas que poderiam beneficiar com maior equidade aos idosos, ainda estão longe de serem concebidas.

Na verdade, a impressão que se tem, é que boa parte dos que integram os poderes públicos, passam a idéia de que não irão envelhecer, tal é o esquecimento, e por vezes, até mesmo a omissão dos mesmos no sentido de conceberem e consolidarem projetos e propostas que possam resgatar a cidadania para os idosos.

É justamente neste contexto social que a Educação Física busca então configurar propostas de atividades que possam, de certo modo, contribuir com a saúde e a garantia da liberdade de movimentos das pessoas idosas,

entendendo que também poderá residir justamente nesse viés a consolidação dos valores nobres de todas as pessoas e, por extensão, a plenitude do exercício da cidadania.

4.3.2 – Procurando o Entendimento Sobre Saúde.

Ao abrir a discussão sobre as questões, que de algum modo possam estar ligadas aos aspectos da saúde, bem como, com a promoção da mesma no ser humano, sabe-se que existirá a possibilidade do encontro com amplos horizontes de estudos e considerações a respeito do tema. Entretanto, não se pretenderá evidenciar os pressupostos de saúde nas suas mais diversas dimensões, e, tampouco, referendar este ou aquele estudo, ou ainda, adotar esta ou aquela linha de ação. Objetiva-se sim – a partir do universo de produção de conhecimento a respeito da saúde do ser humano – abrir um espaço/momento para explicitar as considerações pertinentes nessa linha focando a população idosa, com o propósito de tentar minimizar enganos e equívocos existentes na relação: saúde x processo de envelhecimento do ser humano.

Há naturalmente, após o enunciado da O.M.S – Organização Mundial da Saúde (1947) reconhecendo que saúde não é só a ausência de doença. A partir de então, uma nova concepção sobre saúde – que, é a maior riqueza que o ser humano possui – dissemina-se pelo mundo todo.

Por outro lado, as concepções sobre a saúde, remetidas à pessoa idosa também apontam para uma discussão mais ampla e aprofundada, principalmente, ao levar se, se levar em consideração o que o próprio idoso pensa sobre o tema.

Por isso, antes de discutir sobre saúde procurando associá-la ao velho, não deixa de ser importante confrontar com as situações de riscos evidenciados na sociedade contemporânea, que até onde se sabe, já se prepara para enfrentar um futuro ainda muito mais problemático.

Na leitura de Giddens (1994, p. 103) é possível de se observar a exposição do seu ponto de vista, justamente a partir das ameaças à vida do ser humano quando afirma:

“Estatísticas que permitam identificar com alguma precisão, as mudanças que afetam os perigos que constituem ameaças para a vida, só começaram a surgir a partir do século XX. Um estudo que tomou o ano de 1907 como ponto de partida mostrou que, nessas alturas, as crianças recém-nascidas ‘davam um passo na direção de um campo de minas’ (embora as taxas de mortalidade infantil tivessem sido amplamente reduzidas por comparação com o século precedente)”.

É interessante destacar de forma sintética, os avanços responsáveis pela diminuição dos riscos considerados como os mais importantes e relevantes para a saúde do ser humano. Assim, a partir do entendimento do estudo de Giddens (1994), apresenta-se a seguir o quadro de redução de riscos,

QUADRO VI – REDUÇÃO DOS RISCOS DÀ SAÚDE DO SER HUMANO
PERÍODO ENTRE 1907 – 1977

PERIODIZAÇÃO	EVENTOS DE RISCO	AÇÃO
1907 – 1977 70 anos de vida	Potabilidade da água e Tratamento do Esgoto dos Detritos Humanos	Condutas e Tratamento dos Recursos Hídricos.
	Preparação Higiênica de alimentos Refrigeração e Aquecimento Centrais Princípios de Nutrição e Higiene	Técnicas Para a Pasteurização do Leite. Implantação e Instalação de Equipamentos de regulação térmica Puericultura.
	Erradicação das Principais Doenças Parasitárias	Ação da Saúde Pública e Privada.

PERIODIZAÇÃO	EVENTOS DE RISCOS	AÇÃO
1907 – 1977 70 anos de vida	Controle de Insetos e Roedores Cuidados pós-natais e Planejamento Familiar	Saúde Pública e Privada / Programas de Educação Permanente. Programas de Educação para Gestantes.
	Tratamento de Doenças Infecciosas e Princípios de Imunização	Investimentos nas Pesquisas da Área da Saúde / Partilha dos Resultados.
	Transfusões Sangüíneas Adequadas	Aperfeiçoamento Técnico dos Hemocentros.
	Organização dos Hospitais / CTI's	Investimentos Para redução da Infecção Hospitalar.
	Adoção de Princípios para a Segurança no Trabalho e no Trânsito	Utilização de Cintos de Segurança / Capacetes / Protetores / Luvas / Roupas Adequadas, etc.
	Cuidados para manutenção Odontológica / Visual e Auditiva	Programas de Educação Permanente / Oferta de Especialidades Médicas.

Fonte: Giddens (1994) – Adaptação Antonelli 2007.

Como é possível perceber, verifica-se que em nenhum momento a sociedade em si pensou com mais atenção e profundidade na manutenção e conservação da saúde do idoso. Na verdade, pode-se entender a adoção de boa parte das ações, procuravam garantir antes de tudo, a subsistência produtiva da própria sociedade.

De igual modo, também se pode fazer uma outra leitura uma vez que, nem todos os pares sociais conseguem disponibilizar das condições criadas visando a minimização dos riscos à vida do ser humano.

Portanto, acredita-se mesmo que seja um dever da sociedade salvaguardar a vida do ser humano integrante no próprio contexto social. Por isso mesmo, com referência aos gradientes de saúde contemplados para o grupo social de idosos, depreende-se que seja – ou pelo menos deveria significar – o mais pleno exercício de cidadania revestido da dignidade.

No processo de envelhecimento do ser humano, e, a partir do seu próprio entendimento, encontram-se inúmeros fatores, entre eles: a saúde, a doença, a morte, e outros tantos mais.

4.3.2.1 – Velhice, saúde e conceitos.

Bento (1999) entende que ainda não foi incorporada com a profundidade devida uma das grandes conquistas da metade do século XX, revelada pelo acréscimo de pelo menos, mais de 20 anos à esperança de vida do ser humano. Aproveitando esta informação – que de fato apresenta-se como um valor extraordinário no que concerne aos aspectos da longevidade do ser humano – parece ser bem apropriado daí destacar uma questão: É preferível viver 60 anos intensamente, com dignidade, consideração e alegria, ou, viver 80 anos de maneira sofrível?

Naturalmente que a construção desse raciocínio fica por conta das atuais formas que o idoso vive no contexto atual, como por exemplo, as carências de instalações tanto logísticas quanto espaciais, visuais e auditivas; adequadas direcionadas ao cuidado para as pessoas idosas.

Trata-se então, não apenas de se prolongar a vida, mas também, de se ter a percepção de que, nas pessoas idosas, há ou aumento de limites funcionais genéricos, e também, algumas situações que podem gerar certa dependência.

Dessa forma Silva (2000) pensa que viver a velhice com todas as suas peculiaridades e também suas limitações, é um exercício que indubitavelmente requer as melhores condições possíveis. Depreendendo-se então, que o aumento da esperança média de vida para o ser humano, deve ser acompanhado com sentido e propósito de possibilitar para a pessoa idosa vida independente, digna e estimulante na sociedade vigente. O que de fato conta e faz a diferença, está na forma que se envelhece. De igual modo, nos estudos de Katz et all (2002) são apontados como importantes os aspectos relacionados à saúde do idoso a sua aptidão para o desenvolvimento das tarefas básicas do dia-a-dia sem necessitar do auxílio de terceiros.

Assim, situações associadas ao bom desempenho motor, práticas regulares e controladas de atividades físicas, manutenção da autonomia, estilos saudáveis de vida e o mais perfeito entrosamento do idoso com os seus semelhantes associados com a harmonia do meio ambiente; são alguns dos fatores que podem concorrer para o estabelecimento da manutenção da saúde. Entretanto, entende-se que seja da máxima importância antes de afirmar ou deixar de afirmar qualquer situação focando o idoso, procurar saber dele próprio o que pensa a respeito do tema saúde para que, à luz das informações recebidas, procurar elaborar uma análise que possa dimensionar o entendimento mais apurado sobre o tema.

Nessa linha de raciocínio a configuração de um inventário da trajetória de vida do idoso, certamente poderá contribuir com a construção do seu universo simbólico, levando-se em conta: passado, presente e futuro. Porém, deve-se evidenciar que ao inventário não deve ser entendido e tratado como se fosse a construção de uma autobiografia.

Por isso, deverá enveredar-se pela linha de uma possível intervenção corretiva de seu passado, não pela crônica dos acontecimentos. Pressupõe-se a reconstrução do passado dentro daquilo que o idoso gostaria que tivesse sido e não foi, e finalmente, ao contemplar o futuro, espera-se o seu registro com referência a sua trajetória de vida para o futuro.

Ao longo do tempo as definições sobre saúde apresentam evoluções, levando-se em consideração os valores e convicções. Por outro lado, entende-

se também que o sentido sobre doença sofreu igualmente alterações. Perdeu-se o ideal religioso e de misticismo. Como resultado, exige-se por parte dos profissionais da área de saúde, uma formação cada vez mais especializada.

De acordo com Garcia (2005) – em apontamentos da orientação – a saúde deve ser analisada sob diversos prismas que vai desde as conceituações sagradas àquelas mais atuais, como é o caso da medicina de caráter social, alopático e de instâncias mais particularizadas.

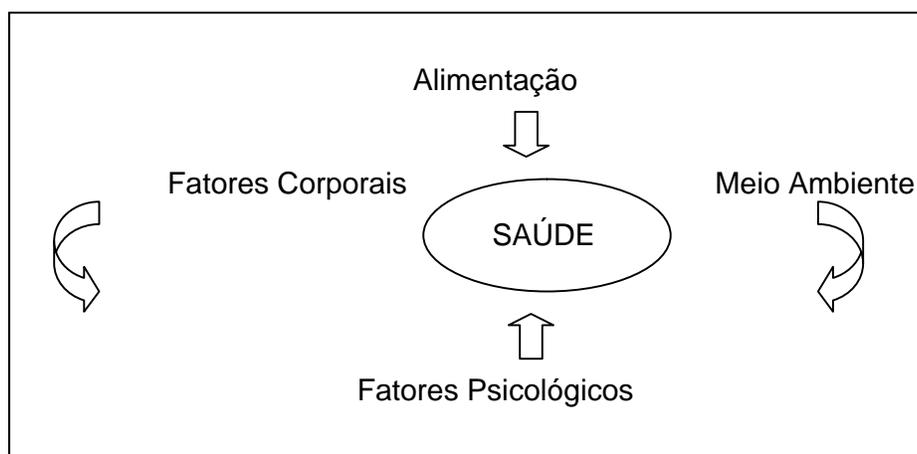
É pois, dentro dessa multiplicidade de sentidos que a saúde se inscreve, de sorte que, será um equívoco ficar na dependência de perspectivas únicas e/ou, realçar determinados componentes e esquecer outros.

Diante disso, há críticas ao conceito de saúde estabelecido pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 1947) que afirma: “Saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doenças ou enfermidades.”

As críticas estão sendo levantadas em função do caráter estático, formulação subjetiva, pela utopia da idéia de bem-estar, pela limitação à esfera individual e sobretudo, pela ausência de dois outros fatores: o meio ambiente e as propriedades da mente humana.

O fato é que, não existe consenso em relação a uma definição do termo “saúde”. Como também, não existe qualquer dúvida sobre a abrangência da sua multidimensionalidade. Motta in (Educação e Saúde – Contriburo x Educação Física. Câmara Municipal de Oeiras.1992,p.9) descreveu quatro fatores fundamentais dos pressupostos de ‘saúde’ que procura explicar um modelo de natureza multidimensional, expresso no esquema a seguir.

ESQUEMA II – PRESSUPOSTOS DA SAÚDE



Fonte: Motta (1992) – Adaptação Antonelli (2004)

Como se pode observar, a alimentação que atenda aos princípios nutricionais básicos da ingesta alimentar diária, nutrindo o organismo adequadamente; os fatores corporais através das atividades físicas saudáveis capazes de o organismo fora dos padrões do sedentarismo; a proteção do meio ambiente principalmente no que diz respeito às condições do abastecimento para o organismo humano com água potável, ar puro e terra despoluída, e, os fatores psicológicos subentendidos nas pressões do dia-a-dia, no estresse das condições de existência pessoal e coletiva e nas preocupações profissionais, significam para o autor fatores decisivos para ampliar ou reduzir os gradientes promotores da saúde do ser humano.

De qualquer modo, a saúde sempre é uma preocupação para todos os segmentos sociais. Do entendimento da leitura de Motta (1992), verifica-se o estabelecimento duas situações com vistas a promoção da saúde do ser humano: 1 – Responsabilidade individual / 2 – Responsabilidade política, cultura e ecológica da sociedade e seus membros.

Assim, são entendidas tais condições na medida que, a manutenção da saúde em primeiro lugar, depende mesmo do próprio sujeito.

Certamente não há ninguém mais interessado pela preservação de sua saúde que não seja a própria pessoa.

O caráter da extensão dessa responsabilidade por certo, ou, deveria ser também de toda a sociedade. Na verdade, quanto maior forem os gradientes de saúde para a coletividade, maiores serão também as perspectivas da minimização dos seus problemas nessa esfera além de minimizar os custos sociais, e ainda, contar com a estabilização e disseminação da elevação dos níveis saudáveis dos pares sociais. Entretanto, pode-se depreender que o sucesso entre ambos os fatores, ficam diretamente na dependência da transformação, adoção e/ou resgate dos hábitos e atitudes sociais e culturais, como por exemplo; o exercício permanente de saber cuidar de si. É provável que através da conscientização desses preceitos mediante trabalho consistente, sistemático e progressivo das instituições e organizações educacionais a saúde do ser humano possa ser muito mais preservada ainda.

É preciso sobretudo, que se tenha claro que a saúde não é um bem fácil de ser alcançado e tampouco interminável. Por isso mesmo, a adoção de hábitos e atitudes saudáveis, como também, de instâncias profiláticas podem revelar-se como meios adicionais na busca pela manutenção da saúde do ser humano.

Uma outra linha de pensamento que evidencia a promoção da saúde é preconizada por O'Donnell (in Cordeiro 1999, p. 56), enfatizando que saúde é o resultado do equilíbrio entre dimensões assim explicitadas:

“(…) cinco dimensões: 1-saúde emocional, inclui a gestão do stress e os cuidados com as crises emocionais; 2-saúde social, abrangendo relações com amigos e comunidade; 3-saúde intelectual, que abrange a educação, o desenvolvimento da carreira e a realização intelectual; 4-saúde espiritual, que abrange os aspectos como o amor, a esperança, os objetivos de vida; 5-saúde física que abrange a alimentação, os cuidados médicos e o controle do abuso de substâncias.”

Pode-se perceber que quase em todos os conceitos sobre saúde, o idoso geralmente não é contemplado, o que de certo modo por si só já atesta as dificuldades que este grupo encontra na sociedade contemporânea.

Tal pensamento pode ser confirmado com o que Garcia (2004) – apontamentos dos trabalhos de orientação – chama a atenção ao acrescentar

que: “Saúde não é um estado nem um ato existencial mas, uma atitude face às várias situações que podem ser doentias ou sãs.” Isto quer dizer que o sujeito será saudável, principalmente quando estiver bem consigo mesmo, faz o que gosta e deseja continuar a se desenvolver numa condição estável e harmônica.

Diante desse fato, é então bem provável que a experiência de vida influenciará, quer nas representações que cada um tem sobre sua própria vida e saúde em geral, como mais especificamente, sobre as desordens fisiológicas que poderão, quem sabe, existir nesse período de vida.

Assim, buscando ajustar as discussões e o pensamento sobre alguns dos conceitos sobre saúde, deseja-se enfatizar aquilo que Gomes (1999, p. 115) referenda ao relacionar saúde / doença, atestando:

“Influenciam no binário: saúde / doença todas as emoções e sentimentos, sejam positivos ou negativos, alegrias, tristezas, medo, raiva, frustração, mágoa, ansiedade, felicidade, desamparo, satisfação, esperança, etc. Desde que os pacientes sintam que há suficiente qualidade em áreas que são importantes para eles ou um sentido de vida suficiente e intervenções para prolongar a vida terão efeito positivo.”

Portanto, a representação da saúde para o ser humano, não depende só da idade cronológica e do estado físico, mas sobretudo, do estado psíquico e não só cultural, social, biológico e econômico perante a vida. Da vontade de permanecer vivo podendo ser dessa forma, um possível significado de saúde entre a população idosa, resguardadas as dimensões de variação neste registro.

4.3.2.2 – Instâncias que concorrem para a promoção da saúde da pessoa idosa.

Evidentemente que os gradientes da saúde do ser humano, são estimulados e elevados ou, ainda, mantidos por uma série de instâncias paralelas gestadas pelo Estado e que, pode-se dizer, são expressivamente responsáveis pela promoção da saúde em si, como por exemplo, ótimas condições dos Centros de Saúde Públicos, campanhas que visem a estimulação dos métodos profiláticos, otimização na implantação dos sistemas

de gerenciamento das administrações de saúde – desde o recebimento até o encaminhamento pessoal da pessoa –, permanente difusão das exigências de puericultura e higiene, responsável e contínua intervenção fiscalizadora das instituições prestadoras de serviços à saúde de qualquer natureza; entre outras instâncias não menos relevantes.

Naturalmente que, par e passo a tais expedientes, concorre para a adoção das condições de vida saudável também a responsabilidade de cada integrante da sociedade pelo gerenciamento e cuidado com a sua própria saúde.

Com o idoso, entende-se que não seja nada diferente, sendo bem provável que a manutenção da saúde para ele, dependa ainda da maior atenção possível por parte da sociedade nos investimentos referentes destinados à promoção da saúde. O encaminhamento dos estudos na direção de tal pensamento, parece mesmo que se justifica na medida que quanto maior forem os aportes de recursos financeiros para investimento nesse sentido, maior ainda será a economia dos poderes públicos no combate as patologias humanas. Na verdade, as casas hospitalares ou instituições de saúde deveriam comemorar festivamente a constatação de leitos vazios. Infelizmente não é assim que se configura a realidade social, até porque a leitura que se pode fazer, é a de que a indústria da doença ganha dia-a-dia mercados maiores.

Assim, para discorrer sobre as instâncias paralelas que podem promover a saúde do ser humano, em especial da pessoa idosa, julga-se importante registrar particularmente, três momentos que podem ser apontados como principais: a) condições de aposentadoria ou reforma³¹; b) condições do gerenciamento das instituições de saúde; e, c) condições das realizações dos tratamentos indicados.

É muito provável que tudo o quanto se possa elucidar sobre aposentadoria e/ou reforma, não tenha muita novidade. Porém, é preciso que muito ainda se diga a esse respeito, porque ao longo do tempo evidenciou-se que as metodologias adotadas para as situações de aposentadoria, de fato não

³¹ No Brasil utiliza-se o termo aposentadoria, entretanto conota o mesmo sentido que reforma em Portugal.

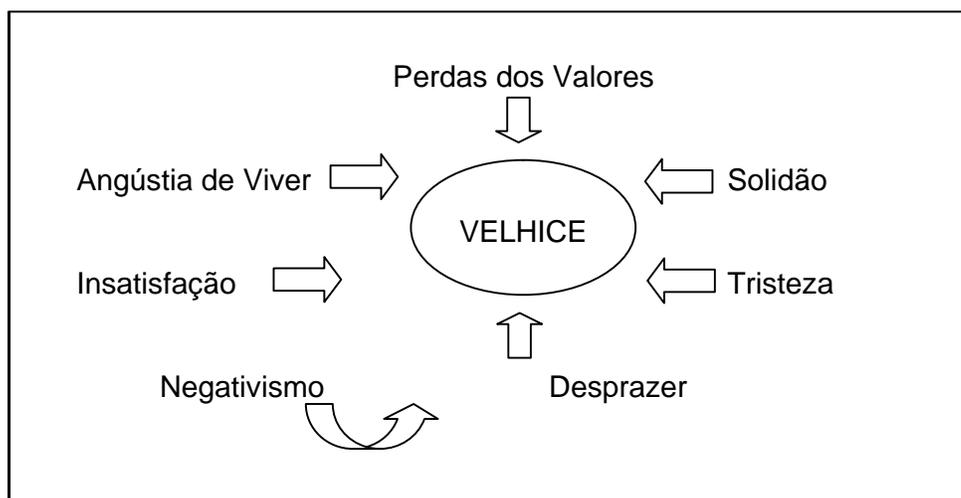
respondem para o cumprimento e a satisfação das exigências mínimas na vida do(a) aposentado(a).

Cabrillo e Cachofeiro (1990) chamam a atenção sobre as questões da aposentadoria ou reforma, afirmando que no princípio o sentido do afastamento de um universo de trabalho, designava o momento do desligamento do serviço, que era encarado com satisfação e como um re-começo de vida de certo modo tranqüila e sem muitas preocupações.

Porém, na atualidade o trabalhador que se vê próximo da sua aposentadoria, apresenta uma atitude que revela duas formas; se por um lado ele é atraído pelo fato de não ter mais as rotinas pertinentes aos compromissos profissionais, por outro, continua a acordar no mesmo horário e não sabendo exatamente como ocupar o tempo e a sua energia. Além disso, logo percebe que seus rendimentos estão muito reduzidos, sente-se então cada vez mais inseguro nessa fase de sua vida. Para ele, isto quer dizer que, a certeza daquilo que seria o melhor da sua existência já passou e que o momento é de decadência, e, quase nada o ajuda a encarar a nova situação com otimismo ou estímulo para iniciar um novo caminho.

A afirmação de que as horas de ócio são recompensas pelas perdas salariais e que por isso, deve sentir os 'benefícios da aposentadoria', para a pessoa idosa provavelmente represente uma falácia em desuso, porque na verdade é exatamente o contrário que ela percebe, ou seja, só vislumbra prejuízos. Na sociedade contemporânea a velhice pode ser representada associada pela figura a seguir:

ESQUEMA III – PERCEPÇÕES NA VELHICE



Adaptação Antonelli (2004)

O negativismo implícito na velhice estabelece-se nas representações sociais do sujeito idoso, basicamente diante da percepção que o envelhecimento provoca nas pessoas em razão das alterações físicas e psicológicas. Também pelo fato de que, de certo modo, configura-se o impedimento do exercício das suas funções sociais e sobretudo, porque daí resultará provável dependência progressiva e portanto, desprezo por parte da própria sociedade.

Assim, a aposentadoria ou reforma, como marco do processo de envelhecimento deveria representar mais calma, sossego, liberdade e paz interior. Porém, não é bem isso que se verifica porque envelhecer pode ser traduzido como fase de maior consumo de medicamentos, busca de seguridade e lazer.

Vieira (1999) pensa que é bem provável que numa sociedade que prioriza a produção e o consumo, o homem não conceba a sua aposentadoria como um direito adquirido, ao contrário, ele passará a viver com o sentido excludente na sociedade que vive justamente em função da sua improdutividade.

Talvez a redução gradual do tempo de trabalho para a entrada na aposentadoria, represente uma das situações que possa acomodar melhor essa fase da vida do ser humano.

O fato é que, existe realmente uma grande preocupação no sentido de se chegar ao período da aposentadoria, e, no âmago dessas preocupações, estão centradas as dúvidas de que a aposentadoria pode revestir-se do significado de prejuízo, tanto para a saúde física quanto mental daqueles que a enfrentam.

A fixação dos padrões de aposentadoria, deixa a impressão do estabelecimento de um paradoxo social: enquanto a esperança de vida aumenta a idade da aposentadoria ou reforma é cada vez mais precoce. Depreende-se que a aposentadoria foi então fixada de modo arbitrário e que ainda, o envelhecimento não é sinônimo da incapacidade do ser humano.

Na sociedade contemporânea, parece não haver ainda a compreensão de que, entre os objetivos da ciência, encontra-se a longevidade e com ela a possibilidade de aumentar o número de anos de vida ativa encurtando, a velhice. Tal raciocínio pode ser corroborado na medida em que, as pessoas conservam suas faculdades mentais – salvo algumas situações implícitas com patologias oriundas da herança genética – durante o maior número de anos possível. Isto pode significar que o aumento da longevidade, supõe também uma dilatação de todas as etapas da vida anteriores à velhice.

Nesse sentido a distribuição do tempo de trabalho – produtividade – ao longo da vida, não apresenta a melhor proposta. Toda a atividade laboral, familiar, social e sentimental concentra-se nos primeiros 40 / 45 anos de vida. De maneira geral, durante esse tempo, trabalha-se mais intensamente e até mesmo, muito mais do que se deveria. Depois, se deixa o espaço do trabalho para outros, e, novamente o ciclo é re-iniciado.

Diante disso, pode-se questionar dois pontos: 1) Não seria mais lógico repartir as atividades tornando-as menos angustiantes, estressantes e exigentes? 2) Não seria também, importante oportunizar as pessoas idosas sua continuidade no mundo do trabalho, se esse fosse o seu desejo?

Naturalmente que o objetivo não é respondê-las, mas, provocar, quem sabe, a reflexão. Pode-se dizer que numa sociedade com grande número de pessoas idosas, não pode ser reconhecida como uma sociedade de ‘desocupados’, isto é, onde pouca gente trabalha.

Por outro lado, não resta a menor dúvida de que é um equívoco contrapor uma sociedade aonde o predomínio seja dos jovens. A idéia de que a pessoa idosa fica em casa sem fazer nada à espera da morte, deve desaparecer de modo afortunado e rápido na sociedade contemporânea.

É da mesma forma possível de se observar na atualidade que, as pessoas idosas já integram o mundo do consumo, e bem por isso, natural entender que no futuro próximo, possam voltar também a entrar no mundo da produção, entretanto, é preciso que tenham a oportunidade.

Nesse contexto fica mais fácil de entender que de fato, a aposentadoria estabelece poucas relações que possam ser ancoradas como positiva para a saúde das pessoas idosas, até mesmo porque, se dependerem de recursos financeiros advindos dos resultados econômicos da sua aposentadoria para a aquisição de remédios, certamente não terão condições de tornarem real e efetivo o abastecimento periódico desses remédios em suas vidas.

Além disso – de acordo com a área da psicologia, Ferronato³²(2003) – pode mesmo ser verificado prejuízos na saúde das pessoas idosas, ao perceberem toda a condição de humilhação que muito provavelmente devem passar frente ao designativo de ‘improdutivo’; ou ainda, ‘tudo o que tinha para dar já deu’, entre outros tantos, que na atualidade funcionam como se fosse rótulo e/ou marca registrada que serve para a designação da expressiva maioria das pessoas aposentadas no território nacional.

A segunda situação ainda aborda o gerenciamento das instituições de saúde e que, ao serem observados meios e formas que tais instituições trabalham chega-se pelo menos, a duas maneiras de pensar:

³² Professora Ms. Márcia L. Ferronato é psicóloga, atuante também como docente no UNICS – Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná, em Palmas/Pr/Br – permitiu que, as anotações das discussões sobre este tema pudessem também servir como referência para o este trabalho de pesquisa.

- A primeira, mesmo parecendo um paradoxo, fica a impressão de que as instituições responsáveis pela manutenção da saúde na sociedade, estão muito mais ao serviço da promoção da doença do que propriamente dito da saúde em si. Em se tratando das pessoas idosas, é muito difícil compreender que os centros de saúde possam estar interessados na promoção dos meios para a manutenção da saúde, uma vez que, para se conseguir uma consulta médica o idoso deve passar praticamente a noite toda em um fila objetivando obter a senha para o encaminhamento da consulta com o médico. Depois de estar de posse da senha, agenda-se a consulta para a próxima quinzena quando se tem um pouco de sorte, normalmente tal serviço sempre ficam para o mês seguinte.
- E a segunda, é a visível ingerência administrativa gestada nas instituições responsáveis pela saúde dos integrantes da sociedade que, com a adoção de tais metodologias, entende-se que sejam feridos boa parte, dos direitos conquistados pelos cidadãos, relegando à pessoa aos planos que definitivamente não são os primeiros e os mais importantes. Além disso, os investimentos para a área da saúde sempre são parcos, corroborando fortemente o pensamento de que, a saúde das pessoas não deve ser prioridade.

Assim, exceto a classe mais abastada financeiramente o restante da sociedade, incluído aí o grupo das pessoas idosas, ficam sempre a mercê dos serviços oferecidos e que, como foi possível observar, certamente deixam muito a desejar. Provavelmente só mesmo ao contemplar um quadro social semelhante, é que se entende melhor o que Giddens (1995, p. 102), enfatiza:

“À medida que o mundo vai tomando uma aparência cada vez mais ameaçadora, a vida torna-se numa busca incessante de saúde e bem-estar através de exercícios físicos, dietas, medicamentos, regimes espirituais de vários tipos, auto-ajuda psíquica e psiquiátrica. Para aqueles que perderam o interesse no mundo exterior, excerto na medida em que este continua a ser uma fonte de gratificação e frustração, o estado de sua própria saúde torna-se uma preocupação exclusiva.”

E a terceira situação, chama a atenção referente às condições da realização de tratamentos indicados, de certo modo conclui o pensamento até porque, se porventura o idoso consiga sua consulta médica vencendo todos os percalços que a antecederam, certamente encontrará uma série de dificuldades financeiras – conseqüência da redução salarial da aposentadoria – para a aquisição da receita dos medicamentos prescritos, ainda que exista distribuição de medicamentos com a finalidade de atender pessoas com menor poder aquisitivo, o certo é que, são poucos e até mesmo os mais comuns, os medicamentos distribuídos nos centros de saúde e aqueles mais procurados, geralmente se encontram em falta no estoque ocasionando demora para serem repostos, o que obriga o idoso a adquirir em farmácias e drogarias o seu medicamento sob pena de se não o fizer, seu estado de saúde poderá agravar-se.

Acredita-se não restar a menor dúvida, que para seja emitido um conceito sobre saúde associado ao idoso, é necessário saber do próprio idoso o que ele pensa que seja saúde na dimensão da fase da vida em que se encontra. A verdade é que todas as situações pertinentes ao idoso na sociedade moderna mostram-se inadequadas e ineficientes para a pessoa idosa, necessitando pois, de um redimensionamento urgente que possa atender as necessidades, pelo menos básicas e indispensáveis deste grupo social.

4.3.2.3 – Re-dimensão do entendimento sobre a saúde do ser humano.

Não é recente a preocupação que o ser humano apresenta no sentido do desejo em viver cada vez mais.

Porém na atualidade é preciso aspirar mais do que somente contar com maior tempo de vida. Acredita-se que estão implícitas – no fato da maior longevidade – também as melhores formas possíveis de vida. Quer dizer; viver mais e melhor.

É importante o ser humano ter consciência de que a sua velhice estará condicionada por estilos e hábitos de vida adquiridos ao longo do tempo.

Raciocina-se na condição de que a pessoa deverá ser o resultado de tudo o que fez no passado. Assim, por exemplo, associa-se ao apressar do processo do envelhecimento dietas ricas em gorduras, sedentarismo, consumo de tabaco e bebidas alcoólicas entre outras condições. Naturalmente que, este conjunto de ações podem mesmo favorecer o surgimento de enfermidades como: cardiopatias, arteriosclerose, hipertensão e diabetes, artroses e câncer, etc.

Então, ainda que se reconheça a finitude do ser humano, e portanto, se saiba que a morte integra a dimensão da vida, há também de se admitir que cada pessoa tem mesmo o dever e/ou a responsabilidade de cuidar de si estando aí implícita a manutenção da saúde como tal.

Por isso, a adoção de cuidados, como também, de medidas profiláticas podem ser entendidas como formas da re-dimensão daquilo que se pensa a respeito de saúde. Então, pode-se dizer que para gozar de um envelhecimento saudável devem estar associadas instâncias como: ser útil, produtivo, ativo, dar e receber afetividade, enfim, manter-se a favor do tempo ofertando anos à vida ao mesmo tempo, que enche de vida os anos.

Este pensamento é reforçado através da leitura e compreensão de Martos (2004) quando se percebe que a esperança de vida tem aumentado de forma extraordinária durante os últimos anos mesmo que o meio ambiente e o próprio ser humano, não observe maiores cuidados.

Assim, para gozar de uma vida saudável não só bastará o cuidado com o corpo e organismo humano, senão também, com tudo o que dele depende e de tudo aquilo que o ser humano também depende.

Visto sob este prisma, acredita-se que a sociedade contemporânea precisa apressar os passos no que concerne aos fatores de adaptação ao processo de envelhecimento – embora possa parecer absurdo – a constatação de que as infraestruturas sociais, sanitárias e econômicas estão ainda longe de satisfazer as exigências para a população idosa. Por exemplo, as barreiras arquitetônicas hoje existentes como: escadas muito altas, semáforos sem tempo suficiente para a travessia que o idoso precisa, ausência de dispositivos sonoros que possam informar os passageiros idosos nos transportes coletivos,

sobre a proximidade desta ou daquela estação, degraus demasiadamente altos que separam a rua do passeio causando muitas vezes, quedas e lesões diversas nas pessoas idosas; entre tantas outras situações não menos importantes e necessárias.

Também se entende que uma outra visão possa estar atrelada aos aspectos sobre o foco de re-entendimento da saúde, muito especialmente voltado para as pessoas idosas estão adesivas a:

- Conhecer, reconhecer e aceitar as permutas oriundas do próprio tempo.
- Resgatar os hábitos e atitudes de vida mais saudáveis possíveis.
- Adotar uma postura preventiva como responsabilidade implícita no cuidar de si mesmo, objetivando a manutenção da sua saúde, e;
- Comunicar, mediante a elaboração de programas que estejam focando o desenvolvimento da educação permanente voltados para o processo do envelhecimento e promoção da saúde; através das escolas, âmbito familiar, grupos de estudos, etc.

Referente ao propósito da comunicação, há de se reconhecer que mesmo estando no século da comunicação, vive-se em muitas ocasiões na mais absoluta in-comunicação – encontrando-se aí, boa parte das pessoas idosas – até porque, é possível de estar rodeado de pessoa e ainda assim sentir-se só.

Este raciocínio também é somado às afirmações de Martos (2004, p. 232) que afirma:

“(…) puedo decir que la experiencia me hace afirmar que la soledad, la falta de comunicación social, es el factor de riesgo más importante en el desarrollo de un sinfín de enfermedades, además de las cardiovasculares. Una persona que está sola o que se siente sola no practicará las claves de una vida saludable: no llevará una alimentación equilibrada y variada, no practicará una actividad física adecuada y sobre todo no tratará de comunicar-se con los demás, por - que poco a poco se irá sumiendo en la desesperanza del silencio y la soledad.”

Na verdade, boa parte das queixas existentes entre as pessoas idosas aponta mesmo para a falta de comunicação, sob a alegação de que não se sabia a respeito deste ou daquele assunto. Acredita-se então, que oferecer um pouco mais de atenção – estando aí incluída a melhoria dos gradientes de

comunicação – para a população idosa, seja mesmo possível encaminhar-se para uma re-visão de conceitos, atitudes, hábitos e até mesmo das rotinas cotidianas dessas pessoas.

De outro modo, partindo do pressuposto de que o contrário de saúde é a doença, quer parecer interessante destacar essa relação estando ela embutida na existência do ser humano. Por isso, segundo Kruse e Köln (1991, p. 101):

“Saúde e doença devem ser interpretadas como fenômenos de um processo integral da vida. Deste modo a doença não é nenhum defeito técnico perturbador do funcionamento da máquina homem, mas sim indicador para uma perturbação, possivelmente profunda, no contexto complexo de relações entre sujeito e envolvimento.”

De fato, muitas vezes se tem bem claro que os caminhos que nos remetem para as instâncias consideradas mais saudáveis não são exatamente aquelas ligadas ao prazer – como por exemplo o tabagismo –, pelo contrário, são carregadas de inúmeras sensações desagradáveis; então a dimensão de saúde assume um novo paradigma.

Considerando que saúde deve ser um processo que acompanha o ser humano ao longo da sua existência, então, também é possível de se entender que deverá existir reciprocidade na relação com o envolvimento cultural e natural que cerceia este ser humano, ou seja, o diálogo biológico que o homem realiza com o meio externo, interno e íntimo – em última análise – condiciona o comportamento funcional identificado como saúde, que em situações alteradas é traduzido como doença e/ou desordem dos mecanismos funcionais do ser humano.

Nesse universo, principalmente focando a população idosa, é preciso refletir e questionar se, pura e simplesmente ao evitar-se a instalação da desordem funcional no organismo humano, deixando de se preocupar com os reais motivos da sua existência é de fato suficiente.

De acordo com o pensamento de Neri (2004), é importante que ao tentar construir um inventário capaz de revelar quais instâncias podem concorrer para a manutenção saudável do ser humano, certamente estariam figurando: independência física e cognitiva; manutenção da autonomia moral; preservação

da atividade, produtividade e dos papéis sociais de adulto, e ainda, preservação do meio ambiente.

De modo singular, ao se debruçar com um pouco mais de atenção na relação homem x ecossistema, com certa facilidade encontra-se expressivo número de sérios problemas com o meio ambiente – quase sempre justificados pelas necessidades do desenvolvimento – como por exemplo poluição, esgotamento dos recursos naturais e desequilíbrios ecológicos diversificados. Assim, a constatação das sérias irregularidades que podem ser observadas no levantamento ambiental, já determina índices menores na esperança de vida, como também, menor possibilidade do número de nascimentos.

Por isso, ao verificar que no conceito de saúde encontram-se as palavras, ‘ausência de doenças’ – ainda que antecedidas por: ‘e não apenas’ –, raciocina-se na linha da redução do conhecimento a respeito do próprio tema, sendo por certo, pertinente permear a saúde inserindo-a em um contexto de interdependência entre fatores individuais, sociais e ecológicos.

Nas pessoas idosas, o referencial de saúde encontra-se presente na linha do imaginário, sendo considerado um bem/valor que progressivamente se perde³³, e talvez, residindo nesse motivo seja verificado a forte vocação que os idosos revelam pelos aspectos preventivos.

Mas, há de fato uma certa conexão entre os termos: saúde / profilaxia, até porque, se prevenir tem por finalidade evitar a instalação das desordens fisiológicas, então, também pode prolongar a vida do ser humano. De qualquer modo, a promoção da saúde encontra-se diretamente ligada na consciência das pessoas nas sociedades³⁴ como tal, em adotar os hábitos e estilos de vida que possam ser favoráveis à redução e/ou eliminação dos riscos capazes de abalar a saúde das pessoas. Por isso mesmo concorda-se com Garcia (2003, p.11) quando ao reportar-se pela compreensão do que possa ser saúde, expressa:

“A saúde tem que ser compreendida através de diversas formas, cujo espectro vai desde o seu conceito sagrado, quer individual quer coletivo (caso dos tabus

³³ Verificar em: Alves (1999) – Santiago (1999) e Bernardo (2000)

³⁴ Entende-se, que para discutir saúde, é preciso considerar a história e cultura dos povos, uma vez que, esta dimensão difere segundo o meio que se vive.

ou interditos), até àquelas concepções mais actuais, caso da medicina, de carácter social, ou dos meios alopáticos, de cariz mais individual. É dentro desta multiplicidade de sentidos que a saúde se inscreve, sendo um equívoco ficarmos dependentes de perspectivas únicas, para mais num ambiente de diversidade como é este onde agora estamos inseridos, realçando apenas determinada componente, esquecendo outras.”

Naturalmente que o autor em tela vislumbra os vários paradigmas sobre a promoção da saúde do ser humano para além de uma determinada sociedade, até mesmo porque há na face da terra imensa população que entende saúde por outras vias, e nesse sentido, especialmente, pode-se citar e destacar aqui a própria sociedade brasileira, caracterizada pelo multiculturalismo.

Interessante é também verificar a visão de Boff (1999) que enfatiza a sua concordância, na medida que, entende que saúde é a capacidade ou aptidão de viver com os possíveis danos – aqui entendidos como doença –, ou seja, para aquele autor, saudável é a pessoa que consegue, de algum modo, superar as suas desordens funcionais. Como teólogo entende que dor e sofrimento conectam-se às instâncias da vida humana, e bem por isso, o fato de mediar o sofrimento numa dimensão humanitária ao seu semelhante, já revela por si só, extraordinária manifestação de saúde. Por outro lado, promover a saúde não elimina fatores de risco porque o ser humano é finito e o tempo, como já se sabe, é inexorável.

Nesta visão de mundo, onde o diálogo deve(ria) estar sempre presente, somando-se o entendimento que se tem de Garcia (2003), a saúde só pode ser concebida como um valor maior, ou seja, incluso na configuração antropológica porque os seus signatários são os seres humanos de todas as culturas e de todos os tempos, portanto, representando muito mais do que conceitos que quase sempre, deixam escapar a idéia da padronização quando na verdade, o ser humano é por excelência uma individualidade distinta é única.

4.3.3 – Valores Humanos: Tolerância e Cidadania.

Discutir a respeito de valores em um tempo onde os mesmos parece estarem invertidos certamente não é uma tarefa fácil. Entretanto, também não é possível reconhecer o ser humano destituído dos seus valores. Assim, buscase aqui estabelecer uma ponte entre: a pessoa idosa e seus valores contextualizando na sociedade contemporânea.

De sorte que, entende-se ser imperioso amparar-se primeiramente no entendimento a respeito das leituras de Heidegger³⁵(1998), e, de modo especial sobre o Mito da Caverna – de Platão, pretendendo a partir dele, e ao mesmo tempo analogamente, destacar a instância que lapida o ser humano, ou seja, a educação. Assim, a educação do homem não se destina a mostrar somente o sentido revelador da verdade.

O homem deve dedicar esforços duplos; o da tentativa de elevar-se ao nível superior e após isso, adaptar-se a nova maneira de encarar o mundo e nele atuar e ser – saber ser e saber fazer –, de modo que, a essência da educação reside no auxílio ao homem para abandonar a escuridão da caverna que o escraviza e dilapida suas reservas de força, trazendo-o à luz que o liberta.

Acredita-se de fato que a educação, representa a oportunidade para o conhecimento dos valores que podem construir a essência do ser humano, na sua mais nobre dimensão. Por isso, deseja-se a seguir, encaminhar – à luz de Heidegger (1998) – o desenvolvimento de oito instâncias que sustentam tal raciocínio.

1. Ao ser, o pensar resulta na relação do próprio ser com a essência do homem. Pensando, o ser atinge acesso a linguagem que por sua vez, edifica-se como a casa deste mesmo ser onde mora o homem.
2. Na essência do pensar reside o poder, e, o poder abarca o significado de guardar a essência conservando o seu elemento, que não é outro, senão o próprio ser.

³⁵ Martin Heidegger, filósofo alemão, desenvolveu a fenomenologia existencial. Considerado o mais original filósofo do século XX.

3. Antes de falar o homem deve novamente escutar o apelo do ser. Tal condição representa o significado para que o homem se torne humano, de vez que, meditar e cuidar busca antes de tudo, que o homem não seja desumano, ou, fora da sua essência.
4. A essência do homem pode ser encontrada justamente na sociedade, até porque, ele próprio é um ser social. É, pois, na sociedade que de acordo com Heidegger (1998, p.39) “(...) as suas necessidades naturais (alimentação, vestuário, subsistência econômica) é eqüitativamente assegurada.”
5. Também, a essência do homem – ainda de acordo com o autor em tela (1998, p.44) – é considerada quando; “O estar postado na clareira do ser é o que eu chamo a ex-sistência do homem. A existência assim entendida não é apenas o fundamento da possibilidade da razão – ratio – mas a ex-sistência é aquilo que a essência do homem conserva a origem de sua determinação.
6. Extrapolando a dimensão da essência do homem, centra-se na condição de ele ser mais do que simples homem, uma vez que, é representado como um ser vivo racional.
7. Aos valores, entende-se que se encontram atrelados ao ‘ser’, portanto, não se esgotam em sua objetividade e além disso, de modo algum quando a objetividade tem o caráter de valor.
8. A partilha do pensar reflete-se na linguagem do simples dizer sem complexidade.

Por outro lado, entende-se ser mesmo muito importante evidenciar que não se pretende conceituar ‘valor’ até porque rigorosamente não se pode defini-lo. Visto que, encontra-se incluso em um conjunto de conceitos bem distintos e supremos no contexto da existência humana, como por exemplo, ‘ser’, ‘existência’ e ‘transcendência’ que, por si só não admitem definições. Ainda assim, procurar a clarificação do significado de ‘valor’ torna-se necessário para a compreensão do pensamento que traz em seu bojo o ser humano.

Nesse sentido Hessen (1980, p. 47:48) comenta a respeito afirmando que:

“Valor é sempre valor para alguém. Valor – pode dizer-se – é a qualidade de uma coisa, que só pode pertencer-lhe em função de um sujeito dotado de uma certa consciência capaz de registrar (...) O valor não pode assim ser desligado desta relação. Se o desligarmos, praticaremos uma hipostasiação inadmissível e tê-lo-emos então coisificado, ontologicamente.”

Para além disso, o mesmo autor adverte para o fato de haver essa referência a um sujeito valorador, significando que a subjetividade deva ser relativamente considerada, não de forma absoluta evitando desse modo o subjetivismo axiológico.

Por isso, ainda Hessen (1980, p. 48:49) continua afirmando:

“O sujeito não é a medida dos valores. Não se deve pensar que os valores e os juízos de valor só valham para este ou aquele sujeito ou indivíduo que tenham a percepção deles e não para os outros. Isso sim, seria um subjetivismo. (...) O sentido da expressão “referência a um sujeito” deve ser logo diferente. Com o termo “sujeito” não pode querer-se significar portanto que o sujeito individual que julga, mas sim um sujeito geral, um sujeito mais abstrato. Não é o indivíduo, mas o gênero homem, para e simplesmente, que aqui entra em causa.”

Porém, torna-se necessário falar de valores principalmente quando se trata de distinguir o ser humano, focando-o no processo de envelhecimento. Acredita-se que o próprio envelhecimento possa ser destacado como ‘valor’ a partir do raciocínio de que, ao longo da sua existência o ser humano vai aglutinando a essência da vida justamente na experiência adquirida de modo peculiar e muito distinto.

Por outro lado, Garcia (2004) ao referir-se sobre valores, expressa uma linha de pensamento na qual, todo o homem vive todos os valores, mas não os vive com a mesma intensidade e tampouco eles ocupam o mesmo lugar na vida de cada um.

Assim, numa possível escala axiológica, voltada para a existência das pessoas idosas compreende-se que o ser humano não tem preço e portanto, não se troca o ser humano.

De outro modo, nessa mesma escala há de se destacar como um dos principais valores a 'dignidade' configurando-a como um fim em si mesmo até porque se entende dignidade como valor que não se fundamenta no comportamento moral, ela é inerente à pessoa, ao ser humano como tal e sobretudo, é inviolável.

De sorte que, concordando com o pensamento de Pereira (2004) quando afirma que, a questão axiológica inserida na sociedade moderna, revela-se como uma das grandes preocupações acerca dos valores sociais em razão principalmente, do processo de mudanças verificado no contexto atual, pode-se de fato, aceitar que nessa mesma sociedade existam diferenças no que tange ao grau de importância na escala hierárquica axiológica.

Ao abordar o tema 'valor' parece ser fundamental atender também a importância e valor do próprio 'valor', estabelecida na sociedade vigente. O fato é que a existência dos valores não depende do homem em si, na verdade podem ser entendidos como: sinais, bens, utensílios, entre outros.

Provavelmente é por isso mesmo que, na escala hierárquica axiológica as necessidades determinam de certo modo o valor entre os 'valores'.

A rigor vive-se na sociedade contemporânea a condição de transição e mudanças o que é corroborado por novamente por Pereira (2004) quando considera que, numa sociedade pautada pela iniciativa individual, o que passa a ser determinante é o êxito, o sucesso e a aquisição de bens.

Por isso, parece ser interessante destacar a respeito das ordens de valores que, existem inúmeras, entretanto sublinha-se de acordo com Patrício (1993) a ordem econômica, a ordem estética, a ordem funcional, a ordem vital e também a ordem lógica, sendo destacada como principal pelo autor a ética.

Assim, a partir da linha de pensamento de Beresford (1999) buscou-se adaptar em um quadro a evolução conceitual dos valores.

Espera-se – mesmo entendendo que por vezes resumos podem deixar de revelar alguns dados – que possa ser contributivo para a melhor compreensão do estabelecimento dos valores no contexto social.

QUADRO VII – EVOLUÇÃO CONCEITUAL DOS VALORES

PERÍODO	AUTOR	ENTENDIMENTO
470-390 a. C.	SÓCRATES	Valor e justiça / Ética – moral.
427-348/7 a. C	PLATÃO	Valor associado → Bem / Virtude / Verdade.
Séc.IX d. C. Séc.IX-XVII d.C	ÉPOCA PATRÍSTICA ÉPOCA ESCOLÁSTICA	Razão pela fé. Verdade.
1724-1804	IMMANUEL KANT	O dever determina o bem.
1817-1881	RUDOLF H. LOTZE	Conceituação de valor e valer.
1788-1860	ARTHUR SCHOPENHAUER	Teoria da Visão do Mundo → viver = apreciar, valorizar e escolher.
1818-1893	KARL MARX	Relação Capital x Trabalho = idéia de mais valia.
1838-1917	FRANZ BRENTANO	Vincula sentimento à problemática dos valores.
1844-1900	FRIEDRICH NIETZSCHE	Interpreta atitudes filosóficas como expressão de atos de preferir e preterir, denominando de Teoria dos Valores.
1833-1911	WILHELM DILTHEY	Contribuição à teoria dos valores da linha de Schopenhauer e Nietzsche.
1874-1928	MAX SCHELER	Oposição à Ética kantiana. Estabelece categorias, conceitos e hierarquia de valores.
1889-1971	JOHANNES HENSSSEN	Informações importantes sobre as escolas / correntes psicológica – neokantiana – neofichteana – fenomenológica e neoescolástica.

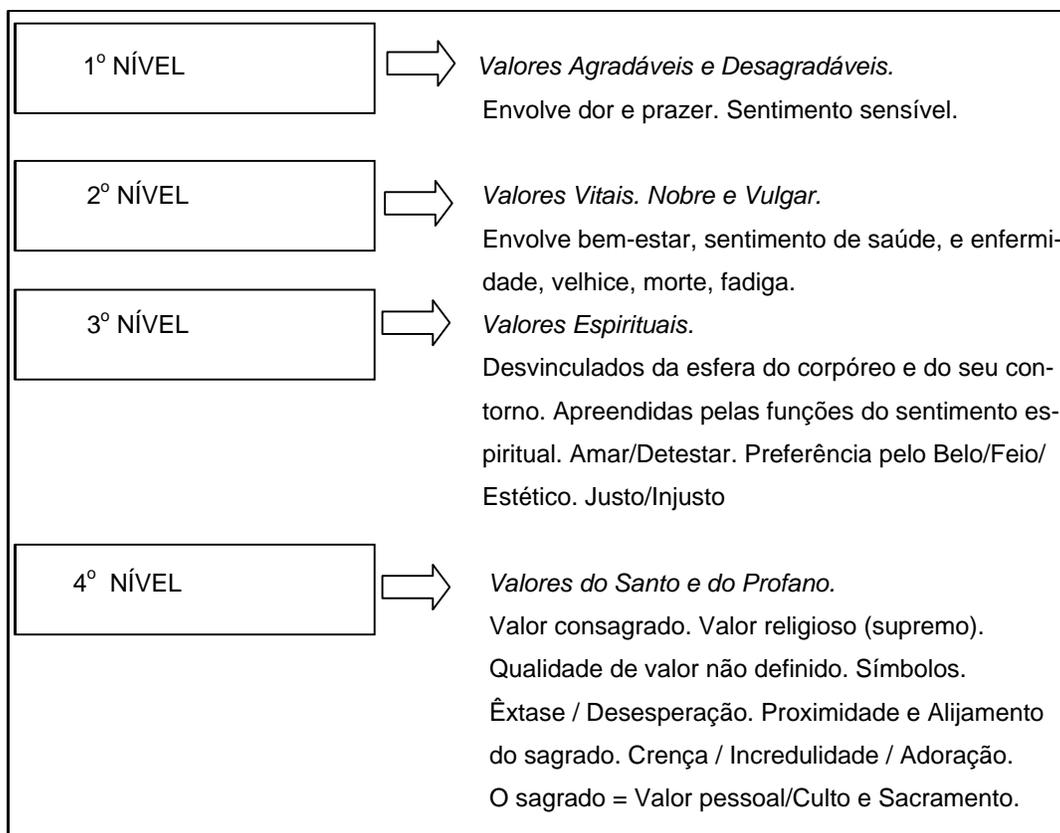
Fonte: Beresford (1999, p. 43:47) – Adaptação Antonelli (2005)

Porém, objetivando buscar ainda um melhor entendimento sobre valores, entende-se que ainda é preciso compreender também, a elaboração hierárquica desses 'valores'.

Entretanto, faz-se necessário salientar também que, o estabelecimento hierárquico dos valores não pode ser confundido com a hierarquia dos valores próprios de uma pessoa, de uma classe ou época, e, sobretudo, a referida

ordenação é contemplada independentemente de qualquer experiência valorativa.

ESQUEMA IV – * ORDENAÇÃO DE VALORES



Adaptação Antonelli (2005)

* Ordem crescente - nos primeiros níveis, valores inferiores e nos últimos, superiores.

Sabe-se que a partir da Revolução Industrial, a pessoa idosa perdeu prestígio, respeito e consideração. Entretanto, parece ser de bom alvitre enfatizar que a pessoa através da passagem pelo processo natural que caracteriza a velhice, aumenta seus limites e nem por isso torna-se justo, obstruir a sua existência no contexto social como é possível verificar, a partir da aposentadoria até as mais diversas situações discriminatórias.

Assim, na revisão que a sociedade moderna provavelmente realizará diante do fenômeno da velhice, certamente as dimensões da pessoa idosa, bem como, o lugar que a mesma deverá ocupar na sociedade, será contemplado de outra forma, ou seja, procurando resgatar os valores implícitos

no idoso. Porém, quando se fala em valores dos idosos, não quer dizer só a ligação do processo de envelhecimento com a sabedoria. Vislumbra-se as instâncias a seguir – de certo modo – antevendo a aproximação dos adultos da atualidade à fase da terceira idade:

- Culturais e de tradição;
- Do estabelecimento do equilíbrio entre os jovens através da consolidação dos valores sociais passados com os atuais;
- A inegável experiência de vida acumulada ao longo do tempo em todos os sentidos;
- E sobretudo, os princípios que consolidam e concretizam os valores implícitos de família.

Por isso, entende-se que além das pessoas idosas oferecerem suas contribuições à sociedade contemporânea, esta por sua vez, terá a oportunidade de agregar tais valores no redimensionamento para a mais harmoniosa possível convivência entre as gerações.

Também é importante destacar que por conta de todo o processo – veladamente existente – discriminatório contra o idoso, ele próprio também passa a explicitar situações de auto-discriminação, sendo portanto, significativo o auto-resgate da sua imagem e estima a partir da re-conscientização do próprio idoso.

Assim, acredita-se que o exercício pleno da condição humana deva passar antes, pela revisão e correção de todas estas instâncias, ou seja, dos conceitos sobre respeito, consideração, garantia da manutenção da saúde, reconhecimentos dos valores pessoais da pessoa idosa; todos imprescindíveis na construção da sociedade moderna e no reconhecimento das suas capacidades de trabalho.

Por conta deste pensamento, entende-se que a pessoa idosa não é tampouco deve ser um acomodado, ou ainda, um ser inativo porque dele nada ou quase nada se pode esperar.

Pois se contesta justamente o contrário, é preciso apenas que seja oferecido ao idoso um crédito da sociedade que mais dia, menos dia também envelhecerá e quando isso ocorrer, esta mesma sociedade acabará por

descobrir que deixou de aprender as lições que podia e devia com os seus velhos, e que somente isso lhe garantiria a sua subsistência.

4.3.3.1 – Tolerância / cidadania

Garcia (2004) contempla através da axiologia que é um ramo da filosofia que estuda os valores, reconhecendo o estatuto de valor àquilo que pode ser traduzido por comportamento ou atitude.

O referido autor estabelece um quadro hierárquico de valores assim configurado:

- ❑ Valores vitais ou econômicos;
- ❑ Valores práticos ou de utilidade;
- ❑ Valores hedonísticos ou de prazer;
- ❑ Valores lógicos ou da verdade;
- ❑ Valores estéticos ou de beleza;
- ❑ Valores éticos ou do bem;
- ❑ Valores religiosos, do sagrado ou divino.

Centrado nessa escala entende-se que o homem vive todos os valores, entretanto, nunca com a mesma intensidade e tampouco os valores ocupam o mesmo lugar na vida da cada pessoa.

Nesse sentido e sem a pretensão de tratar distintamente sobre cada um deles, deseja-se destacar os valores éticos ou do bem, porque, pretende-se focar a questão da tolerância como exercício de cidadania, procurando atrelar o desenvolvimento dessas idéias para a pessoa idosa.

Foi necessário, para chamar a atenção da sociedade eleger o ano de 1995 como o 'Ano da Tolerância.'

Justamente a tolerância que é considerada indispensável para a vivência da democracia, foi exortada de modo distinto como uma forma de chamamento ao contexto social vigente, e sobretudo, como um elemento fundamental na construção da cidadania.

Entendida de várias maneiras, podendo ser contextualizada desde uma grande virtude até como a frouxidão dos costumes, a verdade é que ser tolerante pode de fato, representar a diferença entre os seres humanos.

Procurando um conceito, verificou-se in Larousse Cultural (1987) que tolerância é: “Uma disposição de admitir nos outros, modos de pensar, de agir e de sentir, diferentes dos nossos.”

Assim, a tolerância pode ser considerada não só como um certo modo de viver as convicções pessoais, como também, na perspectiva do direito identificar o que se deve, o que pode e não pode ser tolerado. Isto quer dizer que, deve ser entendido em relação ao comportamento das pessoas, seja convivência civil ou de justiça social, os limites de tolerância desde o que se considera como intolerável até o que pode ser reconhecido como perdão.

Ao que se pode entender, parece que no universo das pessoas idosas, as indicações com referência, principalmente, ao tratamento dispensado aos mesmos, apontam para a indiferença e desconsideração mais ou menos generalizada, sendo assim, possível de entender que tais comportamentos por parte da sociedade vigente, consubstanciam a negação da tolerância e por extensão, também pode dar origem às discriminações e reservas que, muitas vezes é possível observar com relação aos idosos até mesmo no seio da família.

Naturalmente fica mais claro que o exercício da tolerância, passa a ter um papel fundamental no que diz respeito à busca dos possíveis ajustes dessa dinâmica pessoal e interpessoal, fundado essencialmente no respeito e no diálogo.

Por outro lado, além de ser importante, torna-se indispensável distinguir as diferenças entre tolerar e suportar ou agüentar. Parece mesmo interessante então classificar essas atitudes se de fato, o desejo é o de caminhar em busca da cidadania e dignidade da pessoa idosa.

Entende-se que se torna muito difícil resgatar valores tão nobres como cidadania e dignidade para os idosos, sustentado pela relevância do suportar ou agüentar o idoso. Nesse caso, fica um sentido da opção de ‘livrar-se’ do

idoso e não a de cultivar verdadeiramente a atitude tolerante, visando à construção de uma convivência civil, ou, de justiça social.

Portanto, há de se entender que reside nas leis de cada país, o estabelecimento dos limites do tolerável e também, do intolerável que de acordo com Comel (1998, p.94) informa:

“(...) pode-se falar em tolerância quando ela é entendida como uma ação positiva, exercida por um ato de vontade. Assim, só existe a possibilidade da tolerância quando a pessoa pode optar por ela, exercendo um poder: poder fazer, poder escolher, poder não fazer ou poder não querer.”

Entretanto, a tolerância pode ser revelada como uma atitude positiva mas também, uma omissão. Assim, objetivando tornar um pouco mais fácil e clara a compreensão dessa atitude, ainda segundo Comel (1998) apresenta-se o entendimento sobre a concepção da tolerância em modalidades distintas e específicas.

Nesse sentido, entende-se por tolerância resignada a capacidade de suportar determinados fatos e ações porque nada além disso poderá ser efetivamente realizado. Há de igual modo a tolerância preguiçosa que na verdade, é uma forma de não criar problemas ainda que se entenda este ou aquele fato como uma situação intolerável, nesse caso especificamente supõe-se uma certa ausência de responsabilidade.

Uma outra modalidade de tolerância passa antes pela análise de um fato, e, se o resultado dessa análise apontar para o raciocínio de que se tolerar os males podem ser menores adota-se a postura tolerante. Importante aqui destacar duas instâncias. A primeira, a presença do fundamento ético revelado na adoção desse comportamento, e, a segunda é que esta postura não pode ser utilizada a serviço do poder ou de grupos, uma vez que, nesses casos pode-se admitir a permissão da tolerância por um crime, por exemplo.

Já a tolerância inspirada nas idéias e modos de ser, evidencia-se na medida que, compreende-se que acima das diferenças existe um ser humano, signatário de dignidade e de respeito, inclusive de autonomia com relação aos projetos de vida. Nessa dimensão a tolerância se transforma em um ato de humanidade e toma a forma de virtude.

Finalmente, verifica-se a tolerância que nasce da respeitabilidade pela pessoa onde se tem consciência clara da limitação frente à verdade a partir da compreensão que esta nunca é unilateral.

Depreende-se assim que a virtude da tolerância expressa-se numa forma de acolhida muito especialmente por dois motivos:

1 – Porque um sistema tolerante sempre acolhe uma idéia nova, e analogamente pode ser entendido como um voto interior de aceitação da pessoa tal como ela é;

2 – No ato da acolhida, existe a possibilidade de aceitação e assimilação, quer dizer, não se aceita nem o intolerável nem o inadmissível.

Com tal conotação é possível admitir a configuração da cidadania e também da democracia, podendo comparar cidadania e democracia como órgãos vitais no corpo da tolerância. Por isso mesmo, no bojo da sua proposta devem também estar apontados para a aceitação dos direitos de cada um em seguir a própria consciência desde que isso, não represente prejuízo ou dano aos direitos dos outros.

De sorte que, o homem se torna pessoa quando compreende e pratica o respeito fundamental dos direitos humanos; dessa maneira, a sua prática torna possível, ações onde a predominância é marcada pela democracia participativa de tal modo que, os direitos e deveres de cada um em relação ao outro, se constituem em limites das liberdades individuais, até mesmo porque, entende-se que uma das grandes contradições da chamada pós-modernidade, encontra-se justamente na superavaliação das liberdades individuais, esquecendo-se da necessidade crescente de viver em sociedade, porque também nela toda a liberdade está sujeita a limites em prol da vida em comum.

Todavia deve-se entender que a adoção de atitudes tolerantes em momento algum poderá sugerir a possibilidade, por menor que seja, da identificação da tolerância como virtude, como sendo um sinônimo de permissividade, nem mesmo como ausência de autoridade ou ainda, como um estímulo à indisciplina.

O raciocínio que se elabora encontra-se consolidado na possibilidade de se conviver numa sociedade, cujos gradientes de tolerância possam de fato,

serem mais estimulados principalmente aos grupos reconhecidos como 'minorias', encontrando-se neles também as pessoas idosas.

O fato é que se ressentem no dia-a-dia a necessidade de acolher melhor as pessoas idosas, como também é possível verificar que a sociedade moderna, deixa a desejar ao revelar seu esquecimento sobre os valores que a pessoa idosa aglutina ao longo de toda a sua existência, como por exemplo, preterindo não raras às vezes, a experiência de vida do idoso pelo jovem que atende aos apelos consumistas. Entende-se desse modo que ao velho, pelo menos o respeito e a consideração deveriam ser muito mais evidenciados.

Esse esquecimento do ser humano em relação aos valores – que devem ser considerados como bens de vida – é de tal intensidade que Gervilla (1993) entende que o homem se diminuiu ao aspirar sempre, e cada vez mais o prazer sem esforço. Reforça o mesmo autor que o prazer é tão necessário como o esforço assim, tanto um quanto outro são igualmente importantes para a construção equilibrada de uma pessoa.

São nessas circunstâncias que as pessoas idosas encontram-se inseridas e que o exortar pela virtude da tolerância para essa população, pode residir em função da necessidade da re-configuração dos valores humanos, acreditando que principalmente neles podem ser corroboradas as formas da re-construção de uma sociedade mais justa, afinal, não se pode conceber cidadania e dignidade omitindo-se o saber ser e o saber fazer.

4.4 – VIDA COM QUALIDADE E DIGNIDADE OU DIGNIDADE DA VIDA

“Nós, os velhos de cabelos brancos, temos, tal como nossos irmãos mais jovens, uma tarefa a cumprir, algo que confere um sentido à nossa existência; mesmo os moribundos e aqueles que estão doentes, à beira da morte, a cuja cama já mal consegue chegar uma invocação proveniente deste nosso mundo, têm um dever, têm algo de importante e indispensável para cumprir.”

(Hermann Hesse)

4.4.1 – A Dignificação da Vida Pelo Trabalho e Pelo Lazer

Para discorrer sobre a dignidade de vida das pessoas idosas, parece ser importante não esquecer de abordar o lugar onde se vive e concomitantemente, concorrendo par e passo, são evidenciadas algumas das necessidades próprias do ser humano como responsabilidades sociais, laços familiares, preferência a estilos de vida, tipos de acomodação, entre outras.

Assim, deseja-se destacar muito especialmente duas situações. A primeira, referente às responsabilidades sociais e os laços familiares, entendendo-se ser imperioso lembrar que estes papéis não desaparecem com o advento da aposentadoria. Aliás, pode-se observar que na atualidade inúmeras são as pessoas idosas que, não raras às vezes, conseguem garantir o sustento e manutenção da família – filhos e netos – mormente em momentos de maior dificuldade como por exemplo o desemprego, crise e dificuldade econômica e perdas financeiras.

De sorte que é curioso perceber na sociedade contemporânea a discriminação e a falta de reconhecimento frente aos valores das pessoas idosas, tratadas em muitas oportunidades como restos desgastados, tidos mais como um peso social do que qualquer outra referência e designação.

E a segunda, revela-se pelas necessidades da adequação e adaptação de espaços que possam garantir a mobilidade, trânsito e acomodação dos idosos, uma vez que, em razão dos limites naturais impostos pela passagem do tempo, muitas vezes, são vítimas de acidentes pela inadequação de:

- grades de segurança em lavatórios, banheiras e escadas;
- assentos de vãos sanitários que deveriam ser mais elevados;
- cadeiras e camas com alturas ajustadas;
- rampas substituindo degraus;
- interruptores elétricos a pelo menos um metro do chão;
- torneiras com alavancas coloridas;
- degraus de escadas com tarja de identificação;

- campanhas de porta e telefone ligadas a flashes de luz, chamando a atenção dos surdos;
- suporte de papel higiênico com bordas serrilhadas, para ser facilmente rasgados por pessoas de uma só mão;
- aumento do tempo dos semáforos autorizando a travessia em vias públicas, bem como, sonorização que possa identificar pessoas cegas;
- informação sonora dos pontos de embarque e desembarque em ônibus e metrô;
- sinalizadores luminosos que indicam degraus; e,
- piso antiderrapante evitando quedas em ambientes úmidos, ou, em caso de chuva.

Entende-se que todas essas condições estão implícitas na garantia constitucional do deslocamento, ou seja, ir e vir, e portanto, não deixam de integrar a salvaguarda das exigências à dignidade das pessoas idosas. Por certo, é bastante raro verificar o cumprimento de pelo menos, boa parte das condições mencionadas, o que atesta a desatenção e a falta de interesse pelo bem estar da população idosa.

De igual modo, ainda que se reconheça algum progresso, bem como melhoria na prestação de serviços, infelizmente verifica-se que estas ofertas estão longe de alcançarem níveis mais aceitáveis e ideais, como por exemplo previdência social – pronto atendimento à saúde – serviços de odontologia e oftalmologia – medicina geriátrica – oferta de vale e auxílio ao transporte e alimentação – serviços farmacológicos – programas culturais, de lazer e trabalho, entre outros; ainda são bastante deficientes em todo o território nacional.

Partindo da premissa que o trabalho dignifica o homem, é possível então verificar que para a pessoa idosa, talvez não seja bem esta a representação daquele enunciado. Ao consultar o dicionário, a palavra aposentar-se e/ou jubilar-se, quer dizer que aquela pessoa exime-se do serviço, ou ainda, licencia-se, sem contar que a palavra 'jubilo' em si, também

quer dizer alegria, exultação, regozijo ou gozo.

Nesse sentido, depreende-se que quando uma pessoa trabalha 30, 40 e às vezes até bem mais tempo, dedicando o melhor de sua existência como contribuição à construção de uma sociedade melhor, era de se esperar que o momento da sua aposentadoria/jubilização, pudesse ser revestido como algo de muita importância na sua vida.

Entretanto, ao que parece, não é bem isso que acontece porque a alegria e o prazer de não se ter mais horários a cumprir, ou compromissos das jornadas de trabalhos a finalizar, revelam-se efêmeros quando se percebe que essa 'nova' forma de viver os dias, passa a ter uma leitura de estar encostado, inativo, como se estivesse esperando o momento do descarte tal é o sentimento de inutilidade que, não raras às vezes, invade a pessoa que conquistou a sua aposentadoria.

Assim, aquilo que é um direito legítimo de toda a pessoa que trabalha e que, deveria estampar a leitura de reconhecimento pelo cumprimento da tarefa desempenhada por tantos anos, como também, a forma figurativa de 'passar o bastão' àquelas pessoas que chegam ao mercado de trabalho, representando também a 'renovação'; acaba se transfigurando como uma espécie de engodo. Tal pensamento é reiterado enfaticamente na afirmação de Cordeiro (2005, p. 127) quando textualiza:

“Se a aposentadoria for sinônimo de não fazer nada, isso é a ante-sala da morte, e foi-nos possível comprová-lo com muitos amigos que, felizes por não fazer nada, alegres por visitar colegas que continuam a trabalhar enquanto eles já não o fazem, caem na depressão, são atingidos por várias enfermidades e morrem pouco tempo depois.”

Por outro lado, acredita-se que este momento novo na vida das pessoas pode ser redimensionado com o propósito de mudança das rotinas diárias da vida mediante a alteração de ritmos novos nas atividades cotidianas, renovação das dimensões físicas e mentais e busca incessante pelo prazer tanto de quem desfruta da aposentadoria, como também para todos quantos possam cercar a pessoa aposentada.

Naturalmente, entende-se de igual modo que para instaurar essa proposta, é preciso que a própria sociedade possa oferecer programas específicos que foquem a população idosa. Certamente há muitas, inúmeras situações bastante interessantes que, com baixos investimentos podem em curto espaço de tempo, apresentarem resultados extraordinários, como por exemplo a implantação das oficinas de trabalho visando valorizar e aproveitar toda a experiência adquirida ao longo do tempo, beneficiando a própria sociedade, na medida que a relação custo benefício pode mesmo retornar em forma de produtividade, antevendo a chance do próprio auto-custeio da manutenção daquele programa. Então, ao se aviar tais possibilidades, com toda a certeza oportuniza-se a dignificação da vida pelo trabalho e também pelo lazer.

Para além disso, raciocina-se no sentido de que ao entender a finitude humana, compreende-se também que a vida como tal, ainda que não se saiba hora, local e data um dia qualquer irá, inapelavelmente expirar. Porém, justamente nessa fase final, ou seja, durante todo o tempo que antecederá o evento da morte acredita-se que aquilo que pode ser verdadeiramente considerado como mais importante chama-se plenitude.

Nas leituras e estudos realizados procurando expressar da melhor forma possível o que de fato se entende por 'plenitude', deparou-se com muitas definições, conceitos e registros. Entretanto, comunga-se estreitamente com as colocações também de Cordeiro (2005, p.139), por entender abarcar de modo sintetizado o essencial real do significado sobre a plenitude do ser humano, quando o autor em tela informa:

“Plenitude é o resultado da dignidade humana diante do desvalimento dos anos de velhice.

Plenitude é a convicção de que a vida é digna de ser vivida até o seu limite.

Plenitude é a reconciliação do ser humano consigo mesmo e com o mundo.

Plenitude é a meta que todos devemos perseguir à medida que o tempo passa.”

De sorte que qualquer pessoa com um pouco mais de atenção e perspicácia pode contemplar nos rostos de velhos e velhas – ainda que as inscrições do tempo como pele enrugada, possível falta de alguns dentes, cabelos brancos, corpo um pouco encurvado e passos vacilantes – os olhos vivazes, serenos e tranqüilos, bem como, no sorriso fácil e autêntico a mais pura revelação daquilo que se pode admitir como plenitude.

Vive-se em boa parte do mundo, o fenômeno do aumento da população idosa estando este fato ligado principalmente pelo maior tempo de vida, ou, pela ampliação da longevidade. Este raciocínio real, traz à baila uma outra preocupação que pode estar ancorada nessa dimensão do clamor pela dignidade às pessoas idosas, que muitas vezes, deixa de ser atendido e cumprido na sua devida proporção.

O fato de se viver por mais tempo é mesmo inegável e já comprovado, por isso, com ele associa-se uma segunda condição que é a de viver melhor, admitindo-se que este pressuposto encontra-se intimamente ligado nos gradientes que configuram a dignidade do ser humano.

A princípio é de se esperar que tanto viver bem ou melhor, quanto viver por muito mais tempo, apresentem características positivas a respeito das duas coisas, até porque há muitas idéias que divergem nesse sentido.

Mas há também aqueles que vegetam feito um autômato no trabalho e em casa, suas vidas são rotinas, não lê tampouco se informa, esperam apenas se aposentarem, morrendo um dia qualquer qual um vegetal murcho.

Porém, há os que acreditam que viver é antes de tudo, experimentar, provocar seus limites e quem sabe ultrapassá-los e por isso mesmo abusam ingerindo muito álcool, adotando o tabagismo, fazendo sexo sem proteção, provando todo o tipo possível de drogas, dirigindo irresponsavelmente em altas velocidades.

Há ainda os que também pensam que só viver não basta, precisam buscar a fonte da juventude camuflando as inscrições do tempo sobre os corpos e suas aparências como: pintar o cabelo, esticar a pele, vestir-se de maneira chamativa, incorporar tipos sedutores para atrair o sexo oposto.

Mas, há enfim, aqueles que de fato pensam que para se viver melhor necessariamente se deve reconhecer algumas situações distintas e peculiares para se viver de fato melhor:

- ❑ desfrutar plenamente cada dia;
- ❑ saborear com o mesmo prazer o prato mais refinado, ou, a alimentação mais simples, sabendo dizer não aos excessos;
- ❑ saber beber saboreando sucos, leite, café, chá e também, apreciar um aperitivo, ou degustar uma bela taça de um bom vinho reconhecendo sua textura, aroma e sabor;
- ❑ cuidar de si de seu corpo por dentro e por fora, descobrindo o prazer nos exercícios físicos agradáveis, cotidianos e continuados sem exageros;
- ❑ cultivar e expandir a mente, enriquecer o cérebro com pensamentos positivos;
- ❑ trabalhar no que se gosta;
- ❑ aprender sempre algo novo;
- ❑ dedicar-se sempre que possível às artes como esculpir, pintar e criar peças novos modelos;
- ❑ comunicar-se com amigos, familiares, filhos e netos desfrutando de suas presenças intensamente;
- ❑ ser capaz de rir e chorar saboreando um bom livro, assistindo um filme;
- ❑ conhecer seus limites ouvindo e sentido o ritmo do organismo;
- ❑ sorrir mais e de preferência, sempre;
- ❑ cultivar a inteligência e a sabedoria; e,

- finalmente viver mais alongando os anos tanto quanto possível de modo pleno tanto quanto for possível.

Entretanto, no contraponto dessas importantes indicações, quase um receituário de primeira grandeza, é preciso lembrar que a sociedade contemporânea encaminha o estabelecimento de algumas relações – mais pontuadamente: a) determinando idade para ser velho / b) associando velhice com incapacidade, e; c) reforçando a idéia negativa da velhice – focando esta etapa da vida de modo impróprio, o que merece ser contestado.

Diante dessa realidade, optou-se a partir da leitura de Moragas (1998) configurar uma comparação entre aquilo que pode ser um fato e aquilo que possa ser um mito no que tange ao processo de envelhecimento do ser humano. Acredita-se que também através destas instâncias se pode antever uma abertura maior nas janelas que exibem a dignidade da pessoa idosa. Por isso, considera-se:

- Mito o número mágico de 65 anos, informando que a partir de então começa a velhice. Por conseguinte o fato sustenta-se na tese de que, a velhice não começa numa idade cronológica uniforme, mas variável e individualizada.
- Mito que os velhos sejam muito limitados em suas aptidões. Sendo que aquilo que se pode admitir como fato, encontra-se na razão direta das pessoas idosas possuírem inúmeras habilidades onde o poder de execução poderá ter um tempo um pouco maior. Assim observa-se nas três principais instâncias da vida: 1 – a aptidão biológica através da qual se sabe que o ritmo vital se atenua entretanto, o envelhecimento não é uma doença e nem tem que ser limitante. 2 – aptidão psíquica se comparada em níveis de cognição, a perda da memória não é muito maior que aquela constatada em outras idades. Na verdade, isto quer dizer que, a inteligência não só não diminui mas, pode aumentar, e, 3 – As aptidões sociais, onde o idoso percebe que os valores estão centrados na juventude, beleza, poder econômico, etc.

- Mito o que se preconiza, a partir da afirmação de que a velhice é uma etapa totalmente negativa. O fato é que a velhice é uma etapa vital muito peculiar e distinta em si mesma. O desenvolvimento humano começa com o nascimento e não cessa até a morte da pessoa, variando em cada uma das suas etapas seus tipos de manifestações. Portanto, se a sociedade atribui valores maiores – focando quase que unicamente – as instâncias do desenvolvimento fisiológico, então ficam mesmo evidentes as limitações dos anciãos, mas se for apreciado também o psíquico e social, certamente as pessoas idosas poderão ser contempladas com valores que concorrem a seu favor.

Na verdade, o que se deixa transparecer a partir das atitudes observáveis em boa parte nas pessoas idosas, é que a velhice feliz é aquela que se busca a partir das aparências jovens porque este é sem dúvida, o valor mais apreciado no contexto atual vigente. Este comportamento vai paulatinamente apagando os valores da própria velhice, e, fazendo do idoso mais uma vítima de discriminação resultando como consequência, a perda da iniciativa e da motivação. Esta idéia é compartilhada com Oliveira (1999, p. 71:80) ao evidenciar tal fato em três declarações bastante pertinentes:

Primeira declaração

“A sociedade o coloca em situação de típica marginalização social na medida que ergue contra ele barreiras e atitudes de preconceito e de discriminação, com isso, o idoso se transforma em pessoa à margem da sociedade e de uma vida que ainda poderia ser repleta de vivências e realizações.”

Segunda declaração

“Enquanto a ciência torna capaz de prolongar a vida do ser humano, a sociedade desestimula a participação da população idosa nos processos socioeconômicos e culturais de produção, decisão e integração social.”

Terceira declaração

“O preconceito contra o velho no País é mais forte que o preconceito racial: incorporado sem crítica, envolve toda a sociedade e é aceito pelos próprios idosos. Trata-se de uma verdadeira ‘conspiração silenciosa contra a velhice’ que precisa de uma reversão da parte do Governo e das políticas sociais brasileiras.”

Nota-se mesmo que são imensas as dificuldades para encontrar formas capazes de inserir a pessoa idosa revestido da dignidade através da sua participação laboral e de lazer.

Aliás, quanto a questão do trabalho para o idoso é possível elaborar a leitura de que a própria sociedade o condena à inatividade, improdutividade e dependência. Portanto, todas as concepções sobre o processo de envelhecimento do ser humano, propugnadas na atualidade não escondem a visão reducionista sobre a pessoa humana, na medida que, só vale pelo que produz e muito raramente pelo que é.

De acordo com Moragas³⁶ (1998) assinalam-se dois fatores que influem sobre o trabalho das pessoas idosas: 1) a redução da população ativa, e, 2) a orientação ideológica.

Referente ao primeiro fator, a quantidade de pessoas para produzir bens e serviços nas sociedades modernas tem reduzido nos últimos anos. Os índices de melhora na produtividade, correm por conta das inovações tecnológicas e ao interesse das próprias empresas em reduzir a mão de obra. Diminui-se a população ativa através de diferentes medidas: encurtando as idades para jubilação para os adultos e prolongando a formação para os jovens entrarem mais tarde como força de trabalho.

Já no que tange a orientação ideológica, há por um lado empresários e economistas neoclássicos que defendem o dinamismo da economia baseado na criação de postos de trabalho pela expansão da demanda.

De outro lado, ecologistas, pacifistas, socialistas consideram que o conjunto do trabalho a realizar é limitado; para este grupo a solução está na partilha do trabalho total disponível entre toda a demanda.

³⁶ Tradução da língua espanhola, no entendimento daquele texto pelo autor deste estudo.

Assim, se prevalecesse a ideologia do crescimento, os anciãos teriam maiores possibilidades de trabalhar do que se fosse adotado o modelo da partilha. Porém, ao vislumbrar a participação da pessoa idosa no mundo do trabalho e da produção há de se concordar que é possível a adoção de novas modalidades capazes de beneficiar o trabalhador mais maduro.

Entre estas modalidades se encontra a disponibilidade de horários flexíveis, trabalho de tempo parcial, divisão da jornada entre trabalhadores mais velhos e jovens, e ainda, férias prolongadas. Em todas as opções estão evidenciadas possibilidades de trabalhadores idosos se manterem no universo da população reconhecidamente ativa.

Obviamente que não se esgota aqui a discussão que contempla a pessoa idosa e o trabalho, porém, para realidade percebida na sociedade contemporânea entende-se que possivelmente, tudo o que se tratou serve como contribuição no sentido de aprofundar as reflexões sobre o tema em si.

Assim, como se encontra naturalmente anexado ao fato do expirar do tempo no trabalho a aposentadoria, e nela, inevitavelmente a existência do tempo livre para as pessoas idosas, não deixa de ser menos interessante procurar localizá-las nessa dimensão, até porque, a utilização deste tempo livre com o lazer, é uma necessidade que integra de igual modo a constituição do ser humano, conduzindo-o de forma a reconhecê-lo pautado por valores, estando aí implícito especialmente a dignidade e a cidadania.

Como o tempo pode configurar vários significados remetidos à experiência humana que se conhece como tempo de trabalho, tempo de ócio, tempo de aprendizagem, entre outros, quer dizer, o tempo humano é único e limitado mas a sociedade trata de qualificar cada forma de vivê-lo. Na verdade, a denominação de tempo livre, pode-se dizer que é bem recente porque na antigüidade não existia este conceito, o uso do tempo era definido como status das classes sociais, ou seja, os escravos estavam constantemente a serviço de seus senhores que por sua vez, governavam ou filosofavam. Os guerreiros lutavam, mas todos eles tinham disponibilizado tempo de distração.

Com a revolução industrial as exigências de eficiência, produção em massa e geração de econômica mediante esses fatores produtivos, consagra-se em definitivo o tempo livre como uma necessidade importante para a renovação da dedicação ao tempo de trabalho. Na medida que o trabalho ganha espaço e passa a ser mais intenso, as reivindicações para ampliação do tempo livre passaram a fazer parte deste contexto.

Desse modo, surge a diferença entre tempo de trabalho e tempo livre, e este, cada vez mais valorizado passa a assumir característica crescente voltado ao indivíduo como tempo para desenvolvimento pessoal, capaz de quebrar a rotina cotidiana e até mês, a monotonia até o ponto de se reconhecer que o tempo livre é uma alternativa para o ser humano frente às exigências laborais.

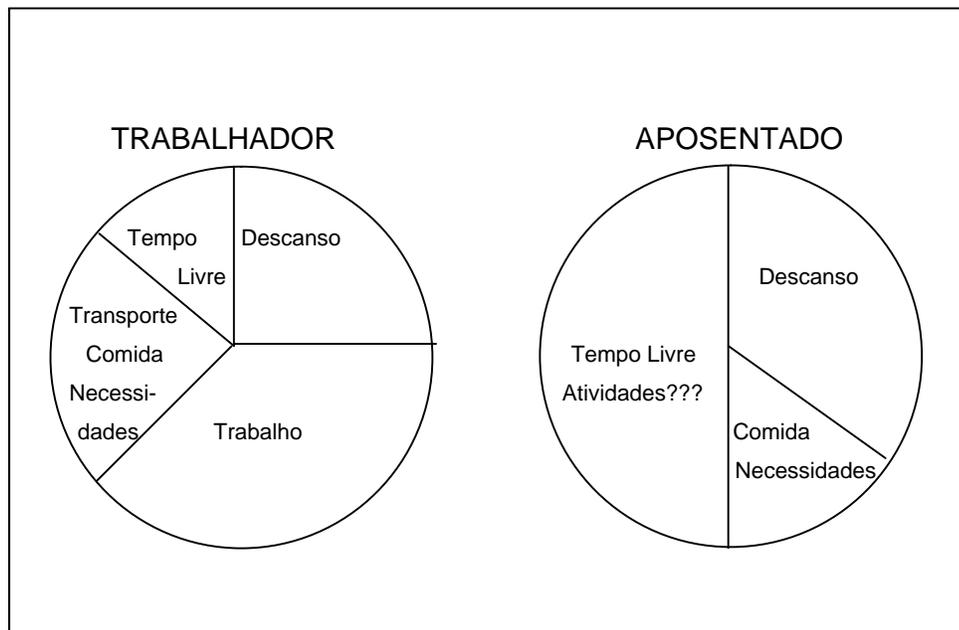
Mais recentemente, percebe-se que o tempo livre passa a ter um aumento aos que ainda não estão definitivamente no campo de trabalho – conhecidos como mercado informal – aos desempregados e aos aposentados. Nessa linha de pensamento, o resultado óbvio é que, há uma maior disponibilidade de tempo livre ao ser humano de modo mais ou menos genérico para todas as faixas etárias, e na contra-mão desse caminho, verifica-se um considerável problema que corre por conta de como ofertar atividades que possam servir de complementação para este dito tempo.

Acredita-se que – de um modo geral, mas também, focando a população idosa – seria de bom alvitre a existência da oferta pela própria sociedade de programas de lazer bem estruturados e que, inclusive, pudessem transferir e partilhar conhecimentos sedimentados pelos propósitos da educação continuada, pelo simples fato de que é possível perceber que não existe preparação alguma para que possa as pessoas possam utilizar deste tempo de forma significativa.

Observando o dia-a-dia das pessoas idosas, verifica-se que o demasiado período de tempo livre – como é possível identificar no quadro a seguir – pode mesmo transformar-se em uma ameaça em vez de representar oportunidade para o desenvolvimento de instâncias que somassem na continui-

dade do desenvolvimento pessoal.

QUADRO VIII – ROTINAS DIÁRIAS



Adaptação Antonelli (2006)

Como é possível de se verificar na comparação das figuras apresentadas no Quadro XIX o tempo livre que faz parte da vida das pessoas aposentadas é mesmo significativo. Entretanto, deve-se pensar também que a agregação deste tempo, muito provavelmente aconteceu de modo muito rápido, sendo que de um momento para o outro, na rotina diária da pessoa aposentada incorpora-se um novo elemento: a ociosidade. Portanto, as inúmeras queixas de aposentados quando insistentemente atestam que 'não há quase nada para se fazer', ou que, 'a vida não tem mais qualquer sentido' parece de fato apresentarem consistência.

É, pois, evidente que a sociedade contemporânea além de todo o conjunto de ações, que a seu modo, promove desfavoravelmente às pessoas idosas, também na aposentadoria esqueceu de contemplar um modelo mais adequado para todos quantos, oferecem a maior parte da vida objetivando contribuir favoravelmente na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na medida que deixa de criar opções melhores – através de

programas que contemplem atividades diversas –, revestidas de dignidade e cidadania para a ocupação saudável do tempo livre, relegando aos aposentados o caminho continuado, que na maioria das vezes, finaliza, infelizmente no ostracismo.

Para além disso, acredita-se que possa haver uma variedade considerável de atividades que são possíveis de serem desenvolvidas para as pessoas idosas, mesmo porque todas elas podem ser consideradas apropriadas para qualquer outra faixa etária incluindo as idades mais avançadas.

Até onde se sabe, é possível que existam três características das pessoas idosas porque na medida que envelhecem, configura-se uma transição nos tipos de atividades, ou seja, aquilo que era considerado obrigatório agora é voluntário; as atividades externas que passam a se restringir para um circuito próximo e as atividades sociais que são executadas individualmente ou no máximo em duplas.

Diante disso, é possível de certo modo agrupar o conjunto dessas ações dinâmicas em pelo menos onze categorias:

- Da vida diária → estando aí implícito a satisfação das necessidades fisiológicas básicas como sono, higiene e alimentação; também se deve contemplar a segurança.
- Atividades físicas e manuais → consumo de energia, manutenção da forma física como: tônus muscular, capacidade respiratória e cardíaca; saúde geral de órgãos e a ocupação do corpo e do tempo.
- Atividades sensoriais → gratificação e proteção dos sentidos mediante experiências prazerosas.
- Atividades psíquicas → desenvolvimento do 'eu', auto-realização, criatividade, expressividade e descanso.
- Atividades sociais → relação grupal, satisfação das necessidades frente ao associativismo, identificação social mediante o desenvolvimento de atitudes nessa linha.

- Atividades recreativas → satisfação das necessidades de distração, atividades livres com poucas exigências nas realizações individuais e também grupais.
- Atividades desportivas → manutenção das aptidões mínimas para o desporto, aguçar do espírito competitivo e oportunidade de inter-relação social.
- Atividades educacionais e culturais → melhoria das aptidões intelectuais, ampliação dos conhecimentos, estudos de outras línguas.
- Atividades ecológicas → contacto e apreciação com o meio ambiente natural e ampliação dos conhecimentos sobre ele; estabelecimento da relação do ser humano com o meio que vive objetivando transmitir para as futuras gerações e ainda, a estimulação da solidariedade social.
- Atividades políticas → Manutenção e desenvolvimento dos valores básicos para o bem comum, para a organização econômica e social; participação ativa na escolha de governos.
- Atividades de cunho voltado para serviço social e comunitário → Satisfação das necessidades individuais e altruísticas de ajuda mútua, de colaboração social mediante a satisfação da consciência ética e individual e a satisfação da prestação de serviço voluntário.
- Atividades econômicas e trabalho → Complementação de pensão insuficiente com a participação em oficinas de trabalho aproveitando a experiência laboral anterior; prestação de serviços básicos com níveis de exigências menores.
- Atividades espirituais e religiosas → Satisfação das atividades transcendentais da existência humana. Significado de bem e mal com referência aos valores éticos fundamentais, busca da interpretação das grandes interrogações da vida através dos credos religiosos.

Pode-se dizer que a velhice pode mesmo ser um intenso tempo de contínuo desenvolvimento não havendo nada que possa justificar a exclusão das pessoas idosas, depreendo-se daí que a dignidade e por extensão, a cidadania, é uma condição que inclui direitos e também deveres e acredita-se que os idosos desejam ser os protagonistas na busca desses valores. O fato é que o velho muda, aprende e pode ser produtivo mesmo que esteja fora da linha de produção.

Por isso, De Masi (2000, p. 272) deixa uma inquietante afirmação sobre o trabalho que talvez possa ser remetida para a presente discussão com o objetivo de representar uma oportunidade para refletir-se atenciosamente:

“O trabalho não deve ser, obviamente, ensinado não mais como uma obrigação opressora, mas sobretudo como um prazer criativo e estimulante. E a tudo isso se deve somar a necessidade, cada vez mais imprescindível, de ensinar também o não-trabalho, ou seja, as atividades ligadas ao tempo livre, aos cuidados e às atenções.”

Então, não será exagero afirmar que as pessoas idosas precisam contar com políticas sociais que finalmente possam ser favoráveis no sentido de desfrutar a vida com plenitude, com dignidade e assim, conquistar o mais pleno e intenso direito ao exercício da cidadania.

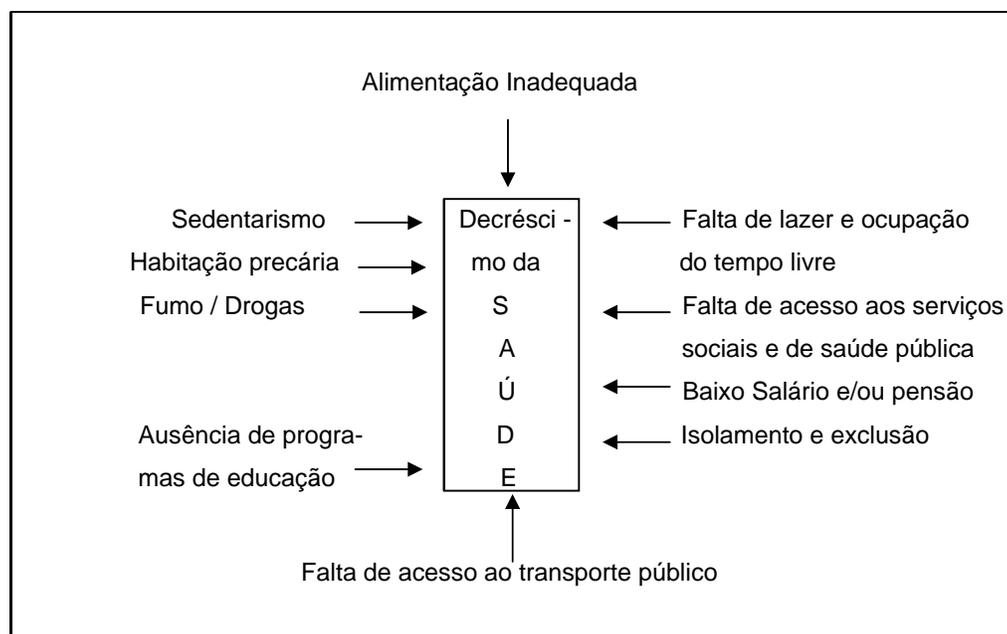
4.4.2 – Saúde da Pessoa Idosa – Hábito Pela Atividade Física.

O entendimento sobre a relação saúde x doença mormente entre a população idosa, pelo que se observa não é muito diferente daquilo que a sociedade preconiza sobre os demais aspectos que ocorrem durante o desenvolvimento do processo de envelhecimento no ser humano, ou seja, verifica-se também nessa dimensão desigualdades.

Os indicadores econômicos atestam que quanto maior o padrão socioeconômico, menor a possibilidade da ocorrência das desordens fisiológicas, e, quando são instaladas as chances de serem debeladas são maiores. Tudo o que na maioria das vezes não acontece com as pessoas idosas.

Procurando alargar um pouco mais o olhar sobre a promoção e manutenção da saúde, adaptou-se no Quadro X, a partir de Giddens (2001) e de forma simplificada, gradientes que concorrem favoravelmente para a precariedade e/ou decrepitude da saúde.

QUADRO IX – INFLUÊNCIAS CULTURAIS E MATERIAIS



Adaptação Antonelli (2007)

O fato é que muitas das deficiências, ou ausência de programas que contemplem a população idosa – pode-se dizer que em todo o território nacional – tem suas raízes curiosamente plantadas nas esferas públicas de gerenciamento governamental, e portanto, da responsabilidade política.

Corroborando esta linha de pensamento, ainda Giddens (1999, p. 13:14) sublinha:

“Nos nossos dias, parece que as idéias políticas perderam a sua capacidade de mobilização e os dirigentes políticos a capacidade de liderar. O debate político é dominado por preocupações acerca do declínio dos padrões morais das disparidades crescentes entre ricos e pobres, dos apertos do estado-providência.”

O processo de envelhecimento do ser humano na sociedade contemporânea, indubitavelmente está acompanhado de vários desafios. Tal afirmação é reforçada por Giddens (2001, p. 146) quando informa:

“À medida que as pessoas envelhecem, elas enfrentam uma combinação de problemas físicos, emocionais e materiais difíceis de solucionar. Uma das principais preocupações das pessoas idosas é conseguir independência, liberdade de movimento e habilidade para participar integralmente do mundo social.”

De fato, ao concordar com o aludido autor, deseja-se também acrescentar que o entendimento do idoso sobre saúde, passa primeiramente pela manutenção das aptidões físicas que possam garantir a capacidade e a liberdade de movimento, ou seja, a autonomia do ir do vir de modo independente. Nesse sentido, é pois, importante chamar a atenção para que os programas de atividades físicas contemplem generosamente a busca da flexibilidade articular.

Porém, o ser humano ao eleger a saúde como o mais importante valor pessoal, nem sempre presta a atenção para o equilíbrio que deve ser estabelecido entre o meio externo, meio interno e meio íntimo objetivando a conservação do seu estado de saúde e desse modo, afastando as possíveis alterações que se traduz como a doença. Assim, no meio externo cada vez mais os níveis de poluição, esgotamento dos recursos naturais e a degradação ecológica determinam problemas que estão na contra-mão da saúde.

Além disso, as agressões decorrentes das liberações de formidáveis decibéis excessivos, o estresse frente às exigências sócio-profissionais e a perda da segurança e privacidade constituem o segundo round dessa luta que cada vez mais implica no surgimento de sérios problemas na busca pela manutenção da saúde para o ser humano.

E, com referência ao meio íntimo, pode-se destacar pelo menos duas situações: a) instabilidade social associada com a ausência de valores; b) consumo de drogas, medicamentos psico-terapêuticos, álcool e tabaco; complementam o quadro que se entende beirar as raias do estado caótico.

Na verdade, defende-se o pressuposto de que o ser humano é o resultado daquilo que foi no passado, e portanto, nem sempre se deve atribuir somente ao processo de envelhecimento a decrepitude que pode atingir o ser humano e que é tão propalada na atualidade como o resultado do passar dos tempos.

É bem provável que diante de tais evidências, a adoção de atitudes e posturas profiláticas possam de fato minimizar os efeitos nocivos que depauperam a saúde do ser humano, entre elas, encontra-se a atividade física que realmente pode contribuir com o ser humano pela manutenção e promoção da sua saúde, encontrando-se inserido nesse contexto a pessoa idosa.

O pressuposto de que a atividade física e seus possíveis efeitos benéficos configurando-se como um auxílio ao homem para envelhecer melhor, parece ser um pensamento antigo conforme se pode verificar na literatura através dos registros de Hipócrates (séc. IV a.C.) e também, de Cavazutti e Cremoni (1963), informando que todas as partes do corpo humano que desenvolvem uma função, com moderação e exercitadas em atividades que lhe dizem respeito, reúnem condições de permanecerem sãs, bem desenvolvidas e envelhecem com lentidão. Porém, o contrário da ação que é o sedentarismo, deixará o organismo sujeito às doenças, deformações e ao envelhecimento mais rápido.

Entretanto, por entender que ao falar do homem associando-o às práticas desportivas, e estando ele inserido no contexto social certamente não se pode divorciar tal fato da estreita ligação com o viés antropológico. Para além disso, depreende-se que através da antropologia pode-se ir ao encontro do significado e da presença do homem nos desportos. Por isso, torna-se mesmo importantíssimo apresentar tal raciocínio como se representasse uma espécie de costura, o alinhar desta discussão, principalmente quando se encontra no centro de tudo a pessoa idosa, até mesmo porque, na fala dessas pessoas não é raro perceber a idéia que associa atividade física com qualidade de vida, bem como, busca da capacidade de superar obstáculos impostos pela própria passagem do tempo.

É, pois, nessa dimensão que se encontra o homem que brinca, produz e supera dificuldades estando de certo modo intimamente colado às instâncias próprias do desporto que contempla:

- O lúdico, referenciando o prazer, a alegria, a satisfação e por que não a brincadeira no seu cotidiano;
- O rendimento, cuja consciência não é recente, quase sempre se reveste de importância ímpar na vida do ser humano, aliás, a própria atividade humana como tal sempre foi e é marcada por esta condição, ou seja, a de render mais, produzir mais, apresentar melhores resultados.
- A superação, configurada pelas exigências constantes no dia-a-dia do ser humano, e, justificada: para ser mais rápido, mais forte e ir mais alto procurando conquistar postos, posições e status.

Também nessa linha de raciocínio comungando com o pensamento de Costa (2006, p.37) verifica-se:

“O desporto sempre acompanhou o homem e pensamos mesmo que no universo lúdico-desportivo que devemos procurar as raízes da cultura humana e da própria organização social e política da humanidade. Ouvimos, por vezes, dizer que a história da humanidade é a história das suas guerras, mas nós preferimos afirmar que a história do homem é a história dos seus jogos.”

Depreende-se que o desporto possa mesmo ultrapassar os limites de complemento da vida para incluir-se como essencial no âmago da existência do ser humano.

Porém, para que se possa ter uma visão mais ampla e pontualmente complementada sobre o enfoque da antropologia e desporto, recomenda-se o estudo sobre dois interessantíssimos textos: Garcia³⁷ e Costa³⁸ como condição indissociável à compreensão desta dimensão.

³⁷ GARCIA, Rui Proença – Antropologia do Desporto: O Reencontro Com Hermes, publicado pelo Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa / Universidade Católica Portuguesa – Lisboa. 2004.

³⁸ COSTA, António da Silva – Desporto e Antropologia (2006, p. 37:72) In O DESPORTO ENTRE LUGARES – O Lugar das Ciências Humanas Para a Compreensão do Desporto, publicação da Faculdade de Desporto Universidade do Porto. Porto/Portugal.

Por outro lado, sabe-se que programas de atividades físicas, prescritos adequadamente e monitorados por um profissional de Educação Física proficiente, produzem resultados bastante positivos, como também, abre-se, com novos olhares um outro nicho de trabalho. Nesse sentido, Bento (1991, p. 20) registra:

“A relação entre desporto e saúde adquire grande relevância na conjuntura actual da proliferação das ‘doenças da civilização’. O motivo ‘saúde’ leva pessoas anteriormente marcadas por uma abstinência em relação à coisa desportiva, a actividades motoras formais e informais, a locais onde o exercício físico constitui a base de um novo mercado lucrativo em crescimento acelerado. O objetivo e o conteúdo de uma educação da saúde através do desporto parecem estar definidos de antemão: treino motor conseqüente e persistente para recuperar, melhorar e manter a capacidade de rendimento orgânico.”

O fato é que nesse contexto da sociedade contemporânea marcada sobretudo, pelo estigma da ‘produtividade’, não é de se surpreender o interesse de modo genérico, concorrendo para a manutenção da saúde, o que não deixa de ser interessante mesmo que os reais objetivos, não estejam somente revestidos da preocupação pela saúde em si, mas, acredita-se que de modo indireto, voltem-se para a visão da ‘lucratividade’ e do acúmulo de bens estabelecido na relação capital x trabalho.

Então, parece ser importante valer-se deste propósito, remetendo tal condição à população idosa sob duas linhas essenciais: da informação e da pedagogia. No primeiro caso, procura-se mostrar à pessoa idosa o que pode se constituir como efetiva causa das desordens fisiológicas em linhas gerais, e, no segundo, ensinar-lhe os procedimentos mais adequados e indispensáveis para a obtenção e manutenção da saúde.

Obviamente que tais procedimentos estão inscritos nas linhas de programas profiláticos, que aliás, podem constituir-se como ferramentas de grande magnitude e importância, na medida que, a prevenção é um dever de toda a pessoa, principalmente quando se reconhece que o ser humano é o primeiro responsável direto pela manutenção da sua saúde.

Ao longo dos tempos o conceito sobre saúde têm evoluído levando-se em consideração valores e convicções. Par e passo, também o sentido da doença foi se alterando de tal modo que, perdeu-se o ideal religioso e de misticismo exigindo dos profissionais da área da saúde e afins, cada vez mais uma formação especializada.

Segundo Garcia – em trabalho de orientação – a saúde deve ser analisada sob diversos prismas, abarcando desde as conceituações sagradas àquelas mais atuais, como é o caso da medicina de caráter social, alopático e também de instâncias mais particularizadas.

Dentro desta multiplicidade de sentidos que a saúde se inscreve, raciocina-se que seja um equívoco manter-se dependentes de perspectivas únicas, realçando determinados componentes e esquecendo outros.

Nessa perspectiva, críticas ao conceito de saúde estabelecido pela OMS – Organização Mundial da Saúde que afirma: “Saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doenças ou enfermidades.”; estão sendo encaminhadas em função: do caráter estático, formulação subjetiva pela utopia da idéia de bem-estar, pela limitação à esfera individual e também, pela ausência de dois outros fatores: o meio ambiente e a propriedade da mente humana.

O fato é que não existe consenso em relação a uma definição de saúde. Por outro lado também não existe qualquer dúvida sobre a abrangência da multidimensionalidade que encerra um conceito sobre saúde. De qualquer modo, a saúde é uma preocupação que de acordo com Mota (1992) consolida-se em dois vieses: 1) responsabilidade individual; 2) responsabilidade política, cultural e ecológica da própria sociedade e também de seus membros.

De fato, a partir de tais condições, entende-se na primeira situação, a responsabilidade pela manutenção da saúde indiscutivelmente passa pela salvaguarda pessoal. Certamente não existirá ninguém mais interessado na promoção e manutenção da sua saúde que não seja o próprio sujeito, aqui subentendido como ‘saber cuidar de si’. Só então que o caráter da extensão dessa responsabilidade, considera-se da sociedade e/ou do Estado.

Na verdade quanto maior forem os gradientes de promoção da saúde para a coletividade, menores são também as perspectivas da instalação das desordens fisiológicas, além do que, os custos para a estabilização e disseminação da elevação das condutas e adoção de atitudes saudáveis certamente terão queda significativa.

Nessa dimensão, de acordo com Mota (1997) o entendimento que se tem a respeito da atividade física como contribuição para a promoção da saúde do ser humano é contemplado em três categorias: atividade física, inserida numa linha de orientação para corpo / saúde; de igual modo com uma orientação para corpo / estético, e, para corpo ecológico.

Obviamente que parece estar associado na dimensão corpo / saúde a questão das aptidões físicas, e nesse universo, localiza-se a pessoa idosa. Certamente que a aptidão física representa um valor importante, sendo essencial na sociedade contemporânea. Confirmando este pensamento, verifica-se na afirmação de Queirós (2006, p. 186) a relevância direcionada a capacidade para o fazer: “A aptidão física exprime a capacidade funcional para a execução de uma determinada tarefa.”

O corpo / saúde também não pode estar divorciado do conceito de bem-estar, até porque, em última análise a adoção para determinados comportamentos, encontram-se ligados intimamente com os estilos de vida, assim, a promoção de atividades físicas com regularidade parece mesmo significar uma contribuição para a manutenção da saúde do ser humano, e portanto, também para a pessoa idosa.

Desse modo, deseja-se evidenciar que a pessoa idosa inserida no contexto social na atualidade, procura intensamente provar seus valores, sua importância, e, sobretudo, a sua capacidade de ser e fazer.

Entretanto, reconhece-se também que há uma certa distinção etária que, Alves (2006, p. 268) sublinha:

“Quando se evoca as gerações mais velhas, recorre-se a uma classificação que é, em grande parte, arbitrária e fundamentalmente condicionada pelo contexto histórico, social, e, em suma, cultural, em que se insere. No fundo, o que se faz é agrupar os indivíduos em categorias sociais, definindo representa-

ções e práticas, posições no conjunto da colectividade e modos de interacção social.”

Por outro lado, na sociedade contemporânea é possível verificar categorias etárias no sentido de classificar a participação das pessoas no campo daquelas ativamente produtivas de bens e serviços, aliás, configuração própria das sociedades que se encontram inseridas no processo de industrialização porque nesse modelo situa-se a força produtiva e de trabalho, como também, a população ativa e inativa.

De sorte que a geração mais velha, encaminha-se para a inclusão no rol dos aposentados, e portanto, para em curto espaço de tempo, estarem relegados à qualidade dos ‘improdutivos’.

É, pois, nesse momento que a atividade física, além de estimular a pessoa idosa a voltar a ser ativa, também pode contribuir na busca pela manutenção da sua saúde. Assim, mediante o entendimento do trabalho de Alves (2006), deseja-se evidenciar três situações importantes que são: o não reconhecimento como aposentados – os valores correspondentes à idades menores, e as oportunidades para melhor utilização do tempo.

1. As pessoas não se reconhecem na categoria de aposentados, uma vez que, abruptamente foi quebrada a rotina da jornada de trabalho, e, em um dado momento aquela pessoa viu-se sem nada a fazer, sem nada a produzir, e pior, percebendo que indiretamente torna-se cada vez mais aos olhos da sociedade um peso morto.

De sorte que as pessoas sentem a necessidade premente em demonstrarem e justificarem o sentido de ‘utilidade’, que pode ser evidenciado a partir das práticas de atividades físicas estendidas logo a seguir também para o cumprimento de outras tarefas do dia-a-dia.

Certamente que seja também por isso que os avós façam tanta questão de cuidar dos seus netos, antevendo aí uma oportunidade de alargar o tempo dos pais para atividades de lazer, distração, ou até mesmo, para alongar as jornadas de trabalho.

2. Diante dos fatos, nota-se que a pessoa idosa ao ingressar nos programas de atividades físicas, busca valores mais próximos de idades menos avançadas. Tal constatação é também corroborada por Alves (2006, p. 280) ao se reportar:

“As actividades físicas no dia-a-dia dos sujeitos estudados exprimem, igualmente a procura de um corpo ideal, concretamente um corpo saudável, ágil e jovem. Nesse sentido, o corpo enquanto projecto, enquanto responsabilidade individual e central na auto-identidade, é alvo privilegiado de práticas, preocupações, reconstruções, ou seja, de diversos regimes de cuidados corporais. Este corpo ideal é aquele valorizado socialmente, um corpo saudável e activo, em tudo semelhante a um corpo jovem. Como tal, os sujeitos demonstraram satisfação ao perceberem que as actividades físicas lhes permite sentirem-se melhor comparativamente com alguns anos atrás e, também, em melhor forma que outras pessoas mais jovens.”

O fato é que, mesmo não assumindo a identidade social de velho pelo fato de buscar configurações corporais e habilidades dos mais jovens, ainda assim admite-se a importância das atividades físicas, adotada como hábito de vida saudável, até porque, a pessoa idosa ao comparar suas capacidades físicas com outros sujeitos, e, perceber que se encontra melhor acaba sem perceber elevando o nível de bem-estar físico, social, psíquico e da sua auto-estima; além disso, indubitavelmente dois outros fatores parecem justificar a adoção às atividades físicas pelas pessoas idosas: 1) A linha preventiva capaz de minimizar os efeitos de possíveis instalações de desorganização funcional; e, 2) O sentido da educação permanente ao resgate de hábitos e atitudes saudáveis.

3. Acredita-se que as práticas de atividades físicas direcionadas para a população idosa, devem fazer parte do rol de escolha e oportunidade, principalmente em função das exigências explícitas no contexto social vigente considerando sobretudo novos fatos:
 - a) progressiva diminuição do total de tempo livre de trabalho;
 - b) estima-se que o tempo para a aposentadoria aumentará;
 - c) nova dimensão na relação: uso social do tempo / articulação entre tempo de trabalho e tempo livre;

d) adoção de consultoria para trabalhadores mais velhos e experientes.

Assim, muito provavelmente surgirão novos sentidos para as práticas de atividades físicas.

Mas, também é necessário que se tenha a clareza que saúde não é um bem fácil de alcançado e tampouco será interminável. Bem por isso reitera-se a necessidade da adoção e/ou resgate de hábitos saudáveis, bem como, das ações profiláticas podem ser consideradas formas adicionais na busca pela saúde do ser humano.

De acordo com Gomes (1999, p. 115) a relação saúde x doença pode ser assim concebida:

“Influenciam no binário saúde / doença todas as emoções e sentimentos, sejam positivos ou negativos, alegria, tristeza, medo raiva, frustração, mágoa, ansiedade, felicidade, desamparo, satisfação, esperança, etc. Desde que os pacientes sintam que há suficiente qualidade em áreas que são importantes para eles ou um sentido de vida suficiente, intervenções para prolongar a vida terão um efeito positivo.”

Diante do exposto é possível pensar que a representação da saúde também não depende só da idade cronológica e do estado físico, mas sobretudo, do estado psíquico perante a vida, da vontade de permanecer vivo; sendo portanto, o significado da saúde entre a população idosa bastante variável.

Assim, procurando evidenciar esse sentido, verificou-se na leitura de Hesse (2003) no extraordinário texto ‘Reencontro com Nina’, a identificação de determinadas condições que, acredita-se estejam implícitas no somatório dos gradientes capazes contribuir com a promoção de saúde da pessoa idosa:

- A revisão do espaço e do habitat que por sua vez, concorrem para o resgate dos hábitos saudáveis começando pela forma de vestir-se simples e livremente, saboreando a terra campestre onde a única exigência, estratifica-se pelo respeito para com a natureza.

- As mudanças locais que nem sempre se configura como a mais desejável, na medida que, se percebe a modificação do meio ambiente em nome do progresso, como por exemplo, a substituição da carroça que era puxada pela dupla de cavalos bonitos e pujantes pelo automóvel obrigando o alargamento das ruas.
- A valorização do tempo; ao perceber que se têm à sua disposição, alguns meses daquele verão para serem saboreados de modo despreocupado a pessoa assume como compromisso a pintura em tela das paisagens mais belas que deseje retratar.
- A constante renovação da vida, mediante a constatação da rápida passagem do tempo verificando que as crianças de outrora assumem hoje os postos daqueles que já não mais se encontram presentes por alguma razão.
- A alegria do re-encontro, através da obtenção da informação que a amiga apenas mudou-se de lugar, e, continua com o hábito de encostar-se no velho muro da igreja, isso quer dizer que, continua viva e com saúde.
- A aceitação dos limites e dificuldades, a despeito da idade e das marcas do tempo vive-se rindo e não se perde o bom humor, até mesmo como estratégia para espantar os obstáculos cotidianos.
- O reconhecimento de que a velhice é intransferível e impessoal, na troca de olhares sacia-se a curiosidade, verificando que nada acontece de diferente porque ambos estão igualmente velhos, cada um, na sua justa medida vive a sua velhice.
- A exortação da beleza pelo espelho do tempo, ainda que não se pareça, mas a beleza das pessoas continua expressa e transparente a seu modo, deixando a certeza que valores das características pessoais não se perdem, podem sim, serem transformados.

- O bate-papo tão importante e até indispensável para se saber o que ultimamente se fez, se conquistou, se renovou, se reviveu. Sem hora para findar, aprecia-se uma xícara de café já moído de frente para a lareira, conta-se histórias, se fazem perguntas, ouve-se as queixas e as incertezas da vida.
- A instalação da indesejada desordem fisiológica que, apesar de dificultar o viver do dia-a-dia, jamais poderá ser condição para 'baixar a guarda', ou para render-se aos caprichos da dor, antes que o processo doloroso procure refugiar-se e render-se sob a tutela da vontade de viver.
- O peso da solidão; é preciso sempre contar com o cultivo da amizade e com a cumplicidade do amigo, até porque, é uma forma de preparar-se porque quando se fica velho, já não há muita gente que se lembre do prazer que uma visita pode representar.
- A bondade da partilha, não se trata de algo extraordinário, mas, de se expressar o significativo valor da convivência, ainda que esta seja curta, por isso a única forma que a pessoa idosa encontra para agradecer, é revelada na entrega de uma pequena lembrança, escolhida entre os pertences pessoais guardados com muito carinho e cuidado, e;
- O desprendimento das coisas materiais; já é distante o tempo em que o cuidado com a sala, o sofá, com a casa e tudo o mais que possa ser considerado como acessório, revelava-se como preocupação fundamental. Agora, após bons e muitos anos vividos outros são os valores, provavelmente muito mais nobres e importantes, porque são valores existenciais que dizem respeito muito particularmente ao ser humano. E, só se sabe ser na medida que se consegue viver.

Curioso é constatar que nas lições de vida do autor em tela, tem-se a essência de boa parte dos estudos realizados mais recentemente a respeito do processo de envelhecimento do ser humano.

Nesse sentido, é importante lembrar o que Garcia (2006, p. 21) afirma, como forma de reforçar este pensamento: “O homem é o ser que se constrói no tempo e no espaço, pelo que não nos é difícil aceitá-lo como um ser situado temporal e topograficamente.”

4.4.3 – Qualidade De Vida ou Vida com Qualidade?

Bento (1999, p. 129) ao se reportar ao tema qualidade de vida, destaca informando que:

“A qualidade de vida é um factor estratégico e integrador de um esforço global e abrangente da sociedade, de forma a realçar o conceito do todo. De resto a evolução da estrutura da população deve ser entendida como a evolução do processo de qualidade ou qualificação da vida, da busca do aprimoramento da sua identidade e da construção do seu sentido, do prazer e da razão de viver.”

Na sociedade contemporânea o conceito de ‘qualidade de vida’ parece que ainda não desponta com um entendimento mais ou menos consensual. Júnior (1999, p. 39) sublinha: “As várias sociedades podem destacar diferentes qualidades; pessoas com estilos de vida diversos pôr ênfase em coisas variadas, e satisfação de necessidades diferenciadas resultarão em coisas diferentes, consideradas cruciais para a qualidade de vida.”

Parece mesmo que a cada dia surge um novo gradiente capaz de alavancar a qualidade de vida do ser humano. Porém, Bowling (1995) ressalta que qualidade de vida principalmente quando os componentes de bem-estar social são envolvidos, extrapola o estado de saúde pessoal e passa a ser entendido como a percepção que a pessoa tem da posição de vida, estando implicitamente configurado o contexto cultural e os valores, nos e pelos quais se vive em relação aos objetivos, perspectivas, padrões e preocupações de cada indivíduo.

Assim, não se pode entender qualidade de vida a partir de situações individualizadas.

De acordo com Tubino (2002) há o chamamento da atenção para dois fatos especialmente sobre qualidade de vida. Em primeiro lugar, destaca a utilização da expressão 'qualidade de vida' mesmo sem o mais claro e pleno entendimento sobre o mesmo; e em segundo lugar, a qualidade de vida em que pese estar inserida em um universo de complexidades, é antes mensurada na conjuntura de um contexto de vida coletiva. Portanto, é de fato bastante apressada a disseminação da idéia de qualidade de vida, a partir de resultados individuais. Isto quer dizer que, precede a qualidade de vida individual: indicadores coletivos de qualidade de vida, saúde e estilos de vida.

Porém, Garcia (2002, p. 167) aborda o sentido antropológico da questão pontuando com muita inteligência as condições que se encontram atreladas a qualidade de vida quando afirma:

“Hoje em dia, talvez como resultado da hegemonia de determinada racionalidade para o esclarecimento das nossas vidas, associa-se ao conceito qualidade de vida a idéia de saúde, mas numa perspectiva próxima da área médica. É nítida a sobrevalorização dessa perspectiva teórica da saúde, em detrimento de outras possíveis, talvez menos espetaculares, mas nem por isso menos interessantes, como é o caso do sentido antropológico atribuído a própria qualidade de vida versus a saúde. Se as ciências mais activas para a explicação do desporto – aqui reduzidas por conveniência àquelas mais do foro biofísico- pretendem a convergência dos conceitos de qualidade de vida, saúde e mesmo estilo de vida, é legítimo pensar que a própria filosofia, tão legitimado ra da pedagogia, da antropologia e da sociologia do desporto, procure entender por outra via o sentido humano desses conceitos.”

Desse modo, é possível referenciar a qualidade de vida relativa a sua multidimensionalidade. Entretanto, o mesmo sentido não se pode considerar com referência aos componentes que concorrem para o seu estabelecimento. Entende-se que é mais preciso e até mesmo, com maior abrangência para o universo da compreensão, utilizar-se da expressão 'vida com qualidade'.

É óbvio que nessa dimensão não são contempladas as características hedonistas, onde, geralmente a felicidade do ser humano é determinada pela concretização dos seus desejos marcados por fortes linhas de ambição e de consumo.

Outros valores mais nobres como por exemplo a liberdade de ir e vir e a dignidade tornam-se efetivamente valores indispensáveis na concepção de qualidade de vida.

Para as pessoas idosas em especial, valores como espiritualidade, utilidade, presença das pessoas que se ama, afeto, saúde, entre outros; certamente também podem corroborar a expressão “vida com qualidade”, porque reside justamente nessa escala de valores a relação de sentir-se bem consigo mesmo e com todos que os rodeiam.

Viver a velhice com todas as suas peculiaridades e limitações, é de fato um exercício que requer as melhores condições possíveis. Por isso, entende-se que o aumento da esperança média de vida deva ser acompanhando no sentido de possibilitar à pessoa idosa vida independente, digna e estimulante no contexto social vigente. Depreende-se pois que o mais importante, não reside no fato do número de anos vividos, mas acima de tudo, nas formas como se envelhece.

Entretanto, parece ser interessante refletir sobre a questão direcionada à pessoa idosa, com referência ao que representa ‘vida com qualidade’. Certamente poderão ser apontados fatores distintos e importantíssimos e até mesmo algo muito simples, como por exemplo, deslocar-se em seus aposentos com liberdade e autonomia, represente uma instância de vida com qualidade.

Garcia – em trabalho de orientação – enfatiza para a condição de vida com qualidade, acrescentando que saúde não é um estado nem um ato existencial, mas, uma atitude face a várias situações que podem ser doentias ou sãs. Isto quer dizer que, a pessoa será saudável, principalmente quando estiver bem consigo mesma, fazendo o gosta e deseja e ainda, desenvolvendo-se numa condição estável e harmônica.

É então provável que a experiência de vida influenciará, quer nas representações que cada tem sobre a sua própria vida em geral, quer mais especificamente sobre uma doença que poderá eventualmente existir.

Na continuidade do raciocínio referente aos conceitos sobre qualidade de vida, o pensamento de Roberto (1996, p. 15) parece conter a essência da dimensão humana quando enfatiza:

“Assim o homem é esvaziado no seu todo. Tem de lutar para sobreviver, sem espaço para ser. E quando poderia começar a ser, outros graus de sobrevivência – as falsas necessidades – o irão consumir no corpo e na alma. É a nossa sociedade – a sociedade de consumo. De facto, quanto mais o Homem consome mais é consumido. E não é consumido apenas no salário, pois o salário é consequência do consumo. Aumentam por reacção, um após o outro, nunca se bastando. Onde ele é consumido é na vida. Quando as necessidades vitais deixam de ser obsessivas, os objetos tomam-no, e dominam-no, e a atenção para consigo próprio quase não existe.”

Também é possível observar a relação da qualidade de vida em uma dimensão quantificável quando na verdade, tal propósito parece estar fora do seu contexto. Nessa linha de pensamento Garcia (2002, p.168) enfoca:

“A própria expressão qualidade de vida remete-nos não para elementos quantificáveis, mas para outros de outra natureza, qualificativos, demasiado afastado da lógica científica e presente na esfera do subjetivo e do pessoal. As simples expressões, ‘sinto-me bem’ ou mesmo ‘qualidade de vida’ não podem ser apenas observadas pelo método científico, e sim analisadas como projeto de ser, próximos da racionalidade moral-prático e mesmo estético-expressiva.”

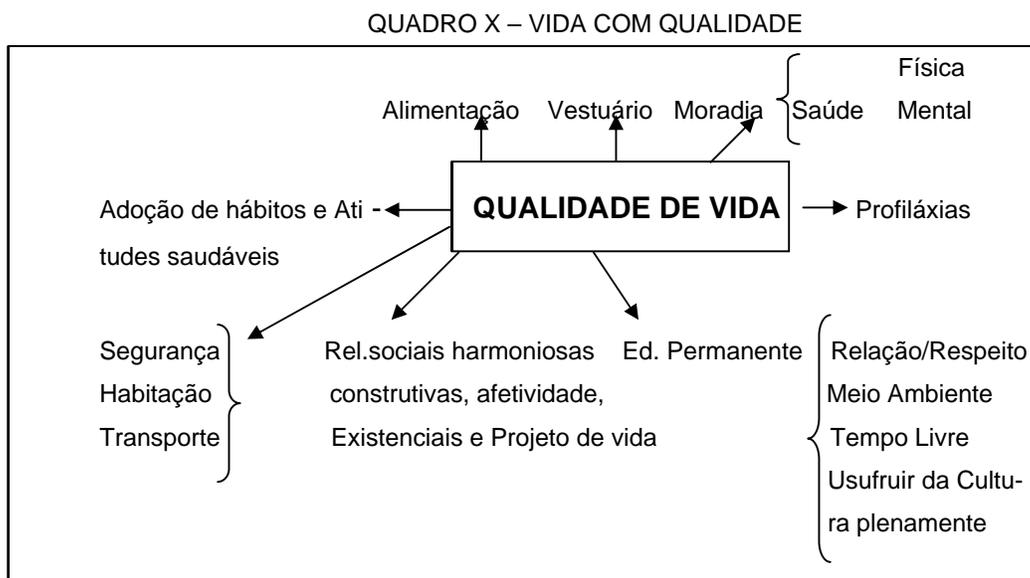
Entretanto, é preciso raciocinar que os critérios que eventualmente possam conceituar qualidade de vida podem ser aceitos como verdadeiros, bem como, se a qualidade de vida diz respeito somente ao ser humano deixando de considerar outros seres vivos e o meio ambiente.

Assim, fica claro que para discorrer sobre qualidade de vida, subentenda-se que se deve abarcar todos os seres vivos no meio ambiente saudável. Por isso mesmo Santin (2002), especificamente com referência à qualidade de vida humana, lembra que não se pode esquecer que ela acontece no tempo físico e cultural, implicando desse modo em situações diferenciadas e muito peculiares de pessoa para pessoa. Portanto, ao contemplar a sociedade moderna é possível levantar situações que não condizem com a promoção da qualidade de vida. Por exemplo, rios contaminados, ar cada vez mais poluído, alimentação produzida à custa de mecanismos bioquímicos e também, da ‘evolução da engenharia genética’, enfim, condições que só apontam para o contraditório dos conceitos de qualidade de vida na atualidade.

Procurando registrar o entendimento pessoal sobre qualidade de vida, ainda Santin (2002, p. 237) informa: “Qualidade de vida, antes de tudo, tem

relação direta com o respeito ao ser vivo que se é, ao se procurar desenvolvê-lo na sua dinâmica específica.” Porém, também o entendimento sobre qualidade de vida que na visão educacional pode ser verificado na atualidade, deve ser referenciado. Nesse sentido, Go Tani (2002) chama a atenção quanto a disseminação do conceito sobre qualidade de vida, entendendo a existência de alguns perigos em razão da utilização banal do termo, bem como, a ambigüidade indiscriminada e oportunista muitas vezes constatada com referência a qualidade de vida.

Desse modo, a despeito da utilização inadequada do termo, há de se considerar que de fato, expressa valor inegável para o ser humano em si, e provavelmente, por isso mesmo se busque defini-lo. Na verdade qualidade de vida significa muito mais do que o atendimento as necessidades básicas para a sobrevivência. No quadro a seguir se pode ter uma idéia da dimensão e amplitude dos gradientes de qualidade de vida.



Adaptação Antonelli (2004)

Não menos importante também é de se destacar o que Mota (2002, p. 183) enfatiza a respeito do entendimento que concebe a respeito da qualidade de vida do ser humano:

“Atualmente as pessoas tendem a dar cada vez mais importância à manutenção e, melhoramento de suas capacidades funcionais, uma vez que

estas contribuem para a sua independência funcional, ou seja, para uma melhoria da sua qualidade de vida.”

Nessa visão pode-se observar que as aptidões físicas do ser humano, garantem o estabelecimento da sua qualidade de vida, entretanto, há de se concordar que não é só pela avaliação das capacidades físicas que é possível configurar-se a qualidade de vida. De igual maneira, é preciso deixar mais claro os conceitos de saúde, bem-estar e qualidade de vida, principalmente sob o foco da pessoa idosa.

É então possível e provável que sem esse discernimento, qualquer afirmação sobre tais instâncias continuem ainda vagas. Porém, a sociedade moderna pontua uma série de protocolos que, se satisfeitos dentro das avaliações mínimas, também já determinadas, caracterizam a pessoa como sendo integrante desse ou daquele grupo. Não que se coloque em dúvida qualquer parâmetro de avaliação, mas antes, vislumbra-se um universo bastante amplo atrelado às situações de qualidade de vida, por isso parece ser possível a caracterização do sentido da antecipação, o estabelecimento de condições para que esta ou aquela pessoa possa ser considerada detentora de maior ou menor gradiente de qualidade de vida.

Para as pessoas idosas em especial, entende-se que a melhor opção resida justamente não na extensão da longevidade, mas, em períodos menores de vida onde sejam contempladas instâncias como: valorização pessoal, cidadania e dignidade, entre outras. Não se trata então de viver muito, mas sobretudo, na forma de se envelhecer. Parece dessa forma, sustentar-se aí um dos principais postulados que podem ser remetidos para a listagem de critérios capazes de atender o sentido da qualidade de vida. Corroborando essa linha de raciocínio ainda Mota (2002, p. 184) destaca de modo bastante interessante:

“A idéia que se estabelece então no contexto que nos rodeia é a de saber o papel da atividade física na melhoria da qualidade de vida do sujeito, em particular, da pessoa idosa, não desconsiderando as características e necessidades específicas, respeitando as diferenças físicas e psíquicas, mas oferecendo oportunidades em igualdades sociais e econômicas garantindo-lhe condições dignas de vida e de exercício da cidadania.”

O pensamento do autor é inquestionavelmente nobre, porém, na realidade a sociedade moderna parece não entender o significado de dignidade do idoso ou ainda, da cidadania da pessoa idosa. Ancorado a tais situações é preciso lembrar que a busca da igualdade inserida no quadro social da atualidade ainda está longe de acontecer principalmente para as pessoas idosas. Então é necessário que o estado cumpra com a sua parte e em contrapartida, o velho deve apresentar-se para aceitar as oportunidades descobrindo motivos reveladores das capacidades nele existentes.

Ainda assim, parece ser de bom alvitre destacar que qualidade de vida, não é somente a simples soma dos fatores destacados no Quadro IV, aliás, Teves (2002, p. 37) pontua e corrobora precisamente tal afirmativa ao focar que; “Qualquer recorte que se faça ao falar de esportes, de meio ambiente, de meios de comunicação ou de qualidade de vida, ancora nesse solo de todas as reflexões: a vida.” E ainda a autora em tela, mais adiante (2002, p. 38) reforça o pensamento afirmando que:

“Ninguém em sã consciência, pode dizer que sabe o que é qualidade de vida. O desenho que se faz dela é apenas um leve esboço, traçado pelos pincéis da subjetividade. Quando muito, pode-se arriscar em dizer que a idéia de qualidade de vida remete ao sentido de estar consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com os próprios idéias.”

Portanto, o que interessa como dimensão de qualidade de vida, é o significado que atribuímos às condições e maneiras de viver, isto parece de fato, fazer a diferença.

Ao abordar o tema qualidade de vida, é também interessante e importante contemplar o seu significado para a vida em si não esquecendo do tempo, uma vez que ele determina a finitude do ser humano.

Por isso, antecipar estes ou aqueles elementos como determinantes condicionais para se ter ou não qualidade de vida, pode ser arrojado e arriscado. É preciso ter a capacidade de perceber se não reside também nas clínicas de estéticas, nas academias, nos consultórios médicos, entre outros; onde se busca cada vez a manutenção da jovialidade e da juvenilidade, os gradientes de qualidade de vida. Ou ainda, mesmo parecendo grotesco, entende-se que se deve respeitar que uma pessoa sabendo que lhe resta

pouco tempo de vida, possa fazer opções distintas buscando viver muito intensamente e profundamente o pouco tempo de vida que lhe resta, estando também nesse viés implícito, instâncias de qualidade de vida.

Nesse sentido na leitura de Teves (2002) entende-se que fortalecer os dias da melhor maneira possível, talvez possa ser considerado como buscar aquilo que pode ser entendido como 'vida com qualidade', já que a implacável e imperdoável sentença final de 'cronos' não poupará ninguém, podendo-se assim depreender que, a vida é uma preparação para a morte de tal modo e forma que só mesmo a magnitude da morte pode verdadeiramente destacar todo o valor e o esplendor da vida, discernindo o que pode ou não, ser qualidade de vida.

Confirmando tal pensamento, de igual modo Teves (2002, p. 40) ressalta:

“Superamos o quadro nostálgico da existência humana quando realçamos o privilégio temporário do nosso corpo. Isto quer dizer que precisamos construir melhor a maneira de efetivar essa existência para poder falar em qualidade de vida.”

De outra forma, se deve respeitar as opções das pessoas. Isto quer dizer que se alguém – por mais que possa parecer totalmente insano – decidir viver isoladamente do seu contexto social e que, nessa forma de viver sentir-se perfeitamente bem; entende-se que esta foi a opção daquela pessoa e que portanto, deve ser respeitada.

Na sociedade contemporânea é difícil conceituar qualidade de vida, entretanto, como valor da existência humana, vida com qualidade pode configurar-se como sendo o mais próximo do aceitável não como conceito, porque a própria pessoa tem a opção de procurar ao longo da sua existência, instâncias que possam lhe garantir qualidade na sua vida.

Porém, pode-se dizer que reside no conhecimento as possibilidades desta busca no sentido de desenvolver a vida com qualidade. Por isso, o entendimento das relações homem – sociedade – natureza devem ser cada vez mais conhecidos e aprofundados objetivando cada vez mais, relações e inter-relações harmônicas. O entendimento que se tem é que há a necessidade

de se buscar um outro e novo olhar para o entendimento do homem que se relaciona com o mundo, e isto só será possível através do conhecimento.

Naturalmente que nessa procura por um novo paradigma, certamente também deverá existir novos limites de complexidade. O fato é que mesmo complexo, tal esforço se faz necessário, sendo este raciocínio consubstanciado por Morin (1999) que explicita só ser possível trabalhar com a complexidade dos seres mediante um novo olhar e entendimento do mundo.

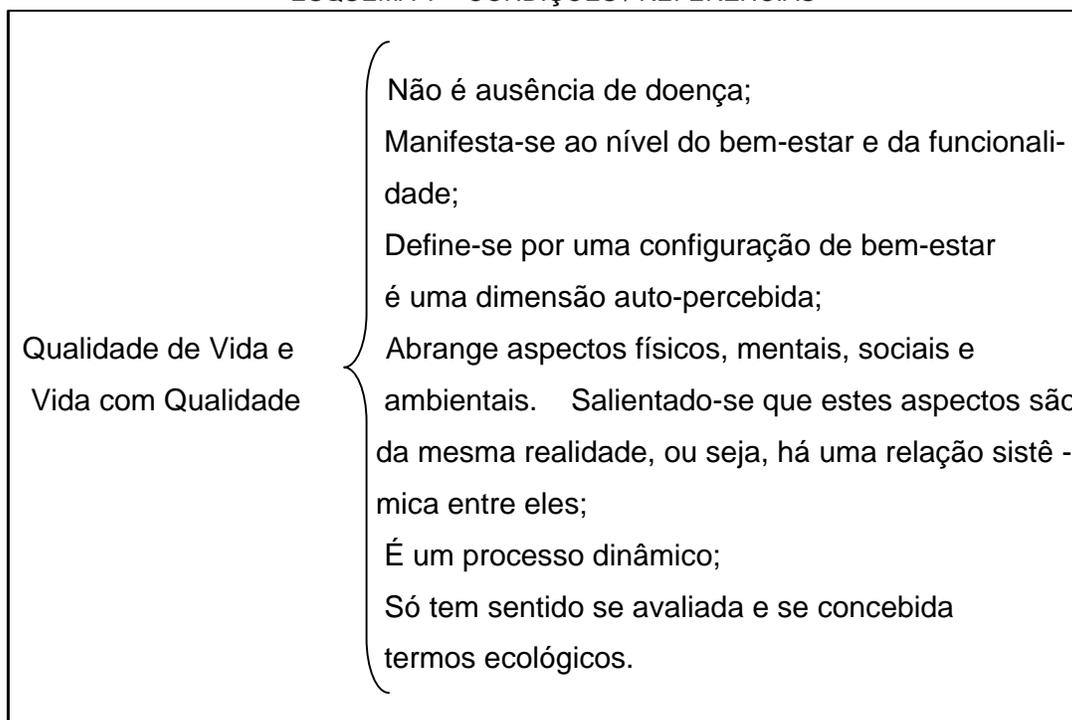
Por outro lado, qualidade de vida também não pode ser entendida como um fator capaz de aumentar o tempo de vida, mais sobretudo, reporta-se muito mais ao interesse que se pode ter pela vida em si. Tal interesse sedimenta-se na participação, nas permutas, nas interações e nas incorporações de grupos na sociedade. Por isso o que se pode entender sobre qualidade de vida, é justamente que ela seja pensada à luz da complexidade, ou seja, a partir de uma nova compreensão e modelo do mundo e por extensão da vida.

Pode-se também depreender que qualidade de vida seja um conceito do senso comum pretendendo que todas as pessoas saibam o que ele significa.

Na verdade a busca pela conceituação sobre qualidade de vida não é recente, Nutbeam (1986) já afirmava que qualidade de vida estava ligado com a percepção das pessoas ou grupos em relação a satisfação das suas necessidades e do oferecimento das oportunidades para alcançar de fato, felicidade e satisfação completa.

Não é por acaso que Ribeiro (1993) ressalta pressuposto subjacente ao conceito de qualidade de vida, e que, pensa-se aqui um pouco além, entendendo que tais fatores constituem um arcabouço de 'vida com qualidade'.

ESQUEMA V – CONDIÇÕES / REFERÊNCIAS



Adaptação Antonelli (2005)

Porém quando se fala em vida com qualidade, não é possível esquecer que esta instância encontra-se ligada ao bem-estar, ainda que tenha que ser salvaguardada a condição subjetiva em que se encontra o entendimento sobre bem-estar. Esta dimensão passou então a ser considerada como satisfação com a vida e nesse sentido, Diener (1984) considera esta forma de satisfação com a vida como sendo parte da avaliação global da qualidade de vida das pessoas, a partir de três características: 1 – Baseando-se na experiência pessoal do inquirido; 2 – Recorre-se pela pauta de medidas positivas, não se caracterizando apenas, pela ausência de medidas negativas; e 3 – Inclui avaliação global de todos os aspectos da vida das pessoas.

4.4.3.1 – Auto-estima como componente da qualidade de vida.

A questão do que seja auto-estima é contemplada sob vários olhares, entretanto aqui buscaremos focar a compreensão sobre esse componente a partir do estudo de somente três autores por entender que condensam e aglutinam este pensamento em linhas gerais.

Assim, de acordo com Mosquera (1987, p. 52) verifica-se o registro do conceito sobre auto-estima como sendo:

“As experiências de indivíduo vinculadas com a onipotência levam a necessidade muito importante da mente. O anelo do sentimento oceânico do narcisismo primário pode receber o nome de necessidade narcisista; a auto-estima é a percepção de até que ponto o indivíduo se aproxima à onipotência original.”

Percebe-se que se trata do reconhecimento da valorização pessoal a partir do conhecimento de si mesmo, envolvendo a noção de grupo, e, especialmente do grupo social do qual a pessoa integra.

Ao que se pode observar é que a forma como o ser humano se sente acerca de si mesmo, é algo que pode afetar de modo significativo aspectos referentes a vida em si. Por isso, o desenvolvimento da auto-estima centra-se primeiro na convicção das capacidades de vivência e de enfrentamento das fases da vida com confiança, boa vontade e otimismo, mais elevados.

Porém, na leitura dos estudos de Brande (1992, p.83) há uma dimensão de tempo que pode ser encaminhada mais pontualmente para o universo das pessoas idosas:

“Nossa concepção de ser não se forma em um instante. Tem uma história, desenvolve-se com o tempo. Se a nossa meta é avaliar a nós mesmos e nosso comportamento de maneira adequada, abrindo caminho para a auto-estima mais elevada, precisamos muitas vezes, voltar ao passado daquele ‘eu’ que fomos num momento anterior de nossa história pessoal, para abraçar, perdoar anos mesmos e nos realizar ao nosso eu-criança e ao nosso eu-adolescente.”

Depreende-se que os sentimentos negativos expressos pela própria pessoa certamente podem fazer parte do julgamento de culpa, às vezes desenvolvido.

A tendência – na continuidade da alimentação dessa culpa – é a de se perder paulatinamente a dignidade e o respeito próprio. Este raciocínio parece mesmo estar embutido nas ações e depoimentos cotidiano da sociedade contemporânea em relação aos idosos, e uma parcela destes, por sua vez, assimilam e incorporam tal raciocínio a ponto de por vezes, ser possível verificar o sentimento de auto-compaixão.

Por outro lado, as pessoas idosas com dificuldades para aceitar a 'sua velhice' por vezes chegam a atestar culpa pessoal pelo fato de envelhecer, até mesmo porque, já acreditam não passarem de um 'trapo velho' sem muita serventia e/ou valia.

Nesse sentido, Stobäus (1983 p. 49) destaca que:

"Em nosso entender o desempenho é um momento, ou momentos, da atividade física consciente, que é posto em andamento pelas capacidades dos seres humanos que encontram ressonância social. Estas capacidades aparecem especificamente em habilidades comportamentais, ativadas pelo treinamento e aprendizagem e fortemente influenciadas pelas estruturas profundas da personalidade (entre as quais temos a auto-imagem) e, ainda, direcionadas pelas dimensões culturais."

Então, há de se entender que é importante que se seja para si próprio um grande e bom amigo a partir do que se pode certamente sentir remorsos ou arrependimentos, mas jamais aceitar a sentença da auto-condenação.

Na verdade a auto-estima pode significar para a pessoa idosa simplesmente a valorização – que a sociedade não reconhece – quebrando preconceitos e discriminações, ao mesmo tempo, confere dose expressiva de crédito e confiança.

Como se percebe, há intencionalmente o destaque de três momentos na discussão do componente auto-estima como um dos fios condutores para a qualidade de vida, quer sejam:

- a) – o da valorização pessoal inserida na visão do grupo social;
- b) – o redimensionamento da pessoa idosa, a partir da aceitação da sua própria velhice, apagando os sentimentos de auto-culpa e/ou auto-compaixão;
- c) – o reconhecimento das capacidades pessoais como contra ponto às discriminações e preconceitos possíveis de serem verificados na atualidade.

Contudo, faz-se necessário admitir que tais situações multifacetadas requerem um outro componente, de tamanha grandeza que, sem o qual dificilmente será possível tornar exequível com algum sucesso qualquer ação

direcionada para a população idosa; que é o componente educacional. Isso mesmo, educação para a velhice.

Acredita-se que o ser humano que envelhece, estará aprendendo novos papéis. Por isso, certamente é importante lançar um olhar para a re-educação da pessoa idosa, buscando o aproveitamento do tempo disponível evitando dessa forma a ociosidade.

De fato a mudança de papéis pode ser verificada a partir dos padrões familiares, nas amizades e nas relações sociais, assim como, as mudanças de comportamento corporal e da mente podem ser igualmente observadas, ou seja, a pessoa idosa está em constante transformação.

5 – APRESENTAÇÃO – DISCUSSÃO E ANÁLISE DA COLETA DE DADOS.

“Não se pode escapar ao processo inexorável do tempo. O encarquilhar dos corpos é uma constante, que deixa sempre as marcas impressas no corpo pelo tempo. O mesmo não acontece com o entusiasmo das suas vontades, essas continuam à procura de inovações mais significativas para as suas existências.”

(Leonéa Vitória Santiago)

5.1 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

De modo geral na sociedade contemporânea o que se verifica em relação às pessoas idosas, são pressupostos de que esta população não é capaz de cuidar de si, dos seus afazeres e das suas obrigações inclusive, em algumas situações chega-se a afirmar de que o velho também perde a noção e o domínio da parte econômica. Este raciocínio deixa a forte impressão de que ao ser considerada velha, a pessoa passa a apresentar constantes e gradativos níveis de desorganização pessoal até finalmente ser reconhecida como incapaz. Naturalmente que nesse sentido, são reconhecidos os eventos de ordem patológica.

Na verdade, é bastante curioso e ao mesmo tempo intrigante observar que no contexto social em relação a tais pressupostos as perdas são de fato expressivas para as pessoas idosas, ou seja, perdas das relações sociais, do seu espaço de trabalho, dos amigos, da importância enquanto pessoa no contexto social, do reconhecimento familiar, entre outras.

Entretanto, entende-se que as informações que se tem ciência a respeito desta fase da vida humana não contempla e também não oportuniza – como deveria – procurar saber dos próprios idosos o que eles pensam sobre o momento que estão vivendo, que não é outro senão o da velhice.

Assim, o propósito deste estudo debruçou-se justamente sobre a questão do processo de envelhecimento do ser humano, tendo como forma de leitura as representações da relação corpo / saúde em idosos praticantes de atividades físicas regulares. Assim, para tal foi necessário procurar saber das instituições e dos segmentos sociais o que é ser velho? e só depois, oportunizar aos verdadeiros atores desta fase da vida revelarem o seu pensamento de acordo com a sua visão, sobre o significado do envelhecimento no ser humano.

Buscou-se desse modo, procurar saber a respeito da questão do envelhecimento do ser humano na linha existencial, através de três momentos distintos e/ou fases. Na primeira fase foram entrevistados os titulares, gestores

ou responsáveis diretos das instituições sociais do Município de Palmas, região do sudoeste do Estado do Paraná. De sorte que, foram ouvidos: Prefeito Municipal – Secretário Municipal de Educação – Juiz de Direito da Comarca – Promotor Público – Comando do Corpo de Bombeiro – Comando da Companhia de Engenharia e Combate do Exército Brasileiro – Bispo da Diocese – Pastores de Igrejas – Diretor de Jornal – Diretor da Rádio – Reitora da Universidade – Presidente da Entidade Mantenedora das Faculdades – Secretária Municipal de Ação Social, Delegado de Polícia Civil e Presidente da Câmara de Vereadores.

No segundo momento, 422 (quatrocentas e vinte e duas) pessoas residentes nos bairros do Município em faixas etárias decenais, ou seja, de dez em dez anos de idade tiveram a oportunidade de registrar o que pensavam sobre o envelhecimento do ser humano.

E, no terceiro momento ouviu-se muito atenciosamente 60 (sessenta) idosos dos grupos de terceira idade com os quais conviveu-se durante o tempo de 78 (setenta e oito) dias, numa freqüência de pelos menos duas vezes semanais desenvolvendo um programa de atividades físicas, concebido em três etapas: 1^a. Ginástica Corporal – caráter de adaptação e preparação corporal, contemplando exercícios predominantemente voltados para a ampliação da flexibilidade articular, objetivando garantir a maior independência possível para a mobilidade; 2^a. Ginástica Corretiva – buscando minimizar processos decorrentes das queixas das pessoas integrantes dos grupos de terceira idade, de desconforto na coluna lombar, ao mesmo tempo procurando resgatar a consciência da melhor postura do sentar, andar e descansar; e, 3^a. Programa de Caminhadas de Interação com o Meio Ambiente a partir de trilhas com itinerário antecipadamente verificado, re-despertando a valorização e preservação da flora, fauna e recursos hídricos existentes, e ainda, melhorar a aptidão cardiorespiratória nas pessoas idosas integrantes dos grupos de terceira idade.

Na verdade, com a realização do programa de atividades físicas para aquele grupo, pretendeu-se oferecer duas condições para todos os integrantes dos grupos participantes:

a) – Que os possíveis benefícios dessas práticas, fossem agregados na existência pessoal de cada participante com o sentido da educação permanente;

b) – Que os idosos – a partir desse exemplo – pudessem servir de estímulo para outras pessoas na revisão dos seus valores e modo de vida.

De igual modo, durante esse tempo procurou-se atenciosamente observar as formas de interação evidenciadas entre os próprios grupos participantes das atividades, registrando os momentos dessa convivência no diário da pesquisa de campo que passa a ser importante complemento na apresentação e discussão dos dados levantados neste estudo.

Assim, esta realidade é evidenciada, a partir de recortes apreendidos nas três fases do trabalho de campo, sustentados pela análise fenomenológica³⁹ e também pela representação social focando a dimensão do processo de envelhecimento do ser humano, e, muito especialmente procurando estabelecer na relação corpo / saúde da pessoa idosa a conceituação do que é ser velho segundo o entendimento do próprio idoso no contexto social.

Por outro lado, verificou-se ao analisar os discursos já existentes sobre o processo de envelhecimento humano, que há mesmo uma nova visão entre o significado da velhice sedimentado pelo entendimento de quem sente, vive e encontra-se nesta fase da vida humana.

Nessa dimensão e pela lente das pessoas idosas percebeu-se os significados de saúde, corpo, preferências e comportamentos que até onde foi possível identificar, raramente oportuniza-se aos idosos na sociedade contemporânea explicitarem o que pensam a respeito.

De sorte que, ao concordar que reside nas representações sociais a possibilidade de configurar estas instâncias internalizadas pelas pessoas, que

³⁹ Entende-se que o sentido do ser é de fato a maior preocupação da fenomenologia donde se interpreta o real segundo os estudos de Husserl e seguidores deste pensador.

se entende ser um conjunto de princípios pelos quais se compreende e transforma a realidade. Além disso, de acordo com Santiago – em trabalho de orientação – é a representação social a reprodução daquilo que um indivíduo ou grupo valoriza, elabora e transforma a partir do seu campo imaginário, adquirindo um sentido e tornando-se parte da própria realidade social em causa. Por isso, não se baseia no certo ou errado / no falso ou verdadeiro, pauta-se pelos sentidos.

Assim, a teoria das representações sociais situa-se na tradição da fenomenologia da vida cotidiana a fim de entendê-lo, como também aquilo que se produz de saber. Portanto, passa-se a partir de então, reconhecer neste estudo a pesquisa de campo consubstanciada pela entrevista semi-estruturada, que por sua vez, foi agrupada pela frequência das categorias percebidas distintamente em cada uma das fases da realização do trabalho, sendo posteriormente analisadas sob a luz da análise de conteúdo.

A – Instituições Sociais.

GRADE DE CATEGORIZAÇÃO

CATEGORIAS	FREQÜÊNCIA
Humanidade e Dignidade das Pessoas Idosas	03
Valor Pessoal	04
Contribuição e Participação Social	05
Experiência / Conhecimento	07
Discriminação e Dependência	05
Produtividade	02
Tratamento e interesse pelos idosos	03
Solidariedade	03
Família	04

Questão respondida: **O que para a vossa Instituição, significa ser velho?**

Entrevistado

Bispo da Diocese de Palmas e Francisco Beltrão – Paraná / Brasil.

Ao procurar o aprofundamento das linhas de pensamento do entrevistado, é possível perceber que o tema velhice, tem um enfoque quase transcendental e certamente, o entendimento universal calcado no viés do humanismo cristão.

Ao longo de trinta e quatro anos o entrevistado viveu e conviveu na região do Sudoeste do Estado do Paraná. Portanto, acompanhou o envelhecimento regional que na época da sua chegada, a população era predominantemente de crianças e jovens sendo que, na atualidade há uma marcante diferença porque se constata o envelhecimento regional também comparado com o envelhecimento do país.

Somado a tal fato, verifica-se com preocupação o êxodo da população regional jovem em razão, principalmente, da busca de sucesso pessoal, profissional e financeiro; constituindo-se tal fato como mais um problema de ordem social.

Por outro lado, o entrevistado ao destacar o pensamento do Papa João Paulo II, sublinha o pensamento da igreja católica, sobretudo quando evidencia: *“(...) tratando da vida desde o seu nascedouro, como ele costuma dizer, até o seu término natural o conceito que a igreja católica tem da vida, também nos faz entender o conceito que a igreja tem da infância, da juventude, da idade madura e principalmente, da terceira idade ou melhor idade, como costume não se diferencia da sua essência o seu valor fundamental, não se diferencia a vida de alguém que está nascendo hoje (...)”*. Parece estar transparente a salvaguarda dos valores de modo amplo, determinando que o velho no contexto social além de configurar-se com distinta importância, não pode ser descartado, ou como de menor expressão pessoal do que as pessoas jovens.

A vida nessa linha de pensamento é um dom entregue por Deus, devendo pois, a atribuição de respeito, dignidade e plenitude, não importando em qual fase da existência humana as pessoas estejam situadas.

Assim, depreende-se verdadeiramente que a solidariedade com todas as idades dos seres humanos, não pode ser maior ou menor segundo a cronologia biológica, porém, há também o entendimento de que a atenção mais especial deva mesmo ser reservada para as idades mais necessitadas, estando entre essas a terceira idade, uma vez que, regionalmente não houve o desenvolvimento e nem a evolução com mais distinção aos velhos, incluindo nessa população os próprios padres que, chegavam para trabalhar, e alguns deles formados no Seminário de Palmas – PR., eram jovens ou quase todos jovens. Por isso mesmo nunca pensaram na idade adulta, e, muito menos na terceira idade. Entende-se que há nesse raciocínio um ponto comum entre os seres humanos com relação a sua idade, ou seja, a cronologia interior das pessoas parece não corresponder com o tempo real vivido, sendo talvez por isso mesmo que não se pensa na velhice ou ainda, no fato de que, o ser humano na medida em que o tempo passa, desenvolve o processo da velhice com todas as suas peculiaridades e particularidades.

Na continuidade da busca pelo maior entendimento possível do pensamento registrado pelo entrevistado, contempla-se a preocupação pela cidade que, embora conte com uma instituição voltada para os cuidados das pessoas idosas, mantida pela igreja católica e também pela comunidade, é considerada como uma ação muito tímida, sendo pouco o que existe em relação ao muito que se tem a realizar nesse campo de atuação social. Já no cenário regional, há notícias de que duas outras cidades: Francisco Beltrão e Pato Branco, estariam celebrando parcerias para a construção de outros lares onde as pessoas idosas poderiam receber cuidados e maior atenção. Entretanto, mesmo sendo possível o surgimento de novas instituições, observa-se a marcante ausência da família que, ao entregar a pessoa idosa aos cuidados de tais instituições, deixa transparecer algo semelhante como a transferência de responsabilidade e por extensão o descarregar de um 'peso'.

Este ponto de vista, parece estar explícito na seguinte fala:

“(...) nós ainda fazemos um certo esforço para que não haja gente da terceira idade aí sem assistência sem... sem um estilo de vida razoável e que condiga com a dignidade humana, com o respeito que nós devemos à vida e com a dignidade humana em geral.”

Iniciativas modestas voltadas ao atendimento às pessoas idosas, correm por conta da ausência de consciência plena e efetiva. Na verdade, as pessoas que se atende hoje como jovens, ou de meia idade, muito proximamente também serão velhas e então, também não haverá como atende-las porque justamente faltam programas que possam contemplar esta fase da vida humana. Mais uma vez, fica então claro a despreocupação que as pessoas apresentam em relação ao passar do tempo, não se pensa na probabilidade de ficar velho. Parece mesmo que, na juventude e até na idade mediana, a velhice é para outros e nunca chegará a ser para si.

Nesse universo, já se questiona a igreja. Quais são ou seriam, suas ações, voltadas para o atendimento aos padres idosos. Ao considerar o aumento das expectativas de vida, raciocina-se de igual modo para o exercício do ministério que, certamente não será o mesmo. Por outro lado, não se descarta uma vida mesmo que idosa pelo fato das perdas naturais ao processo de envelhecimento. Especialmente aos padres idosos, encaminha-se a busca da edificação de um centro de excelência já que são notórias as dificuldades dos padres conviverem em asilos com outras pessoas idosas. Muito provavelmente não sejam encontrados elementos que possam trazer entusiasmo e vibração, e também, porque não poderia existir a possibilidade de estimular um ao outro. Nesse sentido, as mesmas preocupações devem ser evidenciadas com as pessoas de modo geral que envelhecem. Assim como os padres merecem assistência por parte da igreja, afinal, serviram durante muitos anos aos propósitos eclesiais, inclusive, despojando-se de bens materiais e pessoais; os demais seres humanos também contribuíram de algum modo para

a edificação da sociedade através do trabalho durante boa parte das suas existências.

Porém, a real importância nessa relação, entende-se estar sedimentado na visão da igreja católica, a valorização das pessoas idosas através do sentido universalista, ou seja, a velhice não é uma condição somente de algumas pessoas mas de todas elas. Nesse sentido, pode-se dizer que pelo menos cinco grandes linhas de pensamento são distinguidas:

1 – A velhice pode ser considerada como um processo pelo qual, todas as pessoas devem vivenciar, sendo portanto, um legado universal consubstanciando-se nas raízes do humanismo cristão.

2 – Na região do Sudoeste do estado do Paraná onde o entrevistado chegou na década de setenta, mais precisamente em meados do ano de 1970, a população existente caracterizava-se expressivamente por crianças e jovens. Entretanto, a marca inexorável do tempo determina hoje, uma população regional envelhecida. Esta afirmação encontra-se sustentada na fala do entrevistado quando afirma: *“Eu posso dizer que vi o Sudoeste envelhecer.”* Mas ainda nesse sentido, também é possível verificar a preocupação do entrevistado no que tange ao aspecto da renovação populacional ao comparar as informações sobre o aumento da demografia brasileira em relação ao Sudoeste do estado do Paraná. Na verdade, não houve aumento significativo de acordo com o último censo, reconhecendo desse modo, o envelhecimento regional sem contudo, apontar crescimento demográfico. Parece então que, se existiu crescimento só pode ter sido em relação com a longevidade. No entanto, a constatação do fenômeno da modesta renovação populacional, fica também, associado à evasão da força jovem regional em busca de melhores condições de vida, sucesso financeiro e profissional, caracterizando desse modo, mais um problema de ordem social.

3 – A visão que a igreja católica revela sobre a velhice do ser humano, fundamenta-se a partir do pensamento de seu sumo sacerdote, o Papa João Paulo II através de duas considerações bastante interessantes:

* A vida do ser humano caracteriza-se, ou é demarcada, por fases que podem ser assim compreendidas: infância – juventude – idade madura e terceira idade; não residindo em nenhuma delas, maior ou menor destaque.

O que definitivamente pode ser considerado importante é a vida em si que não pode e não deve ser descartada porque se é mais jovem ou mais velho.

4 – Por não ser contemplada qualquer distinção entre as idades das pessoas, se entende que os valores do ser humano tais como: dignidade, respeito, reconhecimento, entre outros; é verdadeiramente devem ser, resgatados e distinguidos.

5 – Nessa linha de pensamento corroborado pela filosofia cristã, a vida como um dom de Deus, recebe ainda as características do “eterno”, encaminhando os propósitos da eternidade para as instâncias além da morte e sobretudo, expressando a transcendência das características humanas para níveis da espiritualidade onde, a alma das pessoas desempenha papéis da continuidade da existência em outros planos.

6 – Na fala do entrevistado de igual modo é possível pontuar a desatenção da sociedade para com as pessoas idosas, inclusive a desatenção da própria igreja católica. É possível verificar tal posição no relato em que deixa claro o seguinte registro: *“(...) a nossa igreja aqui, embora sendo católica e devendo ser católica, é portanto solidária, profundamente solidária com todas as idades, mas principalmente com as idades mais necessitadas, não é! A nossa região não desenvolveu suficientemente, digamos a atenção que ela poderia ter desenvolvido em relação à terceira idade.”* Além do que, pode-se perceber também, a omissão das famílias de pessoas idosas, confirmando uma vez mais a ausência do respeito, da consideração e responsabilidade pela busca de uma vida mais digna para os idosos em geral. Essa referência é enfatizada pelo entrevistado quando informa que a igreja católica de Palmas – PR., desde o ano de 1972 mantém uma casa para abrigar os idosos; *“(...) uma espécie de lar, uma casa com dimensões regulares, onde se recolhem aqueles*

idosos que não encontram maneira de serem bem tratados nas respectivas famílias.”

Entrevistada

Reitora do Centro Universitário Católico do Sudoeste do Paraná - UNICS.

A entrevistada abordou o tema de modo bastante interessante na medida que, inclui a figura humana revestida do exercício da docência universitária. Portanto, contempla o significado da velhice na Instituição de Ensino Superior, justamente pela atuação da pessoa inserida no contexto do ensino superior.

Na continuidade de desenvolvimento do raciocínio da entrevistada, percebe-se que a pessoa idosa contribui expressivamente na transmissão de conhecimentos ultrapassando os limiares da aprendizagem como tal. É possível corroborar tal afirmação na fala da entrevistada quando assim se expressa: *“Eu entendo que a pessoa que viveu mais e que chegou ao ponto de professor universitário, ou, chegou a uma convivência numa escola de terceiro grau, ele representa um ensinamento além de um ensinamento de biblioteca, além de um ensinamento das quatro paredes de uma sala de aula. Ele representa uma vida toda de conhecimento e isso tudo pode ser buscado e pode ser repassado para os alunos e para os professores mais novos que aqui estão.”*

A exortação pelos valores humanos, é por assim dizer, a vertente mais significativa e o que marca a linha de pensamento da entrevistada.

Por outro lado, como Instituição inserida no contexto social local, regional e até mesmo do Estado, é possível perceber algumas contribuições revestidas da partilha dos serviços que a Instituição oferece à comunidade, procurando desse modo ser extensiva também à terceira idade.

Nesse sentido, a Instituição abre suas portas para as pessoas idosas através dos cursos de educação Física e Letras com os programas de hidroginástica e alfabetização.

De sorte que, encontra-se na possibilidade do repasse das experiências de vida para as gerações mais novas o maior e mais importante objetivo das ações enquanto Instituição de Ensino Superior que, se desenvolve muito especialmente para as pessoas idosas, estando explicitado tal propósito na seguinte fala da entrevistada: *“Então eu acredito que essa seria mais uma iniciativa da Instituição na participação da terceira idade e exatamente nesse... nessa significação aqui que é ser velho, que não é apenas ter alguns anos a mais cronologicamente; mas é você poder estar participando mesmo com esses anos a mais, mais participando de toda essa busca do novo e de crescimento da juventude.”*

Por último, pode-se perceber que a entrevistada não divorcia no velho, a possibilidade de atrelar os conhecimentos destas pessoas ancorando à tecnologia presente, para a busca harmoniosa dos conhecimentos adquiridos ao longo do tempo com os recursos tecnológicos avançados que concorrem decisivamente como aporte na produção dos conhecimentos na atualidade.

Entrevistado

Diretor do Sistema Clube de Comunicação de Palmas – Paraná – Brasil

O entrevistado evidencia os valores das pessoas não importando a idade das mesmas, além do que, o ser humano não se encontra ligado por fatores como idade, raça, credo, cor ou qualquer outro aspecto. O que de fato deve ser considerado é a distinção das pessoas e dos seus valores humanos.

Por outro lado, todo o ser humano ao longo da sua existência, apresenta ciclos, fases da sua vida. Nesse sentido, é possível perceber na fala do entrevistado que, genericamente os ciclos de vida eram reconhecidos distin-

tamente, ou seja, a infância deveria responder a singularidade lúdica. A juventude deveria pautar-se pelo “aproveitar a vida”. Na maturidade configurava-se como a época do trabalho, da construção familiar e da garantia para o futuro próximo e a velhice caracteriza-se pelo encerramento das atividades do trabalho remetendo a pessoa para as instâncias da dependência.

Quando o entrevistado determina a fase da velhice, parece conduzir a existência de gradientes de redução das instâncias de vida possível de ser destacado na fala:

“Me parece que a visão que a sociedade tinha é que ela já começa ir para o canto da sala né, a dependência causava uma baixa auto-estima, e portanto, ela não vivia, não é. Quem vivia era o jovem. O adulto trabalhava e o velho se preparava pra morrer né.”

Entretanto o significado de velhice para boa parte da sociedade começa a ser redimensionado, isto é, deve-se viver todas as fases da vida de maneira intensa e plena. Buscar dignidade de forma profunda, preparar-se para viver e nunca para morrer, mesmo tendo a consciência de que, como seres finitos certamente um dia a morte fechará o ciclo de vida.

Diante desse raciocínio o entrevistado pensa que ainda não há como responder definitivamente a questão sobre o significado da velhice. Porém, percebe que as pessoas vivem estágios de vida diferentes e defende firmemente a idéia de que, deve-se atribuir o mesmo sentido de valorização da vida para a criança, o adulto e também ao idoso de tal forma que cada pessoa possa ser contemplada com aquilo que ela pode viver.

De sorte que, a pessoa idosa é em potencial alguém que deve viver a vida da melhor forma possível. Intensamente. O fato das pessoas afirmarem que a idade em que vivem não representa o tempo real, reforça o pensamento do entrevistado na fala que expressa o sentido de que; *“(...) as pessoas estão percebendo que podem viver a juventude na velhice né; ou seja, aquilo que se falava à juventude é a época de viver agora que eles estão velhos. Então agora é que estão vivendo.”*

Aliado a tal raciocínio, percebe-se que há o entendimento da existência dos limites impostos pela passagem do tempo. Assim, é importantíssimo que o corpo esteja preparado para acompanhar a cabeça. Que o corpo possa expressar e vivenciar aquilo que sente e portanto, a área da Educação Física pode constituir-se como apoio incondicional às pessoas idosas, até porque, é comum descobrir que em função dos exageros cometidos no passado, descuidando-se do corpo pela falta de adoção de hábitos e atitudes saudáveis, as respostas biológicas, fisiológicas e motrizes com avançar da idade serão quem sabe, bem menores do que o esperado.

Finalmente, o entrevistado compreende a velhice como a fase da vida que deve ser vivida na sua plenitude maior onde, o velho não só serve para dar conselhos, porque se assim for então a dimensão da velhice estará corroborada segundo sua fala, pelo fato da pessoa que; *“(...) não consegue se compreender como gente, né. Então continua naquela visão; eu sou dependente do filho, então não sou mais gente.”*

Por certo esta imagem da dependência também pode ser creditada pelas próprias condutas da sociedade ao longo do tempo relacionando o velho como descartável. Ancorado nesse pensamento, é também provável que o próprio idoso tenha assimilado muito intensamente os propósitos consumistas, materiais e da super valorização do jovem e por isso mesmo, talvez seja da maior importância que a própria pessoa idosa redimensione o seu papel na sociedade a partir da premissa de que a vida deva ser vivida com plenitude em todos os sentidos.

Entrevistada

MM. Juíza de Direito da Comarca de Palmas – Paraná.

A representante da esfera judicial deixou transparecer pelo menos, quatro pontos expressivamente relevantes com respeito ao entendimento sobre a terceira idade no contexto social brasileiro.

Então, pode-se dizer que o primeiro ponto, diz respeito exatamente sobre a convenção estabelecida em relação à idade da pessoa que, por extensão é considerada velha ou não. Nesse sentido entende a entrevistada que, a caracterização pela terceira idade é subjetiva, sendo um critério que varia de acordo com as condições pessoais do ser humano, inclusive, a meritíssima juíza textualiza: *“(...) entendo que o estatuto da terceira idade, do idoso no Brasil, ele foi muito genérico e ele estipulou, por exemplo, que seriam pessoas maiores de 60 anos. Não aceito esta tese (...)”* A convicção da entrevistada parece estar de certo modo, atrelada ao que afirma Santiago (1999, p. 177): *“São os princípios organizadores que regem e regulam as relações: sociais, profissionais e atividades cotidianas. É a representação social, a representação daquilo que o indivíduo ou grupo valoriza, elabora e transforma a partir do seu campo imaginário, adquire um sentido e torna-se parte da própria realidade social do indivíduo ou do grupo em causa.”*⁴⁰

Por outro lado, entende-se que justamente na resistência da entrevistada, ao não aceitar a idade de 60 anos como sendo aquela que determina o advento da última etapa da vida humana, encontra-se o segundo ponto de relevância. Assim, é possível perceber as considerações que, podem até ser compreendidas como justificativas que a entrevistada oferece quando procurar enfatizar que as pessoas que tiveram boa qualidade de vida, pessoas da classe média e profissionais liberais e pessoas que não exerceram trabalhos braçais não podem ser consideradas velhas ao atingirem 60 anos de idade. Dessa linha de pensamento depreende-se que o entendimento da entrevistada a respeito do processo de envelhecimento do ser humano, encontra-se ancorado em duas condições básicas: a primeira sustentada a partir do pré-suposto de que as pessoas que dilapidaram suas aptidões físicas em razão de trabalhos braçais com níveis de exigências bem acentuados, e além disso, que também não cultivaram hábitos e atitudes mais saudáveis de vida, ou ainda, estiveram inseridas em um universo cuja população predominante, condiciona a desigualdade social e portanto, passando por

⁴⁰ Os Valores Orientadores das Práticas Desportivas em Grupos Emergentes da terceira Idade: um estudo sobre as suas construções simbólicas. p. 177. Tese de Doutoramento / Leonéa Vitória Santiago. Novembro de 1999. Porto / Portugal.

duras necessidades cotidianas, chegam à velhice precocemente. E a segunda consideração é de que, as pessoas de classe média, principalmente profissionais liberais, que podem garantir as suas existências de forma mais amena, natural e sem intensas preocupações sócio-econômicas, retardam o processo de envelhecimento. Podendo ser muito ativas, produzem para o país e para si por muito mais tempo. Para essas pessoas a entrevistada acredita que o declínio chega de fato mais tarde, na casa dos 70 anos de idade, ressaltando que mesmo assim a produção intelectual continua significativa.

Há ainda que se destacar na fala da entrevistada, a relação que configura através da aparência física entre os dois grupos de pessoas, ou seja, no primeiro grupo, constata-se aparência física bastante envelhecida enquanto que, no segundo grupo observa-se com menor intensidade as marcas do tempo. Corroborando este raciocínio, a entrevistada lembra de uma atriz que já chegou aos 60 anos de vida e ainda assim afirma: *“Não acho que ela pode ser considerada uma velha.”*

O terceiro ponto trata mais especificamente sobre o conceito de velhice. Afirma a entrevistada nessa linha de pensamento: *“Velhice é aquela pessoa que já não pode mais administrar sozinha a sua vida, precisa de auxílio, precisa de assistência de terceiros. Não pode e não consegue se deslocar assim para lugares distante sozinha, não consegue nem mesmo às vezes administrar seus bens precisa que filhos orientem. Tomam remédios, vários remédios diários para o seu bem viver, que mais... penso que é isso.”*

O conceito aqui evidenciado, é bastante similar ao que Santiago (1999, p. 10:12) informa numa visão social. Isto é, do ponto de vista social a velhice significa: *“Desorganização; perda das relações sociais; requisição de cuidados e atenção em todos os sentidos; impedimentos na locomoção e diminuição dos domínios corporal, psíquico e profissional.”*

Pode-se mesmo dizer que no extrato social é possível observar que o processo de envelhecimento do ser humano, não raras às vezes, é considerado, ou, comparado como doença.

Naturalmente que tal raciocínio não oferece elementos consolidados nessa dimensão comparativa. É preciso compreender que, doença é o

resultado de desordens fisiológicas que afetam o estado de saúde; enquanto que, a velhice é um processo, uma fase da vida do ser humano que certamente pode trazer, maior ou menor configuração de degeneração, sendo perfeitamente normal que isso ocorra. Por outro lado, é bem provável que a pessoa idosa transcorra esse período da sua existência segundo aquilo que foi no passado. Assim, os desgastes no seu organismo podem ser mais ou menos intensos o que de certo modo, também poderá estabelecer os limites na sua vida cotidiana.

O quarto ponto que é possível de ser verificado, diz respeito às capacidades da nação brasileira para atender e conviver com a população idosa. Por isso, o entrevistador julgou importante na continuidade da coleta de informações, saber da entrevistada o seu ponto de vista, como integrante do Ministério Público, com referência às políticas públicas existentes no Brasil que, possam atender as necessidades da população idosa brasileira.

Então, verifica-se que de acordo com a visão de um dos integrantes do poder judiciário, o país não se encontra preparado para acolher seus idosos de vez que, o sistema previdenciário apresenta sérias falhas, além de apresentar-se bastante desorganizado, exigindo uma reformulação urgente do modelo vigente. Bem por isso a entrevistada destaca, sendo possível observar sua defesa no redimensionamento do tempo laboral: *“Eu acho que é correta a política de reforma porque entendo que uma pessoa de 50 / 55 anos, principalmente, o pessoal profissional liberal, sempre repito, esse pessoal é muito novo para se aposentar. Ele tem muito a produzir ainda. Então teria que postergar essa aposentadoria assim, para 70 / 75 anos, para que o sistema previdenciário não entre em colapso como está entrando hoje.”*

Além do que, o Sistema Único de Saúde / SUS, também não consegue oferecer serviços capazes de suprir as necessidades das pessoas idosas, tanto no aspecto curativo quanto profilático.

Diante desse quadro, naturalmente que todas as preocupações são procedentes. Entretanto, parece já ser bem a tempo, que ações efetivas, concretas, sistêmicas e permanentes devam ser encaminhadas e colocadas na

prática em favor, não só da população idosa, mas sobretudo, garantindo para a sociedade a convivência harmônica e equilibrada entre seus pares.

Entrevistado

Prefeito Municipal de Palmas – Paraná.

A visão que o entrevistado deixou transparecer sobre a questão do idoso no Brasil, pode ser entendida aquela que de fato, mais se aproxima do raciocínio político em si.

Como Prefeito, entende que velho, é antes de tudo, uma pessoa desmotivada para a vida. Chega a afirmar que o passar do tempo não determina a velhice. Raciocínio confirmado quando atesta: *“(...) ser velho é aquela pessoa que está desmotivada para a vida, porque caso contrário, eu não vejo a idade avançada como uma velhice.”*

Nesse sentido parece ser importante destacar que antes, é imperioso que se estimule a motivação, ou antes, a motivação é o resultado da estimulação. Para isso é necessário oferecer opções que possam desencadear os gradientes de motivações. Então, por exemplo, como uma pessoa idosa poderá ser e estar motivada e estimulada, se o resultado da sua aposentadoria apenas garante a sua sobrevivência, não sendo surpresa que deixem de atender muitas vezes, suas necessidades básicas como: saúde, vestuário, segurança, lazer, entre outras.

Se a sociedade ao que se pode observar, entende que o idoso é um peso social, há de se questionar: Como ser e estar estimulado se não se consegue configurar a dignidade na velhice?

Por outro lado, o entrevistado destaca a necessidade da maior convivência social possível na família, com os amigos e no trabalho. Evidentemente que este pensamento é importantíssimo e interessante, porque não se deve afastar as pessoas do seu habitat natural. Por isso quando a maior autoridade do município afirma: *“(...) na nossa concepção, a pessoa, ela se torna velha quando ela cai na situação de isolamento (...)”*; percebe-se a defesa

da idéia de que, o idoso no contexto social será sempre importante, produtivo por tudo o que fez e ainda, pelo que poderá continuar a realizar a partir das suas experiências já vivenciadas.

Interessante também observar que a linha de pensamento do administrador público em relação aos custos com as pessoas idosas, passa antes, pelo investimento na manutenção de diversos programas de ordem social como também, subentende-se que estejam contemplados, os programas de profilaxia, na busca da manutenção e elevação da sua saúde.

Por reiteradas oportunidades pode-se perceber que, segundo a visão do entrevistado, o isolamento é o principal fator do aceleração no processo de envelhecimento do ser humano, sendo assim, francamente favorável pelos programas que integrem a pessoa idosa na família e na sociedade como tal. O apoio à idéia da integração ampla da pessoa idosa às instâncias sociais é de tal ordem que, o entrevistado revestido da condição de gestor público, desenha uma proposta que deveria ser da iniciativa pública. Naturalmente que de modo comparativo, o pensamento da concepção de um local semelhante às creches, onde crianças de 0 até 6 anos de idade passam o dia, deveria também existir um local onde os idosos pudessem passar o dia recebendo atenção e cuidados, retornando ao seio familiar ao final do dia. Tal proposta teria como base fundamental a celebração de parceria entre Estado e famílias das pessoas idosas.

O que é possível entender nessa linha de pensamento é de que, a sociedade não trata com o mesmo cuidado e atenção às pessoas idosas, dispensando tal atenção e cuidado com o ser humano em outras fases da sua existência, como por exemplo, infância e adolescência.

Entretanto, de fato é sem dúvida de muito interesse e de real importância destacar que, não é possível desconectar do processo de amadurecimento e envelhecimento do ser humano a relação entre essas fases da vida humana, acompanhadas da indissociável condição na auto-educação permanente. Sem o que, provavelmente qualquer programa e/ou proposta, não passará de mera situação paliativa.

Provocado pelo entrevistador sobre a questão da aposentadoria aos olhos da gestão pública, o tema foi trazido à baila. Assim, de acordo com o entrevistado, existem pontos a serem considerados com referência ao tema.

Primeiro, é preciso não esquecer que o INSS – Instituto Nacional de Serviço Social – ao estabelecer as aposentadorias, o faz à luz de alterações e modificações no sistema previdenciário, o que não deixa de ser preocupante.

Nessas modificações, principalmente a partir de 1976, verifica-se o fato de que, as pessoas mais abastadas financeiramente puderam atualizar suas aposentadorias para o teto máximo, o que parece ser injusto, na medida que, contempla a minoria das pessoas.

Segundo, o sistema previdenciário pagando os proventos referentes a aposentadoria atual, relega o aposentado a fatalmente, continuar trabalhando para complementar sua renda e atender suas necessidades básicas.

Aliado a tal circunstância, a lei também reconhece os eventos da aposentadoria por ‘encosto’, esclarecida segundo o próprio entrevistado ao afirmar: *“A pessoa começa a se queixar de uma certa dor e vai ao médico e consegue 6 meses encostada, inativa. Depois volta ao médico para receber alta. Ela volta dizendo que tem problemas, que não pode trabalhar e tal. Uma dor nas costas, eu acho que tem que ser tratada e não encostada (...) isso fatalmente vai levar a uma aposentadoria, questão de mais dias estão se aposentando.”* Por isso mesmo, expressa o entrevistado, a aposentadoria deve existir em duas situações: aquela que o cidadão trabalhou e contribuiu durante trinta e cinco anos e para aqueles que estão no grupo por idade ou ainda, outras categorias. O objetivo é valorizar quem contribuiu em relação aos que trabalham mas, não contribuem, seria o chamado sistema diferenciado de aposentadoria.

Entrevistada

Secretária Municipal de Educação do Município de Palmas – Paraná.

A partir da leitura mais atenciosa nas considerações sobre o tema, pode-se perceber que a entrevistada, referenda os valores e de modo muito especial os valores da pessoa tais como: amor, dignidade, respeito, alegria, civilidade, cidadania, lazer, saúde e felicidade.

Nesse universo distinto, também é possível perceber que a entrevistada, de modo indireto, chama a atenção da sociedade em si, que na verdade, poucas vezes confere às pessoas idosas a gama de valores explicitados. Ao contrário, muitas vezes ações que partem da própria família, relegam a pessoa idosa ao esquecimento.

É bem intensa a afirmação da negação de oportunidades e reconhecimento às pessoas idosas quando, a entrevistada reforça: *“Porém, quem dera todas as pessoas que atingirem a velhice, pudessem viver esse estado de graça. Mas, muitos são abandonados pela família, deixados em asilos esquecidos, como se fora traste velho que não tem mais valor. Outros, nossa sociedade marginaliza, não reconhecendo como aqueles que um dia prestaram imensos serviços, retribuindo-lhe com uma aposentadoria que é apenas uma sobrevivida.”*

Pode-se entender de igual modo na fala da entrevistada que, as regras sociais podem ser implacáveis com as pessoas idosas, principalmente pelo fato de que, elas deixam a desejar como consumidoras e também passam de uma hora para a outra, sendo incluídas no universo das pessoas bem pouco produtivas, caracterizando-as como ‘peso social’. Ainda, continuando a desenvolver tal raciocínio, como resultado das diferenças estabelecidas pela própria sociedade, há aquelas pessoas idosas castigadas antes e agora também, o que de certo modo, permite que se encaminhe a dedução de que as pessoas idosas são categorizadas, ou seja, há aquelas que por algumas razões bem distintas, encontram-se aposentadas e vivendo plenamente. Desfrutando a vida ao lado de familiares, sem maiores preocupações sócio-econômicas. Provavelmente a constituição deste grupo seja a minoria no extrato social vigente. Há também, aquelas pessoas que conseguiram sua aposentadoria em tetos que permitem retorno bem melhor. Além do que, podem continuar a contar com o apoio da família, embora prefiram viver de forma mais

independente. Também esse grupo não pode ser considerado como a maioria na sociedade moderna.

Entretanto, há aquelas pessoas idosas que foram aposentados mas, precisam continuar a trabalhar duro para complementar a renda e procurar satisfazer as necessidades principais. Não podem e não contam com qualquer outro auxílio e ainda, a família as esquece. Este grupo de pessoas, muito provavelmente constitua-se na maioria presente na sociedade atual.

Por último, a entrevistada entende que o processo de envelhecimento é uma fase da vida do ser humano que, independente da 'categoria' que a pessoa esteja inserida, acontecerá com a mais absoluta certeza, por isso mesmo, (deveria) deve ser um período prazeroso, intenso e repleto de alegrias.

Entrevistada

Integrante do Ministério Público – Promotora Pública do Município de Palmas – Paraná.

Como representante do Ministério Público, a entrevistada explicita o seu pensamento atrelado em dois momentos: como cidadã e como promotora pública.

Como cidadã, tem presente que a velhice passa pelo viés do estado de espírito, do achar-se capaz ou incapaz. Aliás, parece mesmo que a avaliação das aptidões, de modo bem generalizado, a própria sociedade encarrega-se de realizar até porque, percebe-se que a pessoa considerada velha passa a fazer parte de um universo cujas oportunidades ficam cada vez mais diminutas.

Na continuidade do desenvolvimento do seu raciocínio a entrevistada também chama a atenção para a rotina das pessoas idosas, e, afirma: *“(...) enquanto aqui no Brasil a gente vê o que? Que as pessoas idosas ficam em casa. Vão aos bingos se divertir. Vão à igreja, e é essa a atividade que elas tem, mais como se estiverem aguardando o momento de morrer né.”* Nesse sentido é bastante interessante verificar que, de fato, ao velho – ainda que veladamente – reserva-se mesmo a instância terminal e portanto, a

entrevistada ao deduzir que as atividades cotidianas das pessoas idosas, além de rotineiras, passam um sentimento de aguardar o fim da vida, como se essa espera fosse

o que única e verdadeiramente se reservasse ao idoso nesta fase da sua existência.

Enquanto promotora pública a entrevistada, à luz da jurisprudência, afirma que o estatuto do idoso não trouxe nenhuma novidade que já não existisse antes da vigência do mesmo. Entretanto, a afirmação de que o instrumento concebido especialmente para as pessoas idosas não chega a contemplar nenhum benefício novo, não chega a ser surpresa, porém, quando a entrevistada afirma que o estatuto do idoso serve apenas para fins políticos, passa a ser preocupante. Porque, se ao idoso pouco ou quase nada a sociedade oferece a seu favor, também parece ser imoral e anti-ético servir-se dessa oportunidade para outros fins de interesses múltiplos ou ainda, para atender as necessidades dos políticos. É bem destacado o que a promotora pública expressa: *“Enquanto promotora, recentemente foi aprovado o estatuto do idoso, que ao meu ver, foi apenas para confortar a população. Na prática isso não alterou nada. Não trouxe nenhum direito novo que já não existisse e que, não estivesse previsto em outros diplomas legais: constituição e leis esparsas. Então era mais para fazer politicagem em cima de determinadas circunstâncias.”*

O entrevistador, fez uma intervenção por achar muito importante saber da representante do Ministério Público, qual então, seria a sugestão para tornar mais consistente o estatuto do idoso. De acordo com o entendimento da entrevistada, a grande questão não é ter uma lei, mas antes, cumpri-la. Não só isso, investir e ter boa vontade política para concretizar o estabelecido na lei é o que pode fazer a diferença. Como o estatuto dos idosos não trouxe nenhuma grande novidade no que se refere a garantia de direitos, talvez fosse até mais importante cumprir e zelar o que já existe nesses termos, até porque, todos os direitos que uma pessoa idosa tem, são os mesmo que o de outra não idosa.

Finalizando a entrevistada lembrou da exortação da corporeidade que pode ser observada no Brasil e que, sufoca outros valores muito mais importantes como: a intelectualidade, experiência e maturidade. Na verdade a afirmação: *“Eles esquecem o lado intelectual, experiência, maturidade em prol de uma coisa mais superficial né.”*; só corrobora o que inúmeras pesquisas já detectaram, ou seja, na sociedade moderna o velho começa a perder oportunidade justamente a partir da configuração corpórea e também, pelo aspecto do jovial. Parece não interessar muito o ser em si. Vive-se na relação do ter em supressão ao ser e quando não se tem, a saída para a busca de espaços encaminha-se para o ‘parece que tem’.

Entrevistada

Secretária de Ação Social do Município de Palmas – Paraná.

Bastante rica a entrevista concedida pela Secretária de Ação Social do Município. Ao ler atentamente suas respostas, foi possível perceber pelo menos nove pontos bastante importantes.

A primeira distinção referente ao significado de idoso e/ou velho para a instituição em si, é justamente a de que o idoso de acordo com o que o Estado entende, é basicamente como se fosse uma carga social em razão do benefício continuado por ele mantido. Por outro lado, tal benefício que permanece na faixa de $\frac{1}{4}$ do salário, segundo o comentário da entrevistada configura-se como insuficiente ao afirmar: *“Diria que é um programa muito pobre para pessoas pobres.”*

O segundo ponto abordado pela entrevistada na condição de diretora do departamento de ação social do município, trata da questão do atendimento na esfera pública às pessoas idosas que, no seu entendimento houve uma melhora, ainda que não seja a ideal, porém, tal comportamento só foi modificado em razão de que, o próprio Estado percebeu que o aumento da população idosa é considerável e portanto, faz-se necessário pensar e discutir um pouco mais a respeito do idoso. Entretanto, ancorado nesse pensamento a

entrevistada chama a atenção para o fato dos órgãos da seguridade social apresentarem significativa defasagem econômica, o que de algum modo deve ser suprido.

Nesse sentido, a entrevistada não contempla outra solução que não seja o redimensionamento das questões pertinentes a aposentadoria. Portanto, um problema que se avizinha e que deve ser discutido profundamente com a sociedade brasileira.

Uma terceira vertente de discussão muito interessante abordada pela entrevistada, centra-se na busca de maiores e melhores informações sobre os idosos, mas que os ouvidos sejam os próprios idosos. Há o entendimento de que o conceito de idoso a partir do que Estado e Município entendem, deve mesmo ser revisto. É possível perceber na fala da diretora de ação social que, existe um desencontro de idéias e informações nesse sentido, principalmente quando afirma: *“Nós temos alguns centros de convivência que, em termos de município é muito difícil de conseguir. Existe uma difusão de idéias do governo federal e do governo estadual repassando aos municípios, de atendimento ao idoso que não se completam, que não são efetuados. É muito papel, idéia bonita mais o de fato, o concreto, este não acontece.”* Ao que parece, não se pensa o idoso de modo amplo e global. Pensa-se no idoso como uma pessoa bastante limitada onde apenas se vislumbra o atendimento das suas necessidades físicas.

Um quarto destaque não menos importante, refere-se aos sentidos e emoções dos idosos. Esquece-se que o idoso é um ser vivo e portanto, dotado de emoções, sentimentos e sensibilidade. Óbvio que por encontra-se no processo de envelhecimento, ele não perde essas capacidades e por isso, é quase um descaso ou um escândalo a pessoa idosa deixar transparecer tais emoções, assim, ela é de fato discriminada e quase não tem o direito de ser ouvido.

Seguindo a linha de pensamento da entrevistada, aborda-se o mercado de trabalho. De acordo com as afirmações da entrevistada, houve um avanço na medida que, o estado decretou não haver mais limites de idade para os concursos públicos. Particularmente nesse sentido, há de se discutir então qual

é mesmo a idade da pessoa considerada idosa? Ou ainda, a pessoa idosa de fato não tem mais condições mentais e racionais de desempenhar funções laborais? Entende-se que, ainda um pouco mais lenta as reações da pessoa idosa não a impede do exercício do trabalho. O raciocínio da entrevistada pode ser confirmado pelo estudo realizado já a algum tempo atrás – o que de certo modo demonstra o sentimento discriminatório para com as pessoas idosas – por Lopez (1966) quando afirma que a sociedade comete três grandes erros com a pessoa idosa. O primeiro grande erro encontra-se no fato de que, as pessoas idosas são colocadas à prova na lei do tudo ou nada, ou seja, nas escala do desvalor, da ineficiência ou até mesmo da estupidez; o segundo grande erro é considerar a pessoa idosa inferior ao jovem em todos os aspectos e o terceiro grande erro, é considerar que as pessoas idosas já não podem aprender coisas novas e por isso, vão se distanciando cada vez mais dos segmentos sociais.

O sexto ponto trata da preocupação em relação ao questionamento o que é ser idoso. A entrevistada defende a idéia de que, já está mais do que na hora rediscutir o universo do processo de envelhecimento humano de modo amplo e global. Redimensionar o idoso em todos os seus aspectos. Ouvir suas aspirações, desejos, necessidades. Saber das suas reais aptidões, capacidades e competências e sobretudo, ouvir o que é mais importante para ele.

Com referência aos cuidados com a manutenção da saúde da pessoa idosa, é preciso que também seja revisto o posicionamento e procedimentos dos centros de saúde, uma vez que, o próprio sistema de saúde vigente não consegue atender as necessidades básicas da pessoa idosa. Atrelado a tal ponto, e também não menos importante, é preciso que se reveja a instalação de programas que atendam as propostas preventivas que parece apresentarem melhores e mais interessantes resultados.

Ainda nessa dimensão, é necessário que se desenhe um novo estudo sobre o processo de envelhecimento voltado ao sexo masculino e também, que se reveja a posição do atendimento às necessidades sexuais da pessoa idosa tanto para homem quanto para a mulher.

O novo desvendar da pessoa idosa poderá, segundo o pensamento da entrevistada, posicionar melhor o atendimento, a convivência e a re-descoberta das pessoas idosas no contexto social vigente.

O oitavo ponto discutido na fala da entrevistada explicita a preocupação do estado em relação ao idoso em sintonia com os governos federal, estadual e municipal. Observa-se que a entrevistada com clareza pontua que, os projetos são restritos às instâncias de atendimento físico, além do que, os grandes projetos muito raramente chegam aos municípios menores. Porém, o que mais transpareceu como angustiante, foi justamente a fala da entrevistada afirmando: *“Vamos dizer que o Estado privilegie alguns idosos e outros estarão a mercê de todos e de uma idéia falsa que existe na sociedade brasileira. Porque como diretora do departamento de assistência social é muito difícil você encaminhar projetos. Você pode mandar 1000, 500 projetos, tanto pro Estado quanto pra federação que não há repasse desses projetos. Os projetos não chegam até os município. Chegam nas capitais porque as capitais, são cidades que tem mais importância política, e os municípios pequenos não tem tanta importância política, eles são currais de deputados. Eu vejo que os deputados se preocupam muito mais em fazer leis que lhes dêem algum suporte na velhice, e eles jamais iriam conceber um benefício de prestação continuada para si, porque é miserável essa concepção de ¼ de salário mínimo.”*

Verifica-se no registro da entrevistada uma certa impotência frente ao desenvolvimento de um trabalho sério para a população idosa, até mesmo porque, os recursos que são solicitados nem sempre chegam ao destino. A leitura então que se pode fazer é justamente a da auto-determinação, ou seja, as pessoas idosas devem tomar a iniciativa mesmo que seja considerada arrojada e pouco consistente.

Por fim, o nono ponto percebido na fala da entrevistada refere-se a exortação na sociedade para rever, repensar e redimensionar o idoso e seu papel na sociedade. Discutir sobre as possíveis diferenças entre idoso rico e idoso pobre.

Abrir o debate tendo como questão fundamental por que não se pensa no idoso de forma ampla como população brasileira. Definir até que ponto o

assistencialismo, se é que assim se pode denominar, atende as necessidades dos idosos. Pensar em termos de futuro, no sentido de entender que os idosos de amanhã, certamente serão aqueles que se encontram hoje na maturidade e/ou na idade adulta.

Entrevistado

Comandante do Destacamento do Corpo de Bombeiros da cidade de Palmas – Pr.

O entrevistado como integrante da corporação de bombeiros reconhece que a questão sobre o processo de envelhecimento do ser humano raramente é pensada. Porém, percebe que as pessoas idosas são mesmo muito desvalorizadas.

Um ponto bastante interessante revelado é que, na própria corporação dos bombeiros não existe uma preocupação maior com próprios bombeiros que envelhecem como se verifica a seguir: *“A questão do bombeiro, a estrutura do Corpo de Bombeiro raramente, ou não tem assim uma preocupação com os velhos. Pra ter uma idéia não existe nada que envolva a pessoa após ela prestar seu serviço para o Corpo de Bombeiros. Não existem atividades para estas pessoas. Visando permanecer na vida, pelo menos para permanecer com atividades, estão são esquecidas. Hoje realmente o bombeiro que se aposenta ele acaba sendo esquecido pelos colegas, porque ele já não serve mais, porque a idade impede de ele produzir alguma coisa, ou não produz mais nada pro quartel porque as atividades exigem geralmente pessoas mais jovens, e o bombeiro velho acaba no esquecimento.”* Tal afirmação é também corroborada por Garcia – em trabalho de orientação – destacando que ser velho, não raras às vezes significa viver em solidão, afastado de tudo e por todos, sendo de fato a antecipação do sentido trágico da morte que é o esquecimento.

O entrevistado ao ser provocado pelo entrevistador sobre a existência de possíveis programas de serviços que o bombeiro idoso possa continuar a

oferecer, afirma que infelizmente não existe nada nesse sentido. Ou seja, a partir do momento da aposentadoria os próprios colegas mudam as formas de tratamentos pessoais podendo ser aqui entendida como discriminatória, como bem pode ser observado quando o entrevistado afirma que: *“No momento não existe nada, que envolva o aposentado. Aposentou, aposentou. Ele acaba sendo, entre aspas, isolado porque quando ele vem rever os amigos no quartel e já começa a ter um tratamento diferenciado. Porque já é velho, não é mais convidado para o futebolzinho, ou outra atividade. Acaba no fim, sendo jogado para escanteio.”* Também nesse sentido é possível depreender que, na corporação militar dos bombeiros o reconhecimento para o ser humano, parece estar mais atrelado por valores pautados pela juventude que Ribeiro (2004,p.34) chama a atenção ao informar que: *“Na sociedade contemporânea, caracterizada por valores de juventude, saúde e beleza, o idoso poderá ser encarado como um ser ultrapassado, desgastado, desvalorizado, sem vitalidade(...).”*

De acordo com o entendimento do entrevistado, a velhice só começa a ser pensada a partir do momento que os limites impostos pelo tempo começam a dar sinais da sua presença. Assim, pode-se entender que mesmo numa instituição militar onde a disciplina geralmente é bastante rígida e as estratégias em todos os sentidos são expressivamente exigidas, não se pensou no oferecimento de um programa que pudesse desenvolver o sentido da educação para a velhice. Além do que, toda a experiência acumulada do bombeiro em enfrentar, e quase sempre vencer fatores de riscos e dificuldades também é esquecida.

Entrevistado

Delegado de Polícia Civil do Município de Palmas – PR.

O entrevistado como um dos representantes da segurança pública consegue de modo interessante fazer uma comparação entre o jovem e o idoso, afirmando que o jovem com todo o vigor, força e exuberância tem uma visão do horizonte encurtada, enquanto que a pessoa idosa, ainda que lhe falte

tais atributos, possui algo que o jovem não tem que é a visão ampla do conjunto por isso mesmo, deve permanecer ao lado do jovem orientando e direcionando seus passos com segurança. Entende desse modo que no conjunto da administração pública deveria existir um 'consultor com experiência' ao afirmar que: *“Então inclusive entendo dentro da administração pública que os mais idosos por terem mais experiência, por já terem percorrido determinado caminho, eles deveriam estar mais próximos, não só nas academias nos centros de formação dos jovens que estão ingressando na carreira para orienta-los não só tecnicamente, mas sobretudo a experiência. Porque às vezes, principalmente em academias de polícia, se ensina um conteúdo programático uma grade curricular muito técnica, mas muito distanciada da realidade. Isso aí é um fato. E falta muito o dia-a-dia, as experiências e orientações que possam enriquecer e dar mais segurança no exercício da profissão.”* De acordo com a visão do entrevistado, o termo velho deveria mudar porque acredita que o que envelhece é o corpo, e, a alma parte integrante do homem sempre se renova, nunca envelhece e também porque sente-se uma certa discriminação pelo tratamento velho às pessoas.

Ainda que tenha sido possível observar na fala do entrevistado o reconhecimento pessoal sobre os valores da pessoa idosa, também na instituição que representa não se percebeu a mesma valorização e reconhecimento ainda que saiba que as lições de vida podem servir positivamente na formação de outras pessoas. Fica a impressão que a sociedade encontra-se distante do aprendizado para a velhice, na medida que também envelhece.

De certo modo Schirmacher (2005, p. 73) corrobora este raciocínio atestando que: *“Há um envelhecimento biológico e há também um envelhecimento social. A partir do momento que a natureza começa a atacar – depois dos 40 anos –, a sociedade também ataca. E ela tem muita pressa, intervém à força em nossa vida e faz com que percamos o rumo. Traduzindo para a linguagem animal: ela rouba do homem seu status dentro do grupo para poder afugentá-lo mais facilmente.”*

Na verdade percebe-se que a seu modo, a sociedade deixa a impressão que de literalmente expulsar as pessoas da vida profissional e social com o evento da aposentadoria, período em que a pessoa encontra-se no auge da sua produtividade.

Entrevistado

Comandante da 15^a. Cia de Engenharia e Combate de Palmas – Pr.

É possível observar que a atividade física assume um caráter distinto e de relevada importância, bem como a adoção de hábitos e atitudes mais saudáveis no contexto militar. Assim sendo, de acordo com as declarações do entrevistado, percebe-se que reside nesse fator o diferencial positivo ao longo do processo de envelhecimento do ser humano, que ao adotar este estilo de vida também psicologicamente aceita com maior tranquilidade o fato de estar envelhecendo.

Destaca-se aqui a seguinte fala: *“Nós militares há uma preocupação muito grande com, principalmente com a parte física. Então semanalmente nós fazemos educação física e isso aí é em todas as idades. Enquanto a pessoa está na força armada, ela está fazendo educação física. Isso gera na pessoa, ou na maioria das pessoas, um hábito salutar de se exercitar. Vícios como por exemplo, cigarros e bebidas – existem militares que bebem bem socialmente – agora cigarros quase nenhum militar fuma, muito pouco militar fuma. Isso vai acarretar no futuro uma velhice na qual a pessoa vai ter uma qualidade, uma velhice, digamos, uma velhice saudável. Então os militares eu acho que se distinguem um pouco dos demais aí, fruto dessa necessidade do condicionamento físico e conseqüentemente a cabeça da pessoa quando chega lá no final da... quando se aposenta mantendo essa atividade física, ela mantém a atividade mental também.”*

Especificamente no que concerne ao entendimento da dimensão de saúde, entende-se que os fatores fundamentais descritos por Motta (1992) alimentação – fatores corporais – meio ambiente e fatores psicológicos estão

aqui devidamente ajustados uma vez que, no contexto militar parece ser recorrente a preocupação com todas estas instâncias.

Entretanto, o que chama mais a atenção é que pela primeira vez foi possível observar que a partir da aposentadoria, e, de acordo com a necessidade institucional a pessoa é re-contratada continuando dessa forma a prestar o seu serviço, e ainda, em todas os eventos o militar reformado é convidado para participar, inclusive, em algumas unidades militares há o carácter do associativismo entre o pessoal reformado que pode utilizar sem restrições, toda a parte logística e física dos quartéis como se percebe nesta fala do entrevistado: *“O exército, ele procura trazer o aposentado, que nos nosso caso é o militar que está na reserva, pra dentro do exército, fazendo atividades, abrindo os quartéis, então agente convida para almoçar com a gente, nas festividades que tem, nós chamamos o pessoal da reserva, abre-se o quartel para que se a pessoa quiser usar, por exemplo, nós fizemos um pista se a pessoa quiser vir caminhar aqui ou em lugares maiores onde existe uma concentração muito grande de pessoas na reserva, eles se associam formam as associações e eles fazem uma série de atividades paralelas até dentro da própria instituição. Fazem jantares, fazem passeios. Então o militar nesse aspecto aí, principalmente os que estão em locais que existem um maior número de militares da reserva possibilita que eles tenham uma velhice, digamos assim, mais ativa do que ficar meramente em casa sentado vendo televisão.”* Um pouco mais adiante continua informando: *“No aspecto de aproveitar o trabalho daquela pessoa que ficou ao longo de trinta anos exercendo a função aí, e os generais nossos eles ficam mais do que trinta anos, eles ficam mais de quarenta anos às vezes, então eles vão para a reserva com 60 e poucos anos, existe dentro da necessidade da força, a pessoa vai para a reserva e ela é contratada para executar serviços por tempo definido né.”* Parece mesmo que nesse caso, a verificação da crença social de que ao envelhecer nega-se à pessoa o direito do trabalho por considerar o aspecto da improdutividade é contraposto. Reconhece-se o valor da pessoa idosa aproveitando de todo o conhecimento e experiência adquirido ao longo do tempo, permite-se que ela continue ativamente produtiva, até porque o

trabalho reveste-se do sentido da capacidade de realização e por extensão, o ser humano reconhece-se como importante no contexto social que se encontra inserido. Para além disso, é importante sublinhar que nesse caso a plenitude e a dignidade humana foram respeitados como Cordeiro (2005, p.139) confirma: *“Plenitude é o resultado da dignidade humana diante do desvaliamento dos anos da velhice. Plenitude é a convicção de que a vida é digna de ser vivida até o seu limite (...).”*

É também expressivo o fato de que, na caserna entende-se que as ações que o ser humano realiza ao longo da sua vida laboral, passa a configurar-se com o sentido de educação permanente como se observa na afirmação do entrevistado: *“Não pode ser considerado uma regra. Pelo que eu vejo muitos dos militares levam o hábito adquirido no exército que acaba se tornando educação permanente mesmo, a pessoa que acaba não fazendo alguma coisa, alguma atividade física acaba se sentindo mal, e, eles levam isso para o dia-a-dia, mantendo as atividades até quanto podem, mantém esse hábito.”*

Entrevistado

Pastor da Igreja Universal do Reino de Deus

O entendimento do entrevistado passa pela reflexão da ausência dos valores que deveriam estar implícitos na figura da pessoa idosa. As dificuldades que cotidianamente os idosos enfrentam reforçadas quando declara: *“Olha a palavra ser velho, eu vejo da seguinte forma, nesse sentido é as pessoas que hoje, já deveria, quando a pessoa chega já a uma certa idade, deveria ter uma vida já feita. Porque eu me coloco no lugar deles quando jovem já trabalhou, já fez de tudo já com as suas forças e hoje já não tem mais aquela força que teve há anos atrás e era para ser diferente. Um pouco mais adiante continua informando: Hoje é uma dificuldade já uma pessoa de idade, para consultar se ele não tiver condição, ele tem de pegar fila, algo que não poderia ele podia ter acesso a qualquer momento de chegar em um hospital e ser atendido naquela mesma hora. Mas ele tem de levantar de madrugada.”* Na verdade o olhar que se tem atualmente em relação das pessoas idosas inseridas numa escala de valores, pode ser entendido a partir de Garcia (2004) a partir do quadro hierárquico que estabelece, e, nesse caso observa-se a quase total ausência dos valores éticos ou do bem em relação aos idosos.

De outro modo também é importante destacar o pensamento de Pereira (2004) afirmando que se vive em um momento de transição comandado por um movimento de contracultura que colocou em causa os valores industrializados e do crescimento.

Parece mesmo que por essa visão – ainda que não se compactue – ser possível buscar um entendimento das razões pelas quais a pessoa idosa tenha que enfrentar dificuldades imensas no seu cotidiano.

No que tange ao trabalho, o entendimento do entrevistado acredita que não é uma questão de valorização, mas sobretudo, uma questão de subsistência que remete as pessoas idosas a se submeterem muitas vezes na realização de esforços inumanos ao afirmar que: *“E a gente vê muito hoje, as*

peessoas já de idade tendo que trabalhar no que der, por exemplo, puxando carrinho para catar papel para complementar a renda, sofrendo e a sociedade poderia ver isso mas não vê. Quer dizer, o fim desse sofrimento passa na mente dele, se não tem solução então é melhor morrer.” Por fim, o entrevistado admite que a única solução não é outra senão confiar na superioridade divina do supremo criador, até porque na bíblia verifica-se a passagem de que seus personagens mesmo velhos viveram felizes e intensamente até os últimos dias.

Entrevistado

Pastor da Igreja Quadrangular

O entrevistado entende que o envelhecimento reveste-se de expressiva importância principalmente porque quem se encontra nesta fase da vida, certamente já formou uma família, e, em muitos casos continua sendo o sustentáculo da mesma em todos os sentidos.

De acordo com a compreensão da leitura que faz sobre os escritos bíblicos, Deus simboliza as pessoas velhas com a marca do poder, da majestade, da grandeza, da força e da primazia. Ao afirmar que a igreja que representa também procura dar a devida atenção às pessoas idosas, lembra que elas construíram ao longo do tempo um legado de ética, moral e bons costumes, além de terem criados e educado os filhos.

Por isso, reconhecendo tantos valores fundamentais, os idosos são convidados, por exemplo, para orientar os recém casados afirmando: *“(...) a Igreja do Evangelho Quadrangular ela também tem dado uma atenção especial às pessoas idosas porque elas são merecedoras. Elas já deixaram o legado de ética, de moral de bons costumes criando seus filhos educando seus filhos. Eles têm conhecimentos adquiridos através da própria vivência como os encontrada nos anais sagrados e que muitas vezes essas pessoas idosas elas são pessoas que tem condições de orientar os recém-casados, jovens e aqueles que estão começando os seus primeiros passos na sua vida, eles tem*

além do conhecimento, tem todas as habilidades vividas e aprendidas para mostrar o que é o correto, o que é o certo e o que é bom para a própria família de um modo geral.” Este sentido de valorização aqui expresso além de interessante, revela que a pessoa idosa pode ter muito mais a oferecer do que a partilha das experiências vividas, o que de certo modo já evidencia novas oportunidades para uma maior participação das pessoas idosas para a construção social. De fato, este raciocínio encontra-se consoante com Hesse (2003, p. 63) ao afirmar que: *“Nós, os velhos de cabelos brancos, temos, tal como nossos irmãos mais jovens, uma tarefa a cumprir, algo que confere um sentido à nossa existência; mesmo os moribundos e aqueles que estão doentes, à beira da morte, a cuja cama já mal consegue chegar uma invocação proveniente deste nosso mundo, têm um dever, têm algo de importante e indispensável para cumprir.”* Nota-se como sendo importante a oportunidade que se oferece às pessoas idosas, o que pode ser entendido na sociedade contemporânea como um fato raro. Assim – ainda que timidamente – percebe-se que em algumas instituições sociais a dimensão da velhice é sinalizada encaminhando-se para novos entendimentos sobre este fato da vida humana.

Entrevistado

Sr. Presidente da Câmara de Vereadores do Município de Palmas - PR.

Como legítimo representante do poder legislativo, a leitura que se faz das informações do entrevistado é que, as dificuldades que circundam o mundo político – principalmente se não se consegue atender de forma mais ou menos homogenia os interesses da classe – tornam-se obstáculos que literalmente podem inviabilizar a execução de projetos de modo genérico. Percebe-se este pensamento quando o entrevistado afirma: *“(...) o problema maior é que quando entra a politicagem aí o cidadão não consegue realizar suas metas, levar avante seus sonhos, seus ideais e seus projetos que visem realmente o bem-estar da população e principalmente das pessoas da terceira idade.”* Um pouco mais adiante o entrevistado concluí seu pensamento afirmando:

“Entramos na política imaginando que alguma coisa pudéssemos contribuir de uma forma favorável à nossa população à nossa gente. Uma vez chegando lá percebemos que as coisas se tornam muito bitoladas, os nossos projetos, os nossos ideais muitas vezes ficam entre quatro paredes e não conseguem exalar para fora para alcançar os seus reais objetivos. É uma situação que o Brasil inteiro vive na área política. As pessoas sérias, as pessoas honestas dificilmente conseguem fazer valer os seus ideais porque são a minoria. A corrupção, a maldade a puxação de tapete é constante, ameaças são constantes.”

Percebe-se que se os membros eleitos para representarem a população, considerados como os gestores do processo administrativo que deve contemplar o bem-estar e o melhor para a comunidade, encontrando-se aí a coletividade idosa, não conseguem estabelecer o cumprimento de metas capazes de satisfazerem tais princípios, e/ou, são de algum modo são impedidos na realização dessa tarefa, então o cidadão comum encontrará ainda mais e maiores impedimentos para tal.

Nesse sentido, pode-se alinhar o pensamento de Giddens (1999, p. 13:14) quando explicita: *“Nos nossos dias, parece que as idéias políticas perderam a sua capacidade de mobilização e os dirigentes políticos a capacidade de liderar. O debate político é dominado por preocupações acerca Do declínio dos padrões morais das disparidades crescentes entre ricos e pobres, dos apertos do estado-providência.”*

O processo de envelhecimento do ser humano na sociedade contemporânea encontra-se acompanhado de vários desafios implícitos no próprio contexto social, e, que somados com as dificuldades de ordem política aumentam ainda mais os obstáculos dificultando sensivelmente o dia-a-dia da população idosa.

B – Comunidade Palmense – Faixas Etárias Decenais.

Nesta segunda etapa do trabalho de campo nas 422 (quatrocentos e vinte e duas) entrevistas foram contempladas três grandes áreas com suas respectivas categorias:

1 – Ausências, Faltas ou Perdas / 2 – Valores Reconhecidos na Velhice; 3 – Visão Social Sobre a Pessoa Idosa.

GRADE DE CATEGORIZAÇÃO

1 – CATEGORIAS: AUSÊNCIA – FALTAS OU PERDAS	FREQÜÊNCIA
Ausência de cuidados: rampas/pisos seguros/escadas baixas	52
Ausência de Respeito ao idoso	45
Perda da beleza e estética	36
Perdas com o sentido da separação: asilamento e a morte	68
Ausência de: amor/carinho/segurança/paz/sossego e paciência	49
Falta dignidade/humanismo/trabalho/privacidade e atenção	50
Solidão e tristeza	22

GRADE DE CATEGORIZAÇÃO

2 – CATEGORIA: VALORES RECONHECIDOS NA VELHICE	FREQÜÊNCIA
Partilha da Sabedoria e Experiência	294
Consciência que envelhecerá	57
Envelhecimento como virtude	25
Continuidade das gerações	18
Aptidão física	28
Alegria e vida com intensidade	45
Importância social do velho e tratamento com igualdade	27
Reconhecimento familiar e orgulho de suas ações	34

GRADE DE CATEGORIZAÇÃO

3 – CATEGORIA: VISÃO SOCIAL SOBRE A PESSOA IDOSA	FREQÜÊNCIA
Limites funcionais / lentidão improdutividade	83
Chato, mal humorado e Dependente	82
Velho é ter idades entre: 50 e 60 anos / 70 e 80 anos	33
Esquecido / discriminado / negatividade e incomoda	30
Fragilidade na saúde – freqüência de visita médica	55

Em cada categoria foram agrupadas distinções e peculiaridades encontradas após, reiteradas e atenciosas leituras das respectivas entrevistas.

Quer parecer interessante também destacar, que se procurou contemplar as entrevistas de tal modo que abarcasse a expressiva maioria dos bairros do município de Palmas, Estado do Paraná. Além disso a amostra caracterizou-se em faixas etárias de dez em dez anos, portanto foi possível conhecer o que as pessoas pensam sobre a questão *O Que é Ser Velho?* a partir dos 10 até 70 anos de idade permitindo que a análise das respostas, fosse balizada em um campo de visão amplo, oportunizando as pessoas de várias fases da vida humana responderem a questão segundo a sua concepção. Diante de tais esclarecimentos, passa-se para a discussão e análise de cada uma das categorias reveladas.

1 – Ausências / Faltas ou Perdas

As entrevistas e seus recortes são importantes como fundamentos utilizados nas discussões e comentários. Assim, curiosamente a sociedade sabe que existem necessidades urgentes para serem satisfeitas no sentido de facilitar o acesso para a população idosa quando, por exemplo, na entrevista 14 afirma: *“O Brasil ainda não está habituado a receber pessoas idosas porque elas precisam de muito mais cuidados, mais cuidados do que as pessoas mais jovens. Agora vou citar alguns cuidados que os idosos precisam como: não deixar uma pessoa idosa sozinha que não consegue se locomover direito, se o idoso anda em cadeira de rodas é melhor não ter escadas, na sua casa o melhor seria corrimãos em que os idosos possam subir e descer, etc.”* Ou ainda, na entrevista 26 reconhecendo que: *“Para o velho ter forças, deve caminhar e subir escadas cuidando para não cair das escadas que são altas(...).”*

Entretanto, muito ainda há para se disponibilizar nesse sentido, e não só na adequação arquitetônica das escadas como também, verifica-se a ausência de rampas e pisos que definitivamente garantam maior segurança de deslocamento, principalmente na presença da umidade em dias chuvosos.

Raciocina-se na linha de que, as quedas das pessoas idosas geralmente provocam conseqüências dolorosas e danosas, às vezes, resultando em seqüelas permanentes. Além disso, os custos públicos com os setores responsáveis pela manutenção e preservação da saúde aumentam significativamente, e, não raras às vezes necessitando de suplementação orçamentária que geralmente encontra-se atrelada às instâncias burocráticas causando demora e lentidão no atendimento das pessoas.

Por outro lado, é também identificável que as dificuldades de acesso certamente também impedem a participação das pessoas idosas de modo mais intenso no mundo social. Aliás, este pensamento encontra-se alinhado com Giddens (2001, p. 146) que esclarece: *“(...) Uma das principais preocupações das pessoas idosas é conseguir a independência, liberdade de movimento e habilidade para participar do integralmente do mundo social.”*

De sorte que, a necessidade de adequação e adaptação dos ambientes que possam garantir mobilidade, segurança e trânsito para as pessoas idosas, entende-se ser totalmente pertinente ao chamamento de atenção, verificados por tais ausências no âmbito municipal pelos entrevistados.

Quando se verificam freqüências insistentes nos registros sobre a falta de respeito para com as pessoas idosas, como por exemplo, na entrevista 12 afirmando que: *“O idoso merece respeito”*; Entrevista 21: *“Jogam ali num canto e fazem de conta que ele nem existe. Respeito em primeiro lugar.”*; Entrevista 38: *“Eles sabem muito mais que nós jovens, por isso devemos tratar bem os idosos. E como nós podemos respeitá-los? Tratando com igualdade.”*; Entrevista 58: *“Ser velho é exigir respeito, ser respeitado(...) Muita gente pensa que depois que a pessoa fica velha não vale mais nada.”* Entrevista 203: *“Eu acho que ser velho é um privilégio porque já mais sábio e por merecer respeito.”*; Entrevista 226: *“(…) Se eu fosse velha, eu queria ser respeitada, porque tem muitos jovens que discriminam os velhos.”*; 304: *“Eu acho que os idosos precisam de respeito.”*

Raciocina-se no sentido de que a sociedade de fato, ainda precisa encontrar formas e meios para evidenciar definitivamente maior respeito para com as pessoas idosas.

Entende-se que o respeito independe da condição social e é requisito indispensável para que se possa reconhecer a dignidade do ser humano. Por este viés, fica a impressão de que a população idosa encontra-se destituída cada vez mais da sua dignidade. Podendo-se depreender então, que tal fato deve encontrar a sua raiz na falta de humanidade, o que aliás, fica bastante claro na leitura das entrevistas através das quais evoca-se o raciocínio de Sung (2002, p.48): *“Esta dificuldade em reconhecer a humanidade das vítimas dessas situações tem a ver com a dificuldade em diferenciar o lugar e o papel sociais destas pessoas da sua dignidade como ser humano e cada vez mais, as pessoas confundem a dignidade humana com o lugar social.”*

Na verdade as perdas que podem ser verificadas – e ainda que veladamente, a sociedade acaba admitindo – durante o processo de envelhecimento do ser humano são mesmo expressivas e em todos os sentidos.

A exortação pela corporeidade é também destacada concorrente na população idosa. Nessa dimensão as pessoas idosas são destituídas da plástica corporal através do tempo que sempre marca a sua passagem, com maior ou menor intensidade de modo ineroxável.

Portanto, o corpo do idoso não será o signatário do modelo requerido para a moda, para a expressão de beleza e sensualidade, como também, não atenderá a todas as demais exigências que possam satisfazer o ‘protótipo’ de ser humano da atualidade.

Nota-se nas entrevistas de n.ºs. 39: *“Daí vai enrugando a pele (...)”*; 35: *“É quando o corpo vai enrugando”* ; 65: *“Velho é aquela pessoa de cabelos brancos, rosto cansado.”* ; 76: *“Eu só desejo que quando eu ficar velha, fique sem rugas.”* ; 189: *“(...) só porque está velho e não tem mais o corpo jovem.”* ; 221: *“É não agüentar com o corpo(...)”* ; 354: *“(...) Que os idosos ocupem um lugar na sociedade digno, sem serem discriminados.”*; 269: *“Ser velho é uma pessoa que chega a uma certa idade de 50 a 60 anos e os cabelos vão branqueando, as mãos vão enrugando e o rosto também e o resto também,(...)”*

Percebe-se um certo ‘inconformismo’ das pessoas por não responderem – pelo menos em parte – aos padrões corporais estabelecidos pela própria sociedade. Assim, a procura pelas ‘cirurgias corretivas’ que na verdade podem ser comparadas como camuflagens efêmeras tem apresentado alto grau de adesividade por parte de boa parte das pessoas que teimosamente buscam driblar a passagem do tempo.

Nesse sentido, é importante enfatizar o pensamento de Bento (1995, p.210) que ao se reportar ao corpo no contexto social muito apropriadamente informa: *“Falo-vos do corpo ferido na sua dignidade (...) Do corpo atraído e pervertido na sua função histórica: utilitário e pragmático, violento, arrogante, agressivo e rude(...).”* Verifica-se portanto, que as agressões impetradas ao corpo – notadamente das pessoas idosas – atinge verdadeiramente o âmago dos valores humanos, ou seja, a sua dignidade.

De outro modo, nota-se também que Ribeiro (2004, p. 34) procura contextualizar o corpo do ser humano na sociedade contemporânea justamente focando a pessoa idosa quando afirma: *“Na sociedade contemporânea, caracterizada por valores de juventude, saúde e beleza, o idoso poderá ser encarado com um ser ultrapassado, desgastado, desvalorizado, sem vitalidade, isto é, a antítese do ideal de um corpo jovem, belo e saudável (...).”*

Por isso, nas re-leituras das entrevistas fica patenteado a preocupação das pessoas sobre a indiscutível transformação corporal que certamente haverá de acontecer, até porque de algum modo sabem que também certamente poderão ser alvo do mesmo sentido discriminatório.

Porém, o sentimento que abarcou a maior freqüência nos entrevistados na categoria da ausência / faltas ou perdas foi a separação entendida em duas situações: o asilamento e a morte conforme se verifica nas entrevistas de n.ºs. 227: *“(...)Ser velho é ser uma pessoa que com certeza está perto de morrer.”*; 232: *“(...) Muitos idosos vão para o um asilo e lá eles pensam em ter uma família.(...)”*; 270: *“É quando uma pessoa nova vai envelhecendo, aí fica idoso ou idosa e aí chega uma hora que morre.”*; 297: *“Velho é aquela pessoa que chega numa idade avançada porque pode morrer.”*; 309: *“(...) e o lado em que a família se desfaz dele como se fosse um objeto, colocando-o no asilo.(...)”*;

312: “(...) *E pelo lado ruim os velhos ficam abandonados sem família e vão para o asilo e ficam lá para sempre.*”; 343: “(...) *alguns são abandonados pelas famílias em asilos (...).*”; 23: “*Ser velho é morrer logo.*”

De fato é possível verificar que há na sociedade atual, abrigos, clínicas e casas destinadas exclusivamente a oferecer cuidados especializados para as pessoas idosas. Assim, reconhece-se que por vezes pode mesmo ser imperiosa a transferência do idoso para estes lugares. Porém, seria importante que a família ao buscar conforto, segurança e melhor atendimento pessoal ao idoso também não se distanciasse dele, e, muitas vezes não só se distancia, como também aquela pessoa idosa é literalmente esquecida, conforme se pode perceber nas falas dos entrevistados.

Por outro lado, é interessante observar que na velhice de acordo com o pensamento dos entrevistados, se estabelece uma ligação com a doença e com a morte. Fica a impressão que de algum modo, associa-se o envelhecimento humano como sendo uma doença e também com o significado da terminalidade existencial.

É como se a partir do reconhecimento de que se é velho, ou, se está velho daí em diante qualquer momento poderá ser derradeiro. Talvez sejam estas algumas das razões para as pessoas resistirem ao convite para a reflexão sobre o fato de que estão mesmo envelhecendo na medida que o tempo passa. Aliás, nessa linha de pensamento comunga-se com Santiago (1999, p. 32) que enfatiza: “(...) *O tempo para o homem, não tem exterior. E ao tentar postergá-lo, tenta escapar à sua própria inexorabilidade, na ilusão de escapar à morte.*”

Foi também percebido nas respostas dos entrevistados que a velhice é entendida como um período de ausência de amor, de carinho, segurança, paz sossego e paciência.

Pode-se observar nas entrevistas identificadas com os números: 31 “*Amor e carinho nós devemos dar em primeiro lugar, não tratar mas os velhinhos (...) ter paciência (...) tratar com alegria e amor assim eles terão um pouco mais de vida.*”; 86: “(...) *Ser velho é ser paciente, brincalhão e muito sincero (...).*”; 12: “*O idoso, precisa de cuidado especial. O idoso merece amor,*

carinho e muita atenção.”; 15: “*O idoso precisa de amor, carinho e muita compreensão.*”

Na verdade quando se confirma reiteradamente que ao velho deve se atribuir, respeito, amor, carinho, segurança, paz sossego e paciência; entende-se que tais pressupostos estão muito timidamente partilhados, ou, existe uma ausência expressiva dos mesmos.

Muito especialmente ao conceito de segurança, entende-se que o mesmo se encontra ancorado em pelos menos três situações no contexto social vigente para a população idosa: a) os serviços prestados pela saúde pública de modo geral, não conseguem atender plenamente as necessidades das pessoas idosas, como por exemplo, agendamento de consultas médicas normalmente exige da pessoa idosa, enfrentamento em filas que se estendem até altas horas da noite para o recebimento de uma senha.

Portando a senha, aquela pessoa dificilmente agendará sua consulta para períodos não inferiores a uma semana mais tarde. b) Associar-se a planos de saúde particulares representa outro problema significativo porque os custos das mensalidades decorrentes da prestação deste serviço, geralmente não podem ser cobertos pelos idosos em função do baixo poder aquisitivo dos mesmos, e, c) as aposentadorias contempladas para a maioria da população idosa dificilmente alcançam 02 (dois) salários mínimos vigentes no país. Por extensão, o sistema previdenciário também se encontra muito próximo de um colapso financeiro, de sorte que as possíveis soluções objetivando melhorar o dia-a-dia da população idosa parece mesmo encontrar-se ainda distante.

Por isso, concorda-se com a afirmação de Leite (1990, p. 231): “*Além da juventude, há um novo grupo que também está sendo marginalizado nas sociedades modernas, os velhos.*”

Entende-se que ao considerar o aumento da esperança de vida para o ser humano, de algum modo se deve também oportunizar as pessoas idosas viver de forma mais independente, digna e reconhedora dos valores forjados e arraigados no ser humano idoso, e isto, parece ser uma tarefa que a rigor a sociedade já deveria ter cumprido.

De igual modo os entrevistados revelam que na população idosa constata-se a falta de dignidade, humanismo e trabalho, bem como, privacidade e atenção e que, geralmente nota-se nas pessoas idosas a presença da solidão e da tristeza.

Por certo os entrevistados ao reconhecerem as faltas e/ou omissões sociais com relação às pessoas idosas, percebem que de fato as queixas dos mesmos estão revestidas de plena razão, começando pelas formas de tratamento que deveriam ser em níveis de igualdade, entretanto, não é nem isso que se verifica, na medida que os velhos – na maioria das vezes – recebem tratamento quase que infantil, lhe é negado também o respeito, a dignidade, o direito ao trabalho e à privacidade. Garcia (1999) afirma que a tendência é mesmo associar a velhice com a decadência.

Então, não será causa de maiores surpresas a identificação de que paira o ‘descompromisso’ da sociedade e também da própria família, não só na ausência do reconhecimento dos valores, das capacidades e da importância da pessoa idosa, como também, na omissão para oportunizar a população idosa evidenciar suas aptidões e propósitos em relação a sociedade atual.

Não se deve esquecer que os desgastes no organismo humano, resultado da passagem natural do tempo estabelecem limites, porém, jamais determinam a incapacidade.

Verifica-se nas entrevistas de n.ºs.: 85: “(...) *Velhos ainda podem produzir e fazer muitas coisas que poucas pessoas novas fazem (...)*”; 93: “*Pessoas que precisam de cuidados especiais (...)*”; 127: “*Ser velho é ser uma pessoa sem energia (...)*”; 210: “*Ser velho é a pessoa que não dá valor à vida, por exemplo, não estuda, não trabalha (...)*”; 214: “*(...) É ficar em casa. É ter a memória meio desligada das coisas deste mundo.*”; 251: “*Ser velho é uma pessoa sem preocupação, porque trabalhou a vida inteira e chega a hora de descansar(...)*”; 261: “*É uma pessoa acomodada, que acha que quando chega na terceira idade a vida não tem mais sentido, para por ali (...)*” que de fato há uma tendência na confirmação do pressuposto que a sociedade preconiza, ou seja, a pessoa idosa por certo não apresenta mais condições para o trabalho, e, a seu modo arrebatada a oportunidade para continuar a contribuir nesta

mesma sociedade que determinou o impedimento ao trabalho, no momento da aposentadoria.

Finalmente, é preciso ainda discorrer sobre duas instâncias consideradas como companheiras inseparáveis, solidão e tristeza.

A solidão que provoca a tristeza nas pessoas idosas – segundo a ciência médica através de seu ramo da psiquiatria informa – que é possível pelo aprofundamento deste sentimento constatar-se a instalação de desordens fisiológicas e psicológicas que, podem apresentar sérias dificuldades para a saúde do ser humano.

Os entrevistados relatam pontos interessantes que podem servir para refletir um pouco mais sobre a questão da solidão e da tristeza durante o processo de envelhecimento do ser humano de tal modo que, é possível depreender que tais dimensões estão presentes no cotidiano de muitas pessoas que vivem, ou, encontram-se bem próximas do envelhecimento.

Em alguns recortes das entrevistas pode-se observar: Entrevista 16: “(...) *Tem filhos que crescem, vão todos embora e colocam seus pais no asilo, não vão visitar, se esquecem que eles existem e falando, falando que eles não são obrigados a cuidar de ninguém (...).*” Entrevista 27: “(...) *Eles colocam os velhos no asilo esquecem que tem uma família, quando o natal eles ficam trancados lá sem diversão e também quando chega a páscoa eles ficam tristes porque ninguém vai visitá-los (...).*” Entrevista 58: *Uma pessoa quando fica velho às vezes perde o carinho, o respeito da família. Às vezes vão para asilos e casas de caridade para não ficarem na rua.*”; Entrevista 92: *“É ser uma pessoa esquecida que a família já nem lembra mais.”*; Entrevista 208: *“Velho é ser afastado das pessoas (...).”*; Entrevista 236: *“ (...) Ser velho não é preciso que eles sejam esquecidos (...).”*

Os registros aqui destacados, certamente podem confirmar boa parte das queixas existentes entre as pessoas idosas apontando como sendo a principal delas, a falta de comunicação. De outro modo, Martos (2004) reportando-se sobre a solidão, afirma que uma pessoa nesse estado não poderá ter uma alimentação equilibrada, não praticará uma atividade física

adequada e também, pelo fato de não se comunicar com outras pessoas, irá como que sumindo na desesperança do silêncio e da solidão propriamente dito.

2 – Valores Reconhecidos na Velhice

É importante sublinhar que os valores evidenciados nesta segunda grade de categorização – assim como as ausências ordenadas na primeira grade – retratam aquilo que os entrevistados entendem, ou, parecem entender sobre o desenvolvimento do processo de envelhecimento do ser humano, ancorando nesta fase da existência das pessoas aquilo que configuram como qualidades, tanto positivas quanto negativas.

Ao reconhecer que a velhice representa a derradeira etapa da vida humana, o homem evidencia um paradoxo na medida que, ao deixar transparecer medo e resistência ao processo de envelhecimento, também deseja alcançar a maior longevidade possível ciente de que, só assim conseguirá viver por mais tempo.

Nessa dimensão, foi possível verificar que os entrevistados compreendem ser a partilha da sabedoria e da experiência, o maior e mais importante valor que a pessoa idosa de fato possui. Assim, entre as 294 (duzentas e noventa e quatro) freqüências levantadas nas 422 (quatrocentos e vinte e duas) entrevistas coletadas, pretende-se destacar recortes destas falas que por certo, sustentarão as discussões pertinente ao tema.

Entrevista 44: *“É ser uma pessoa vivida, madura, que sabe o que é certo e o que é errado. É uma pessoa que sabe como o mundo é.”*; Entrevista 58: *“(…) Ser velho é passar suas experiências para quem já está começando a vida.”*; Entrevista 62: *“Ser velho é ser uma pessoa com experiência na vida, é saber enfrentar a vida de frente, é saber o caminho do certo e do errado (…).”*; Entrevista 63: *“Ser velho é ser um cidadão vivido, cheio de experiências e sabedoria (…).”*; Entrevista 66: *“É ser experiente, saber das coisas que devem ou não fazer, sejam elas boas ou ruins (…).”*; Entrevista 120: *“Ter passado por um longo caminho para depois contar tudo que já viveu (…).”*; 155: *“É ser experiente na vida. É ter resistido a cada obstáculo da vida (…).”*; 156: *“É uma pessoa que viveu bem a vida de sobra e tem muita experiência do mundo.”*;

Entrevista 186: *“É ser uma pessoa que já é experiente e que já viveu muito e já nos ensinou o que queremos saber (...).”*; Entrevista 249: *“Ser velho é ser uma pessoa que adquiriu um bom tempo de sua vida experiências, conhecimentos e outras coisas (...).”*; Entrevista 263: *“Para mim ser velho é ser mais experiente apesar do desrespeito que existe com as pessoas idosas de um modo geral (...).”*; Entrevista 276: *“ (...) Que já aprendeu tudo sobre a vida e que pretende ensinar tudo isso para seus filhos, seus netos, seus bisnetos. É a pessoa mais sábia da família (...).”*; Entrevista 325: *“É ter mais experiência de vida, só que com mais dificuldades no seu dia-a-dia.”*; Entrevista 346: *“É ter muita experiência de vida e aconselhar os jovens de hoje.”*; Entrevista 388: *“É uma pessoa vivida, experiente e que pode vir a ensinar muita coisa para os jovens (...).”*; Entrevista 415: *“ (...) Ser velha trás para os novos a experiência para dizer aos jovens (...).”*; Entrevista 422: *“Tenho 67 anos e ser velha é ser vivida e com muita experiência para ensinar e ajudar as pessoas que precisam aprender mais.”*

Como se percebe, o estabelecimento de mérito no envelhecimento é largamente difundido pela: sabedoria e experiência, valores que a pessoa – segundo o entendimento dos entrevistados – vai adquirindo ao longo do tempo.

Entretanto, fica uma sensação de curiosidade porque ao verificar que não raras às vezes, valores nobres como a sabedoria e a experiência são estabelecidos e relacionados no processo de envelhecimento do ser humano, percebe-se também um paradoxo, o qual seja, se o saber e a experiência são de fato tão importantes, por que na sociedade contemporânea a pessoa idosa reconhecida como sábia e experiente, raramente é reconhecida e respeitada como tal?

Partindo do pressuposto de que a velhice é a representação de um legado, parece ser de fato muito importante distinguir a diferença de sabedoria com inteligência, e, valendo-se disso evidenciar uma das inúmeras virtudes e dos inúmeros valores do idoso, porque a sabedoria pode ser entendida genericamente como a capacidade de resolução de problemas da vida real, diferenciando-se profundamente da capacidade de apenas ‘solvê-los’.

Então, é provável que esteja configurada nesta instância, a capacidade que o idoso apresenta em determinar um ponto de encontro entre forças conflitantes transfiguradas entre outras situações, nas camadas mais 'jovens'. Por extensão, entende-se como um outro significado da sabedoria tão expressivamente caracterizada na pessoa idosa, a real existência da fonte onde podem ser encontrados os melhores conselhos e as mais ricas indicações, quase sempre integralmente seguras para o sucesso dos mais 'jovens'. Para além disso, pode-se mesmo corroborar tais reconhecimentos nas pessoas idosas estabelecendo uma comparação entre a sabedoria e velhice com o provérbio africano que afirma: *“Quando morre um velho, desaparece uma biblioteca.”*

Até onde foi possível perceber na leitura das entrevistas, constata-se que o ser humano procura não pensar e refletir mais pontuadamente, mas sabe que envelhecerá e por extensão, admite que o envelhecer é mesmo uma virtude.

Assim verifica-se nas entrevistas a seguir. Entrevista 05: *“(...) Todo mundo vai ficar velho (...)”*; Entrevista 08: *m “(...) Porque quando nós ficamos velhos, é claro que vamos precisar de certos cuidados.”*; Entrevista 11: *(...) Mas quando nós crescermos nós vamos ser velhas (...)”*; Entrevista 20: *“ (...) Você também vai ficar velho e chato (...)”*; Entrevista 38: *“ (...) Agente não tem a mesma sabedoria que eles porque eles já viveram muito mais do que nós. Eles sabem muito mais que nós jovens (...)”*; Entrevista 44: *“ (...) É uma pessoa capacitada que devemos nos orgulhar porque um dia também seremos.”*; Entrevista 57: *“(...) Mais além de tudo, velho todo mundo vai ficar né, se conseguir (...)”*; Entrevista 60: *“(...) Por ser mais velho, sabe mais. Com o tempo agente envelhece e fico idoso, mas por isso não deixa de ser gente.”*; Entrevista 62: *“(...) Hoje somos jovens, adolescentes, mas ficaremos velhos um dia (...)”*; Entrevista 67: *“ (...) Algumas pessoas tem preconceito com isso. Eu acho uma bobeira pois um dia todos vamos ficar velhos.”*; Entrevista 76: *(...) Eu acho que um dia todos tem que ficar velho, nem que não queira mas com o tempo fica (...)”*

Importante é verificar que começa haver a consciência de que os novos também envelhecerão, o que até certo ponto redimensiona o pensamento de que envelhecer é só para alguns. Ancorado nesse raciocínio, percebe-se que mesmo timidamente, também se constata que ao envelhecer mais intensamente o ser humano agrega valores. Assim, entende-se que ficou densa a idéia de que, é mesmo preciso desenvolver programas que contemple a educação para a velhice objetivando ampliar os conhecimentos sobre esta fase da vida humana, até porque, em razão deste acentuado desconhecimento surge – quase que sempre – a intolerância entre jovens e idosos.

De forma que se acredita que a tolerância representa a aceitação do viver do ser humano – e notadamente do idoso – sustentado pelas suas convicções, e, até onde se pode entender parece mesmo existir em relação às pessoas idosas certas discrepâncias no tratamento que os mais jovens dispensam. Naturalmente que nesse sentido, fica claro que o exercício da tolerância, poderá contribuir para possíveis ajustes de ordem pessoal e interpessoal fundamentado, sobretudo, pelo respeito e pelo diálogo.

De igual modo é interessante observar que no universo das entrevistas, por inúmeras oportunidades foi evidenciada a importância da pessoa idosa no que concerne a continuidade das gerações. Assim, se nota nos recortes das falas como: Entrevista 22: “(...), nós também não teríamos nascido, por isso nós temos que dar valor para ele ou para ela.”; Entrevista 87: “Ser velho é ser experiente, cuidadoso e atencioso. Saber melhor dos antepassados (...).”; Entrevista 96: “(...) é a contribuição de você existiu (...).”; Entrevista 181: “(...) É ser vovô, bisavô, tataravô. (...).”; Entrevista 235: “(...) uma pessoa que já formou a família e já tem netos (...).”; Entrevista 362: “Ser velho é construir uma história para aqueles que serão o futuro como: filhos, netos e outras gerações mais novas.”; Entrevista 394: “Ser velho é passar mais anos e formar família (...).”; Entrevista 419: “(...) e graças a Deus consegui superar tudo isso e hoje sou feliz pois criei cinco filhos e tenho netos muito lindos, (...).”

No contexto social contemporâneo é bastante raro observar a concordância deste pressuposto relacionando-o com as pessoas idosas. Por outro lado, as preocupações demográficas evidenciadas na sociedade

pertinentes a necessidade da renovação populacional, parece que estão muito mais centradas pela manutenção e elevação da força produtiva – uma vez que, ao aposentar-se a pessoa deixa de fazer parte do mundo trabalhista – assim, esquece-se de que de certo modo, preservar as gerações também pode ser considerado como o resultado dos cuidados, atenção e orientações que as pessoas mais velhas oferecem aos mais jovens – desde o nascimento – que, crescendo e se desenvolvendo saudavelmente alcançam níveis gerais de aptidão física e psíquica, capazes de contribuir com a sociedade que integram.

Outro ponto destacado nas entrevistas com relação aos idosos, foi a exortação pela atividade física e pela vida com mais intensidade, conforme se observa nos recortes a seguir. Entrevista 69: “(...) *Podem fazer tudo o que uma pessoa mais jovem faz, por exemplo, jogar uma bolinha, fazer esportes e tudo o que ele acha que seja melhor para si mesmo (...).*”; Entrevista 84: “(...) *Ser velho é saber aproveitar a vida e não matar a vida velha (...).*”; Entrevista 173: “(...) *Os velhos hoje podem jogar vôlei, dançar, passear e muitas outras coisas, é ser feliz.*”; Entrevista 281: “(...) *Uns podem corre, andar de bicicleta, mais outros não.*”; Entrevista 335: “(...) *Por isso existem muitos jovens velhos e muitos idosos jovens. Jovens na alma, no trabalho, no esporte, nos estudos, enfim, no seu dia-a-dia.*”; Entrevista 355: “*Ser velho é desfrutar tudo de bom que a vida nos oferece (...). Mas acima de tudo é curtir até o fim dos seus dias*”.

Pode-se considerar confortante perceber que as pessoas mais jovens consolidam a consciência de que, o ser humano em processo de envelhecimento não representa a fraqueza, o cansaço e tampouco a fragilidade – ainda que se saiba que alguns limites em decorrência do passar do tempo, podem tornar a realização das atividades um pouco mais lenta – o que confirma a real capacidade das pessoas a partir dos 65 anos de idade, estarem ativas, capazes, eficazes e produtivas.

Diante disso, concorda-se com Schirrmacher (2005) que postula a existência de novos calendários de longevidade, assim como auto-imagens fortes de pessoas idosas evocando o sentido de que, o envelhecimento do ser humano produz mudanças e jamais poderá ser entendido como fatalidade.

Por outro lado, verificou-se que na população entrevistada também houve a preocupação de se evidenciar a importância social do velho, associada ao oferecimento de tratamento mais igualitário, e, deixando do mesmo modo expresso o reconhecimento familiar pelas suas realizações de acordo com as seguintes afirmações; Entrevista 47: *“Ser velho é um bem precioso. É ter coragem de encarar a vida (...).”*; Entrevista 72: *(...) Pessoas que viram acontecer o bom e o ruim quando nasceu e foi acompanhando o mundo que vive (...).”*; Entrevista 75: *“Ser uma pessoa velha significa para mim, que a pessoa viveu muito, que a pessoa idosa é uma pessoa como qualquer outra só com algumas diferenças. Merece ser respeitado (...).”*; Entrevista 84: *“Ser velho é uma pessoa que valorizou a vida e que ainda vive e que, ainda sabe viver. Que sente saudades dos tempos de jovem (...) se orgulha de ser um jovem velho.(...) Jovens e velhos uma vida de honra.”*; Entrevista 90: *“A velhice é ter maturidade, levar as coisas mais a sério (...) Eu tenho muito orgulho das pessoas idosas que por eles nós vamos em frente.”*; Entrevista 198: *“Ser uma pessoa normal. Ser velho é ser mais feliz por tudo o que você já aprendeu antes. (...) Ser velho é ser sempre uma pessoa melhor.”*; Entrevista 255: *“(…) Eles nos mostram uma energia, a vontade de viver e passam para os mais jovens muitas experiências(…)”*; Entrevista 324: *“(…) Temos que viver com honestidade e com sabedoria para quando, ficarmos velhos termos o que ensinar para os futuros descendentes que vem aí.”*

Certamente que muitas pessoas idosas podem, sem qualquer sombra de dúvidas, oferecer a própria existência como exemplo às pessoas mais novas. Entende-se este fato não apenas como uma forma de comprovar a importância dos idosos no contexto social, mas sobretudo, porque ao longo do tempo eles souberam acalentar valores humanos com tamanha intensidade, que marcam a sua passagem em definitivo.

Aliás, nesse sentido raciocina-se que talvez a única maneira de se tornar eterno, é mesmo vivendo intensamente sob a luz dos mais nobres valores humanos, como por exemplo, honestidade, dignidade, honra, verdade entre outros.

Com referência às formas de tratamento para com as pessoas idosas, percebe-se justas reclamações por parte delas no que diz respeito a: tom de voz diferente que lembra muito a abordagem própria para crianças, modos de chamar a atenção e de elogiar, ou ainda, formas de apresentação.

O que se percebeu é que as pessoas idosas desejam imensamente serem tratadas com igualdade, sem distinções. Até porque, são seres humanos iguais a qualquer outro. Entendem que também por isso, muitas vezes seus direitos são negligenciados e/ou, não observados como deveria servindo como exemplo o direito ao trabalho, direito à saúde, direito à moradia, direito a uma aposentadoria digna, etc.

Por último, quer parecer importante enfatizar já ser possível perceber que no município de Palmas, Estado do Paraná o entendimento sobre os valores reconhecidos pelas pessoas mais jovens, referente ao processo de envelhecimento do ser humano começam a ser revistos, o que não deixa de representar um fato significativo e alentador.

3 – Visão Social Sobre a Pessoa Idosa

Nesta última grade de categorização referente as 422 (quatrocentos e vinte e duas) entrevistas coletadas no município de Palmas, Estado do Paraná, tem-se o entendimento sobre o que representam as pessoas idosas no contexto social.

Assim, a partir do pensamento dos entrevistados foi possível identificar que a maior frequência nesta categoria foi: limites funcionais, lentidão e improdutividade como se observa nos recortes a seguir: Entrevista 05: *“(...) só que ele não pode fazer muito esforço, não podem andar muito rápido (...)”*; Entrevista 22: *“Ser velho é ser uma pessoa muito fraca, que tem dificuldade de caminhar e não é muito boa de saúde (...)”*; Entrevista 27: *“Quando a pessoa adulta é nova e fica velha, enfraquece e os ossos também vão ficando fraco(...)”*; Entrevista 57: *“Ser velho é ser mais de idade, ser mais lento, ser mais devagar. Faz as coisas lenta portanto, quando a pessoa é mais jovem ela é mais rápida e o velho já está cansado do que já fez (...)”*; Entrevista 82: *“Velho é ser idoso, levava a vida leve, um vida com pouco trabalho ganhando*

pouco dinheiro.”; Entrevista 95: “(...) *Ser velho é ter dificuldades para algumas coisas (...).*”; Entrevista 108: “(...) *É ser julgado como uma pessoa que não tem possibilidade de fazer nada.*”; Entrevista 111: “*Ser velho é uma pessoa mais fraca, mais frágil. Não consegue fazer as atividades como os jovens.*”; Entrevista 127: “*Ser velho é ser uma pessoa sem energia (...).*”

Como se observa, prevalece a manutenção da idéia de que velhice significa incapacidade e limitações bem expressivas. Por isso, a afirmação de Schirmacher (2005, p.4) se encontra respaldada ao chamara a atenção de que: “(...) *Raramente uma sociedade pôde dizer com tanta clareza como a nossa: temos de aprender a envelhecer nos próximos 30 anos de uma maneira nova ou, então, cada, e, todo o indivíduo da sociedade será punido financeiramente, social e emocionalmente (...).*” Na verdade fica evidenciado o fato da sociedade arrebatara da pessoa idosa aquilo que é da maior importância para a continuidade da sua vida: a autoconfiança.

A pessoa idosa paulatinamente parece estar sendo destituída da condição de ser humano, e por extensão deixa de exercer o seu importante papel social como sujeito participante.

Por outro lado, também se concorda com Bruno (2003) quando declara que se vive numa cultura que instituiu ser ‘vergonha’ declarar a idade cronológica e que, cada vez mais se assiste aos apelos da mídia que oferece produtos capazes de ‘exorcizar o fantasma da velhice’. Portanto, o estabelecimento de parâmetros desiguais impossibilita maiores oportunidades para a população idosa.

Par além disso é mesmo importante reiterar que na medida que o tempo avança, é possível de ser percebido o surgimento de limitações para o ser humano, o que não o torna parcial e/ou totalmente ‘incapaz’. Ou seja, continua estando apto para o cumprimento das ações cotidianas tanto pessoais quanto profissionais.

Na continuidade, verificou-se que os entrevistados entendem que a pessoa idosa seja chata, mal humorada e dependente, sendo por isso mesmo a causadora de transtornos e incômodo para as pessoas mais jovens.

Isto é possível constatar através das seguintes falas:

Entrevista 07: *“Ser velho é muito ruim de cuidar deles porque eles querem tudo na mão (...)”*; Entrevista 20: *“Ser velho é chato. Se você chega na casa de um idoso você pode até reparar que ele é muito chato quando alguém mexe em alguma coisa(...)”*; Entrevista 21: *“Geralmente o velho fica chato, exigente e não gosta de barulho. (...) Quando alguém fica bem velho volta a ser criança, tem que dar banho, comida ajudar a se levantar (...)”*; Entrevista 31: *“(...) Na minha opinião ser velho deve dar muito trabalho, dar a atenção do mundo, ficar ao seu lado todas as horas (...)”*; Entrevista 71: *“(...) Uma pessoa que depende dos outros (...)”*; Entrevista 80: *“É depender um pouco mais de ajuda (...)”*; Entrevista 119: *“Ser velho é uma coisa que agente vai ficando velho, e agente vai ficando fraco e fica chato e rabugento. É ruim ser velho.”*; Entrevista 139: *“(...) A velhice às vezes estraga uma pessoa, deixa sem forças, resmungona, deixa chata, etc.(...)”*; Entrevista 143: *“Ser velho é muito chato para as pessoas mais novas. Eu nunca quero ser velha, queria ser nova o resto da minha vida.”*; Entrevista 148: *“É rabugice. A minha mãe quando se estressa é muita chata (...)”*; Entrevista 150: *“É chato. É tomar remédio. É ir no posto de saúde tomar vacina. É ter cabelos brancos. É andar devagar.”*; Entrevista 160: *“Ser velho é muito chato. Vai ao médico, toma remédio (...)”*; Entrevista 299: *“Ser velho é ser uma pessoa idosa que precisará de nossa ajuda (...)”*

Na releitura das entrevistas fica bastante caracterizado que se corrobora o sentido da exclusão do idoso na sociedade contemporânea na afirmação de Grande (1994) entendendo que este fato representa a rejeição do passado, onde aliás, estão calcadas as raízes do presente, e, de igual modo Garcia – em trabalho de orientação – afirma que a pessoa idosa, pode mesmo estar exposta a comentários discriminatórios.

Na verdade o fenômeno do envelhecimento humano pode ser entendido de forma multifacetada onde são encontrados fatores individuais, grupais e sócio-culturais, abarcando nesse universo a família, a saúde, a classe social, a etnia, o gênero, as condições econômicas entre tantos outros. Porém, ser velho constitui-se essencialmente como resultado de um processo de vida. Assim, numa sociedade que exalta valores da juventude, o velho sente-se mesmo dispensável. Mas, os entrevistados de certa maneira acabam por reforçar os

propósitos de uma sociedade onde, o ser humano é valorizado na proporção da sua capacidade de produzir bens.

Curioso foi constatar que os entrevistados em relação à cronologia que determina o início do processo de envelhecimento no ser humano, manifestaram diferentes entendimentos. Percebe-se nos recortes as oscilações de tempo. Entrevista 60: *“Ser velho é um idoso que tem mais de 60 anos (...).”*; Entrevista 89: *“Para mim ser velho, não é chegar ao fim da vida, mas sim, chegar aos 60, 70, 80 ... e ser feliz ainda.”*; Entrevista 104: *“Ser velho para mim é passar dos 50 anos. Por isso mesmo tem que aproveitar bastante (...).”*; Entrevista 218: *“Ser velho é ter um pouco mais de 50 ou 60 anos (...).”*; Entrevista 224: *“Velho é aquela pessoa que já passou dos 70 anos. Para fazer o que quiser pode ter 50, 50, 60 anos (...).”*; Entrevista 244: *“É uma pessoa com idade avançada, acima dos seus 60 anos (...).”*; Entrevista 268: *“É uma pessoa que chega a uma certa idade de 40 a 50 anos e começa a envelhecer, os cabelos começam a ficar brancos (...).”*; Entrevista 316: *“(...) Depois chegamos ao 50 / 60 anos que é o tempo de refletir o que de bom fizemos, quantas barreiras passamos, quantos desafios vencemos e chegamos na maioria (...).”*

Nesse sentido é importante não esquecer de duas situações. A primeira é que parece mesmo não existir um ponto determinado onde seja possível se afirmar que a pessoa entra na fase do envelhecimento, ou seja, fica velha; e, a segunda é que a idade cronológica entende-se que além de inexata, seja também arbitrária, por isso não será certamente que a partir de um número se possa por si só definir e designar uma faixa etária.

Por outro lado, estudos já desenvolvidos por Mosquera (1987), Pikunas (1981) e Pedro (2003) admitem uma divisão entre as pessoas adultas em: idosos jovens e idosos velhos. Entretanto, nem por isso ainda é possível verificar o estabelecimento de concordâncias nas faixas etárias.

Na verdade o que se deseja explicitar, é que independentemente de como possam ser rotuladas as pessoas, os sinais de envelhecimento não irão deixar de revelar as suas marcas. Para além disso, Goffman (1988) afirma que

a sociedade estabelece meios para categorizar as pessoas, bem como o total de atributos considerados naturais a determinada categoria.

Ainda de acordo com o pensamento dos entrevistados a respeito da visão social sobre a pessoa idosa, incluso na terceira grade de categorização verificam-se duas situações específicas. A primeira que se reporta ao esquecimento, discriminação, negatividade e incômodo; e, a segunda que trata sobre a fragilidade na saúde e as freqüências das visitas ao médico. Assim então nos recortes destacados das entrevistas é possível identificar estes registros. Entrevista 123: *“É ser feio sem dente, caduco, burro. É arrumar a dentadura. Ficar escutando música velha e ficar sem fazer nada o dia inteiro.”*; Entrevista 127: *“(…) No mundo há preconceitos com os idosos (…).”*; Entrevista 137: *(…) É não ter dentes, ter que usar chapéu.”*; Entrevista 144: *“É quando começa a tomar bastante remédio e reclamar da vida.”*; Entrevista 146: *“É ter que tomar remédios, estar com reumatismo, ser ranzinza, caducar, xingar, ser maluca, por qualquer coisa estar loqueando, chorar sem motivos, ficar brava, morar só, não fazer nada sobre serviços, não ler, não escrever, etc.”*; Entrevista 158: *“Velho é quando a pessoa fica com os cabelos brancos e sem força para andar e tem que ficar na casa dos filhos, e geralmente com a cunhada que não gosta de ficar com a sogra, porque tem que fazer as coisas para velho (…).”*; Entrevista 227: *“Ser velho é ser idoso, uma pessoa que ninguém gosta. Idoso é ser uma pessoa de idade avançada, por isso ninguém gosta, só desprezam. Ser velho é ser uma pessoa que com certeza está perto de morrer.”*; Entrevista 246: *“(…) Muitas vezes pensamos que ser velho é estar de cabelos brancos e imprestável (…).”*; Entrevista 282: *“Ser velho é muito ruim porque velho tem muito mais problemas, doenças sérias como diabete e aids.”*; Entrevista 380: *“Ser velho significa perder a juventude para às vezes, ser abandonado pelos filhos (…).”*

Chega a impressionar a clareza com que se discrimina o idoso na sociedade atual. Contudo, o entendimento das pessoas entrevistadas – até certo ponto – alinha-se com as ações sociais em relação aos mais velhos. Ribeiro (2004, p. 19) afirma que: *“Estas idéias de desvalorização podem*

justificar o isolamento do idoso em relação à família, à comunidade e até à sociedade.”

Na verdade são idéias negativas chegando mesmo próximas ao sentido pejorativo acerca das pessoas idosas que, somadas as expressivas perdas já anteriormente identificadas, acabam resultando para esta população poucas oportunidades para maior e mais efetiva participação na realidade em que se encontram.

Também Beauvoir (1990, p. 265) referindo-se à acomodação da sociedade diante das situações em que deveria ser mais presente afirma literalmente: *“De maneira geral, ela fecha os olhos para os abusos, os escândalos e os dramas que abalam o seu equilíbrio; não se preocupa mais com a sorte das crianças abandonadas, dos jovens delinqüentes, dos deficientes , do que com a dos velhos.”* Diante disso, pode-se entender que esse sentido de exclusão encontra-se atrelado, sobretudo, porque o princípio do empreendimento já não conta mais para a população idosa.

Procurando encontrar uma nova forma de olhar a questão, observa-se de um lado a sociedade – a seu modo – impondo respeito aos idosos. Já de outro lado, percebe-se a mesma sociedade compactuando com formas de tratamento que inferiorizam as pessoas idosas, certamente porque dessa maneira haverá a chance do convencimento sobre a provável decadência destes seres humanos.

Por último, buscando confrontar os registros das entrevistas encontra-se ainda em Beauvoir (1990, p. 268), a afirmação que oportunizará compreender um pouco melhor aqueles recortes quando incisivamente a autora informa: *“É de maneira dissimulada que o adulto tiraniza o velho que depende dele. Não ousa abertamente dar-lhe ordens, pois não tem o direito à sua obediência: evita atacá-lo de frente, manobra-o. Na verdade, alega o interesse do ancião oprimindo-o com cuidados exagerados que o paralisam, tratando-o com benevolência irônica, falando-lhe em linguagem infantil, e até mesmo trocando, por trás dele, olhares de entendimento, e deixando escapar palavras ferinas.”*

Pertinente a fragilidade na saúde e a freqüência de visita médica, encontram-se dessa forma as falas dos entrevistados. Entrevista 121: *“Ser*

*velho é ser mais triste dos idosos porque daí começam a ficar doente e a ter que comprar remédios, ir para o hospital e as famílias começam a ficar triste pensando que as pessoas vão morrer.”; Entrevista 160: “(...) vai ao médico, toma remédio.”; Entrevista 162: “Ser velho é ir no médico e tomar remédio (...).”; Entrevista 183: “(...) Tem milhares de velhinhos que tomam remédio, consultam e outras coisas mais (...).”; Entrevista 222: “(...) Aqueles que passam da idade são doentes.”; Entrevista 241: “Velhice é só para uma pessoa doente, na minha opinião.”; Entrevista 296: “Algumas pessoas velhas tem dificuldade para caminhar e tem gente que sofre outros problemas de saúde.”; Entrevista 300: *Ser velho ou idoso é andar de bengala é ter estresse. Eu sei que todo o velho tem dificuldade com a saúde.*”; Entrevista 370: “(...) Os velhos no Brasil sofrem muito depois não tem saúde.”; Entrevista 387: “(...) que tenha cuidados médicos e carinho de todos.”; Entrevista 395: “(...) então felizes dos que conseguem chegar na velhice, e se for com saúde então aí sim que se deve dar graças a Deus.”*

Bastante semelhante como o que se verifica na leitura dos recortes, é o que também se verifica no contexto social, podendo-se mesmo dizer que é quase recorrente perceber a relação da associação que as pessoas fazem entre o processo de envelhecimento do ser humano e a doença. Contudo é natural que em função de fatores ligados ao meio externo, ou ainda, determinados pela herança genética possam ser evidenciadas a instalação de desordens fisiológicas nas pessoas idosas.

Porém, de igual modo o mesmo quadro poderá ser desenvolvido em outras faixas etárias, por isso parece revelar-se um equívoco relacionar o envelhecimento com o surgimento das doenças ao longo da existência do ser humano. De outro modo, concorda-se com Boff (2000, p. 145) ao oportunizar um outro viés bastante interessante para reflexão e que, entende-se servir na justa medida nesta discussão quando afirma: *“Saúde não é a ausência de danos. Saúde é a força de viver com esses danos.”* Observa-se que tal raciocínio não descarta o fato da saúde ser dilapidada quando o organismo for acometido – por razões diversas – a desequilíbrios funcionais e orgânicos. Em

contrapartida, destaca a importância das pessoas ainda assim evidenciarem o encanto pelo valor maior, que nesse caso não é outro senão a própria vida.

Também Santiago (1999) reconhece que a saúde no idoso surge no imaginário das pessoas como sendo um bem em progressivo declínio, e por extensão, passa a ser um dos grandes dramas que o homem inserido neste contexto social enfrenta, sobretudo pela marca expressiva das aparências e imagem exterior que, até onde se sabe, é mesmo bem mais valorizada.

Por outro lado, Garcia e Pereira (s/d.) informam que a saúde sedimentada pelo diálogo entre racionalidade, é um valor antropológico e por isso não pode ficar na dependência apenas das configurações estereotipadas que além de reducionistas são efêmeros.

Além disso até onde se pode perceber, as pessoas mais uma vez deixam transparecer um outro engano quando, ao avaliarem determinados graus de limitações e/ou reduções das capacidades físicas esquecem que tal fato, não pode ser considerado de igual forma como sendo também uma doença. Por conta deste raciocínio, impede-se muitas vezes que o idoso realize esforços de qualquer natureza, além de não se permitir que ele continue trabalhando e contribuindo produtivamente no contexto social que se encontra inserido. Fica a impressão de que se convencionou um certo padrão de vida para o idoso, ou seja, quanto mais inativo ficar melhor será para ele.

C – Integrantes Dos Grupos De Terceira Idade

A última fase do trabalho de campo, foi realizada entre os participantes dos grupos de terceira idade existentes no município de Palmas, Estado do Paraná. Assim, iniciou-se o processo com a entrega de uma carta de apresentação emitida pelo Professor Doutor Rui Proença Garcia, orientador deste estudo, e, endereçado ao senhor Secretário Municipal de Ação Social, que tomando conhecimento do fato, autorizou o autor da pesquisa para a realização dos trabalhos, sendo que, posteriormente também respondeu de forma oficial a correspondência que anteriormente havia recebido.

Ao longo de 78 (setenta e oito dias), numa frequência nunca inferior a dois dias semanais, conviveu-se o mais intensamente possível com as pessoas idosas integrantes dos grupos de terceira idade. Nesse período foi desenvolvido um programa de atividades físicas, concebido em três etapas:

1^a. Ginástica Corporal – com o propósito da adaptação e preparação corporal, contemplando exercícios predominantemente voltados para a ampliação da flexibilidade articular, buscando garantir a maior independência possível para a mobilidade;

2^a. Ginástica Corretiva – buscando minimizar processos decorrentes das queixas das pessoas integrantes dos grupos de terceira idade, do desconforto por elas sentido na coluna lombar, ao mesmo tempo procurando resgatar a consciência da melhor postura do sentar, andar e descansar;

3^a. Programa de Caminhadas de Interação com o Meio Ambiente a partir de trilhas com itinerário antecipadamente vistoriado e verificado, re-despertando a valorização e preservação da flora, fauna e recursos hídricos existentes, e ainda, agregar novos graus de exigências destinados a melhorar a condição respiratória dos participantes.

Na verdade aproveitando a realização do programa de atividades físicas, proposto para aquelas pessoas, pretendeu-se oportunizar duas condições para todas elas:

a) – Que os possíveis benefícios dessas práticas, fossem incorporados na existência pessoal de cada participante com o sentido da educação permanente;

b) – Que os idosos – a partir desse exemplo – pudessem servir de referência e estímulo para outras pessoas, como também, para a possível revisão de valores e modo de vida pessoal.

Na medida que o programa era realizado, foram coletadas as entrevistas, meio pelo qual as pessoas idosas – de modo bastante singular, já que se encontram justamente nesta etapa da vida – puderam expressar o que pensam sobre o processo de envelhecimento do ser humano ao responder a questão: *O que é ser velho?*

De igual modo, durante esse tempo de convivência, procurou-se atenciosamente observar as formas de interação evidenciadas entre os próprios grupos participantes das atividades, registrando os momentos dessa convivência no diário da pesquisa de campo que é também incorporado para a análise e discussão dos dados.

Desse modo foram coletadas 60 (sessenta) que após inúmeras leituras, foram distribuídas em três grades de categorização conforme se observa a seguir.

GRADE DE CATEGORIZAÇÃO

1 – CATEGORIA: VALORIZAÇÃO PESSOAL	FREQÜÊNCIA
Jovialidade com algumas limitações	26
Saúde e bons hábitos de vida	21
Trabalho – independência e participação na sociedade	52
Atividade e aptidão física	44

GRADE DE CATEGORIZAÇÃO

2 – CATEGORIA: VISÃO DO IDOSO SOBRE A SOCIEDADE	FREQÜÊNCIA
Aposentadoria insuficiente	05
Isolamento / solidão / falta de respeito	17
Equívocos e/ou enganos sobre a concepção da velhice humana	20

GRADE DE CATEGORIZAÇÃO

3 – CATEGORIA: LAZER / BEM-ESTAR e CONVIVÊNCIA	FREQÜÊNCIA
Sociabilidade e ampliação do acervo cultural	20
Família	15
Felicidade e otimismo	27

De sorte que, a partir desta etapa do trabalho de campo, será possível conhecer a visão que o idoso tem a respeito da sociedade em que vive. A título de informação, continuaram sendo observadas as mesmas formas adotadas na apresentação, comentário e discussão das grades de categorização anteriores.

1 – Valorização Pessoal

Assim os idosos entrevistados, entendem que na categoria de valorização pessoal o sentimento do jovial e/ou jovialidade – expressando a negação da velhice –, e reconhecendo a presença de algumas limitações foi mesmo observado em inúmeros depoimentos como se verifica nos recortes a seguir. Entrevista 01: *“Ser velho? Ah é ser sempre novo. Eu não me julgo velho (...).”*; Entrevista 02: *“Olha, eu pelo menos não me sinto velha assim como falam por aí. É claro que eu não sou aquela menina de antigamente, (...).”*; Entrevista 04: *“Eu não sinto velhice nenhuma. Eu acho que velho é por fora, o que é jovem é o espírito da gente (...).”*; Entrevista 07: *“(...) Eu não me sinto velha. Eu me sinto jovem, sou velha mas meu espírito é jovem (...).”*; Entrevista 10: *“Eu não fiquei velho ainda (...).”*; Entrevista 19: *“É não estar em estado de juventude que fazia tudo o que queria. Hoje existe algum limite, não se pode tudo com a mesma pressa (...).”*; Entrevista 21: *“Pois olhe, eu pra mim não me sinto velha (...).”*; Entrevista 24: *“Dizem velho, mais eu acho que não é bem assim (...).”*; Entrevista 29: *“Eu não sou velha, sou nova. Adoro ser nova. Me sinto assim porque eu gosto de viver, adoro a vida (...).”*; Entrevista 31: *“Eu não me acho, não me sinto que esteja valha porque nós nos sentimos jovens, sabe (...).”*; Entrevista 35: *“Você perguntou ser velho? Será que não é ser vivido?(...).”*; Entrevista 37: *“Olha, eu me sinto velha pela idade, sinto alguns*

limites que me impedem de fazer algumas coisas. Mas ainda assim continuo ativa, sempre o que é possível fazer eu faço (...).”; Entrevista: 39 “Pois eu me acho que não sou velha ainda, me acho bem nova (...).”; Entrevista 49: “Sabe que eu não sei o que é ser velho porque eu não me considero velha (...).”; Entrevista 60: “Sabe professor que eu não me sinto velho. é natural que eu não tenho mais a mesma agilidade que tinha na juventude (...).”

Diante disso, evidencia-se aqui a importância das representações sociais no sentido de procurar entender essa condição de velho na sociedade contemporânea, e, muito especialmente destacando o corpo envelhecido, cujo atestado é fornecido exatamente pelo tempo cronológico que resulta na idade do ser humano. Nessa linha de pensamento, entende-se que seja bem apropriado o pensamento de Alves (1999, p. 53), quando se refere na cronologia humana, porque sua afirmação alinha-se aos registros dos entrevistados: *“A nossa percepção interior, não raras às vezes, se manifesta distinta e em eventual confronto com a realidade criamos a imagem de nós próprios invariavelmente jovens.”*

Então, se entende daí que o resultado desse conflito revelado pelas pessoas idosas, poderá em muitas oportunidades também dar origem a outra postura que objetiva camuflar e mascarar o exterior, principalmente quando o consumo dos produtos cosméticos e das ofertas da ‘engenharia’ estética garantem bons anos de rejuvenescimento, ou seja, o extraordinário poder de retroceder no tempo.

De igual modo, Sofons (1999) atesta que a caracterização da velhice não é instaurada pela quantidade de anos vividos, e tampouco pelo estado das artérias existentes no corpo humano, mas sobretudo, pela perda dos ideais da juventude que, quase sempre resulta na falta de sintonia com a mentalidade do tempo, com o desinteresse pelo dia-a-dia, pelo humor irritadiço, pela desconfiança no futuro e pela ausência de oportunidade ao trabalho, e/ou desinteresse.

Em última análise, todos esses fatores, direta ou indiretamente, são produtos da própria sociedade que marcam e demarcam o âmago da pessoa idosa. Aliás, nos registros do diário de observação da pesquisa de campo, percebe-se que em razão das formas de tratamento oferecidos aos mais velhos, as pessoas muitas vezes, motivadas pela aparência pessoal acabam revelando descaso e maltrato as pessoas idosas o que causa profundo aborrecimento nas mesmas.

No que concerne ao fato de que os idosos não se recusam em aceitar seus limites, principalmente, em decorrência do tempo provavelmente possa ser explicado pelo fato de que, enquanto os jovens interpretam a velhice como perda de imagem exterior idealizada, os idosos representam a própria velhice como um conjunto de alterações corporais que, de certo modo, podem impedir – pelo menos parcialmente – a execução de algumas atividades, até mesmo aquelas que oferecem prazer e satisfação.

A questão da saúde e da adoção de hábitos saudáveis foi mais uma referência que as pessoas idosas abordaram, conforme se verifica através dos recortes apresentados. Entrevista 08: *“(...) Me sinto muito, me sinto feliz pela idade que eu tenho (...).”*; Entrevista 10: *“(...) Eu tenho uma saúde. Trabalho direto, tenho uma memória muito boa. Tem gente mais nova do que eu que não tem a idéia que eu tenho (...).”*; Entrevista 14: *“Ser velho é ter saúde bastante não ter vício, não fumar, não tomar bebidas que contém álcool, poder se alimentar bem, se divertir, passear, namorar (...).”*; Entrevista 35: *“(...) Sempre me encontro bem, contente e com muita saúde, paz e alegria (...).”*; Entrevista 50: *“(...) não me sinto velha. Eu estou feliz assim estou bem de saúde (...).”*; Entrevista 59: *“(...) Eu estou forte, trabalho, faço tudo, sou ágil e estou bem graças à Deus. Já vi pessoas com menos idade do que eu e se queixarem bastante (...).”*

Esperava-se que os entrevistados explicitassem queixas e relatos de dificuldades em relação aos gradientes de saúde.

Entretanto, o que se observou foi a informação de muita disposição e a afirmação do sentir-se bem consigo mesmo. Por outro lado, os cuidados no que se refere a manutenção de hábitos e atitudes saudáveis e preventivos, nota-se que são largamente utilizados pelos idosos.

Nas atenciosas observações realizadas durante o trabalho de campo, e, anotadas no diário das atividades seguramente a maioria dos integrantes dos grupos de terceira idade revelaram temor e cuidados aos eventos de possíveis doenças e sofrimentos, até porque, estão conscientes de que, se depender dos serviços de saúde pública de modo geral há grande chance dos quadros de instabilidade da saúde, que por si só requerem cuidados, tornarem-se acentuadamente graves porque existem – no país como tal – grandes deficiências no atendimento especialmente direcionado para a população idosa.

Também ficou constatado que o tema sobre a morte muito raramente foi abordado, e, quando por vezes isso ocorreu, geralmente, foi em tom de brincadeiras e bom humor. Tal evidência – a seu modo – não deixa de ser conflitante, uma vez que na sociedade quase sempre o envelhecimento humano é logo relacionado com o final da existência pessoal. Analogamente, é como se a partir do momento que a pessoa é considerada velha, recebesse imediatamente o passaporte carimbado para a viagem derradeira, que pode acontecer a qualquer momento.

Lançando um outro olhar sobre a dimensão da saúde, Garcia (2005) em apontamentos de orientação, considera que a saúde deve ser analisada sob diversos prismas que iniciam com as conceituações sagradas àquelas mais atuais, como é o caso da medicina social, alopática e de instâncias mais particularizadas. Portanto, é mesmo inserida numa multiplicidade de sentidos que a saúde se inscreve, entendendo-se como pertinente os registros identificados nas entrevistas das pessoas idosas.

Contudo, também Motta (1992) assegura que pelo menos duas situações são indispensáveis com vistas a promoção da saúde do ser humano:

1 – A responsabilidade individual, e, 2 – A responsabilidade política, cultural e ecológica da sociedade e de seus membros, o que até certo ponto confirma as atitudes de ordem prática que as pessoas idosas informaram anteriormente, principalmente se for considerado o fato de que, a manutenção da saúde do ser humano, depende antes de tudo, da responsabilidade que a pessoa deve ter consigo mesmo.

Para além disso, também Garcia (2004) em apontamentos de orientação, afirma: *“Saúde não é um estado existencial mas, uma atitude face às várias situações que podem ser doentias ou sãs.”* De fato, pode-se se entender que a pessoa será saudável, principalmente quando estiver bem consigo mesma, realizando aquilo que deseja e gosta e continua a se desenvolver numa condição estável e harmônica. Condições estas que foram observadas e anotadas, durante todo o período da realização do trabalho de campo junto com os integrantes dos grupos de terceira idade.

Buscando fechar o raciocínio sobre esta questão, concorda-se com Gomes (1999, p. 115) que relaciona saúde / doença afirmando: *“Influenciam no binário: saúde / doença todas as emoções e sentimentos, sejam positivos ou negativos, alegrias, tristezas, medo, raiva, frustração, mágoa, ansiedade, felicidade, desamparo, satisfação, esperança, etc. (...).”*; pelo fato de que, também se encontram nos registros do diário de trabalho de campo, apontadas todas as situações negativas a que o autor se reporta, e que, foram identificadas pelos idosos como as principais causas de extremo aborrecimento, desconforto além de serem as geradoras de grandes preocupações.

Com relação ao trabalho, independência e participação na sociedade os idosos informaram. Entrevista 01: *“(...) Eu cumpro meus deveres diários, minhas atividades, faço o qualquer pessoa faz, e tem que fazer (...).”*; Entrevista 07: *“(...) Dou conta de todo o meu trabalho, da minha família, das atividades da terceira idade e participo de programas sociais (...).”*; Entrevista 08: *“(...) Trabalhar é algo que não se pode deixar de fazer (...).”*; Entrevista 11: *“(...) Só não trabalho porque não me deram serviço ainda (...) sei que tenho*

muito a oferecer ainda. Sempre levantei cinco horas da manhã e sai trabalhar, e até hoje por vezes cumpro essa jornada. Continuo fazendo minhas tarefas diárias visitando as pessoas (...).”; Entrevista 12: “(...) Agente tem que enfrentar a vida. Não se pode ficar parado(...).”; Entrevista 13: “(...) Eu sempre trabalhei, vivi a vida, enfrentei as dificuldades de frente. Vendo, aprendendo (...).”; Entrevista 18: “(...) É melhor agente fazer do que esperar que alguém faça. Eu caminho, trabalho, jogo basquete e vôlei, trabalho na pastoral da criança, ajudo em casa, costuro, cuido do marido que passou por uma cirurgia sou enfermeira dele e estou firme e forte graças a Deus.”; Entrevista 25: “(...) O trabalho da lavoura, é um trabalho duro e eu estou trabalhando até hoje. Plantei e planto nos últimos dezoito anos da minha vida.”; Entrevista 26: “(...) Tenho poucas limitações, basicamente faço tudo. Danço, planto horta, caminho, vendo mel (...).”; Entrevista 42: “(...) Eu sou ativa. Cozinho, passo roupa, trabalho (...).”; Entrevista 44: “(...) Faço tudo e sou independente para tudo. Sempre que posso ajudo as pessoas mais novas. Tenho muitos planos, e no final do ano quero comprar um carro pra mim. Eu mesmo vou dirigir. A idade pode colocar alguns limites, mas mesmo assim, é possível de se fazer tudo.”; Entrevista 50: “(...) Trabalho, faço todos os deveres de casa e costuro para fora nas horas vagas. Ocupo meu tempo para trabalhar (...).”; Entrevista 51: “Ser velho é um apelido. Ser velho é viver né. Dizem que o velho deve ficar parado, isso não pode ser verdade. Eu trabalho e me movimento o dia todo e não dependo de ninguém (...).”

Curiosamente observa-se uma contradição entre a fala dos idosos, e, o entendimento que a sociedade atual deixa transparecer quando defende a idéia de que, a pessoa idosa já não reúne mais condições físicas, psíquicas e sociais para continuar trabalhando. Naturalmente que são reconhecidas exceções em função dos idosos que apresentam quadros clínicos requerendo cuidados mais específicos por inúmeras razões.

Pelo que se percebeu, definitivamente este raciocínio é literalmente contrário ao discurso vigente no contexto da atualidade. Nas observações anotadas no diário da pesquisa de campo, também foi possível verificar que as pessoas idosas estão lucidamente conscientes a respeito dos tratamentos discriminatórios oferecidos pela sociedade contemporânea.

Nesse universo a população idosa parece entender que não basta lutar por aquilo que acredita ser um direito, mas sobretudo, lutar fazendo. Então, demonstram na prática que de fato as aptidões para o trabalho não só continuam a existir, como estão ainda podem ser melhores.

Nesse sentido entende-se que pelo menos duas situações devem ser refletidas. A primeira, sustenta-se no pensamento de De Mais (2000, p. 272) que afirma: *“O trabalho não ser, obviamente, ensinado não mais como uma obrigação opressora, mas sobretudo como um prazer criativo e estimulante. E a tudo isso se deve somar a necessidade, cada vez mais imprescindível, de ensinar também o não-trabalho, ou seja, as atividades ligadas ao tempo livre, aos cuidados e às atenções.”* O autor em tela provavelmente comunga com a idéia de que, as contribuições de trabalho que a pessoa idosa pode oferecer provavelmente, serão ainda mais ricas, dado toda a experiência adquirida ao longo do tempo.

A segunda, revela a preocupação com o excesso de tempo livre e por extensão, com ociosidade que as pessoas irão desfrutar justamente por não ter nada a realizar. Daí o sentimento da inutilidade que não raras às vezes, é evidenciado em relação à pessoa idosa. O autor por certo sabe também que, a permanente ociosidade no dia-a-dia das pessoas idosas, pode provocar sérios danos à saúde física, mental e social.

Depreende-se dessa forma que, a pessoa idosa encontra-se involuntariamente envolvida em um ciclo com três fases distintas: 1^a. Em um determinado tempo arrebatada-se o direito do trabalho; 2^a. Há a constatação da omissão na oferta de opções para utilização do tempo livre; e, 3^a. Um pouco mais tarde reconhece-se a incapacidade da pessoa idosa.

Por isso, acredita-se que não se trata de exagero afirmar que as pessoas idosas precisam contar com políticas públicas remetidas favoravelmente para que, seja possível desfrutar a vida com dignidade e plenitude.

O último item identificado na primeira grade de categorização, resultado do trabalho de campo junto com os integrantes dos grupos de terceira idade, destaca justamente – nos recortes das entrevistas – a atividade e aptidão física. Entrevista 03: *“(...) eu estou fazendo tudo o que quero, estou dançando, estou fazendo física, vou para onde quero (...).”*; Entrevista 07: *“(...) Participar de exercícios, de dança e de tudo o que for possível. Faz bem para agente, para a mente e para o corpo (...).”*; Entrevista 14: *“(...) Dançar, namorar, fazer exercício e ter bom humor, ouvir música bonita e boa isso prolonga a vida.”*; Entrevista 15: *“(...) Em me sinto ótima, melhorei minha saúde. Eu tinha problemas de coluna, estou melhor, fazendo alongamento, fazendo exercício e fazendo a caminhada com o professor (...).”*; Entrevista 22: *“(...) Eu faço também Educação Física, apesar do cateterismo.”*; Entrevista 30: *“(...) Fazer esportes, tudo o que faz bem para a pessoa. O que não pode é ficar parado. Estou feliz de chegar nessa idade, como já sou mãe, avó e bisavó tenho três bisnetos e treze netos (...).”*; Entrevista 41: *“(...) Me mexo, faço Educação Física, sou ativa (...).”*; Entrevista 49: *“(...) Eu por exemplo, danço, pratico esportes, jogo bola, viajo, eu sou uma pessoa completamente feliz e não vou deixar de ser assim (...).”*; Entrevista 50: *“(...) Sombra e água fresca é igual a preguiça, isso não pode ser indicado para nós. E ainda faço hidroginástica.”*; Entrevista 58: *“(...) Danço, faço física, faço o serviço da casa (...).”*; Entrevista 59: *“(...) danço, canto, faço física eu costuro e limpo a casa (...).”*

Acredita-se que o mais importante foi a percepção que o grupo deixou caracterizada no tocante aos exercícios, uma vez que os idosos já incorporaram tais atividades na dimensão da educação permanente. Quer dizer, ao que se pode verificar cada um, a seu modo, se distancia cada vez mais do sedentarismo, e, ao adotar de modo contínuo, sistêmico e permanente

hábitos e atitudes saudáveis encarrega-se de disseminar tais valores no seio da própria família.

Estas evidências encontram-se ajustadas de acordo com o pensamento de Silva (1982, p.25): *“De nada adianta afirmar que as pessoas se sentirão melhor, que suportaram melhor as tensões, que sofreram menos fadiga física e mental, que apreciarão os aspectos sociais da atividade física, se não participarem e descobrirem elas mesmas, essas vantagens. A menos que a atividade física não seja divertida, a menos que as pessoas não tirem, de certa forma, prazer dessa atividade de lazer, nunca farão dela um elemento em suas vidas.”*

De outro modo em todos os momentos observados, a concepção dos integrantes daqueles grupos da terceira idade, sempre foi a de associar a prática das atividades físicas como fundamental e indispensável para a manutenção da saúde – que é de fato o maior valor reconhecido pela população idosa – como também, entendem que só através da participação regular em programas de atividades físicas voltados especialmente para o idoso, ser possível melhorar o entrosamento e aumentar a sociabilidade, ampliar a rede de amigos, melhorar a capacidade de raciocínio e lucidez, e ainda, afugentar as tristezas e preocupações tornando desse modo pessoas mais alegres e bem humoradas.

2 – Visão do Idoso Sobre a Sociedade

Na segunda grade de categorização contempla-se a visão do idoso sobre a sociedade que se encontra inserido. Assim, parece ser importante antes do encaminhamento adotado para a análise dos valores já configurados com base nos registros das anotações do diário da pesquisa de campo, enfatizar, distintamente uma questão que os idosos deixaram transparecer como praticamente insolúvel. Porém, nem por isso se deve entender que há um certo ‘conformismo’ e por extensão a desistência pela busca de possíveis melhorias.

Trata-se pois, dos valores financeiros verificados nas aposentadorias que atualmente são pagos aos idosos. Na verdade ouviu-se inúmeras queixas sendo que a imensa maioria relatava sobre as expressivas dificuldades econômicas para satisfação, pelo menos, das necessidades básicas dos aposentados.

Ainda, somado a este fato, um número considerável dos integrantes dos grupos de terceira idade também informou que muitas vezes, precisam socorrer financeiramente filhos e netos partilhando os proventos oriundos da aposentadoria, o que aumenta sensivelmente as dificuldades já existentes. Contudo, entendem que por enquanto, não há mesmo possibilidades de mudar esta situação porque politicamente as vozes favoráveis ao bem estar da população idosa são quase inexpressivas, e portanto, muito pouco é destinado a eles de modo geral.

Então, adotou-se a entrevista 54, de certa forma como padrão, objetivando expressar o pensamento do grupo em si: *“Na velhice é preciso ter atenção e cuidado com a saúde. Se no passado a gente abusou, agora vai pagar. Nós não temos educação para a velhice. O que se diz da velhice não é verdade. Há muitas leis, só que cumprir que é bom não se tem notícia. No Brasil o idoso é muito pouco valorizado, pelo menos pela sociedade por essa juventude que está crescendo (...).”*

Além disso, os idosos sabem que falta entre eles mesmo liderança e muito mais organização interna por parte dos grupos.

Assim, preferem procurar resolver e superar as dificuldades, não raras às vezes, trabalhando informalmente e fazendo aquilo que naquele momento é preciso que alguém faça, ainda que as exigências para o serviço estejam um pouco além das possibilidades pessoais, ou, que não seja o mais adequado para uma pessoa de idade fazer.

Continuando na análise dos valores da segunda grade de categorização, os idosos revelam que o isolamento, a solidão e a falta de respeito são formas de tratamento que muitas vezes recebem, e que, pode ser observado no contexto social vigente conforme é percebido nos recortes seguintes.

Entrevista 05: “(...) Moro sozinha (...) Às vezes me sinto muito sozinha. Eu não gosto e nunca gostei de ficar sozinha. Para espantar a solidão eu saio lá fora, vou rezar porque o meu Deus está sempre comigo, esse não escapa (...).”;

Entrevista 28: “(...) No momento tenho observado que existe um pouco mais de respeito para as pessoas de mais idade, mas poderia ser melhor.”;

Entrevista 32: “Ao entrar na velhice, a única coisa que não é bom é quando as pessoas não dão a devida atenção pra gente, justamente por a gente ser velho. observo isso em algumas oportunidades (...).”;

Entrevista 33: “(...) Eu estando aqui com o pessoal já é algo maravilhoso mesmo que não dance.”;

Entrevista 34: “(...) Em casa eu trabalho, faço tudo o serviço e tenho tristeza, aqui na terceira idade não.”;

Entrevista 37: “(...) Velho para eles é como algo bem passado que não deve ser considerado. talvez se os jovens pudessem entender os velhos, as coisas poderiam ser bem melhores.”;

Entrevista 41: “(...) O que me deixa triste é que meus filhos parece que nem me reconhecem como mãe deles. No dia das mães nem foram lá em casa (...).”;

Entrevista 56: “(...) Os mais novos em primeiro lugar vão ter saber viver, respeitar as pessoas porque hoje, ainda a gente nota preconceito pelos velhos.”

Na verdade a desconsideração para com as pessoas idosas na sociedade atual, deixa a impressão de que os seus valores, as suas realizações e os seus méritos simplesmente são descartados. De sorte que, quando se considera a população idosa como improdutiva e também peso social, de fato não causa surpresa verificar que como tais, ela seja mesmo esquecida, desrespeitada e solitária.

De acordo com Ribeiro (2004, p. 20) “A palavra ‘velho’ traz consigo a conotação pejorativa e a primeira idéia que ressalta é a de que o idoso é um ser fraco, decrépito, senil entre outras. Neste grupo tão heterogêneo, esta maneira simplista de encarar os idosos conduz a uma generalização errada, pois está comprovado que estas representações sociais não coincidem com a sua própria concepção sobre esta nova fase da vida.”

Porém, os idosos parece serem influenciados pela própria sociedade na medida que é mais comum, não se perceber reações contrárias a tais atitudes.

Por outro lado, é muito provável que a população idosa possa redimensionar a conceituação sobre: importância, valores, capacidades e também sobre a sua relevância na sociedade contemporânea, a partir do momento que tiver a consciência da sua força, evidenciada cada vez mais pelos resultados dos levantamentos demográficos.

Portanto, desse raciocínio é possível compreender que no futuro próximo os idosos podem adquirir maior influência e representatividade política, podendo desse modo começar a determinar o seu destino justamente através dos valores que possui.

De sorte que, entende-se ser necessária a revisão dos direitos da pessoa idosa, e nessa dimensão talvez o principal direito seja o de continuar a viver com dignidade e independência refutando plenamente o sentido representativo de 'fardo social.'

Fechando a segunda grade de categorização, os idosos evidenciaram através dos recortes das entrevistas, os equívocos e/ou enganos que a sociedade comete em relação ao envelhecimento humano. Entrevista 01: "(...) *O que dizem que o velho tem que ficar quieto em um canto, é errado. O velho não é o velho que dizem, velho nesse sentido é trapo (...).*"; Entrevista 06: "(...) *Eu não acho graça nenhuma do conceito de velho que tem por aí. Me chamam de velha, mais eu faço muita coisa que gente mais nova não faz (...)* O que falam da velhice é um abuso (..) *Ontem marcaram uma consulta para mim, cheguei lá e não me atenderam por causa do jogo. Estão fazendo a gente de boba, agora eu não vou mais. Também tenho problemas nas vistas, peguei uma ficha para consulta e só vão me atender em setembro. Eu precisando, e falta bastante atenção por parte das autoridades e dos responsáveis pela saúde (...).*"; Entrevista 08: "(...) *É um grande engano dizer que o velho já deu o que tinha para dar (...).*"; Entrevista 15: "(...) *Eu acho péssima essa idéia de que o velho é uma pessoa que não faz nada, e que já não pode fazer muita coisa. Isso para mim é a morte do idoso (...).*"; Entrevista 16: "(...) *Os limites que dizem que a pessoa idosa tem, eu acho que não tem. Estão enganados, isso é pura bobagem. O idoso pode fazer tudo (...).*"; Entrevista: "(...) *A sociedade encontrou uma maneira de deixar os idosos de lado, afirmando que eles são*

muito limitados e que não podem fazer nada, né (...).”, Entrevista 21: “(...) Eu sei que sou velha, eu sinto, mas as minhas atividades eu faço eu não me sinto assim, como se diz o caso, uma inútil, né. Eu sou muito valiosa (...).”, Entrevista 31: “(...) Eu não me sinto velha assim né... porque velho é trapo, está lá jogado em canto.(...) Acho que nunca a gente pode dizer que é velho conforme pensam que somos (...).”, Entrevista 34: “(...) A gente é velho mais não como falam, que o velho não vale nada. A idade é uma resposta do tempo, mas a gente faz de tudo o que muita gente mais nova não faz (...).”, Entrevista 36: “(...) Não sou do tipo velho que não presta como falam.”, Entrevista 43: “(...) Quando falam que o velho é um trapo, pode ser que seja mais fácil quem falou ser trapo do que o próprio velho (...).”, Entrevista 46: “(...) O que dizem dos velhos é engano. Tem que saber viver e viver a idade para saber e não falar o que não sabe. (...).”, Entrevista 47: “(...) porque não sou velha como dizem por aí (...).”, Entrevista 49: “(...) Eu gosto muito da vida e por isso, nunca vou chegar na velhice como falam que é a velhice (...).”, Entrevista 53: “(...) Tudo o que dizem dos velhos é errado, porque quem diz, não está nessa idade, portanto, não sabe (...).”, Entrevista 58: “(...) Dizem que os velhos já não prestam mais para nada, não é isso não (...).”, Entrevista 60: “(...) Não aceito o que dizem que os velhos são. Não é verdade o que dizem porque nós velhos, podemos fazer muito ainda (...) também vejo gente bem mais nova que não faz a metade do que eu faço hoje. Então como se explica que os velhos não fazem mais nada, não prestam para nada são estorvo para os mais novos? Creio que para que para afirmar alguma coisa, é preciso saber. Como as pessoas falam dos velhos se não são velhos ainda?”

O primeiro fato que chama a atenção, corre por conta da frequência verificada nas entrevistas sobre os conceitos – que mais se identificam como ‘preconceitos’ – expressos pela sociedade em relação à pessoa idosa.

Desejando sublinhar com um pouco mais de intensidade, optou-se pela apresentação de todas as entrevistas – entre as 60 (sessenta) coletadas nesta fase do trabalho de campo – que de fato, apresentassem tais entendimentos sobre as pessoas idosas.

Na verdade, já se tinha conhecimento sobre a falta de reconhecimento que a sociedade, em muitas oportunidades, deixa transparecer em relação aos valores dos idosos. Entretanto, o que não se sabia era com que intensidade, e, isto parece que a partir de então, já se pode entender que seja mesmo muito expressivo chegando a ser muito mais preocupante do que se pensava.

Entende-se que quando por razões diversas, são desconhecidos os valores daqueles que chegaram primeiro, portanto, de certa maneira também prepararam a chegada dos mais jovens, começa-se a negar a sua apropriada identidade.

Na leitura ainda um pouco mais atenciosa das entrevistas, entende-se como sendo pertinente o cinismo daqueles que – compactuando com as idéias de que o idoso não vale nada – se revestem de coragem para falar: ‘nossos velhinhos’ até porque, ao velho de hoje nega-se o direito de pensar, propor, decidir e participar efetivamente restando-lhe como espaço – e isto quando resta – o refúgio do seu aposento.

Nota-se na fala dos entrevistados o que Schirrmacher (2005) chama de mensageiro da morte porque, os idosos na sociedade contemporânea não são reconhecidos como pessoas integrantes da própria sociedade, eles são literalmente expulsos tanto da vida profissional quanto social, pelo menos é essa a impressão que fica marcada. Até porque, se o discurso que as pessoas mais jovens têm muito mais para aprender enquanto que os velhos ‘já deram o que tinham para dar’, estabelece-se o preconceito pedagógico. Se entretanto, afirma-se que as pessoas idosas desapredem muita coisa e também, encontram dificuldades para re-aprender então, revela-se um novo preconceito desta vez mais grave que o primeiro, porque entende-se que seja um ataque frontal à dignidade do ser humano.

É também possível de se verificar nos recortes das entrevistas que, a sociedade como tal relega, comparativamente a pessoa idosa, à condição de um tapete cuja serventia, se resume em propiciar conforto para outras pessoas sendo rapidamente descartável.

Era de se esperar o contrário, ou seja, que fosse outorgado para os idosos assumir o papel e a identificação como sujeitos da sociedade. Até

mesmo porque, boa parte do melhor das suas existências foi investida para a construção de uma sociedade mais justa e menos desigual.

Por outro lado, parece fazer muito sentido a fala da pessoa entrevistada ao questionar o fato de alguém, sem o devido conhecimento de causa emitir parecer, e/ou, afirmar justamente aquilo que desconhece. Ou seja, afirma-se que as pessoas idosas em razão dos limites impostos pelo tempo, perdem suas aptidões. Porém, quando se afirma antecipadamente algum fato, sem ter vivenciado situações pertinente ao mesmo, torna estas mesmas afirmações frágeis e incipientes. Daí entender-se como importante que a sociedade reveja os conceitos sobre o processo de envelhecimento no ser humano.

Mas é importante que também se reflita sobre a possibilidade de que as pessoas idosas conscientes da sua condição atual, como também, de tudo o que a sociedade ao longo do tempo tem oferecido para elas – diga-se de passagem muito pouco foi e é favorável aos idosos – possa em futuro próximo assumir de fato o papel que lhe é de direito, ou seja, boa parte do que se arrebatou a partir da aposentadoria possa ser re-pensando.

O certo é que, os estudos e estimativas demográficas acenam insistentemente para o fato da população idosa continuar a crescer.

A rigor, o que se tem hoje para acolher os idosos, pode-se dizer que é mesmo muito pouco, e/ou, quase nada. Os programas que se tem conhecimento, voltados para a terceira idade além de poucos, necessitam de mais apoio, como também, é preciso que se pense na capacitação das pessoas que poderão trabalhar nesse universo. E ainda, não se pode dizer que existe no país políticas públicas definitivamente implantadas com foco específico voltado à terceira idade.

3 – Lazer / Bem-Estar e Convivência

Na última grade de categorização pertinente ao trabalho de campo na sua terceira etapa, foram evidenciados o lazer, bem-estar e convivência que os integrantes dos grupos de terceira idade, a seu modo, destacaram e que se passa a expor suas falas para em seguida, discutir e comentar cada umas das situações, sendo que a primeira trata da sociabilidade e da ampliação do

acervo cultural através de passeios. Entrevista 01: “(...) Estava dizendo para a esposa que temos que tirar um pouco de tempo para a gente também, ir fazer um exercício com o professor aqui na terceira idade, caminhar, ver coisas diferentes, ainda que eu conheça bastante por aqui, sempre existe algo novo.”; Entrevista 02: “(...) Passear. Me divertir. Sou aposentada, e a gente ganha meio pouco (...).”; Entrevista 12: “Eu me achava velha quando ficava sem ir para parte alguma. Agora, tenho uma outra vida porque não obedeci as pessoas que queriam que ficasse em casa. Participo da igreja e da terceira idade. Sempre que posso estou com os amigos (...).”; Entrevista 15: (...) Eu acho ótimo ser velho, fazer amizade(...).”; Entrevista 24: “(...) Também fui dirigente do grupo de terceira idade, foi algo bem gratificante para mim. Freqüento normalmente aqui o grupo todas as quartas-feiras e agora nas sextas-feiras também.”; Entrevista 27: “(...) Estou participando de coisas boas agora porque antes nunca havia participado.”; Entrevista 28: “(...) Estou bem, feliz da vida e gosto muito do grupo de terceira idade.”; Entrevista 29: “(...) Estou muito feliz aqui na terceira idade. Tenho muitos amigos por aqui, adoro aqui (...).”; Entrevista 31: “(...) conversamos temos sempre aquela alegria de estar reunidos. Eu não me sinto velha assim né...(...).”; Entrevista 33: “(...) Gosto de alegria e da terceira idade. Eu estando aqui com o pessoal já é algo maravilhoso mesmo que não dance.”; Entrevista 36: “(...) Até o momento está tudo bem e estou sempre junto com meus amigos na terceira idade (...).”; Entrevista 40: “(...) Eu adoro conviver com o pessoal aqui e aprendi muita coisa depois que entrei aqui né. Depois que entrei aqui minha cabeça mudou muito, muito. Tive lições de vida aqui.”; Entrevista 47: “(...) É muito bom o grupo de terceira idade, aqui você também aprende a não ficar parado.”; Entrevista 48: “(...) Para viver bem é preciso saber tratar bem os outros, ser e ter amigos, cumprir a religião né, e ter amizade com todos que a gente é muito feliz.”; Entrevista 54: “(...) Tenho meus amigos, converso, me encontro com as pessoas. Viajo e jogamos baralho (...).” Entrevista 57: “(...) Gosto do grupo de terceira idade, gosto de viajar, gosto de me divertir (...).”

Interessante foi perceber que de algum modo, os participantes dos grupos de terceira idade manifestaram carinho, respeito, muita consideração e

reiterados agradecimentos por estarem integrados e participando das atividades previstas semanalmente.

Desse modo, acredita-se que o cultivo da amizade, o tempo para o bate-papo, permutas de conhecimentos pessoais, enfim, todas as variáveis implícitas no processo de socialização do ser humano – especialmente do idoso – e que raramente a sociedade em si oportuniza e oferece, são intensamente vivenciadas nesses grupos de terceira idade. Daí, por certo, justificar-se também o número elevado das freqüências que chamava a atenção pela existência daqueles grupos de idosos.

Também foi possível de ser observado e devidamente anotado no diário da pesquisa de campo duas outras situações. A primeira refere-se ao fato de que, as pessoas idosas – independente das suas crenças – participam ativa e intensamente de todas as promoções que a igreja da qual fazem parte promove.

Obviamente que não se deseja discutir – e tampouco este é o propósito deste estudo – linhas de religiosidade e/ou temas transcendentais. Porém, ao se reconhecer o entusiasmo pela realização dos trabalhos de cunho religioso, entendeu-se que também aí se encontram sedimentados dois pilares: o primeiro que naturalmente agrega-se à fé, e o segundo, configurado pela prática da solidariedade, partilha de modo geral, estreitamento das relações de amizade entre outras, coincidentemente valores que a sociedade contemporânea no exercício de suas práticas, tem deixado a desejar entre a população idosa.

A segunda situação constante no registro do diário da pesquisa de campo informa sobre o conhecimento regional que, sempre dentro do possível, os grupos de terceira idade realizam através de passeios e excursões. Esses programas, quando se viabilizam os recursos para o pagamento do meio de transporte – geralmente o levantamento desses recursos acontece através das expensas pessoais – oferecem, uma interessante possibilidade que contribui para o desenvolvimento, não só da socialização como também, para o aumento do acervo cultural.

Entretanto, as maiores reclamações verificadas com a realização dos passeios e/ou viagens, foi em decorrência de que nem todos os idosos reuniam condições financeiras para também participarem como de fato gostariam, ficando desse modo – como se não bastassem as inúmeras exclusões já sentidas no contexto social – mais uma vez excluídos, e desta feita, entende-se que por culpa da desigualdade.

Contudo, o que se pode entender é que a representação dos grupos sociais para as pessoas que deles participam é imensamente positiva, muito embora seja possível sentir algumas pequenas distorções entre a coordenação geral e os seus integrantes.

Porém, o que fica bastante evidente é que o levantamento dos resultados em escala sensivelmente positiva, é uma conquista dos próprios idosos que, na modalidade do associativismo, conseguem resgatar em parte, alguns dos seus direitos que há algum tempo a sociedade encarregou-se de sufocá-los.

O penúltimo tópico incluso na terceira grade de categorização trata da relação família / idoso apresentado segundo os recortes das entrevistas a seguir. Entrevista 13: *“(...) O que a gente tinha que fazer a gente fez. Criou a família, criou os netos, está chegando os bisnetos eu já tenho dez bisnetos. Melhor vida do que esta e com saúde, não existe (...).”*; Entrevista 19: *“(...) A minha família me incentiva muito para aproveitar tudo o que for possível na terceira idade.”*; Entrevista 20: *“(...) eu e meu velho sentamos ao lado do fogão e conversamos bastante, comendo pinhão e tomando chimarrão. Assim vamos vivendo a vida. Fazemos nosso serviço que não é pouco. Meus netos e filhos vez por outra acompanham também (...).”*; Entrevista 21: *“(...) Eu sou muito valiosa. Ensino as pessoas mais novas meus netos, filhos (...).”*; Entrevista 23: *“Pra gente é uma grande felicidade de estar com os filhos todos criados e eles valorizando a gente em certa horas, pra mim é grande alegria (...).”*; Entrevista 30: *“(...) como já sou mãe, avó e bisavó tenho três bisnetos e treze netos. Estou muito feliz assim e espero que seja por muitos anos ainda.”*; Entrevista 58: *“(...) Eu acho que ser velho é estar ativo, boa vivência na família e com os amigos (...).”*

Giorgio (1993, p. 190) ao se reportar para o tema família afirma: *“Embora todos os percalços, a família tem se firmado como um valor propriamente perene pela simples condição imposta pela natureza.”*

Naturalmente que o autor referiu-se também ao evento da procriação, e, nesse sentido entende-se que é importante refletir sobre o fato de que, se a família é fundamental para o ser ‘criança’ por que – em muitos casos – com o passar do tempo deixa de ter a mesma importância para o ser ‘idoso’. Nessa dimensão raciocina-se de que toda a atenção é naturalmente voltada para a criança logo ao nascer, como também, durante todo o período de formação no que concerne ao crescimento e seu desenvolvimento, o que definitivamente é uma reconhecida e indispensável obrigação da família.

Nas anotações do diário da pesquisa de campo, é possível encontrar relatos informando que, as famílias de uma parcela dos integrantes dos grupos de terceira idade já não oferecem a mesma atenção, ou pelo menos, a atenção mínima indispensável devida a uma pessoa idosa.

Em razão disso as pessoas expressam um sentimento de profunda tristeza, como que antevendo a possibilidade de realmente ficarem sozinhas. Aliás, já havia sido observado na segunda etapa do trabalho de campo, através de inúmeras informações dos entrevistados que, muitos idosos haviam sido abandonados pelas famílias e/ou encaminhados para o asilo sendo posteriormente lá esquecidos e sequer visitados.

Mas o que intriga nessas atitudes e que Schirrmacher (2005) chama a atenção, encaminha-se ao raciocínio de que, os termos envelhecimento, velhice, aposentadoria e demografia representam em futuro não muito distante, também o envelhecimento o seu próprio envelhecimento. Assim, é de se questionar: será que quem deixa uma pessoa idosa à sua própria sorte, gostaria de receber o mesmo tratamento?

O fato é que o envelhecimento humano deve ser considerado como uma fase de desenvolvimento, assim como acontece com a infância, a adolescência e também a idade adulta, porém, por enquanto não é bem isso que se pode observar no contexto da sociedade atual.

Dai como resultado nota-se confrontos e a não aceitação, principalmente, por parte dos mais jovens em relação às pessoas idosas, podendo ser entendido que tal fato, tem suas raízes justamente no tratamento que a própria sociedade oferece aos idosos ao longo do tempo. É como se fosse um exemplo a ser seguido.

Por fim, o último item que figura na terceira grade de categorização, revela-se pelos recortes das entrevistas que destaca a felicidade e o otimismo.

Entrevista 03: *“(...) Alegre e feliz sempre. Para chegar assim, sempre procurar pensar em coisas boas. Tudo o que passou, passou e levar a vida sempre para frente não é?”*; Entrevista 04: *“(...) estou super feliz. Antes eu não tinha alegria, quando era jovem (...) Agora eu me mando. Ninguém manda em mim, só Deus.”*; Entrevista 05: *“(...) Eu sou pobre mais muito feliz e isso é importante (...).”*; Entrevista 07: *“(...) Tudo o que a gente vai fazer sendo com amor, a gente se sente feliz e faz os outros felizes também.”*; Entrevista 15: *“(...) O idoso tem que ser uma pessoa alegre, fazer bastante amizade. Assim eu me senti extremamente bem. Deixei remédio para trás (...) eu sou uma pessoa feliz.”*; Entrevista 21: *“(...) Me sinto uma pessoa maravilhosamente bem sou feliz.”*; Entrevista 23: *“(...) Eu me sinto feliz porque eu raramente vou ao médico, sou saudável graças a Deus.”*; Entrevista 49: *“(...) Gostar de si é a primeira coisa que se deve fazer, aproveitar a vida e mandar alguma tristeza que ficou no passado embora, e levar a vida para frente (...).”*

Até aonde foi possível identificar, o sentimento de felicidade para a pessoa idosa é algo bastante simples não requisitando nada de extraordinário para que esteja presente na sua vida. É provável que em razão das perdas que acumula a partir do momento que passa a ser reconhecido como pessoa idosa, inclusive, de lhe ser também tolhido o direito de exigir que o simples fato de receber um abraço já pode tornar o dia um pouco melhor.

Por outro lado as pessoas idosas, são mesmo bastante otimistas sempre acreditando que o futuro será melhor, mais interessante e sobretudo, que as pessoas mais jovens a qualquer momento irão rever a forma pela qual entendem o processo do envelhecimento no ser humano, e, passarão a entender melhor os idosos.

Porém, o comportamento otimista e o sentimento da felicidade muito facilmente revelado pela pessoa idosa podem estar ancorados no que Junqueira (1998, p. 44) atesta: *“(...) com o passar do tempo, o próprio indivíduo começa a basear suas reivindicações não no que acredita ser, mas de acordo com a categoria na qual está inserido, acabando por acreditar, nem que seja por alguns momentos, nos atributos impostos pela sociedade.”* Para além disso, é também possível entender que a linguagem é um produto histórico-social, que se transforma com as mudanças sociais, sendo considerada como fator essencial para a formação da consciência.

Entretanto, parece importante lembrar o que Linton (1981) informa afirmando que, a pessoa que se alegra com a idéia do envelhecimento, pode-se mesmo dizer que é uma exceção em qualquer sociedade porque na verdade, ao envelhecer estará renunciando a muitas coisas que podem ser consideradas socialmente agradáveis.

Então, o entendimento deste raciocínio pode, de certo modo, justificar o sentimento de felicidade que os integrantes dos grupos de terceira idade deixaram transparecer porque talvez, uma das poucas coisas que ainda não se requereu a renúncia, foi justamente a liberdade e o direito em participar dos grupos que fazem parte.

De qualquer modo, ao longo da realização desta fase do trabalho de campo, observou-se mesmo que as pessoas idosas envidam esforços consideráveis, tanto para se manterem quanto para manter ativo os grupos do qual fazem parte. É como se naquele local e de acordo com o cronograma de atividades, nada fosse revestido do caráter de maior importância do que o cumprimento da programação prevista, não importando o que está para acontecer. E, se por alguma razão deixa-se de cumprir as atividades, de imediato é possível observar o sentimento da decepção que fica estampado no semblante das pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez este seja o momento que se possa considerar como o mais difícil porque, se tem agora a exata noção de que após o cumprimento de todas as fases deste estudo, se chega ao final de uma missão que deixou marcas tão distintas, sendo possível afirmar que o autor deste trabalho nunca mais será a mesma pessoa.

Entretanto, acredita-se que nem por isso o propósito do estudo em si – ainda que se entenda haver atingido o objetivo – se possa afirmar que se encontra plenamente satisfeito. Ao contrário, certamente há ainda uma longa estrada a ser percorrida de tal modo que, a contribuição que aqui se encontra é modesta e requer a continuidade dos trabalhos.

Há de se considerar que de fato, o discurso que a sociedade procura elaborar acerca do processo de envelhecimento do ser humano, comparado com o que os próprios idosos pensam a esse respeito, parece mesmo que podem ser entendidos como antagônicos em grande parte daquilo que se sabia.

Envelhecer é um processo que tem como característica a transformação pessoal de tal ordem que, na sua essência e desdobramento requer a re-dimensão dos valores humanos, cuja tarefa a sociedade ainda não se encontra totalmente preparada, e, por isso mesmo sugere-se que reveja – se possível rapidamente – conceitos, normas e a visão sobre algo que nesse momento, está acontecendo com ela própria na medida que, não são somente as pessoas envelhecem, mas a sociedade em si.

A continuar a confirmação das previsões demográficas, não haverá dúvidas que os jovens, homens e mulheres de hoje logo mais adiante serão os idosos, com grande chance de passarem aos olhos da história como integrantes de uma população cada vez mais numerosa. Daí a necessidade de se agir contra a discriminação que hoje se percebe para a população idosa, sob a condição de se não fizer, experimentarão do mesmo, ou até mais severo, tratamento observado na atualidade.

Assim, diante das preocupações inerentes ao processo de envelhecimento do ser humano na sociedade contemporânea, este estudo foi definido primeiramente, pela adoção do método fenomenológico, com apoio das representações sociais e da observação participante. De sorte que, a construção de todo o referencial teórico, bem como, a análise e a interpretação dos dados foi direcionada com base naquela metodologia.

O trabalho de campo foi desenvolvido em três momentos distintos e importantes, objetivando procurar saber o significado da velhice que, sob a forma de entrevista perguntava-se: *O que é ser velho?*

Primeiramente, buscou-se saber a resposta segundo o entendimento das instituições sociais do município de Palmas, Estado do Paraná. Num segundo momento a mesma questão foi trabalhada na comunidade palmense em faixas etárias decenais, e, finalmente foi concluída a pesquisa de campo junto aos idosos, todos integrantes dos grupos de terceira idade.

Foram analisadas no total 496 (quatrocentos e noventa e seis) entrevistas que, após exaustivas e reiteradas leituras foi possível interpretá-las mediante a configuração das grades de categorização concebidas em cada uma das etapas mencionadas.

Assim, deseja-se alinhar as considerações finais, comentando as categorias de cada uma das etapas trabalhadas.

A – Instituições Sociais

Ao perguntar para os representantes das instituições sociais *o que é ser velho?* foi possível perceber genericamente que, muito embora houvesse o reconhecimento sobre a importância desta fase da vida humana enriquecida pelos valores pessoais, até onde foi possível identificar, quase tudo permanece nos patamares das preocupações, ou seja, os discursos existem mas as práticas ainda estão longe de serem favoráveis a população idosa.

Descobriu-se que efetivamente muito pouco a sociedade ofereceu e/ou oferece favoravelmente em todos os sentidos às pessoas idosas.

Paradoxalmente, parece que também ficou transparente que há a consciência de que as próprias instituições, como também, a região sudoestina estão envelhecendo, e portanto, é preciso com certa urgência redimensionar as condutas efetivas que de algum modo, possam atender as necessidades dos idosos de modo mais comprometido.

De igual modo, e muito especialmente, pertinente aos valores como a solidariedade, dignidade e humanidade, constatou-se – como seria evidente – a expressiva importância e peso que podem significar ao longo do processo de envelhecimento do ser humano, mas, também houve o reconhecimento que ainda podem e devem ser mais intensas as manifestações amparadas por tais valores em favor da pessoa idosa.

Ainda que local e regionalmente se possa contar com algumas instituições encarregadas de prestar serviços e cuidados às pessoas idosas, observou-se a marcante ausência da família no acompanhamento e apoio dos seus idosos. Ficou a impressão de que existe nessa relação família / instituição, algo muito próximo a uma transferência de responsabilidade, ou, o descarregar de um peso.

A experiência e a sabedoria foram intensamente citadas em quase todas as entrevistas com os representantes das instituições sociais. Sabe-se que tais atributos pessoais podem contribuir, por exemplo, na transmissão de conhecimentos aos mais jovens, porém, as oportunidades para que isto seja possível praticamente também não existem.

Há contudo, o oferecimento de alguns projetos que são desenvolvidos pela instituição de ensino superior local que procura atender pessoas idosas, sendo um fato importante e louvável, mas que encontra dificuldades de ordem financeira para a manutenção e permanente funcionamento.

Para além disso percebe-se que a sociedade não concorda com a convenção que estabelece a idade para a velhice por entender-se que é algo bastante subjetivo e que pode variar muito de pessoa para pessoa. Compreende-se que pessoas com idades mais avançadas podem continuar a fazer integrar o mundo do trabalho produtivo de modo ativo.

Com referência ao conceito de velhice há o reconhecimento da discriminação em relação aos idosos, inclusive, notando-se também as ausências e até mesmo as omissões do Estado no atendimento ao mínimo necessário para a garantia da continuidade de vida das pessoas idosas. Na verdade não existe de forma definitiva, políticas públicas favoráveis à terceira idade, além do que, o sistema previdenciário apresenta falhas e desorganização, exigindo uma urgente reformulação do modelo vigente.

Verificou-se a preocupação com maior intensidade quando se concorda que o sistema único de saúde não consegue, na maioria das vezes, oferecer serviços e atendimento que possa suprir as necessidades das pessoas idosas em todos os sentidos.

Quando se afirmou que a pessoa idosa é, por muitas vezes, desmotivada logo em seguida, se teve a exata noção de que é mesmo muito difícil um idoso estar motivado e estimulado se não consegue garantir a sua própria subsistência atendendo as necessidades básicas como saúde, vestiário, segurança, lazer entre outras.

Com referência a aposentadoria chega mesmo a produzir certo desconforto ao se identificar que os valores pagos, quase sempre necessitam de complementação, conseguida geralmente com qualquer tipo de trabalho. Há nessa constatação a real desconsideração pelos serviços que ao longo de tanto tempo foram prestados, e, que agora na aposentadoria as dificuldades ganham uma amplitude bem expressiva, além do idoso de um momento para o outro ser incluído no universo das pessoas pouco produtivas.

Entretanto, a preocupação maior foi notar a afirmação de que, à luz da jurisprudência o estatuto do idoso não trouxe nenhuma novidade que já não existisse antes da vigência do mesmo. Portanto, pode-se entender que toda a ampla divulgação na mídia a respeito da aprovação do novo estatuto do idoso, tenha sido provavelmente para atender outros interesses, e que, estejam ligados a outros propósitos, longe de ser os da população idosa.

De igual modo, na instância de atendimento pela esfera pública foi possível concluir que boas idéias, boas intenções verdadeiramente existem, em favor das pessoas idosas mas, acabam tropeçando no mundo da burocracia que raramente permite que tudo saia do papel e entre no mundo real. Raciocina-se que sociedade relega mesmo ao idoso a condição de incapacitado diante das suas grandes limitações, por isso julga não valer a pena investir.

Nessa linha de pensamento, percebeu-se por reiteradas vezes que algumas das instituições sociais, demonstraram uma certa impotência para a condução de um trabalho sério e mais consistente contemplando as pessoas idosas. Tem-se a notícia, por exemplo, de que nem sempre os recursos solicitados chegam a tempo e no destino certo, isto quer dizer que, caberá aos idosos uma certa tomada de posição e de iniciativa objetivando buscar elementos favoráveis para si mesmos.

Surpreendente foi se ter ciência que nem mesmo nas instituições que prestam serviços de maior relevância à própria sociedade, as pessoas são contempladas com o reconhecimento dos valores pessoais quando se encontra aposentado por força do tempo de serviço que prestou.

A leitura que se pode fazer nesse caso, é ainda mais preocupante porque permite raciocinar no fato de que também a essa população de idosos, pode estar próximo o tempo em que até mesmo os mais consagrados direitos deverão ser arrebatados, determinando perdas ainda mais intensas.

Sabe-se que o idoso, reúne condições para trabalhar e continuar produzindo por muito mais tempo do que o previsto na atualidade para a aposentadoria. Sabe-se também que seria imensamente interesse, poder contar com a experiência dos mais velhos contribuindo na preparação de profissionais das áreas mais técnicas, porém há uma resistência considerável para a reformulação da lei que determina o tempo de serviço e conseqüentemente, a aposentadoria. Parece que a sociedade, por razões que só ela conhece, encontra-se distante do aprendizado para a velhice mesmo envelhecendo.

Um ponto foi praticamente comum entre os representantes das instituições entrevistadas, acenando como saudável, importante e necessário para as pessoas de modo geral, mas sobretudo, para as pessoas idosas, a participação em programas de atividades físicas. Reconheceu-se o valor preventivo, psicológico e de socialização no desenvolvimento de um trabalho bem estruturado que possa atender a população idosa, inclusive, afirmando-se que é a referência que pode fazer a grande diferença nas pessoas idosas no que diz respeito ao bem-estar, alegria e qualidade de vida.

De certo modo no contexto social da atualidade, também se observou a concordância de que é preciso re-avaliar os conceitos sobre o envelhecimento humano, mas sobretudo, é preciso saber envelhecer. Nesse sentido, há quem já concorde com a implantação de programas que possam abordar a educação para a velhice do ser humano. O que aliás, também é uma outra falha e/ou omissão da própria sociedade.

B – Comunidade Palmense - Faixas Etárias Decenais

Nesta etapa procurou-se abranger todos os bairros do município, o que resultou na coleta de 422 (quatrocentos e vinte e duas) entrevistas que foram distribuídas em três categorias encontradas após exaustivas leituras. Assim, percebeu-se que cada entrevistado pode emitir o seu pensamento sobre o que é ser velho de acordo com aquilo que provavelmente ouve, observa e eventualmente conclui sobre esta fase da vida humana.

1 – Categorias: Ausência – Faltas ou Perdas

A opção na coleta das entrevistas sempre observou faixas etárias decenais por entender que, as pessoas de diversas idades teriam a oportunidade de expressar o pensamento acerca do envelhecimento humano.

Assim, foi a categoria das ausências – falta ou perdas, estando aí implícitas as condições das ausências referentes aos obstáculos encontrados nas ruas, prédios, residências, passeios e calçadas que acabam por se configurar como gradientes de dificuldades para a mobilidade e deslocamento das pessoas idosas.

De igual modo, este chamamento de atenção para estas edificações arquitetônicas, também revelam a preocupação com possíveis acidentes e quedas sérias que podem ocorrer com qualquer pessoa, mas muito especialmente com as pessoas idosas.

Os entrevistados também entenderam que de fato há uma grave ausência com referência a falta de respeito para com pessoas mais velhas, porém, admitem que outros setores da sociedade também tratam de maneira inadequada os idosos e nem por isso é considerado um erro.

Interessante foi a verificação do entendimento de perda pelos entrevistados no que diz respeito à beleza e estética. Naturalmente que numa sociedade em que se exorta a juventude o belo, o corpo bem dimensionado, e, o apelo da mídia que prefere tais perfis, acredita-se que poucas oportunidades restarão para qualquer pessoa idosa.

Na verdade, o idoso traz impresso no corpo as marcas do tempo que de fato, não corresponde com aquelas exigências sociais, entretanto, compensa toda essa transformação, na medida que amplia imensamente os mais nobres valores humanos que, parece não representarem graus de maior importância.

Os entrevistados também reconhecem como sendo perdas que os idosos podem assimilar as separações entre amigos, companheiros, filhos e família. Associam de modo direto a velhice com a morte que também aí, afirmam existir a perda, e ainda, mesmo censurando, sabem que o asilo representa a perda talvez mais profunda porque, o idoso ao ser entregue aos cuidados do asilo não tem qualquer dúvida de que este gesto é da sua própria família, que não deseja mais a sua presença. Na verdade, é bem provável que esta atitude seja pior que a própria morte e por extensão, considera-se uma perda com conseqüências drásticas e profundas.

Curiosa foi a identificação de que o idoso resente-se pela ausência de amor, de carinho e de segurança, até porque ao admitir que há tais ausências, certamente também se sabe que elas podem ser eliminadas na medida que, a maior interação e o estreitamento das ligações afetivas entre o jovem e o mais velho, pode resolver a questão.

A falta da dignidade e humanismo para com a população idosa foi da mesma forma identificada na relação de pessoas mais jovens e pessoas mais idosas. Aliás, pode-se dizer que estas faltas já foram de certo modo, também reconhecidas pelos representantes das instituições sociais.

E ainda, os entrevistados admitem que falta reconduzir o idoso ao trabalho porque se entende que o mesmo tenha aptidão e capacidade para tanto. Nesse universo, também foram identificados os sentimentos da solidão e da tristeza que a pessoa idosa muitas vezes convive e sofre.

O que não deixa de ser preocupante são os relatos de que a tristeza, que é a grande aliada da solidão, quase sempre resultando em expressivo declínio até a morte de inúmeras pessoas idosas. Porém, ainda assim a sociedade parece não se importar, ou, pelo menos tornar evidente maiores cuidados e atenção com a população idosa, por certo, há outros interesses, que não os dos idosos, de relevante significado merecendo ser acompanhados com especiais cuidados.

2 – Categoria: Valores Reconhecidos na Velhice

Chega mesmo a impressionar a grande frequência revelada na categoria dos valores reconhecidos na velhice pela própria sociedade, reconhecendo na pessoa idosa sua sabedoria e experiência, e que, por isso mesmo deve partilhar tais conhecimentos com os mais jovens. De fato, não deixa de ser mesmo um dever por parte da população idosa a partilha das suas vivências e experiências acumuladas ao longo do tempo. Mas, se tal fato é largamente compreendido pela maioria das pessoas a existência desses valores nos idosos, raciocina-se que mais uma vez eles oferecem sua contribuição conduzindo os mais jovens pelos melhores caminhos, e, em contra partida continua recebendo igual forma de tratamento, na maioria das vezes, discriminatório por parte dos membros desta mesma sociedade.

Não deixa de ser conflitante o entendimento que as pessoas tem quando afirmam estarem conscientes que irão envelhecer. Se de fato esta é a concepção, certamente também deve existir a consciência de que no futuro próximo, aqueles que hoje são jovens serão velhos, e, por conseguinte estarão

sujeitos a aceitarem o mesmo tratamento, ou até quem sabe mais severo, oferecido pela sociedade.

Além disso, nota-se haver o entendimento que envelhecer não deixa de ser uma virtude, ainda que no contexto social, essas mesmas virtudes nas pessoas idosas muito raramente são destacadas. Estas posições que se compreende estarem em sentidos opostos, podem refletir o desconhecimento que pessoas têm em relação ao processo de envelhecimento humano.

Também pelo olhar das pessoas entrevistadas, percebe-se que a aptidão e atividade física são relevantes no curso da vida das pessoas idosas não só como ação preventiva às possíveis desorganizações funcionais, como também, como forma de manter a capacidade e aptidão física. Então o discurso de que, não é recomendável para a pessoa idosa continuar a trabalhar e ser produtivo em razão das sensíveis perdas das capacidades físicas, e psicológicas pode não estar bem equacionado, ou, a sociedade voluntariamente por razões que somente ela conhece, arrebatada do idoso o direito de continuar a produzir, entendendo que a partir do momento da sua aposentadoria ele passa a ser uma pessoa parcial ou totalmente incapaz. Assim, parece não restar dúvidas de que, o preconceito e a discriminação em relação às pessoas idosas, estão presentes na sociedade contemporânea.

3 – Categoria: Visão Social Sobre a Pessoa Idosa

A visão que a sociedade tem sobre a pessoa idosa é, geralmente apressada. Deseja-se com isso dizer que, torna-se bastante difícil alguém expressar, e/ou, afirmar alguma coisa sem ter o real conhecimento daquilo que se afirma. Entende-se que seja exatamente isso que se pode observar em relação ao entendimento social sobre a velhice.

Diante disso, as pessoas entrevistadas prontamente afirmaram que o idoso é muito limitado funcionalmente e além disso, é lento e improdutivo. Discurso amplamente ventilado e que, acata-se como sendo verdadeiro. Entretanto, é imperioso registrar que a pessoa idosa pode apresentar graus de prontidão diferentes se relacionado quando vivia a idade jovem e adulta.

Com o passar do tempo é natural que sejam observadas transformações no ser humano, o que não pode ser confundido com incapacidade. Ou seja, a pessoa idosa pode sim realizar tarefas de toda a ordem, apenas a conclusão daquele trabalho poderá requer um tempo um pouco maior. Além do mais, quando é tirado o direito do trabalho do idoso através da aposentadoria, ele consegue encontrar com a realização das tarefas cotidianas de sua própria casa, um modo de dizer que não é improdutivo. Entende-se como improdutivo, alguém que não seja capaz de realizar absolutamente nada, e este, com certeza não é o caso da pessoa idosa.

Talvez a visão mais comum esteja aqui configurada quando, os entrevistados – em bom número – dizem que os idosos são chatos, muito mal humorados e dependentes. Entende-se que tais conceitos possam estar de algum modo ligado a não observação das pessoas mais jovens, quanto ao respeito dos espaços, preferências gostos das pessoas mais velhas. Genericamente, a pessoa mais jovem revestida de um sentido mais egoísta, acaba invadindo, ou, impedindo abruptamente que o idoso possa desfrutar a vida do modo que melhor lhe convier.

Nesse universo, também se designou a pessoa idosa como sendo esquecida, negativa e um incômodo na vida dos demais. Por certo não se pode esquecer que, em casos que se desenvolvem doenças de ordem degenerativa – que não pode ser generalizado – as pessoas idosas acometidas desses males, podem apresentar quadros de esquecimento e de dependência. Contudo, estas situações merecem tratamento e atenção especializados em clínicas e casas de saúde para idosos. Dessa forma, restará aos membros da família, estreitarem ainda mais os laços de afetividade com aquela pessoa durante o tempo que durar o tratamento que, ao ser considerada restabelecida deverá retornar ao seio da família.

Sabe-se que estas discrepâncias servem para reforçar que de fato, não se tem uma preparação para envelhecer, e, se desconhece o processo do envelhecimento como tal.

De outro modo, verificou-se que as pessoas não sabem localizar cronologicamente o período que se envelhece. Observou-se que foram consideradas idades variadas entre 40, 50, 60, 70 e 80 anos, para se atingir a velhice. Tal constatação serve para confirmar o quanto a convenção de um número é inconsistente na determinação do período em que se inicia a velhice do ser humano. Além disso, parece que também esta observação reforça o entendimento de que, o envelhecimento é muito particularizado, ou seja, para alguns já aos 40 ou 50 anos pode-se considerar como envelhecidos, porém, para outros, 80 anos quem sabe seja o início do processo de envelhecimento.

C – Idosos Integrantes dos Grupos de Terceira Idade

Esta foi a última etapa do trabalho de pesquisa de campo. A intensa convivência com os integrantes dos grupos de terceira idade durante 87 (oitenta e sete dias), foi na verdade, um raro privilégio que se teve. Durante esse tempo, foram coletadas 60 (sessenta) entrevistas, bem como, o diário da pesquisa de campo foi enriquecido com apontamentos e anotações, resultado das observações que durante todo o tempo foram verificadas.

1 – Categoria: Valorização Pessoal

Pode-se dizer que a população idosa está plenamente consciente sobre a desvalorização pessoal que é possível de ser percebida no contexto social vigente.

Contudo, sabem também que ao longo do tempo ampliaram imensamente o acervo dos valores humanos e que por isso, a dimensão que possuem sobre as pessoas não mais se resume pela importância do 'ter'.

De sorte que, a capacidade de assimilação aos preconceitos, muitas vezes discriminatórios e pejorativos é formidável. Muito raramente observa-se uma pessoa idosa abater-se em razão, pode-se dizer, das agressões que sofre na sociedade contemporânea. Antes, prefere fazer deste episódio uma bandeira de luta para comprovar exatamente o contrário.

Por isso, serão percebidos na maioria dos pontos encontrados nas três categorias contradições, discordâncias e poucos pontos comuns.

Diante disso, os idosos não entendem que o processo do envelhecimento humano possa conduzir as pessoas ao estágio, por exemplo, da incapacidade. A maioria dos integrantes dos grupos de terceira idade foi pontual em afirmar que, suas existências transcorrem revestidas, sobretudo, do sentimento jovial, apresentando-se sim algumas limitações que vez por outra, podem determinar que algumas tarefas levem um pouco mais de tempo para serem concluídas, porém, jamais tais limitações determinam para a pessoa idosa o sentido da incapacidade tal como a sociedade afirma acontecer.

Por outro lado, reconhecem que limitações mais expressivas geralmente são em decorrências da ação do meio externo, ou, por razões determinadas pelas heranças genéticas. Nesses casos, realmente a pessoa idosa é impedida de levar uma vida normal, mas também advertem os entrevistados que, nem por isso se pode conduzir esse entendimento como se tal fato, ocorresse com todas as pessoas idosas.

Provavelmente encontre-se expresso nesse pensamento, talvez o único ponto comum, portanto, percebido nas três etapas do trabalho de campo e que, também junto com os idosos não se revelou diferente.

Trata-se da compreensão que os idosos tem ao admitir que as atividades físicas são indicadores da manutenção da saúde e do resgate dos bons hábitos e atitudes de vida. As afirmações dos idosos foram unânimes no que concerne a necessidade da participação continuada em programas de atividades físicas, a ponto de se dizer que, quando em atividade as pessoas podem tornar a velhice mais agradável, encarada apenas como uma nova etapa da vida humana.

2 – Categoria: Visão do Idoso Sobre a Sociedade

Assim como a sociedade deixa transparecer a sua visão a respeito do idoso e do processo de envelhecimento, também a população idosa apresenta o entendimento que tem deste processo como tal, mesmo porque, eles próprios vivem exatamente esta fase, e portanto, conseguem identificar um pouco melhor os significados, transformações e conotações das possíveis diferenças implícitas com o avançar do tempo.

Certamente tais evidências podem servir como condição para se assegurar que nem sempre os conceitos emitidos pela sociedade acerca do envelhecimento humano, poderão ser considerados definitivos e/ou, revestidos da verdade quase que absoluta.

As queixas das pessoas entrevistadas a respeito da aposentadoria foram marcantes, tanto no que diz respeito ao entendimento de que ela é precoce, quanto pelo fato da sensível redução dos rendimentos se, comparados com o período que não se encontravam aposentadas, e ainda, em razão da lei impedir retornar ao mundo do trabalho oportunizando níveis sócio-econômicos mais dignos e compatíveis às necessidades básicas da pessoa idosa.

Por outro lado, os próprios idosos sabem que estas dificuldades, pelo menos por enquanto, não serão resolvidas, até porque, entendem que é necessária uma melhor organização entre a própria população idosa no sentido de conseguir, inclusive, força política para a aprovação de projetos favoráveis às pessoas idosas no sentido de, salvaguardar seus mais legítimos direitos, como é o caso de suspender o impedimento ao retorno para o campo de trabalho após a aposentadoria, melhorar o oferecimento dos serviços de saúde entre outras reivindicações.

A população idosa entende que os discursos a respeito das limitações, incapacidades e impossibilidades que se afirma existir nas pessoas idosas em decorrência do tempo, são equívocos não passando de enganos grosseiros que não condiz com a realidade sobre o desenvolvimento do processo de envelhecimento do ser humano.

Questiona-se, inclusive, a consistência das afirmações se quem emite os conceitos sobre a velhice, provavelmente não vive o cotidiano do idoso sendo idoso.

Atrelado a estes fatores que provavelmente acabam de algum modo sustentado os preconceitos até mesmo pejorativos, bem como as discriminações, identifica-se o isolamento resultando quase sempre na solidão.

Especialmente estes dois fatores, são responsáveis pelos sérios comprometimentos à saúde psíquica, física e social da pessoa idosa. Portanto, pensa-se que cabe primeiramente a família o dever de estar sempre presente com seus idosos. Assim, certamente as ansiedades e inquietações, presentes no dia-a-dia do idoso poderão ser muito menores e as possibilidades de bem-estar bastante alargadas. Entretanto, raciocina-se de igual modo que cabe à sociedade, oferecer opções para a ocupação do tempo livre, mediante a manutenção de programas que contemplem o ser humano na sua integralidade.

Durante o tempo que durou o trabalho da pesquisa de campo, verificou-se que havia uma acentuada tendência para a realização de bailes, o que a rigor não se deixa de ser interessante porque de fato, atende os princípios da socialização, integração e interação entre os participantes.

Porém, parece que também se pode desenvolver um trabalho que traga novos enfoques, principalmente porque há de fato, um universo bem vasto de oportunidades que pode servir de referência para outras linhas de ação, como por exemplo, oficinas de trabalhos diversificados, produção artística, oficina de informática, oficina de contos e histórias entre tantos outros.

Para além disso percebeu-se que os integrantes dos grupos de terceira idade não negam o fato de realmente serem idosos. Como também não negam todo o processo e transformação, resultado desta etapa da vida humana. Mas revelam muita resistência em aceitar conceitos que de fato, não condizem com a realidade porque eles próprios estão vivendo esta fase, e, sabem quais as suas reais necessidades, limites e capacidades.

3 – Categoria: Lazer / Bem-Estar e Convivência

Em algumas das entrevistados na segunda etapa, ou seja, na coletada junto a população municipal, identificou-se recortes afirmando que o velho além de não fazer nada, ganhava do governo e que portanto, era como um parasita.

Obviamente que não é este o entendimento que se tem das pessoas idosas, mas é bem verdade que, ao entrarem na idade considerada como fase

da velhice, certamente que cabe também estimular a socialização através de programas de lazer, recreação e excursões que pode agregar um outro valor, qual seja, o da ampliação cultural.

Ao longo do tempo da convivência junto aos integrantes dos grupos de terceira idade, observou-se que a maioria dos idosos não reunia conhecimentos acerca da sua região. Por extensão pouco sabiam também sobre costumes, tradições e cultura regional. Assim, identificou-se ser esta mais uma opção requerida pelos próprios idosos porque, de acordo com as anotações do diário da pesquisa de campo, encontram-se registros sobre este fato que parece ser interessante e necessário, além de ser mais um direito do cidadão idoso que não é contemplado pela sociedade atual.

A família segundo a visão da pessoa idosa, constitui-se o valor revestido da maior importância porque é nela que o idoso espera encontrar garantia de subsistência, salvaguarda pessoal, segurança, amor, carinho e dedicação. Também é junto da família que o idoso entende que seus valores jamais serão ignorados e que, o respeito – que muitas vezes é ausente na sociedade – certamente não faltará.

Também aqui não foi bem este o perfil encontrado. Percebe-se que não há muitos recortes das entrevistas coletadas que destaquem a família de modo geral. Contudo, no registro das observações do diário da pesquisa de campo nota-se que boa parte dos integrantes dos grupos de terceira idade, não encontram na sua família tudo aquilo que esperavam.

Em alguns casos, nota-se mesmo que há um distanciamento já bem delineado, por exemplo, entre pais e filhos ou avós e netos.

Por outro lado, na segunda etapa da pesquisa de campo, identificou-se até com certa preocupação, as insistentes freqüências que se reportavam ao fato de deixar as pessoas idosas no asilo, e como se não bastasse com o tempo eram literalmente esquecidas, não recebendo a visita nem mesmo dos familiares mais próximos. Ainda nessa etapa do trabalho de campo, verificou-se nos recortes das entrevistas pessoas idosas sendo tratadas com desrespeito e adjetivos pejorativos que eram dirigidos aos pais, e avós.

Portanto, ao se considerar a família como o principal componente da sociedade, entende-se que pode haver uma certa desarticulação deste componente no contexto social contemporâneo. Talvez também os motivos pelos quais a sociedade deixa de reconhecer os valores das pessoas idosas, possam ter origem nesse viés.

De qualquer modo as pessoas idosas não abdicam da sua família. Sabem que a continuidade das gerações é também, um pouco em função da responsabilidade pessoal de cada idoso integrante desta sociedade.

Finalmente, nesta última grade de categorização os idosos contemplaram a felicidade e o otimismo como sendo duas forças geradoras de estímulo, vontade, determinação e fé, razões suficientes para continuar vivo como contribuinte na construção de dias melhores, e, de uma sociedade menos desigual.

Este otimismo e esta felicidade que pode ser encontrado em muitos recortes das entrevistas coletadas, foi de certo modo confirmado na prática quando, no último dia do trabalho de pesquisa de campo estava programado o cumprimento do percurso da trilha ecológica, nas dependências físicas da 15ª. Companhia de Engenharia e Combate, uma das unidades do Exército Brasileiro. As condições climáticas não eram as melhores. Havia uma garoa mansa e contínua, e, por isso no primeiro momento decidiu-se suspender a atividade. Porém, os idosos exigiram que a programação fosse mesmo cumprida, alegando que vontade de cada pessoa ali presente, deveria ser respeitada. De fato todos cumpriram o percurso sendo que para finalizar cada participante, plantou uma muda de árvore nativa como forma de agradecimento e também, como exemplo para a preservação da natureza.

Assim, resolveram denominar a área destinada ao plantio das mudas nativas como: Horto Florestal da Terceira Idade.

Após a exposição das categorias encontradas, parece que cabe ainda destacar como forma de possível conclusão, três situações entendidas como importantes para a finalização deste estudo.

A primeira se reporta ao fato de que, a sociedade não tem o real conhecimento sobre o processo do envelhecimento do ser humano. Aponta com inúmeras preocupações, revela grandes idéias e apresenta poucas práticas favoráveis à população da terceira idade. Assim, entende-se como sendo urgente e inadiável a abertura de um novo e sério debate sobre tão relevante questão objetivando, a profunda revisão dos atuais conceitos sobre envelhecimento humano que se tem conhecimento na atualidade.

É importante não esquecer que há fortes indícios apontando que, as noções negativas acerca do envelhecimento podem mesmo resultar em sérios problemas relativos à saúde mental, física e social do ser humano. Então, o propósito que aqui se deseja evidenciar é de pelo menos, buscar o foco de um novo olhar sócio-cultural que possa promover mudanças dos conceitos capazes de agregar novos e reconhecidos valores para as pessoas idosas.

A segunda instância sustenta-se pela convicção de que é preciso se preparar para envelhecer. Jovens, homens e mulheres não conseguem entender o processo da velhice humana porque em razão de inúmeras situações, medos e até tabus prefere-se se distanciar do tema, não falar não discutir e por fim ignorar.

Como se entende que sempre será através da educação que o homem encontrará, a grande oportunidade para se tornar pouco melhor hoje do que foi ontem, também nesse viés sugere-se que em ponto futuro, se pense seriamente em incluir nos currículos escolares a disciplina que deverá preparar todo o cidadão para o bem envelhecer, e por extensão, também a sociedade que envelhece possa retirar desse fato que é inexorável as melhores lições, oferecendo ao ser humano a dignidade tão intensamente requisitada.

A terceira e última instância, é que se deve ganhar tempo ao saber ouvir os idosos. Aliás, deve-se mesmo antes, arranjar tempo para ouvi-los, e, depois aprender a ouvi-los.

Certamente ouvindo com prazerosa atenção tudo o que os velhos tem a dizer, não só se acumularão os conhecimentos, ou, aumentarão ainda mais os acervos culturais, como sobretudo, se passará a entender a vida e a vivê-la com tanta intensidade que, quando naquele lapso de tempo, o ser humano quiser se dar conta, já terá fechado seu ciclo permanecendo eterno pelo que foi e fez, nunca pelo que teve.

Por isso, é necessário que a sociedade ofereça a oportunidade para que a população idosa possa dizer e fazer o que sabe, ensinando talvez, o segredo da vida que não deve residir nos corpos esbeltos, tampouco nas linhas apumadas dos rostos contemporâneos, e muito menos na moda ou no carro de última geração.

Por certo, o segredo da vida se encontra guardado nos corações dos velhos, cujo lugar, sempre se destina a perdoar, até mesmo as impertinências, preconceitos e discriminações que não por acaso, acertaram em cheio os velhos de ontem, continuam acertando os velhos de hoje, e, espera-se que não acertem os velhos de amanhã porque poderá ser que nós estejamos na alça de mira.

BIBLIOGRAFIA

ANTONELLI, Paulo Ernesto. *A Importância da Dinâmica Corporal na Manutenção da Saúde e Melhoria da Qualidade de Vida, Voltada Para a Faixa Etária entre 45 e 72 Anos de Idade*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1996.

_____ *Idoso e a vida com qualidade*. CONFELIRES. UGF – Rio de Janeiro. 2003.

ALMEIDA, Vera Lúcia Valsecchi et all. *Serviço Social & Modernidade*. CORTEZ EDITORA. São Paulo. 2003.

ALVES, J.R. *Representações simbólicas do corpo envelhecido*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto / Portugal. 1999.

ARAÚJO, Celso Arnaldo. *Revista Terra n°11. Edição 139*. Novembro de 2003.

ARENDT, Hannah. *Condição Humana*. Relógio D'Água Editores. Lisboa / Portugal. 2001.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Edições 70. Lisboa. 1977.

BELMONT, Nicole. *Velhice*. in Enciclopédia EINAUDI – vol. 36 / vida-morte:tradições - gerações. Imprensa Nacional/Casa da Moeda. Gabinete Editorial da INCM. Portugal. 1997.

BENTO, J. *O idoso a geração do próximo milênio*. In Jorge Mota, Joana Carvalho (Eds.) *Actas do Seminário: A Qualidade de Vida no Idoso*. FCDEF. Universidade do Porto / Portugal. 1999.

_____. *O outro lado do esporte*. Campo das Letras-Editores S.A. Porto / Portugal. 1995.

BEAUVOIR, Simone de. *A Belice*. Tradução de maria helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1990.

BERMUDES, C. *A arte de envelhecer*. Geriatria. VII (68): 44-46, setembro / 1994.

BERESFORD, Heron. *VALOR: saiba o que é*. Editora Shape. Rio de Janeiro. 1999.

BOOF, Leonardo. *Saber cuidar*. Petrópolis. Vozes. 1999.

BORGES, Anselmo. *Corpo e Transcendência*. Fundação Engenheiro António de Almeida. Porto / Portugal. 2003.

BOUTIN, Gérald; GOYETTE, Gabriel e LESSARD, Michelle. *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Editions Agence d'ARC. Rolo & Filhos – Artes Gráficas, Lda. Lisboa / Portugal. 1990.

BOWLING, A. *Health Related Quality of Life: A Discussion of the Concept, its use and Measurement*. Measuring Disease. Open University Press, Buckingham – pp. 01-99. 1995.

BRAUNSTEIN, Florence; PÉPIN, Jean-François. *O lugar do corpo na cultura ocidental*. Instituto PIAGET / Lisboa – Presses Universitaires de France. 1999.

BRANDEN, Nathaniel. *Auto-Estima: como aprender a gostar de si mesmo*. 5. ed. Editora Saraiva. São Paulo. 1992

BRITO, Carmem Lucia C. de. *Consciência Coporal*. Sprint editora. Rio de Janeiro. 1996.

CIMENTI, Carolina. *Karol Wojtyla: de Lolek a João Paulo II*. Terra. Abril 2004.
<http://www.terra.com.br/noticias/especial/papa/vida.htm>.

_____. *Karol Wojtyla: de Lolek a João Paulo II*. Terra. Abril 2004.
<http://www.terra.com.br/noticias/especial/papa/vida2.htm>.

CABRILLO, Francisco & CACHOFEIRO, M. Luiza. *A Revolução Grisalha*. Planeta Editora. LDA. Lisboa / Portugal. 1990.

CARDOSO, Maria João Carvalho. *Representações de Vida: um estudo realizado com adultos idosos*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto / Portugal. 2002.

CARDOSO, Paula Cristina da Costa Portugal. *A Idéia da Morte em Idosos Reformados – Estudo Comparativo Entre idosos Sedentários e Idosos Com Atividade Física Regular*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Porto / Portugal. 2004.

CATARINA, José Antonio (Compilador); HIRSCHFELD, Lawrence A. e GELMAN, Susan. *Representaciones Sociales: Problemas teóricos y conocimientos infantiles*. Gedisa Editorial. Biblioteca de Educación. Barcelona. España. 2003.

CAVAZZUTTI, Francesco e CREMONI, Giuliano. *I Benefici dell'attività fisica in età senile*. Revista Educazione Física e Sport nella scuola. n. 188. 1963.

CÍCERO, Marco Túlio. *Catão-o-Velho ou Da Velhice*. Tradução de Carlos Humberto Gomes. Edições Cotovia, Lda. Lisboa / Portugal. 1998.

CIVITA, Roberto. *Almanaque Abril – Guia da Cidadania*. Fundação Victor Civita. Rio de Janeiro. 2001.

COMEL, Nelsina Elizena Damo. *A Tolerância Como exercício de Cidadania*. Ciências Humanas, vol. 6(1), 91:103. Universidade Estadual de Ponta grossa – PR. 1998.

CONI, Nicholas; DAVISON William e WEBSTER Stephan. *O Envelhecimento*. Tradução de Yolanda Steidel Toledo, Editora Experimento. São Paulo. 1996.

CORDEIRO, M.P. A. A avaliação da saúde em gerontologia. in M. A. Mendes Costa et all. (Eds.) *O idoso – problemas e realidades. Manual sinais vitais*, pp. 51:61. Editora FORMASAU – Formação e Saúde Lda. Coimbra / Portugal. 1999.

CORDEIRO, Rafael Álvarez. *Viver Mais e Melhor: uma proposta de vida longa e saudável*. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 2005.

CHOPRA, Deepak, M.D. *Corpo Sem Idade, Mente sem Fronteiras: a alternativa quântica para o envelhecimento*. Tradução de Haroldo Netto. Rio de Janeiro. Editora Rocco. 1994.

COSTA, António da Silva. *Desporto e Antropologia p.37:72* In: O DESPORTO ENTRE LUGARES – O Lugar das Ciências Humanas Para a Compreensão do Desporto. Faculdade do Desporto. Universidade do Porto. Porto / Portugal. 2006.

CRITELLI, Dulce Mara. *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. EDUC. Editora Brasiliense. São Paulo. 1996.

DANTAS, Paulo Manuel Ribeiro Farinha Nunes. *A Intencionalidade do Corpo Próprio*. Instituto Peaget. Lisboa / Portugal. 2001.

DIENER, E. *Subjective Well-being*. Psychological Bulletin, 95 (3), 542-575. 1984.

DE MASI, Domenico. *O Ócio Criativo*. Tradução de Lea Manzi. Rio de Janeiro. Editora Sextante. 2000.

DOCTORS, Marcio (org). *Tempo dos Tempos*. Textos de Marcio Tavares d'Amaral et al. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro. 2003.

DOISE W. *Lês Représentations Sociales*. In R. Ghiglione, C. Bonnet & J.F. Richard (orgs.) *Traité de Psychologie Cognitive*. Dunod. Vol. II: 11-174. Paris. 1990.

DUARTE, José A.; FIGUEIREDO, Pedro A. e MOTA, M. Paula. *Teorias Biológicas do Envelhecimento*. In: Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto. Vol. 4 n. 01 Jan./Jun. 2004.

FERREIRA, Nilda Tevês. *Qualidade de Vida, Meio Ambiente e Esporte*. p. 37:51. in MOREIRA, Wagner e SIMÕES, Regina (Org.). Piracicaba. Editora Unimep. 2002.

FREIRE, Paulo. *Almanak da Idade de Pensar*. Secretaria de estado da Cultura-Governo do estado de São Paulo. 1993.

_____. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1999.

FROMM, Erich. *Análise do Homem*. Tradução de Octavio Alves Velho. Círculo do Livro. São Paulo. 1947.

FLICK, Uwe. *Uma Introdução à pesquisa Qualitativa*. Tradução de Sandra Netz. 2ª. Edição. Editora Bookman. Porto Alegre. 2004.

GARCIA, Rui Proença. *O idoso na sociedade contemporânea*. FCDEF – Universidade do Porto / Portugal. 1999.

_____. *Desporto, Formação Profissional e Qualidade de Vida*. in *Esporte Como fator de Qualidade de Vida*. Wagner Wey Moreira, Regina Simões (Org.) Editora UNIMEP. Piracicaba / SP. 2002.

_____. *Desporto e valores*. Conferência proferida ISMAI. Porto / Portugal. 2004.

GARCIA, Rui Proença e QUEIRÓS, Paula. *Educação Física Perante os Novos valores Sociais*. Revista Práxis, p. 47:55. São Paulo. Jan./Fev. 2004

_____. *ANTROPOLOGIA DO DESPORTO: O REENCONTRO COM HERMES*. Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa. Universidade Católica Portuguesa. Lisboa / Portugal. 2004.

_____. *João Paulo II – Vida Com Dignidade*. Jornal POVO DE FAFE. Porto / Portugal. Abril, 2006.

GARCIA, Rui Proença e LEMOS, Kátia. *Temas (quase éticos) de Desporto*. Casa da Educação Física. Belo Horizonte-MG. 2005.

GARCIA, Rui Proença. *A Convergência e Cruzamento de Saberes no Desporto*, p. 15:33. In: O DESPORTO ENTRE LUGARES – O Lugar das

Ciências Humanas Para a Compreensão do Desporto. Faculdade do Desporto. Universidade do Porto. Porto / Portugal. 2006.

GERVILLA, E. *Posmodernidad y Educación*. Dykinson. Madrid. 1993.

GIONGO, Gelso Adolfo. *O Despertar da Consciência*. Gráfica Evangraf. Porto Alegre. 1993

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Celta Editora. Oeiras. 1994.

_____. *As Conseqüências da Modernidade*. 2. ed. Celta Editora. Oeiras. 1995.

_____. *Sociologia*. Tradução de Sandra Regina Netz. 6^a. Edição. Artmet. Porto Alegre. 2005.

GOUVEIA, Carlos Alberto et all. *Trabalhos do Curso de Mestrado em Terceira Idade – Gabinete de Sociologia do Desporto*. Faculdade de Ciência do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto. Portugal. 2004.

GOMES, L. *Papel da geriatria aliado à técnica, muito amor*. Revista Humanidades, 46. Brasília / DF. Outubro – 1999.

GOFFAMAN, E. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4. ed. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro. 1988.

GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em representações sociais*. 2. ed. Editora Vozes. Petrópolis-RJ. 1995.

GO Tani. *Esporte, Educação e Qualidade de Vida*. p. 103:115. in MOREIRA, Wagner e SIMÕES, Regina (Org.) *Esporte Como Fator de Qualidade de Vida*. Piracicaba. Editora Unimep. 2002.

GRANDE, Nuno. *Perspectivas Actuais dos Conceitos de Saúde e Doença*. In Desporto, Saúde Bem-Estar. Oeiras. Actas 1991.

HALL, Edward T. *A Dança da Vida – A Outra Dimensão do tempo*. Relógio D'Água Editores. Lisboa. 1996.

HEIDEGGER, Martin. *Carta Sobre o Humanismo*. 5ª. Edição. Guimarães Editores. Lisboa / Portugal. 1998.

_____. *O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento* (1966). In: *O Fim da Filosofia ou a Questão do Pensamento*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo. 1972.

HESSE, Hermann. *Elogio da Velhice – Considerações e Poemas*. Tradução de Paulo Rego. 3ª. Edição. DIFEL. Algés / Portugal. 2003.

HUSSERL, Edmundo. *A Idéia Fenomenológica*. Tradução de Artur Mourão. Edições 70. Lisboa / Portugal. 2000.

HERMÓGENES, José. *Saúde na terceira Idade*. 8ª. Edição. Editora Record. Rio de Janeiro. 1997.

JÚNIOR, A. F. *Idosos em movimento mantendo a autonomia: Um projeto para promover a saúde e a qualidade de vida através de atividades físicas*. In Jorge

KATZ; BRASON; PAPSIDERO; BECK e GREEK (1983) in CARDOSO, Maria João Carvalho. *Representações de vida: um estudo realizado com adultos idosos*. Dissertação de Mestrado. FCDEF. Universidade do Porto / Portugal. 2002.

KAUFMANN, Jean-Claude. *A Invenção de Si*. Tradução de Joana Chaves. Instituto Piaget. Lisboa / Portugal. 2004.

KNÖRZER (1992) in MOTTA, J. *Educação e Saúde – Contributo da Educação Física*. Câmara Municipal de Oeiras. Divisão da Cultura, Desporto e Turismo, Serviços Municipais de Desporto. Oeiras / Portugal. 1992.

LAROUSE CULTURAL. *Grande Enciclopédia*. Nova Cultural. São Paulo. 1987.

LE BRETON, David. *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas. São Paulo. Editora Papirus. 2003.

LINTON, R. Status e Papel. IN: *O homem; uma introdução à antropologia*. São Paulo. Martins Fontes. 1981.

MADUREIRA, José e SILVA, Augusto Santos (org.). *Metodologia das Ciências Sociais*. 10^a. Edição. Edições Afrontamento. Porto / Portugal. 1986.

MAFFESOLI, Michel. *O eterno instante – o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. Éditions Denoël. Instituto PIAGET. Lisboa / Portugal. 2000.

MAGLIORI, Regina de Fátima et al. *Ética, valores humanos e transformação*. São Paulo. 1987.

MARTOS, Jesús Sánchez. *A Favor Del Tiempo: Cómo Afrontar el paso de los anos para gozar de una vida saludable*. Ediciones Temas de Hoy, S.A. Artes Gráficas Huertas, S.A. Madrid. 2004.

Marzano-Parisoli, Maria Michela. *Pensar o Corpo*. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Editora Vozes. Petrópolis-RJ. 2004.

MENDES, Fernando Ribeiro. *Conspiração grisalha: Segurança Social, Competitividade e Gerações*. Celta Editora. Oeiras Portugal. 2005.

MONTEIRO, Pedro Paulo. *Envelhecer: histórias, encontros, transformações*. 2ª. Edição. Editora Autêntica. Belo Horizonte-MG. 2003.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Cortez. São Paulo. 1999.

MOTTA, Alda Brito da. *Envelhecimento e Sentimento do Corpo (37:50)* in Antropologia, Saúde e Envelhecimento. Editora Fiocruz. Rio de Janeiro. 2002.

MOTA, Jorge. *Envelhecimento e Exercício – Actividade Física e Qualidade de Vida na População Idosa*. in BARBANTI, Valdir José. *Esporte e Atividade Física – Interação Entre Rendimento e Qualidade de Vida*. Editora Manole. Barueri / SP. 2002.

_____. *A Actividade Física no Lazer – Reflexões sobre a sua prática*. Livros Horizonte. Lisboa / Portugal. 1997.

Mota, Joana Carvalho (Eds.) *Actas do Seminário: A Qualidade de Vida no Idoso*. FCDEF. Universidade do Porto / Portugal. 1999.

MORAGAS, Ricardo Moragas. *Gerontologia Social*. 2ª. Edición. Empresa Editorial Herder, S.A. Barcelona. España. 1998.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O Método Fenomenológico na Pesquisa*. Pioneira Thompson Learning. São Paulo. 2004.

MOREIRA, Wagner e SIMÕES, Regina (orgs). *Esporte Como Fator de Qualidade de Vida*. Editora Unimep. Piracicaba-SP. 2002.

MOURA, ÊNIO. *Biologia Educacional: noções de biologia aplicadas à educação*. Editora Moderna. São Paulo. 1993.

- MOSCOVICI S. *La Psychanalyse, Son Image et Son Public*. PUF. Paris. 1976.
- MOSQUERA, Juan José Mouriño. *Vida Adulta: personalidade e desenvolvimento*. 3^a. Edição. Editora Sulina. Porto Alegre. 1984.
- NUTBEAM, D. *Health promotion glossary*. Health Promotion, 1, 113:127. 1986.
- NERI, Anita Liberalesso (org.) *Qualidade de Vida e Idade Madura*. Campinas. São Paulo: Papirus. 1993.
- NERI, Anita Liberalesso; YASSUDA, Mônica Sanches (orgs.) e CACHIONI, Meire (colab.). *Velhice Bem Sucedida: Aspectos Afetivos e Cognitivos*. Editora Papirus. Coleção Vivacidade. Campinas-SP. 2004.
- OLIVEIRA, R.C.S. *Terceira Idade Como Continuidade na Mudança: Guardiões da Memória Coletiva p. 65:83*. In Conferência nacional dos Bispos do Brasil. Fraternidade e pessoas idosas: texto-base Campanha da Fraternidade-2003. São Paulo: Editora Salesiana, 2002.
- OLIVEIRA, Barros. *Viver a Morte – abordagem antropológica e psicológica*. Livraria Almedina. Coimbra / Portugal. 1998.
- PASCOAES. Teixeira. *A saudade e o saudosismo*. Cooperativa editora e Livraria, CRL. Lisboa / Portugal. 1988.
- PATRÍCIO, Manoel. *Lições de Axiologia Educacional*. Lisboa. 1993.
- PEREIRA, Ana Luiza Teixeira Nunes. *Para Uma Visão Fenomenológica do Corpo Contemporânea – Contributo a Partir do Alpinismo e das Ginásticas em Academias*. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e da educação Física. Porto / Portugal. 2004.

PEREIRA, Luiza Pereira. *Para Uma Visão Fenomenológica do Corpo Contemporâneo p.143:172*. In: O DESPORTO ENTRE LUGARES – O Lugar das Ciências Humanas Para a Compreensão do Desporto. Faculdade do Desporto. Universidade do Porto. Porto / Portugal. 2006.

PIKUNAS, Justin. *Desenvolvimento Humano: uma ciência emergente*. Tradução de Auriphebo Berrance Simões. Editora McGraw-Hill do Brasil. São Paulo. 1979.

RIBEIRO, Ana Maria Lopes Castro Guimarães Palmeiro. *Representações do Corpo nos Idosos – um estudo centrado na suas histórias de vida*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto. Porto / Portugal. 2004.

RIBEIRO, J. L. *Características psicológicas Associadas à Saúde em Estudantes, Jovens, da Cidade do Porto*. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Porto / Portugal. 1993.

RIBEIRO, Agostinho. *O Corpo que Somos: aparência, sensualidade, comunicação*. Editorial Notícias. Lisboa / Portugal. 2003.

ROCCHETTA, Carlo. *Hacia una teologia de la corporeidad*. Artes Gráficas Garvi Humanes. Madrid-Espanha. 1990.

ROCHFORT, Ildaisa Vieira. *Adulto Jovem: Experiências Vivenciadas Nesta Etapa de Vida*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica. Porto Alegre. 1993.

RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Editora Fiocruz. Rio de Janeiro. 1999.

SÁ, Celso Pereira de. *A Construção do Objeto de Pesquisa em representações Sociais*. EDUERJ. Rio de Janeiro. 1998.

SANTIAGO, Leonéa Vitória. *Os valores Orientadores das Práticas Desportivas em grupos Emergentes da Terceira Idade: Um Estudo Sobre as Construções Simbólicas*. Tese de Doutoramento. Universidade do Porto / Portugal. 1999.

SANTIN, Silvino. *Qualidade de Vida e Esportes nos Caminhos da Filosofia da Corporeidade*. p.163:172. in MOREIRA, Wagner e SIMÕES, Regina (Org.) *Esporte como fator de Qualidade de Vida*. Piracicaba. Editora Unimep. 2002.

SCHELER Max. *Le Formalisme en l'Étique Matériale des Valeurs*. Traduit de l'allemand par Maurice de Gandillac. 6^a. Edição. Gallimard. Paris. 1995.

SÊNECA, Lucius Annaeus. *Da Brevidade da Vida*. Tradução de Jorge Pinheiro. Coisas de Ler Edições, Lda. Carcavelos. Portugal. 2005

SILVA, D. *Quem ama não adoecer: o papel das emoções na prevenção e na cura das doenças*. Editora Pergaminho. 1. ed. 2000.

SIMÕES, Regina. *Corporeidade e Terceira Idade: a marginalização do corpo idoso*. 3. ed. Piracicaba. Editora UNIMEP. 1998.

SCHIRRMACHER, Frank. *A Revolução dos Idosos: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha*. Tradução de Maria do Carmo Ventura Wollny. Elsevier. Rio de Janeiro. 2005.

SOFÓNS, M. P. *Algumas considerações sobre envelhecimento e actividade física*. in Jorge Mota, Joana Carvalho (Eds.) *Actas do Seminário: A Qualidade de Vida no Idoso*. FCDEF – Universidade do Porto / Portugal. 1999.

SOUZA, Edinilso Ramos de; MINAYO, Maria Cecília de Souza; XIMENES, Liana Furtado; DESLANDES, Suely Ferreira. *O Idosos Sob o Olhar do Outro*. In ANTROPOLOGIA, SAÚDE E ENVELHECIMENTO. Editora Fiocruz. Rio de Janeiro. 2002.

SOARES, Carmem Lúcia (org.) *Corpo e História*. 2ª. Edição. Autores Associados. Coleção Educação Contemporânea. São Paulo. 2004.

_____. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Autores Associados. Campinas – SP. 1994.

SUNG, Jung Mo. *Sujeitos e Sociedades Complexas: para repensar os horizontes utópicos*. Petrópolis. Rio de Janeiro. Vozes. 2002.

STUART-Hamilton Ian. *A Psicologia do Envelhecimento: uma introdução*. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. 3ª. Edição. Artmed. Porto Alegre. 2002.

STOBÄUS, Claus Dieter. *Educação Para a Saúde – Desafios Para Sociedades em Mudança*. 2ª. Edição. D.C. Luzzatto. Porto Alegre. 1984.

SCIENTIFIC AMERICAN. *A Ciência em Busca da Juventude*. Edição Especial, Ediouro. n. 6. Osasco. SP. 2004.

TUBINO, Manoel José Gomes. *A Qualidade de Vida e a Sua Complexidade*. in Esporte Como Fator de Qualidade de Vida. Wagner Wey Moreira, Regina Simões (Org.). Editora Unimep. Piracicaba/SP. 2002.

VICENS, Jesus. *El Valor de la salud – una reflexión sociológica sobre la calidad de vida*. Siglo XX de espa`na Editores S.A. Madrid. 1995.

VERAS, Renato P. *Terceira idade: gestão contemporânea em saúde*. Relume-Dumará. Rio de Janeiro. UnATI/UERJ. 2002.

VIEIRA, C.M. *Dificuldades da Terceira Idade*. Revista Humanidades. Editora Universidade de Brasília. 46:119. Brasília / DF. 1999.

ANEXOS*

* OS ANEXOS DO PRESENTE ESTUDO, SE ENCONTRAM INSERIDOS EM CD-ROOM